

AUTOR *BEST SELLER* DO *THE NEW YORK TIMES* DE *A FRONTEIRA* E *O CARTEL*

DON WINSLOW CIDADE EM RUÍNAS



HarperCollins
Thriller

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

AUTOR BEST SELLER DO *THE NEW YORK TIMES* DE *A FRONTEIRA E O CARTEL*

DON WINSLOW CIDADE EM RUÍNAS



HarperCollins
Thriller

**DON
WINSLOW
CIDADE
EM RUÍNAS**

Editado pela HarperCollins Ibérica, S.A.

Avenida de Burgos, 8B

28036 Madrid

Cidade em ruínas

Título original: City in Ruins

© 2024 by Samburu, Inc.

© 2024, para esta edição da HarperCollins Ibérica, S.A.

Publicado originalmente pela HarperCollins Publishers LLC, New
York, USA

© Tradutor: Fátima Tomás da Silva

Reservados todos os direitos, inclusive os de reprodução total ou
parcial em qualquer formato ou suporte.

Esta edição foi publicada com a autorização da HarperCollins
Publishers LLC, New York, USA.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e situações
são produto da imaginação

do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança com
pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, acontecimentos
ou situações são pura coincidência.

Desenho da capa: Gregg Kulick

Imagem da capa: © Magdalena Russocka/Trevillion Images

Imagens de interior: Virrage Images/Shutterstock; Miune/
Shutterstock; schmaelterphoto/Shutterstock; davemattera/
Shutterstock; Martins Vanags/Shutterstock

1.^a edição: Maio 2024

I.S.B.N.: 9788410640245

Conversão ebook: MT Color & Diseño, S.L.

Sumário

Créditos

Dedicação

Cita

Prólogo

Primeira parte: A festa de aniversário de Ian

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Segunda parte: Os poderes do inferno

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

Capítulo 54

Terceira parte: As regras da justiça

Capítulo 55

Capítulo 56

Capítulo 57

Capítulo 58

Capítulo 59

Capítulo 60

Capítulo 61

Capítulo 62

Capítulo 63

Capítulo 64

Capítulo 65

Capítulo 66

Capítulo 67

Capítulo 68

Capítulo 69

Capítulo 70

Capítulo 71

Capítulo 72

Capítulo 73

Capítulo 74

Capítulo 75

Capítulo 76

Capítulo 77

Capítulo 78

Capítulo 79

Capítulo 80

Capítulo 81

Capítulo 82

Capítulo 83

Capítulo 84

Capítulo 85

Capítulo 86

Capítulo 87

Capítulo 88

Capítulo 89

Capítulo 90

Capítulo 91

Capítulo 92

Capítulo 93

Capítulo 94

Capítulo 95

Capítulo 96

Capítulo 97

Capítulo 98

Capítulo 99

Capítulo 100

Capítulo 101

Capítulo 102

Epílogo: Lar

Agradecimentos

Se gostou deste livro...

Para Shane Salerno, que fez tudo o que disse que faria.

Que viagem, eh? Obrigado, irmão.

*E para acabar como começámos: para Jean e Thomas, o
como e o porquê.*

*Não podiam, pois, morrer nas planícies de Troia? Não
podiam dar-se por vencidos na derrota?*

Virgílio,
Eneida, Canto VII

Prólogo

Danny Ryan observa como o edifício se desmorona.

Parece estremecer como um animal atingido por um tiro, depois fica perfeitamente imóvel por um instante, como se fosse incapaz de reconhecer a sua morte, e então desaba sobre si mesmo. Onde antes se erguia o velho casino resta apenas uma coluna de pó que se eleva no ar como o truque barato de um ilusionista de salão, a uma escala gigantesca.

«Implosão», chamam-lhe, pensa Danny.

Desmoronamento desde dentro.

E não são todos?

Ou pelo menos a maioria.

O cancro que matou a sua mulher, a depressão que aniquilou o seu amor, a podridão moral que se apropriou da sua alma.

Implosões, todas elas; todas desde dentro.

Apoia-se na bengala porque continua a ter a perna fraca, ainda rígida, ainda dorida como um eco do...

Do desmoronamento.

Observa como se levanta o pó: uma nuvem em forma de cogumelo, de um castanho-acinzentado sujo que contrasta com o azul limpo do céu do deserto.

Dissipa-se a pouco e pouco e desaparece.

Até que já não resta nada.

Como lutei, pensa, o que dei por este...

Por este nada.

Por este pó.

Vira-se e avança a coxear pela sua cidade.

A sua cidade em ruínas.

Primeira parte: A festa de aniversário de Ian

PRIMEIRA PARTE

A festa de aniversário de Ian

Las Vegas
Junho de 1997

Mas o piedoso Eneias, celebradas as exéquias e erguido o túmulo de terra, iça as velas e empreende a sua viagem...

Virgílio,
Eneida, Canto VII

Danny está insatisfeito.

Questiona-se porquê enquanto observa a Strip de Las Vegas da janela do seu escritório.

Há menos de dez anos, pensa, fugiu de Rhode Island num carro velho, com um filho de um ano e meio, um pai senil e todas as suas posses guardadas no porta-bagagens. Agora, é sócio de dois hotéis da Strip, vive numa mansão ótima, tem uma cabana no Utah e todos os anos estreia um carro que a empresa paga.

O facto de Danny Ryan ser multimilionário parece-lhe tão engraçado como irreal. Nunca sonhou — nem ele nem ninguém que o conhecesse na sua juventude — que algum dia teria mais património do que o seu próximo salário, e muito menos que se consideraria um magnata, uma das grandes figuras desse grande jogo de poder que é Las Vegas.

Quem pensa que a vida não é engraçada, não percebe a piada, diz-se Danny.

Não lhe custa nada lembrar-se de quando se achava rico por ter vinte dólares no bolso das calças de ganga. Agora, usa fatos feitos à medida e, no bolso, um clipe com mil dólares ou mais para gastos diários. Lembra-se dos tempos em que, para Terri e para ele, era um acontecimento ir jantar a um restaurante chinês numa sexta-feira à noite. Agora, «almoça» em restaurantes com estrelas Michelin mais vezes do que gostaria, o que explica, em parte, que esteja a ganhar barriga.

Quando lhe perguntam se vigia o seu peso, costuma responder que sim, que vigia como lhe transbordam por cima do cinto os cinco quilos que engordou desde que tem uma vida sedentária, num escritório.

A sua mãe tentou fazer com que apreciasse o ténis, mas sentiu-se um idiota a perseguir uma bolinha só para lhe bater e para que a devolvesse, e não joga golfe porque, por um lado, é aborrecidíssimo e, por outro, associa-o a médicos, advogados e corretores da Bolsa, e ele não é nenhuma dessas coisas.

O Danny de antigamente gozava com tipos assim, olhava por cima do ombro para esses homens de negócios tão afetados. Punha o gorro de lã sobre o cabelo desgrenhado, vestia o seu casaco velho, agarrava no saco castanho da comida com uma mistura de orgulho e ressentimento e, como um personagem de Springsteen, ia trabalhar no cais de Providence. Agora, ouve *Darkness* num estéreo Pioneer que lhe custou um rim e meio.

Mas continua a preferir um hambúrguer com queijo ao bife Kobe e um bom *fish and chips* (impossível de conseguir em Las Vegas, nem por todo o ouro do mundo) ao robalo chileno. E nas raras vezes em que tem de ir de avião a algum lado, apanha um voo regular em vez de usar o *jet* da empresa.

(Viaja, isso sim, em primeira classe).

A sua hesitação em usar o Learjet aborrece muitíssimo o seu filho e Danny entende-o: que menino de dez anos não quer viajar num avião privado? Prometeu a Ian que, da próxima vez que forem de férias, seja para onde for, irão no *jet*. Mas não deixará de se sentir culpado por isso.

— O Dan é incisivo, como uma boa sopa de amêijoas — disse uma vez o seu sócio, Dom Rinaldi.

Referia-se a ser da velha Nova Inglaterra: um tipo robusto e prático (ou tacanho, talvez) que receia profundamente qualquer vestígio de suavidade física.

Danny desviou a questão.

— Aqui, não há quem consiga uma boa sopa de amêijoas. Não o que servem, que parece vômito de bebé, mas uma sopa de amêijoas como é devido, com o seu caldo claro.

— Tens cinco chefes ao teu serviço — respondeu Dom. — Se lhes pedires, até podem fazer-te uma sopa com prepúcios de rãs peruanas virgens.

Claro que sim, mas Danny não vai pedir-lhes. Prefere que os seus chefes se dediquem a cozinhar o que os clientes querem.

É daí que vem o dinheiro.

Levanta-se, aproxima-se da janela — fumada para combater o sol implacável de Las Vegas — e observa o Hotel Lavinia.

O velho Lavinia, pensa, o último dos hotéis do *boom* da construção dos anos cinquenta: uma relíquia, um vestígio que aguenta em pé com muita dificuldade. Teve o seu momento de esplendor, já longínquo, na época dos *Rat Pack* de Sinatra e de Sammy Davis Jr., dos mafiosos e das coristas, dos subornos, das destrezas na sala de contagem e do dinheiro sujo.

Se essas paredes pudessem falar, cingir-se-iam à Quinta Emenda, pensa Danny.

Agora, o hotel está à venda.

Tara, a sua empresa, já é dona dos dois imóveis que confinam com o Lavinia do lado sul, incluindo o edifício em que Danny se encontra. Os casinos do lado norte são propriedade do Winegard, um grupo rival. Quem ficar com o Lavinia controlará o lance mais prestigiado que resta na Strip, e Las Vegas é uma cidade onde o prestígio manda.

Danny sabe que Vern Winegard tem a compra quase finalizada. Certamente, é o melhor. Talvez não seja prudente que o Grupo Tara se expanda tão depressa. Mas, mesmo assim, é o único espaço livre que resta na Strip e...

Liga a Gloria pelo intercomunicador, para o escritório de fora.

— Vou ao ginásio.

— Queres que te dê indicações?

— Muito engraçada.

— Lembras-te de que hoje combinaste almoçar com o senhor

Winegard e o senhor Levine?

— Agora, sim — responde, embora desejasse não se lembrar. — A que horas?

— Ao meio-dia e meia no clube.

Embora não jogue golfe nem ténis, Danny é sócio do Clube de Campo de Las Vegas porque, conforme a sua mãe lhe ensinou, é quase obrigatório sê-lo para fazer negócios.

— Têm de te ver por lá — garantiu-lhe Madeleine.

— Porquê?

— Porque é a velha Las Vegas.

— Mas eu não sou da velha Las Vegas — respondeu ele.

— Eu sim. E, quer gostes quer não, para fazer negócios nesta cidade, tens de te dar com a velha guarda.

De modo que Danny se juntou ao clube.

— E levam o castelo insuflável às três — diz-lhe Gloria agora.

— Que castelo insuflável?

— O do aniversário do Ian. Lembras-te de que a festa é esta tarde, não é?

— Claro que me lembro, só que não sabia nada de um castelo insuflável.

— Eu encomendei-o — diz Gloria. — Na festa de aniversário de uma criança não pode faltar um castelo insuflável.

— Ah, não?

— É o que se espera.

Então, pensa Danny, se é o que se espera... De repente, assalta-o uma ideia horrível.

— Tenho de ser eu a montá-lo?

— Os rapazes enchê-lo-ão.

— Que rapazes?

— Os do castelo insuflável. — Gloria começa a impacientar-se. — A

sério, Dan, a única coisa que tens de fazer é aparecer e ser amável com os outros pais.

Danny tem a certeza de que é assim. Gloria, com a sua eficácia implacável, aliou-se com a sua mãe, que é igualmente metódica, para organizar a festa, e entre as duas formam um tandem aterrador. Se Gloria e Madeleine governassem o mundo — como elas acham que devia ser — haveria emprego para todos, não haveria guerras, nem fome nem pragas e todos chegariam sempre a horas.

Quanto a ser amável com os convidados, ele é sempre amável, simpático, até encantador, mas tem fama (merecida) de se escapulir das festas, até das suas próprias festas. De repente, alguém sente a sua ausência e encontram-no sozinho numa sala do fundo ou a deambular lá fora e, mais de uma vez, foi para a cama se a festa se prolongou até de madrugada.

Odeia festas. Não suporta os mexericos, a conversa, os canapés, estar de plantão e toda essa chatice. É difícil porque socializar é uma parte importante do seu trabalho. Fá-lo, tem jeito, mas não gosta nada.

Quando abriram o Shores, há apenas dois anos, depois de três anos de obras, a empresa celebrou uma grande festa de inauguração e, no entanto, ninguém se lembra de o ter visto ali.

Não fez nenhum discurso — e houve vários — nem apareceu nas fotografias, e assim surgiu a lenda de que Danny Ryan nem sequer assistiu à inauguração do seu próprio hotel.

Assistiu, só que ficou em segundo plano.

— O Ian faz dez anos — diz agora. — Não é muito crescido para um castelo insuflável?

— Nunca se é demasiado crescido para um castelo insuflável — replica Gloria.

Danny desliga a chamada e volta a olhar pela janela.

Mudaste, pensa.

E não é só por causa dos quilos a mais, nem porque tens o cabelo ao estilo de Pat Riley, nem porque os teus fatos agora são da Brioni e não da Sears, e usas botões de punho em vez de botões normais.

Antes de chegares a Las Vegas, só usavas fatos para ir a casamentos e enterros. (Tendo em conta a crua realidade de Nova Inglaterra naqueles tempos, havia mais do segundo do que do primeiro). Não é apenas porque tens maços de notas no bolso, porque podes pagar uma refeição sem te preocupares com a conta ou que um alfaiate venha ao teu escritório com a sua fita métrica e os seus mostruários.

É o facto de gostares de tudo isso.

E ao mesmo tempo tens esta sensação de...

Insatisfação.

Porquê?, pergunta-se. Tens mais dinheiro do que podes gastar. É simples ganância? O que dizia esse tipo daquele filme tão parvo, esse que tinha um nome de lagarto? «A ganância é boa»?

Não, que diabo.

Danny conhece-se a si mesmo, com todos os seus defeitos e pecados, que são uma legião, e a ganância não é um deles. Costumava dizer a Terri a brincar que ele poderia viver no carro e ela respondia-lhe: «Então, diverte-te».

Portanto, o que é? O que queres?

Raízes? Estabilidade?

Coisas que nunca tiveste.

Mas que agora tens.

Danny pensa no Shores, o hotel lindo que construiu.

Talvez seja beleza o que desejas. Um pouco de beleza nesta vida. Porque fealdade já tiveste, e a rodos.

Uma esposa morta de cancro, um filho órfão de mãe.

Amigos assassinados.

E pessoas que mataste.

Mas conseguiste. Construíste algo belo.

Ou seja, tem de ser outra coisa, pensa.

Sê sincero contigo mesmo: queres mais dinheiro porque o dinheiro é poder e o poder dá segurança. E nunca se está suficientemente seguro.

Neste mundo, não.

Uma vez por mês, Danny almoça com os seus dois principais adversários.

Vern Winegard e Barry Levine.

Foi Barry que o propôs e é boa ideia. É dono de três megahotéis no lado este da Strip, à frente dos do Grupo Tara. Há outros proprietários de casinos, claro, mas os três formam o grande elo de poder de Las Vegas. E, portanto, têm interesses e problemas comuns.

Agora, o seu maior problema é uma investigação federal iminente.

O Congresso criou uma Comissão de Estudo de Impacto do Jogo para investigar os efeitos da indústria do jogo na sociedade americana.

Danny conhece os números.

O setor do jogo movimenta um bilhão de dólares, aproximadamente seis vezes mais do que todas as outras formas de entretenimento juntas. No ano passado, os jogadores perderam mais de dezasseis mil milhões de dólares, sete mil aqui mesmo, em Las Vegas.

A ideia de o jogo não ser apenas um hábito, ou até um vício, mas uma doença, uma dependência, está a começar a ganhar força.

Quando era ilegal, o jogo era o centro do crime organizado; com distinção, a sua maior fonte de lucros desde que acabou a Lei Seca e o contrabando de álcool. Quer fosse através das apostas ilegais que se vendiam em todas as esquinas, das corridas de cavalos, das apostas desportivas, dos jogos de póquer clandestinos ou do *blackjack* e da roleta, a máfia embolsava ingentes quantias de dinheiro.

Os políticos perceberam e, claro, reivindicaram a sua parte do bolo. As administrações estatais e locais envolveram-se no negócio dos jogos de azar lançando as suas próprias lotarias e, assim, o que antes era um

vício privado transformou-se de repente numa virtude cívica. Contudo, o Nevada era quase o único lugar onde podia apostar-se legalmente em jogos de casino ou apostas desportivas, de modo que Las Vegas, Reno e Tahoe formavam quase um monopólio.

Então, as reservas de nativos americanos aperceberam-se de que havia um vazio legal nos seus estatutos e começaram a abrir os seus próprios casinos. Os estados — sobretudo Nova Jérсия, com Atlantic City — começaram a fazer o mesmo e o jogo proliferou.

Agora, qualquer um pode pegar no carro para ir apostar o dinheiro da renda ou da hipoteca. E como alguns reformadores sociais começaram a comparar o jogo com o *crack*, o Congresso vai abrir uma investigação.

Danny descrê das suas motivações. Suspeita que só querem meter o nariz onde não são chamados. Alguns democratas já lançaram a ideia de um imposto federal de 4 por cento sobre os lucros do jogo.

Para ele, o imposto não é o pior.

Tal como está concebida, a Comissão disporá de plenos poderes de intimação para fazer audiências, chamar testemunhas a depor sob pena de incorrer em perjúrio, exigir registos documentais e declarações de impostos, e investigar empresas fantasma e testas-de-ferro.

Como os meus, pensa Danny.

A investigação poderia destruir completamente o Grupo Tara.

Obrigar-me a deixar o negócio.

Talvez até levar-me para a prisão.

Perderia tudo.

A ameaça de intimação não é apenas um problema ou mais um problema; é uma questão de sobrevivência.

— Uma «doença»? — diz Vern. — O cancro é uma doença. A pólio é uma doença.

A pólio?, pensa Danny. Quem raios ainda se lembra da poliomielite?

Mas diz:

— Não pode parecer que resistimos. Daria má imagem.

— O Danny tem razão — diz Barry. — Temos de fazer o que fez a indústria do álcool ou as tabaqueiras...

Vern continua a insistir:

— Mostra-me alguém que tenha ficado com cancro por jogar dados.

— Podemos fazer alguns anúncios de serviço público para fomentar o jogo responsável — propõe Barry. — Pôr folhetos de Jogadores Anónimos nos quartos, financiar alguns estudos sobre o vício do jogo...

— Está bem, podemos entoar o *mea culpa* — diz Danny —, e investir algum dinheiro nas coisas que o Barry propõe, mas não podemos permitir que essa comissão se dedique a farejar os nossos negócios. Temos de impedir que exerça o poder de intimação. É a linha que temos de marcar, por assim dizer.

Todos estão de acordo. Danny sabe que nenhum deles quer que se arejem em público os seus trapos sujos financeiros. Não são lençóis muito limpos.

— O problema é — continua —, que só doamos dinheiro ao Partido Republicano...

— Porque está do nosso lado — diz Vern.

— Exato. E é por isso que os democratas nos veem como o inimigo e vêm atrás de nós com sanha.

— Ou seja, queres dar dinheiro aos nossos inimigos — responde Vern.

— O que quero é que cubramos as costas — diz Danny. — Continuar a financiar os republicanos, mas dar também alguma coisa aos democratas, discretamente.

— Subornos — diz Vern.

— Nem me passa pela cabeça — responde Danny. — Refiro-me a contribuições para a campanha.

— Achas que conseguimos convencer os democratas a aceitarem o nosso dinheiro? — pergunta Vern.

— Achas que consegues convencer um cão a aceitar um osso? — replica Barry. — A questão é como lho oferecemos.

Danny hesita. Depois diz:

— Convidei o Dave Neal para festa desta noite.

Dave Neal, uma figura importante dentro do Partido Democrata, não ocupa nenhum cargo oficial e, portanto, tem liberdade para manobrar. Diz-se que, para chegar à cúpula do partido, têm de passar primeiro por Neal.

— Não achas que devias ter-nos consultado primeiro? — pergunta Vern.

Não, pensa Danny, porque teriam encontrado problemas. Era uma daquelas situações em que é melhor pedir perdão do que pedir permissão.

— Estou a consultar-vos agora. Se não acham que deva falar com ele, não o farei. Vem à festa, come e bebe, e depois volta para o hotel.

— A esse nível, não vai bastar um convite para uma suíte e uma mamada — diz Barry. — Esses tipos quererão massa, e muita.

— Temos de pagar, cada um o seu — responde Danny. — É o preço de fazer negócios.

Não há desacordo: os outros dois aceitam dar a sua parte.

Depois, Vern pergunta:

— Dan, as mulheres foram convidadas para a festa desta noite?

— Claro.

— Não sabia e a minha está a chatear-me. Como tu não tens de te preocupar com isso... Que sorte que tu tens, cabrão.

Danny repara que Barry faz uma careta de desgosto.

Foi um comentário insensível: todos sabem que é viúvo. Mas não acha que Vern o tenha feito com má intenção. Não quis ofendê-lo. Simplesmente, ele é assim.

Vern Winegard não o desagrada, embora conheça muita gente que sim. Vern tem o dom de lidar com as pessoas como uma pedra bruta. É áspero, quase sempre desagradável e arrogante. Mesmo assim, tem alguma coisa de que gosta. Não sabe exatamente o que é: uma espécie de vulnerabilidade por baixo de toda essa pose. E embora seja um empresário astuto, Danny nunca ouviu que tenha enganado ninguém.

Sente, de qualquer forma, uma pontada leve no peito. Mais uma vez, Terri não estará ali para ver o aniversário do seu filho.

Mas a reunião correu bem, pensa. Consegui o que queria, o que precisava.

Se, com dinheiro, conseguirmos resolver o assunto das intimações, ótimo.

Se não, terei de procurar outra forma.

Dá uma olhadela ao relógio.

Tem o tempo exato para chegar ao seu próximo compromisso.

Acorda envolto num perfume almiscarado, vê madeixas de cabelo castanho sobre um pescoço esbelto, gotas de suor sobre uns ombros nus, apesar do ambiente fresco do quarto climatizado.

— Adormeceste? — pergunta Eden.

— Dormitei — diz Danny.

«Dormitei» e uma merda, pensa, enquanto começa a despertar. Dormiste como uma pedra: um sono pós-coito breve, mas profundo.

— Que horas são?

Eden Landau levanta o pulso e olha para o relógio. É curioso que seja a única coisa que nunca tira.

— Quatro e um quarto.

— Merda.

— O que foi?

— A festa do Ian.

— Pensava que era só às seis e meia.

— E é a essa hora, mas como sabes, há coisas para fazer.

Ela vira-se para olhar para ele.

— Tens o direito de te divertir um pouco, Dan. Até de dormir.

Sim, já lho disseram outras vezes, outras pessoas. É fácil dizê-lo, até é razoável, mas não corresponde à realidade da sua vida. Tem a seu cargo dois hotéis: centenas de milhões de dólares, milhares de empregados, dezenas de milhares de clientes. E o seu negócio não tem precisamente um horário de escritório: todos sabem que nos casinos não há relógios e os problemas são constantes, vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana.

— Tu sabes melhor do que ninguém que reservo tempo para o prazer — diz.

Certo, pensa ela.

Às segundas, quartas e sextas-feiras, às duas em ponto.

Na verdade, dá-lhe jeito. Encaixa perfeitamente na sua rotina, porque dá aulas às terças e quintas-feiras e às quartas-feiras tem uma aula noturna. Professora doutora Eden Landau: Fundamentos de Psicologia; Psicologia Geral; Psicologia Cognitiva e Psicopatologia.

Atende os seus pacientes à tarde ou ao fim do dia e, às vezes, questiona-se o que pensariam se soubessem que acabou de sair da cama depois de uma daquelas sessões a meio do dia. Ri-se ao pensar nisso.

— O que se passa? — pergunta Danny.

— Nada.

— Costumas rir-te sem razão? Talvez devesse ir ao médico dos malucos.

— Já o faço — responde. — Por imperativo profissional. E «médico dos malucos» é um termo depreciativo. «Terapeuta» é melhor.

— De certeza que não queres vir à festa?

— Tenho pacientes esta tarde. E além disso...

Deixa a frase em suspense. Ambos conhecem os termos do seu acordo. É Eden quem quer manter a sua relação em segredo.

— Porquê? — perguntou-lhe Danny, uma vez.

— Porque não me interessa tudo isso.

— Tudo isso? O quê?

— Tudo o que significa ser a namorada de Dan Ryan. Os focos, a imprensa... Em primeiro lugar, a notoriedade prejudicar-me-ia profissionalmente. Os meus alunos não me levariam tão a sério e os meus clientes também não. Em segundo lugar, sou introvertida. Tu achas que detestas festas, Dan, mas eu odeio-as com toda a minha alma. Quando tenho de ir a uma festa da faculdade, chego atrasada e

vou-me embora cedo. E em terceiro lugar, e não te ofendas, os casinos deprimem-me muitíssimo. Essa sensação de desespero deixa-me a moral em baixo. Acho que há dois anos que não vou à Strip.

Para dizer a verdade, é uma das coisas que mais o atraem nela: que seja o polo oposto da maioria das mulheres que conhece em Las Vegas. Eden não está interessada no brilho, nos jantares *gourmet*, nas festas, nos espetáculos, nos presentes, no *glamour*, na fama.

Nada disso.

Disse-o em poucas palavras.

— O que quero é que me tratem bem. Bom sexo e boa conversa, isso chega-me.

Dan cumpre esses requisitos. É atencioso, sensível e tem um sentido do cavalheirismo um pouco antiquado que se aproxima do machismo paternalista sem ultrapassar esse limite. É bom na cama e bom conversador depois do coito, embora não perceba nada de livros.

Eden lê muito: George Eliot, as irmãs Brontë, Mary Shelley... Ultimamente, gosta de Jane Austen. De facto, para as suas próximas férias, já reservou um desses *tours* pelo país de Austen, e está contente por ir sozinha.

Tentou fazer com que Dan se interessasse pela literatura, além dos livros de negócios.

— Devias ler *O grande Gatsby* — disse-lhe, uma vez.

— Porquê?

Porque é como tu, pensou ela, mas disse:

— Porque acho que gostarias.

Eden sabe um pouco sobre o seu passado, como qualquer pessoa que alguma vez tenha estado na fila da caixa de um supermercado: o seu romance com a estrela de cinema Diane Carson foi um festim para a imprensa sensacionalista. E quando deixou Diane e ela se suicidou, os meios de comunicação social enlouqueceram durante uma temporada. Disseram que Dan era um gangster, um mafioso, que se suspeitava que

tinha sido narcotraficante, que matara gente.

Nada disso encaixa com o homem que ela conhece.

O Dan Ryan que ela conhece é amável, terno e carinhoso.

Mas é suficientemente lúcida e sabe o suficiente para perceber que desfruta desse arrepio de perigo, dessa falta de respeitabilidade que representa a sua reputação, seja verdade ou não. Cresceu num ambiente absolutamente respeitável e convencional, e essa diferença atrai-a.

Sente-se um pouco culpada por isso, sabe que está a seduzir a imoralidade. E se essas histórias sobre Dan forem verdadeiras? E se houver um pouco de verdade nelas? Continua a ser correto que, literalmente, se meta na cama com ele?

É uma incógnita que não está disposta a analisar neste momento.

A sua aventura com Diane Carson foi há seis anos, mas Eden acha que Danny a amava realmente. Até agora tem um certo ar de tristeza. Sabe, além disso, que é viúvo, portanto, talvez se deva a isso.

Conheceram-se numa marcha para angariar fundos contra o cancro da mama em que tinham de andar trinta quilómetros diários, três dias seguidos. Dan conseguiu o patrocínio dos seus amigos e colegas ricos e quem sabe quanto dinheiro angariou.

Mas caminhou, quando poderia muito bem ter-se limitado a passar um cheque.

Assim lho disse:

— Estás muito comprometido.

— Sim — respondeu ele. — Pela minha esposa. A minha... falecida esposa.

O que a fez sentir-se mal.

— E tu? — perguntou ele.

— Pela minha mãe.

— Lamento muito.

Dan perguntou-lhe por si mesma.

— Sou um estereótipo andante — respondeu Eden. — Uma rapariga judia de Upper West Side que estudou na Barnard e se tornou psicoterapeuta.

— O que faz uma psiquiatra de Nova Iorque...?

— Psicóloga.

— Uma psicóloga de Nova Iorque em Las Vegas?

— A universidade ofereceu-me um cargo de professora catedrática. Quando os meus amigos de Nova Iorque me perguntam, digo-lhes que odeio a neve. E tu? O que fazes?

— Trabalho no setor do jogo.

— Em Las Vegas? Impossível!

Ele levantou a mão.

— Palavra de honra. A propósito, sou o Dan...

— Estava a gozar contigo — disse ela. — Todos sabem quem é o Dan Ryan. Até eu, que nem sequer jogo.

Isso foi durante a caminhada do primeiro dia. Dan esperou até ao terceiro, quando já tinham percorrido quinze quilómetros, para a convidar para sair.

Surpreendeu-a que o fizesse tão mal: que um homem como ele, que tivera uma aventura com uma estrela de cinema — com uma das mulheres mais belas do mundo —, que era multimilionário e dono de vários casinos, e tinha acesso a todo o tipo de mulheres belas, fosse tão incrivelmente trôpego.

— Estava a pensar que... Bom, se não quiseses, entendo... Não vou ficar incomodado... mas pensei que... enfim... talvez pudesse convidar-te para jantar, ou uma coisa dessas, algum dia.

— Não.

— Está bem. Entendido. Não há problema. Lamento ter...

— Não lamentos — acrescentou ela. — Só que não quero *sair* contigo. Mas se quiseses vir a minha casa e trazer o jantar...

- Posso pedir a um dos meus chefes que...
- Comida para levar. De Boston Market. Adoro o seu rolo de carne.
- Boston Market — disse ele. — Rolo de carne.
- Na próxima quinta-feira à noite estou livre. E tu?
- Arranjarei tempo.
- E Dan... Que isto fique entre nós, de acordo?
- Já te envergonhas de mim?
- Não quero que o meu nome apareça nas colunas de mexericos.

Eden cingira-se a esse princípio. Um jantar de vez em quando, tudo bem; os seus encontros a meio do dia três vezes por semana, tudo bem. Mais do que isso, nada. Quer viver sossegada. Quer desfrutar de Danny em segredo.

— Ou seja, sou basicamente como uma mulher troféu — disse-lhe Danny, uma tarde.

Ela riu-se.

— Não podes ser a mulher nesta relação. Deixa-me perguntar-te uma coisa, o sexo é bom?

— É ótimo.

— E a minha companhia?

— Também.

— Então, porque queres complicá-lo?

— Nunca pensas em casar-te?

— Já estive casada uma vez — respondeu. — E não gostei.

O seu ex-marido, Frank, era um bom tipo. Fiel e agradável, mas muito dependente. E essa dependência tornava-o controlador. Incomodava-o que passasse as tardes a atender os seus pacientes e que quisesse estar a sós com os seus livros. Queria que o acompanhasse continuamente a jantares com os seus sócios do escritório de advocacia, jantares em que ela não tinha nada para dizer e ainda menos para ouvir.

A oferta de Las Vegas chegou no momento oportuno.

Uma rutura limpa, uma razão para se afastar de Frank e deixar Nova Iorque. Sabia que, para ele, certamente, fora um alívio, embora não quisesse reconhecê-lo. Ela não era a esposa de que precisava.

E para sua imensa surpresa, gosta de Las Vegas. Achava que seria apenas uma escala, uma paragem nas boxes para recuperar dos seus cinco anos de casamento fracassado antes de se instalar num lugar com um ambiente mais culto, mas percebeu que gosta do sol e do calor, e de se deitar a ler junto da piscina da sua urbanização. Gosta de como a vida é confortável e fácil aqui, comparada com essa competição interminável que é Nova Iorque: a luta pelo espaço, pelos táxis, por um assento no metro, por uma chávena de café, por tudo.

Vai de carro até ao seu escritório na universidade e tem um lugar de estacionamento reservado. E o mesmo acontece no estacionamento coberto do centro médico onde atende os seus pacientes. E na sua urbanização.

É confortável.

Assim como fazer as compras, o que é sempre um aborrecimento em Nova Iorque, especialmente quando neva ou cai granizo. Ou ir à farmácia, à lavandaria e todos os afazeres quotidianos que, em Nova Iorque, demoravam tanto tempo.

Isso permite-lhe concentrar-se nas coisas importantes.

Nos seus alunos e nos seus pacientes.

Eden preocupa-se com os seus alunos: quer que aprendam, que tenham sucesso. E também se preocupa com os seus pacientes: quer que melhorem, que sejam felizes. Quer pôr em jogo toda a sua inteligência, a sua formação e as suas habilidades para o conseguir, e a facilidade da sua vida quotidiana permite-lhe reservar energias para o fazer.

Os estudantes são mais ou menos iguais e os pacientes também. As neuroses, as inseguranças, os traumas, o mesmo tamborilar constante (o mesmo batimento?) da dor humana. Há algumas peculiaridades

típicas de Las Vegas, como os viciados no jogo ou as prostitutas caras, mas essas são praticamente as únicas intrusões do mundo dos casinos na sua vida quotidiana.

Bom, além de Dan.

Os seus amigos nova-iorquinos perguntam-lhe: «E os museus? E o teatro?».

Ela diz-lhes que em Las Vegas também há museus e teatro e que, de qualquer forma, não nos enganemos, a eles as dificuldades de trabalhar e viver em Nova Iorque deixam-lhes muito pouco tempo para ir a exposições e peças de teatro.

«Não te sentes sozinha?», perguntam-lhe.

Bom, já não, pensa ela.

O seu acordo (pode chamar-se «relação»?), pergunta-se. Suponho que sim) é perfeito. Dão-se carinho, fodem, fazem companhia um ao outro, riem-se juntos... E agora Dan quer que vá à festa de aniversário do seu filho, onde estarão todos os peixes graúdos de Las Vegas? Isso é que seria atirar-se para a piscina...

Se bem que, conhecendo Dan, certamente não quer que vá, o que não quer é ferir os meus sentimentos por não me convidar.

— Dan — diz-lhe —, não sinto que estou a esconder-me. Eu quero estar escondida.

— Está bem.

— Incomoda-te?

— Não.

Danny amou duas mulheres na sua vida e ambas morreram jovens.

Primeiro, a sua esposa, Terri, a mãe de Ian. O cancro da mama foi implacável, tenaz, caprichoso e cruel.

Quando ele se foi embora, Terri estava em coma, a morrer no hospital.

Não pôde despedir-se dela.

A segunda mulher foi Diane.

Noutros tempos, teriam chamado a Diane Carson «deusa do ecrã dourado» ou algo do estilo. Na sua época, era uma estrela de cinema, o estereótipo da *sex symbol*, uma mulher desejada por todos, mas que nunca conseguira amar-se a si mesma.

Danny amava-a.

A sua relação foi um idílio apaixonado. Exibiram o seu amor aos olhos do mundo, foi um festim para a imprensa sensacionalista e o clique do obturador das máquinas fotográficas transformou-se no *leitmotiv* da sua vida juntos.

Foi demasiado.

Os seus mundos, tão diferentes, separaram-nos e acabaram por destruí-los. A fama dela não podia tolerar os segredos que ele guardava e os segredos de Danny não suportavam a sua fama. Afinal, foi um segredo de Diane, uma vergonha que guardava no mais profundo do seu ser, que acabou com eles.

Danny foi-se embora pensando que, ao fazê-lo, estava a salvá-la.

E ela morreu com uma *overdose*, um final trágico de Hollywood.

De modo que a última coisa que Danny quer agora é apaixonar-se, mas sempre foi homem de uma só mulher, não tem tempo nem vontade para encontros casuais, nem que seja com uma profissional, e além disso precisa de uma rotina.

Portanto, as tardes com Eden encaixam na perfeição.

Eden é ótima.

Lindíssima: cabelo preto e exuberante, lábios carnudos, olhos deslumbrantes e uma figura como que tirada de um filme antigo de cinema *noir*. É divertida, cheia de engenho e encanto, e na cama, enfim... Uma vez, pouco depois de começarem a ir para a cama, ofereceu-lhe a *spécialité de la maison*, e é claro que foi especial.

Agora, Danny levanta-se com um salto e entra no duche. Está lá dentro um minuto, depois sai e veste-se.

Típico de Dan, pensa Eden. Sempre eficiente, nada de perder tempo.

— Tens a certeza em relação à festa? — pergunta ele.

— Sim.

— Vai haver uma banca de tacos.

— Que tentador.

— E um castelo insuflável.

— Uma combinação com imenso potencial, mas...

— Está bem, vou deixar-te em paz — diz Danny. — Na segunda-feira?

— Claro que sim.

Beija-a e vai-se embora.

Parece ter vindo metade da cidade.

Espalhados pelo extenso relvado de Madeleine, bebem vinho, petiscam a comida do *catering*, trocam mexericos.

Quando Gloria insistiu que tinham de convidar todos os colegas de turma de Ian e os seus pais, Danny não percebeu que isso equivalia a convidar quase todo o creme e a nata de Las Vegas.

Devia ter sabido, pensa agora. Ian está na The Meadows, onde todos os peixes graúdos têm os seus filhos. E a maioria aceitou o convite: uns, para acompanhar os seus filhos; outros, porque receavam rejeitar um convite de Madeleine McKay e Dan Ryan; e o resto, por curiosidade.

Depois, também há alguns amigos, sócios e empregados veteranos do Tara, com os seus cônjuges e companheiros.

Danny não quer saber quanto vai custar a festa: o álcool, a comida, a banda e a merda do castelo insuflável, onde, como Gloria previu, muitíssimos pirralhos — entre eles, Ian — saltam, gritam e se riem.

Lembra-se dos aniversários da sua infância, que consistiam sobretudo em o seu pai se esquecer de que era o seu aniversário. Calcula que foi quando fez nove anos que surriprou um dólar do bolso de Marty, foi à loja do bairro e comprou uma Coca-Cola, uma tablete de chocolate e duas bandas desenhadas e sentou-se na calçada a saboreá-las.

Foi, pensa agora, um dos melhores aniversários da sua vida.

Madeleine interrompe os seus devaneios. Aproxima-se dele por trás e diz-lhe:

— Parece que o Ian está a divertir-se.

— Está, não está?

— E o seu pai? Como está?

— Lindamente — responde Danny. — Vivo para as festas.

— O sarcasmo só funciona com os gays e com os comediantes de *stand-up* — responde Madeleine. — Não te fica bem; és demasiado formal.

A minha mãe, pensa Danny, fruto de um parque de caravanas de Barstow, começou ultimamente a fazer pronunciamentos régios desse estilo. *O sarcasmo é coisa de gays, só os vendedores se vestem com quadrados, as mulheres de mais de trinta anos devem usar sempre sutiã...* Vê demasiada BBC.

E tem um aspeto régio, certamente, com o seu vestido branco largo, como de uma deusa grega, o cabelo vermelho apanhado num coque e a maquilhagem perfeita e subtil, como sempre.

— Parece que vieram todas as mães — diz agora.

Danny, que sabe o que vem a seguir, tenta interrompê-lo.

— Menos a do Ian?

— Precisa de uma mãe — diz Madeleine.

— Não, não precisa. Tem-te a ti.

Ian era muito pequeno quando Teresa morreu, portanto, não se lembra dela. Teve a sua avó, e Danny pensa que a chegada de outra mulher só serviria para o confundir. Seria uma intrusão numa vida que, surpreendentemente, se tornou tão estável. Tem uma figura materna que é, literalmente, um anjo, pensa Danny. Perfeita na imaginação do menino. Nenhuma mulher de carne e osso estaria à sua altura.

— E tu, o que tens? — pergunta Madeleine.

— Eu estou bem.

— Terás necessidades.

— Se achas que vou falar da minha vida sexual com...

— As freiras esmeraram-se contigo — replica ela. — Devias ir

misturar-te com os convidados.

Por motivos profissionais e pessoais, diz-se Madeleine. Se há um solteiro cobiçado em Las Vegas, é o seu filho. Rico, bem-sucedido, bonito... Podia ter a mulher que quisesse. E um homem da sua idade devia ter uma esposa que assumisse parte das suas responsabilidades sociais: participar em comités de beneficência, mimar sócios importantes, esse tipo de coisas.

Mas desde o que acontecera com Diane...

Diane era uma catástrofe.

Uma calamidade doce, bela, compassiva, maravilhosa, uma alma rasgada sem remédio. E Danny, o doce e terno Danny, amava-a com todo o seu coração, como não amara ninguém desde Teresa.

Pobre Danny, tão desgraçado nos amores.

Danny mistura-se com os convidados.

Não lhe agrada, mas fá-lo.

Fala de trabalho e de desporto com os diretores de casinos, das crianças e do colégio com as esposas, aceita elogios sobre a casa («Bom, é da minha mãe, não minha»), a comida e a festa em geral.

Confirma as coisas com Gloria.

— Os malabarismos começam às sete e meia — informa-o ela.

Ian, abençoado seja, disse que não queria ilusionistas nem palhaços. Portanto, em vez disso, haverá malabaristas.

— O bolo, às oito — acrescenta Gloria. — E depois o fogo-de-artifício.

— E os elefantes? — pergunta Danny. — E a luta de gladiadores e os sacrifícios humanos?

— Muito engraçado. O fogo-de-artifício será o sinal para que os convidados se vão embora e então poderás dar os presentes ao Ian.

Danny fora irredutível a respeito disso: nada de presentes dos convidados. Em vez de presentes, uma contribuição em nome de Ian para o hospital infantil St. Jude ou para o Sunrise. Ian entendeu perfeitamente («É uma ideia fantástica, papá») e Danny sente-se muito orgulhoso dele por isso.

A Ian, claro, não lhe falta nada. Tem tudo o que um menino pode querer ou precisar, e o presente de Danny é uma bicicleta de montanha caríssima com que Ian o chateava há algum tempo.

Mas isso é bom. Assim, deixará um pouco os malditos videojogos e, além disso, poderão usá-la no Utah. Esse é o seu outro presente. Uma semana inteira fora, os dois sozinhos. Uma viagem de carro, andar de

bicicleta e andar pela montanha, acampar, comer porcarias em bares de estrada ou em restaurantes de comida rápida sem sair do carro.

O paraíso para um miúdo de dez anos.

E para ele também, pensa Danny. Pelo menos, a comida rápida.

— Tens de encomendar outra bicicleta de montanha para mim — diz. — E um guia dos melhores percursos para ciclistas.

— Já estão a caminho — responde Gloria.

É claro, pensa Danny.

Vê Jimmy Mac parado junto de uma das mesas de comida.

Jimmy MacNeese, seu amigo da infância, seu braço direito, seu motorista de toda a vida. Se o seu antigo gangue fosse italiano e não irlandês, Jimmy teria sido o *consigliere*.

Agora, vive em San Diego, onde é dono de três prósperos concessionários de carros. Tem a cara larga e sardenta mais carnuda, e o corpo um pouco mais gordinho do que habitualmente, mas o seu sorriso é o mesmo de sempre: grande, amplo, radiante.

— Bonita festa, Danny — diz.

Abraçam-se.

— Obrigado por mandares o avião — acrescenta Jimmy. — Foi uma maravilha. Os rapazes quase se mijaram de satisfação.

— Onde estão? — pergunta Danny. Os seus filhos devem ter que idade? Já catorze e doze anos?

— Acho que estão na mesa dos tacos. Uma mesa de tacos, Danny?

— Sabes do que gosto nos tacos? Que têm o seu próprio prato incorporado.

— Não era preciso mandares o avião — diz Jimmy. — Podíamos ter vindo de carro. O que são? Quatro ou cinco horas de viagem?

— Mas pode ser um trajeto muito difícil.

Danny mandou o avião da empresa para ir buscar Jimmy e a sua família e trazê-los para a festa. E também o velho Bernie Hughes, que,

tal como Jimmy, decidiu instalar-se na Califórnia e não o seguir para Las Vegas.

Mandar o avião foi um presente para Jimmy, mas também o fez por outros motivos. Os federais vigiam quem entra e sai do aeroporto internacional McCarran nos voos comerciais e Danny não queria que localizassem ninguém do seu antigo gangue. Por isso, Jimmy, a sua família e Bernie chegaram no Learjet, e um carro foi buscá-los à pista de aterragem e trouxe-os diretamente para a festa.

— A Angie veio? — pergunta. Sente carinho pela mulher de Jimmy. Conhecem-se desde a escola e Angie foi uma esposa e uma mãe ótima. Danny suspeita que foi ela que quis que ficassem em San Diego, mas não lho reprova.

Sente a falta de Jimmy: da sua amizade, da sua camaradagem, dos seus conselhos. Mas tem o direito de viver a sua vida e as coisas correram-lhe bem.

— Anda por aí, em algum lado — responde Jimmy. — Estás a brincar ou quê? Por uma vez que pode fugir de mim e das crianças por um instante, beber vinho e comer coisas que não teve de ser ela a fazer?

— Reservei-vos uma suíte no Shores. No andar VIP. Tudo incluído.

— Não era preciso.

— Eu sei — diz Danny. — Fiquem todo o tempo que quiserem. Pensem nisso como umas férias.

— Uma noite ou duas, mais nada. Tenho de voltar. O negócio, já sabes.

Danny sabe, sim.

— Bom, se a Angie e as crianças quiserem ficar mais tempo, depois podem voltar no avião — diz, embora Jimmy não vá aceitar; não quererá aproveitar-se. — Como foi o voo com o Bernie?

Jimmy ri-se.

— Não parou de se queixar todo o caminho do que tinha que estar a

custar. Mas comeu os *muffins*.

— Porque eram grátis — diz Danny.

Riem-se os dois. Bernie, o velho contabilista, foi durante muito tempo o encarregado de gerir o dinheiro da máfia irlandesa de Providence, primeiro para o pai de Danny, depois para John Murphy e depois para ele próprio. Foi para a Califórnia quando Danny se instalou ali e decidiu ficar, em grande parte, pensa Danny, porque adora os pequenos-almoços grátis do Residence Inn.

Ainda vive ali, num estúdio que Danny paga.

Jimmy e ele entreolham-se, e há um instante de reconhecimento: de consciência de tudo o que passaram juntos. A sua infância, os trabalhos que fizeram, a guerra que travaram, os amigos perdidos, as vidas que tiraram.

E o grande golpe. O roubo à mão armada do contrabando de dinheiro de um cartel: quarenta milhões de dólares.

Danny usou a sua parte para comprar o Tara.

Jimmy arranjou um concessionário de carros.

É rico, milionário, mas não tanto como Danny. O seu amigo tentou fazer com que investisse no Tara, mas Jimmy é demasiado precavido.

Não é um tipo invejoso, nada disso. É demasiado bom para não se alegrar com o triunfo de Danny. Jimmy Mac é assim; sempre se contentou com o que tinha.

Quanto a Angie, Danny não tem tanta certeza — talvez haja um pouco de ressentimento aí — e toma nota de que tem de encontrar um momento para se sentar com eles e oferecer-lhes (de novo) parte das suas ações no Tara, a bom preço.

— Mais vale que tome conta dos convidados — diz. — Fica depois do fogo-de-artifício, vai haver uma espécie de festa familiar privada.

— Sim, trouxe alguma coisa para o Ian.

— Não deviam trazer presentes.

— É pouca coisa — diz Jimmy. — Uma dessas pistolas de água, das

grandes.

— De certeza que vai adorar.

— Vai atender os convidados.

Danny vai procurar Bernie. Não lhe custa localizá-lo: alto, curvado, taciturno, a mata de cabelo branco como uma camada de neve acabada de cair.

Contam que Meyer Lansky disse uma vez que Bernie Hughes era o único irlandês que sabia de contas e que tentou contratá-lo, mas que Bernie não quis deixar Providence.

— Bernie, obrigado por vires — diz-lhe Danny.

— Obrigado por me convidares.

— A viagem correu bem?

— Foi uma maravilha, obrigado.

Bernie está mais velho, isso salta à vista, mas conserva a sua acuidade e Danny ainda o consulta sobre assuntos de dinheiro. As suas finanças são imensamente mais complexas do que antigamente, mas os fundamentos continuam a ser os mesmos.

— Dois mais dois são quatro — costuma dizer Bernie. — Dois milhões mais dois milhões são quatro milhões. Isso não muda.

Os sócios do Grupo Tara são de uma honra escrupulosa e irrepreensíveis na hora de gerir as contas, coisa que Bernie agradece, mas mesmo assim, quando examina os livros, estala a língua ao ver gastos que considera supérfluos ou extravagantes. Nunca entenderá Las Vegas nem Danny quer que a entenda. Precisa dessa perspetiva de Nova Inglaterra, tão frugal e à moda antiga. Um dos ditados favoritos de Bernie é: «Um dólar poupado não é um dólar ganho, mas dez, com os juros». É por isso que se horroriza com o quarto luxuoso que lhe reservou, mas adora que lhe levem o pequeno-almoço às sete em ponto, como Danny ordenou.

Danny repete o seu convite para a festa familiar e vê um brilho de preocupação nos olhos de Bernie.

— Será cedo. Às dez, no máximo — diz.

Bernie parece aliviado.

Do antigo gangue, só eles vieram no avião.

Os outros vivem em Las Vegas.

Danny encontra o delegado do Partido Democrata junto da mesa que serve canapés de costeletas de primeira.

— Uma festa fantástica, Dan — diz Neal. — Obrigado por me convidares.

— Obrigado por vires.

Dave Neal é um homem de aspeto agradável, rosto bonacheirão e cabelo castanho. Tem quarenta e tal anos, ronda o metro e setenta e cinco e é um pouco corpulento.

— Queres que te mostre isto? — pergunta Danny.

— Será um prazer.

Danny leva-o a dar um passeio pelos terrenos do rancho.

— Antes, isto era de um tal Manny Maniscalco, que era o rei da *lingerie* barata nos Estados Unidos. Esteve casado com a minha mãe uns anos e, embora depois se tenham divorciado, ela voltou para cuidar dele quando estava a morrer e o Manny deixou-lhe a casa, além de alguns milhões. O que foi como levar água para o mar, porque ela já era rica por si só. Por causa dos seus investimentos.

Danny conta-lhe a história, embora tenha a sensação de que Neal já sabe tudo sobre Madeleine e sobre os seus contactos nas altas esferas de Wall Street e do Capitólio. Parece dos que fazem sempre os trabalhos de casa.

— Eu instalei-me aqui quando cheguei a Las Vegas — continua. — Só tencionava ficar algumas semanas, até encontrar casa. Já foi há seis anos. Não sei... será a inércia, suponho. E que o meu filho sinta tanto carinho pela avó.

— É bom para os dois — comenta Neal. — Mas não acho que me tenhas afastado dos outros convidados para me falar da tua situação familiar.

— Não — diz Danny. — Estamos muito preocupados com essa Comissão de Estudo de Impacto do Jogo.

— Não é de estranhar. Doam milhões ao Partido Republicano.

— Porque favorecem o negócio — diz Danny.

— Eu sei quem és, Dan. Procedes de uma cidade operária. Talvez agora sejas milionário, mas por instinto e inclinação, no fundo, continuas a ser um homem da classe trabalhadora. Nós não somos o inimigo.

— Um imposto de quatro por cento?

— Quantos bilhões é que a indústria do jogo embolsou no ano passado? — pergunta Neal. — Parte deles, de pessoas que não se podem dar a esse luxo. Não podem contribuir com um pouco para lhes dar uma ajuda? Mas o assunto é negociável, de qualquer forma.

Danny entende que está a abrir-lhe uma porta.

— E o poder de intimação? — pergunta. — Também é negociável?

— Podemos falar sem rodeios?

— Sim, por favor.

— Sabemos que és dono de boa parte do Tara — diz Neal.

— Sou apenas um empregado.

No papel, o Grupo Tara pertence a dois promotores imobiliários do Missouri — Dom Rinaldi e Jerry Kush — e ele é o diretor de operações.

— Um comité agressivo desmascarará essa ficção — diz Neal. — A administração Bush fez vista grossa. Deu-se uma ordem de cima de que o Dan Ryan era intocável, por não sei que assunto turvo relacionado com uma operação contra um cartel de narcotraficantes que financiava guerrilhas esquerdistas na América Central. Mas essa proteção acabou, Dan. Tens inimigos. Há dois congressistas que estão

desejosos de entrar no comité para te cortar as asas.

— Ena, isso é que é falar sem rodeios — diz Danny.

Neal apoia-se na cerca de um prado e vira-se para observar a propriedade.

— Pareces um tipo decente. O teu passado não nos importa. Não queremos prejudicar-te.

— Então, falando sem rodeios, quanto vai custar-nos?

— Se a indústria do jogo de Las Vegas contribuisse com, digamos para o caso, um milhão de dólares, seria um sinal claro de que não são nossos inimigos — responde Neal.

— Parece-me factível — diz Danny.

— Mas temos de o fazer bem. Não podemos aceitar abertamente uma doação importante do setor dos casinos. E, é claro, tem de ser tudo legal.

— É claro. E se se fizesse um almoço para angariar fundos, organizado por um destacado democrata local?

— Existe tal coisa em Las Vegas?

— Conseguiremos encontrar algum — responde Danny. — Metade do dinheiro poderia doar-se nesse almoço, talvez. E a outra metade poderia provir de doações de particulares ao Comité Democrata Nacional?

— Isso seria bom.

Danny passa para o próximo assunto espinhoso. É um movimento arriscado.

— Tu também terás gastos, Dave.

Neal encolhe os ombros.

Mas o seu gesto é um sim, não um não.

— Esta noite, quando voltares para o hotel — acrescenta Danny —, haverá duzentos e cinquenta mil dólares em fichas no cofre do teu quarto. Podes levá-las ou não. O que fazes com elas só a ti te diz respeito. Podes usá-las para jogar ou trocá-las sem mais nem menos.

— Não gosto muito do jogo — responde Neal.

— Se as fichas não estiverem lá de manhã, entenderei que temos um acordo — diz Danny. — Quero que me dê a tua palavra. Nada de intimações.

— Podes confiar em nós.

— Não te ofendas — diz Danny —, mas quero que saibas que, se me fizeres alguma merda, haverá consequências.

— Há sempre.

— Tens razão. Devias provar os tacos, estão muito bons.

Leva Neal de volta à festa e volta a misturar-se com os convidados.

Vern Winegard aproxima-se para falar com ele.

— Como correu?

— Um milhão duzentos e cinquenta mil.

— Porque será que não me surpreende?

O surpreendente é que tenha saído tão barato, pensa Danny.

Mesmo assim, quer certificar-se e toma nota de que deve ligar a Monica Cantrell, a *madame* mais exclusiva da cidade, para lhe pedir que mande uma rapariga para o almoço de angariação de fundos. Além disso, já há uma câmara no quarto de Neal para o gravar a tirar as fichas do cofre.

Confiar?

Confiar, confiam as crianças que o Pai Natal vem.

Com um prato de comida na mão, Danny aproxima-se dos estábulos onde se guardavam os puro-sangue até que Madeleine se desfez deles. Parte do edifício é agora um apartamento de um só quarto, com uma salinha de estar com cozinha e uma casa de banho.

Bate à porta.

Um minuto depois, Ned Egan abre-a.

Ver Ned fá-lo sorrir: o seu corpo de boca de incêndio, os seus antebraços de Popeye, a sua cara de buldogue francês. Era o guarda-costas de Marty Ryan e parecia-o; era perfeito para esse papel. Dizem que Marty o resgatou quando era criança de um pai abusivo e que Ned voltou do mar para se tornar o seu fiel guarda-costas, um papel que depois continuou a desempenhar para Danny.

Ned Egan fazia com que todo o submundo de Nova Inglaterra se gassasse de medo e, com razão, fugiam a sete pés.

Ned era um sicário.

Mas isso foi em tempos, pensa Danny.

Depois de Marty morrer, depois de ele se retirar desse mundo, Ned ficou sem nada para fazer nem sítio para onde ir, e Danny trouxe-o para Las Vegas, e mandou que lhe construíssem o apartamento. Ned queria ir para algum hotel económico do centro, mas em Las Vegas não havia tal coisa. Como receava que se sentisse sozinho, Danny praticamente ordenou-lhe que se mudasse, com a desculpa de que Madeleine e Ian precisavam de um guarda-costas.

— Não vieste à festa — diz-lhe, ao entrar.

Ned encolhe os ombros. Nunca se sentiu bem rodeado de gente e, além disso, preocupava-o que a sua presença desse que falar. As

peessoas podiam perguntar «Quem é esse tipo?» e a resposta podia ser problemática.

— Trago-te um prato — diz Danny.

— Obrigado.

Está a ficar velho (como todos, pensa Danny), tem cinquenta e tal anos e já não é o que era (e quem é?). Danny pôs-lhe televisão por satélite para que veja os jogos dos Red Sox e, no verão, Ned passa quase o dia inteiro a ver baseball, como fazia antes com Marty.

Ian vai visitá-lo de vez em quando e Madeleine convida-o para almoçar ou para jantar uma vez por semana, mais ou menos, embora para Danny seja um mistério do que falam. Ele ofereceu-se para o levar à Strip, mas não tem nenhum interesse em ir. Também lhe ofereceu companhia feminina e isso também não lhe interessa.

Parece contentar-se com ter uma vida calma.

Danny não tem nenhuma dúvida de que, no caso hipotético de Ian ou Madeleine correrem perigo, Ned daria a sua vida por eles sem hesitar um instante.

— Umas costeletas de primeira — diz, ao deixar o prato na bancada —, frango assado, salada de batata e uma fatia de bolo.

Não lhe trouxe tacos porque sabe que o velho rabugento não os teria apreciado. Os oriundos de Nova Inglaterra gostam da comida bem separada: a carne de um lado e as batatas de outro.

— É muito amável da tua parte — diz Ned.

Danny ouve o murmúrio da televisão.

— Os Sox estão a ganhar?

— Até que entre o *bullpen* — responde Ned.

Está em mangas de camisa, mas tem a 38 por baixo dos sovacos, como sempre. É um apêndice do seu corpo, pensa Danny.

— Depois, vai haver uma festa privada em casa — diz. — O Ian adoraria que viesses.

— Comprei-lhe um presente. Um boné dos Sox.

— Está na hora de o miúdo aprender as coisas que importam na vida — comenta Danny.

Em Rhode Island há três religiões, pensa. O catolicismo irlandês, o catolicismo italiano e os Red Sox de Boston. E, tal como ser católico, pouco importa quão velho sejas ou para quão longe vás, os Red Sox vão sempre contigo. Portanto, quando ele vivia em Providence, era fiel seguidor dos Sox. Quando vivia em Los Angeles, à sombra do estádio dos Dodgers, também. E em Las Vegas, o mesmo.

Ser católico e fã dos Sox é uma questão de fé e sofrimento.

De muito sofrimento.

É preciso ser muito masoquista para ambas as coisas.

Danny só brincava a meias ao falar das coisas que importam na vida, porque a lealdade é uma das coisas mais importantes e, sendo fã dos Sox, aprende-se a ser leal à base de perder.

Qualquer um que tenha vivido aquele momento horrível de 1986 sabe. Danny ainda sente essa dor, o golpe nas tripas ao ver essa bola...

— O Ian vem ver os jogos contigo? — pergunta Danny.

— Às vezes.

Danny não sabia.

— Vai adorar o boné. Vemo-nos depois?

Ned assente.

Kevin Coombs vomita na relva.

A um escasso metro da mesa onde servem os crepes de marisco. Ou seja, as gambas saem quase sem terem sido digeridas.

— Ui! — diz. Sorri e age como se fosse muito engraçado, como se acabasse de fazer uma brincadeira muitíssimo divertida.

Mas Danny não se ri.

Olha para Sean South, o melhor amigo de Kevin, com uma expressão que não deixa lugar para dúvidas: «Tira-o daqui».

Sean agarra-o pelo cotovelo, mas Kevin afasta-se com um puxão.

— Deixa-me, foda-se.

As pessoas apercebem-se do que se passa. Uma convidada vira-se como se também fosse vomitar.

Kevin está há quase dez anos no Oeste, mas nunca renunciou às suas raízes de arruaceiro da Costa Este. Tem o cabelo castanho, comprido e desgrenhado, e usa uma camisa havaiana horrível que parece ter tirado diretamente do fundo do armário, umas calças de ganga rasgadas e uns Keds bota. Também teria vestido o casaco preto de couro se não fosse porque estão em Las Vegas em pleno junho e nem ele se atreveria a tal coisa. Limpa a boca com a mão e, ao levantar o olhar, vê Danny a fulminá-lo com o olhar.

— Ena — diz, sorrindo. — O chefe zangou-se comigo.

— Vamos, Kev — diz Sean.

— «Vamos, Kev» e uma merda... — replica e volta a olhar para Danny. — Lamento, Danny, estou a envergonhar-te?

Sim, e não é a primeira vez.

Antes, há muito tempo, Kevin Coombs era muito temido, e com razão. Sean e ele, apelidados os Acólitos, formavam uma equipa eficaz que tanto servia para roubar uma loja como para assaltar um camião à mão armada ou cancelar uma reserva.

Kevin sempre foi um cabeça louca, mas quando tinha de fazer um trabalho, punha as pilhas e estava ali, disposto a tudo.

Agora, é um bêbado.

Quando não está drogado com coca.

Gastou um milhão de dólares como se nada fosse. Derreteu o dinheiro que ganhou com o grande golpe. O que ganhou com o investimento no cinema graças a Danny, também. E o do seu pedacinho do Tara, igualmente.

Em álcool, droga, jogo e mulheres.

O Quarteto da Morte.

Vive em Las Vegas, claro, onde tudo isso é ineludível, o que não quer dizer que alguém tenha de cair nisso, só que essas coisas estão sempre aí se as quiseres, e Kevin quer sempre.

Não é a primeira vez que causa problemas: uma bronca com um *croupier* de *blackjack* no casino, uma luta de bêbados na calçada, ou aparecer no restaurante com três putas e exigir uma mesa.

Foi por isso que não foi convidado para a festa.

Sean é diferente; ele é mais sério. Com o seu cabelo vermelho, parece tirado de um anúncio de desodorizante Irish Spring, mas transformou-se num homem de negócios como deve ser. Agarrou no seu dinheiro e montou uma empresa de venda em grandes quantidades de alimentos que abastece os casinos. Danny fê-lo ganhar centenas de milhares de dólares em contratos e ele retribui-lhe o favor servindo-lhe bons produtos a um preço justo.

Sean deu a Kevin um trabalho bem pago, mas Kevin é a pedra de moinho que tem ao pescoço. Vai arrastá-lo com ele, porque anda sempre a meter-se em confusões que requerem a sua atenção, a sua ajuda, o seu dinheiro.

E mesmo assim não acaba com ele.

São como irmãos.

E agora Kev está a fazer uma cena na festa de aniversário do filho de Danny Ryan, à frente de metade das pessoas mais importantes da cidade.

— Porque não me convidaste? — berra. — Não estou à altura dos fantoches dos teus amigos, Danny? Estou a envergonhar-te?!

— Estás a envergonhar-te a ti próprio — responde Danny.

— Conheço o Ian desde que era um bebé — diz, com lágrimas de bêbado nos olhos. — Desde que fugiste de Rhode Island e o levámos num maldito carro. Eu estava ali. Recordo-o. Mas imagino que te tenhas esquecido, não é?

Danny não responde.

Mas isto é um problema.

Noutros tempos, as pessoas podiam acabar no buraco por falar assim. Que merda, se Pasco Ferri estivesse ali, talvez Kevin acabasse no buraco.

— Lembro-me de muitas coisas — continua. — Lembro-me de onde tiraste a massa para montar a tua maldita empresa. Lembro-me de quando não tinhas casinos e roubavas...

Sean dá-lhe um murro no queixo e Kev desaba.

Depois, Sean levanta-o.

Danny aproxima-se e diz-lhe ao ouvido:

— Leva-o.

— Está bem, Danny.

— Digo para fora da cidade, Sean.

Dois seguranças aproximam-se e ajudam-no a levar Kevin de rastos até ao seu carro.

Danny olha para os convidados atónitos e diz:

— Peço-vos desculpas. Receio que os refrigerantes lhe tenham subido à cabeça.

Ouvem-se risinhos incomodados.

Vern Winegard, pelo contrário, dá uma gargalhada estrondosa.

— Os refrigerantes... Essa sim, é boa.

— É o que dizemos nos hotéis para nos referir diplomaticamente aos bêbados — diz Danny.

— Eu gosto, talvez ta roube — diz Vern.

Estão trinta e muitos graus e está todo de preto, como de costume: polo e calças de ganga pretas. É porque é fã dos Raiders, se a Danny não lhe falha a memória. Winegard até fala de trazer a equipa para Las Vegas algum dia.

— Quem era esse tipo? — pergunta.

— Um ex-empregado descontente — diz Danny.

Há muitíssimas pessoas à volta, a ouvir dissimuladamente a conversa entre os dois gigantes.

— Sabes o que aprendi, Dan? — diz Vern. — Que quando um empregado está descontente, não há forma de voltar a contentá-lo.

— Sim, tem graça, eh, Vern?

Danny cumprimenta Dawn com um gesto, uma mulher alta e loira, com as pernas mais compridas do que uma estrada solitária. As pessoas costumam comentar que se casou com Vern mais pelo seu dinheiro do que pelo seu físico, ao que ele costuma responder: «Cada um tira partido do que tem».

— Olá, Dawn.

— Uma festa linda, Dan.

— Era até há um minuto.

— Todos temos algum amigo assim — diz Dawn.

— O Bryce veio? — pergunta Danny.

— Está a dar uma olhadela às raparigas — diz Vern. — Lembra-te do que é ter quinze anos.

— Lembro-me, sim.

— Tornaram-no capitão da equipa de lacrosse.

— Que bom — diz Danny.

Lacrosse? Joga-se lacrosse em Las Vegas? Sempre achou que só os betinhos dos colégios privados do Connecticut jogavam lacrosse. Não estranha, mesmo assim. Bryce é um miúdo grande e musculado, tão seguro de si mesmo e arrogante como o seu pai, ainda que, por sorte, fisicamente tenha saído à sua mãe. Bryce é o orgulho e a alegria de Vern, a luz da sua vida, talvez porque é tudo o que ele não pôde ser: o capitão da equipa, o rei do baile de finalistas, esse tipo de rapaz.

Vern não está disposto a deixar passar o incidente vergonhoso. Dá-lhe uma pequena vantagem sobre Danny e tenciona aproveitá-la.

— Esse tipo parecia conhecer-te bastante bem. Disse alguma coisa sobre o Ian quando era bebé? Sobre quando saíram de Rhode Island

ou algo do estilo?

Danny cora, para sua tristeza. Sente que o calor lhe sobe pelas faces e não pode fazer nada para o remediar.

Está irritado.

Dawn parece incomodada. Os homens são assim, claro, jogam duro, mas os filhos têm de ser deixados de fora.

— Vern...

— Não, só pergunto — diz o seu marido.

Um cão com um osso.

— Quem sabe do que os bêbados dizem — responde Danny.

As pessoas estão a ouvi-los, mas disfarçam, embora façam um trabalho de merda a fingir que não.

Vern devia deixá-lo passar.

Era o que devia fazer.

Mas não o faz. Por alguma razão que nunca poderá explicar, volta a rir-se, levanta o seu copo e diz:

— Dan Ryan, o homem misterioso.

E traz tudo de volta.

Os rumores, os boatos, as indiretas.

Traz o passado de Danny para a festa de aniversário do seu filho.

Danny afasta-se.

Na cozinha, observa Madeleine a pôr velas num bolo.

Estão em casa, a preparar-se para a festa familiar.

— Outro bolo? — pergunta Danny.

— Esse era um bolo público — responde Madeleine. — Este é um bolo privado. E, além disso, fui eu que o fiz.

— Fizeste-o? — O máximo que viu a sua mãe a fazer foi torradas, e só nos dias de folga da cozinheira.

— Sou uma mulher misteriosa.

— Ouviste aquilo? — pergunta Danny.

— Todos ouviram. Mas não deixes que o que o Vernon Winegard diz te afete.

— O que se passa com ele?

— Levanta-se todas as manhãs a perguntar-se porque as pessoas não gostam dele — responde Madeleine. — E tem inveja de ti.

— Porquê?

— Estás mesmo a perguntar-me isso? Porque ele é o Nixon e tu és o Kennedy.

— Não sei o que queres dizer — diz Danny.

— Sabes perfeitamente. Olha, conheço o Winegard desde que abriu a sua primeira sala de jogos. Conheci-o na época em que snifava coca e seduzia as empregadas. Não te enlameies com ele. Deixa-o em paz, que se consuma no seu tormento. Para ti, é indiferente. Quem deveria preocupar-te é esse tal Kevin Coombs.

— Foi-se embora — responde Danny. — E vou falar com a empresa de segurança.

— Já os despedi — diz Madeleine. — Perguntei-lhes porque é que alguém que não tinha sido convidado para a festa entrou em minha casa e não souberam o que responder.

Madeleine é assim, pensa Danny. Ou cumpres ou não cumpres e, se não cumprires, vais para a rua. Uma série de amantes exilados podiam provar isso.

— De qualquer forma — diz —, a festa foi um sucesso.

Tem razão, pensa Danny. As pessoas adoraram a comida, os malabaristas foram fantásticos e o fogo-de-artifício também. Como Gloria previu (ou planeou?), a maioria dos convidados foi-se embora obedientemente após o grande final, deixando a família e os amigos mais íntimos reunidos na sala.

Danny entra.

Olha à sua volta.

O seu filho está ali, claro, suado e demasiado estimulado depois de uma tarde inteira de castelo insuflável, piscina, açúcar, correria generalizada e emoções. Jimmy Mac, a sua mulher e os seus filhos, Ned Egan, Bernie Hughes. Gloria também está ali. E Dom, com a sua mulher e os seus filhos, e Jerry com os seus. Madeleine aparece atrás de Danny, segura o bolo enquanto começam a cantar os *Parabéns*.

Isto é a única coisa que importa realmente, pensa Danny.

Estas pessoas, esta vida que construímos juntos.

Esta boa vida.

Nem sempre foi assim.

Quando Danny saiu de Rhode Island no inverno cinzento de 1988 (sair é um eufemismo, pensa agora, enquanto se prepara para ir para a cama; seria mais preciso dizer que fugiu, que o expulsaram, que teve de escapar para salvar a pele), a sua vida estava em ruínas.

Terri estava morta, ou quase.

A máfia irlandesa, que fora o centro da sua vida, estava arrasada, os seus membros tinham morrido ou estavam na prisão, e possíveis acusações por tráfico de drogas — e assassinato, talvez — pendiam sobre a sua cabeça como a espada de Dâmocles (um termo que então não conhecia).

Era um fugitivo que fugia da máfia e dos federais, mas sem a vantagem de estar sozinho. Tinha de cuidar de um filho pequeno e de um pai quase senil. E do seu gangue ou o que restava dele: Jimmy Mac, Ned Egan, os Acólitos e Bernie Hughes.

De modo que empreendeu a viagem para a Califórnia, a migração para o Oeste, para a terra dos sonhos, o país da reinvenção (e se alguém precisava de se reinventar, diz-se agora, era eu). Chegou a San Diego e ali teve uma vida calma a gerir um bar e a ser pai solteiro, com todos os rituais quotidianos que isso representava.

Embora não fosse exatamente feliz, estava satisfeito.

Mas encontraram-no, como fazem sempre.

Um federal (do FBI? Da CIA?) encontrou-o e, em vez de o deter, fez a proverbial oferta impossível de rejeitar. Assaltar a casa onde um cartel de narcotraficantes guardava o seu dinheiro e distribuir os lucros com o Tio Sam. (Precisavam do dinheiro para uma operação

secreta na América Central; Danny nunca perguntou, nem lhe interessava). Tudo lhe seria perdoado, tudo ficaria no esquecimento, vai com Deus e não peques mais.

Danny e a sua equipa deram o golpe.

A sua parte foi de uns dez milhões.

Dinheiro suficiente para se perder no ocaso, para levar o seu filho para algum lugar e viver o Sonho Americano.

Só que não foi isso o que fizeste, pensa, ao deitar-se.

Foi para Hollywood.

Falando do país dos sonhos.

Os Acólitos estavam a chantagear os produtores de um filme sobre a máfia de Nova Inglaterra e alguém recorreu a Danny para que os pusesse no seu lugar.

Danny comprou a sua participação no filme.

Literalmente.

Investiu oito milhões.

E apaixonou-se pela protagonista.

Diane Carson.

Foi uma loucura, um erro nefasto. Ambos sabiam desde o começo, mas não conseguiram evitá-lo.

As pessoas dos seus respetivos mundos não gostaram, sobretudo quando os tabloides se regalaram com o tema do mafioso e da sua namorada, e a sua relação se tornou famosa.

Eu tinha o meu passado, pensa Danny, e ela, o dela.

Eu podia viver com o meu, mas ela com o seu, não.

Uma noite, na cama, foi sincera com ele, falou-lhe do seu irmão, que se meteu na cama dela e teve relações com ela ou — melhor dizendo — fez amor com ela. O mesmo irmão que mais tarde matou o seu marido (meu Deus, como os tabloides se deleitaram com isso) e estava a cumprir uma pena de prisão perpétua numa prisão do Kansas.

E ameaçava tornar tudo público.

Isso tê-la-ia destruído, no aspeto profissional e no pessoal.

Portanto, Danny recorreu a pessoas do seu mundo e resolveu o problema: o irmão morreu apunhalado no pátio da prisão. Mas o preço que Danny pagou foi muito alto: teve de deixar Diane.

Mentiu-lhe, disse-lhe que não tivera nada a ver com o assunto, e depois voltou a mentir-lhe — disse-lhe que não a amava — e deixou-a.

Ela teve uma *overdose* nessa mesma noite.

Uma *overdose* fatal.

Danny tem de carregar com essa culpa.

Não o fez bem ao princípio; passou semanas a sair para se embriagar. Depois, quando lhe passou a bebida, encontrou o caminho de volta para Las Vegas, onde deixara Ian com a sua mãe.

Usou o que ganhara no cinema para investir no Grupo Tara.

Extraoficialmente.

Pasco Ferri e alguns dos seus «sócios», a sua mãe, vários contactos de Madeleine em fundos de cobertura, e alguns construtores jovens e ávidos — Dom Rinaldi e Jerry Kush —, que queriam investir à grande, juntaram setenta e cinco milhões de dólares para comprar um velho casino a preço de saldo.

O Scheherazade datava de meados dos anos sessenta, da terceira onda urbanística.

A primeira foi do Flamingo, claro, em 1946, o sonho que custou a vida a Bugsy Siegel, que gastou mais dinheiro da máfia do que devia e certamente embolsou parte dos custos de construção. Conta a lenda que foi Meyer Lansky, velho amigo de Lucky Luciano e Siegel, quem deu a ordem, e Danny ouviu dizer que o seu velho amigo Pasco Ferri também andou metido nisso.

Os mafiosos, mesmo assim, depressa perceberam que Siegel acertara ao apostar em Las Vegas. O dinheiro da máfia entrou a rodos durante os anos cinquenta e serviu para financiar o grande *boom* do Sands, do

Sahara, do Riviera, do Dunes, do Hacienda, do Tropicana, do Royal Nevada e do Stardust, dando forma à Strip.

Depois, nos sessenta, afluiu o dinheiro dos sindicatos e construíram o Aladdin, o Circus Circus, o Caesars Palace e o Scheherazade.

Quando o Grupo Tara o comprou, o hotel-casino estava na falência.

Sempre tinha tido problemas para ter sucesso. Situado no extremo sul da Strip, esperara que a cidade se desenvolvesse nessa direção e, quando finalmente chegou esse momento, o hotel estava velho e desfasado e não podia competir com os enormes hotéis temáticos que ofereciam circos, batalhas de barcos piratas e erupções vulcânicas.

Além disso, ninguém sabia pronunciar o seu nome, Scheherazade, e muito menos soletrá-lo. Tinha uma temática pirosa de *As mil e uma noites*, com uma profusão de bailarinas de dança do ventre e tipos que passeavam por ali vestidos com o que Danny achava que eram toalhas. Como o Tara não tinha capital para o remodelar por completo, mudaram-lhe rapidamente o nome para Casablanca e puseram mãos à obra para tentar salvá-lo.

A gente de Las Vegas ria-se dos forasteiros do Grupo Tara por se terem deixado enganar ao comprar aquele local.

Danny não se ria. Investira tudo o que tinha no hotel e não podia deixar que fosse à falência. Sentou os outros investidores na sala da casa da sua mãe e perguntou-lhes:

— O que temos que os megahotéis não têm?

— Nada — respondeu Dom Rinaldi.

Ele abanou a cabeça.

— O nosso tamanho.

— A nossa pequenez, quererás dizer — disse Jerry Kush.

— É exatamente a isso que me refiro — respondeu Danny. — Temos um pouco menos de mil quartos. Os megahotéis têm três mil, em média.

— E isso parece-te uma vantagem? — perguntou Dom.

— Pensam que o nosso negócio é o jogo — indicou Danny —, mas não é assim. São os serviços, esse é o nosso negócio.

Porque todos os casinos oferecem praticamente o mesmo em questão de apostas. Pode abrir-se ou fechar-se um pouco a mão nos prémios das *slot machines*, claro, ou subir e descer as apostas das mesas de jogo, mas o que realmente faz a diferença é a qualidade do serviço.

— Nós podemos oferecer um serviço melhor — continuou Danny. — Um serviço personalizado. Transformar a nossa presumida fraqueza em força. Não és mais um dos milhares de clientes que vêm ao Casablanca, és um hóspede exclusivo. Não és um simples grão de trigo no moinho do jogo, és um ser humano.

Danny fizera contas.

Todos os anos diminuía a percentagem de lucros que os casinos obtinham do jogo e aumentava a procedente dos quartos e da comida. As pessoas queriam jogar, claro, mas também queriam comer opiparamente e ter um quarto bonito para o qual voltar.

— Querem espetáculo — disse Jerry.

— Podem descer a rua, parar na calçada e ver a batalha de piratas ou a erupção do vulcão — respondeu Danny. — E depois voltar para nós: alojar-se nos nossos quartos, comer a nossa comida, jogar os nossos jogos. Que a concorrência pague o entretenimento dos nossos hóspedes.

Os seus sócios gostaram da ideia: roubar dos bolsos dos ricalhaços. Que os megahotéis gastem milhões a parecer-se com a Disney World, disse-lhes Danny. Nós faremos coisas que nos custem pouco ou nada.

Como, por exemplo, fazer com que o pessoal chame cada hóspede pelo seu nome. Que lhes sorriam, que lhes perguntem se podem fazer alguma coisa para melhorar a sua estadia, não só no hotel, mas em Las Vegas em geral. Ou se precisam de sugestões, de indicações, de bilhetes para espetáculos ou de reservas para jantar. Tomar a iniciativa.

— Quanto custaria oferecer um serviço de recepção a todos os clientes, não só aos que mais apostam? — perguntou. — Fazer com que cada hóspede se sinta importante?

Em vez de pagar a «piratas» e acrobatas, contratou mais empregados para estacionar os carros para que os clientes demorassem menos a entrar e mais rececionistas para agilizar o *check-in*. Contratou mais cozinheiros e camareiros para que o pequeno-almoço do serviço de quartos chegasse depressa e quente, e mais empregados de limpeza para que dedicassem mais tempo a cada quarto e o deixassem não só limpo, mas imaculado.

Pequenas coisas que custavam muito pouco e importavam muito. Um bilhete manuscrito da empregada de limpeza a dirigir-se ao hóspede pelo seu nome para lhe perguntar se estava tudo do seu agrado. Uma chamada telefónica rápida da mesma pessoa que o atendeu na recepção para perguntar se estava a desfrutar da sua estadia. Um cumprimento personalizado cada vez que o cliente atravessava porta.

Danny ensinou os gerentes a passear pela sala de jantar à hora do pequeno-almoço e a reconhecer os hóspedes que voltavam pela segunda ou pela terceira vez, a pegar na conta e a dizer: «Hoje, é oferta da casa».

— Quanto nos custam alguns ovos, umas torradas e um café? — perguntou Danny. — Um dólar, um dólar e cinquenta? E quanto ganhamos quando esse tipo voltar outra vez?

Manter um cliente, dizia, saía muito mais barato do que consegui-lo.

Todos os supervisores tinham um pequeno orçamento atribuído para essas coisas: para convidar um cliente para uma bebida ou para lhe oferecer umas fichas para que jogasse nas *slot machines* ou até alguns bilhetes para um espetáculo que estivesse na moda.

Danny e a sua equipa livraram-se dos uniformes pirosos ao estilo de *A minha bela génio* e Madeleine encarregou-se de fiscalizar a nova decoração elegante e retro, inspirada em Bogart e Bergman, assim

como de reformar o *hall* para que se parecesse com o Rick's Café Americain.

Em dois anos, o Casablanca estava a dar lucros, o que surpreendeu todos.

Tal como surpreendeu todos — incluindo ele mesmo — que Danny se concentrasse no projeto. Supostamente, era apenas um investidor, um sócio silencioso dentro de uma empresa encabeçada por Rinaldi e Kush, e a sua participação financeira, tal como a de Pasco Ferri, ficaria escondida dentro de um labirinto de empresas interpostas.

Porque o NGCB, o Conselho de Controlo de Jogo do Nevada, não ia permitir que Danny Ryan fosse dono de um casino.

Depois de passar anos a expulsar a máfia de Las Vegas, nem os federais, nem as corporações, nem o Conselho iam deixar que voltasse a infiltrar-se na cidade e o Conselho determinou que Danny tinha «vínculos com mafiosos conhecidos».

Como, por exemplo, Pasco Ferri, o antigo chefe do sindicato de Nova Inglaterra, agora reformado na Florida.

Os advogados de Danny recorreram da decisão.

— Não há um único facto fidedigno que vincule o senhor Ryan ao crime organizado — argumentou o seu advogado. — Nem detenções nem acusações, e muito menos condenações. A única coisa que vocês têm são rumores e alguns artigos da imprensa sensacionalista. O senhor Ryan foi a algumas festas, a churrascos, que o senhor Ferri organizou na praia. Se ir a uma festa organizada por um mafioso fosse um critério de desqualificação, metade dos membros deste Conselho não poderiam fazer parte dele.

Os advogados sabiam que não serviria de nada. Para vetar a sua titularidade como proprietário, o Conselho só tinha de alegar a *aparência* de incorreção. O recurso foi uma tentativa de manter Danny fora do temido Livro Negro, o que o teria impedido de entrar sequer num casino.

A tática funcionou.

Recusaram-lhe o direito de titularidade, mas não o de emprego. Conseguiu a licença de *Key Employee* que lhe permitia trabalhar em casinos. O seu cargo oficial no Casablanca era o de diretor de operações hoteleiras.

E trabalhava como tal.

Ele, que nunca fora um homem de negócios, começou a estudar sozinho. Ficava acordado até às tantas a ler livros sobre finanças, gestão e atendimento ao cliente. E consultava especialistas em jogo, donos de restaurantes, chefes, diretores de hotel, corretores da Bolsa... Qualquer pessoa que achasse que podia ensinar-lhe alguma coisa.

Transformou-se numa presença constante no Casablanca. Tinha fama de entrar num quarto vazio à sorte e tomar nota se o papel higiénico estava pendurado para baixo em vez de recolhido, como devia; se havia pó em alguma moldura ou se a temperatura do quarto não era a adequada. Mas quando encontrava tudo perfeito, também tomava nota de que devia procurar a empregada de limpeza para lhe agradecer e talvez dar-lhe uma gorjeta ou ver se podiam aumentar-lhe o salário.

Estava sempre presente nos três restaurantes do casino, a provar a comida, a falar com os clientes, a perguntar aos cozinheiros e aos empregados do que precisavam para fazer melhor o seu trabalho. E também no casino, a vigiar os chefes de sala, os *croupiers* e as empregadas de mesa.

Estava decidido a gerir o negócio com absoluta retidão. Fora a sua condição expressa quando Pasco investira na empresa.

— Não tenho nenhum interesse em voltar a essa merda da máfia — disse.

— Ninguém tem interesse — respondeu Pasco. — Aí, não há futuro.

De modo que não havia fraudes no Casablanca: da sala de contagem não saía nem um saco cheio de dinheiro com destino aos chefes de Chicago, Kansas City ou Providence. Podia ganhar muito dinheiro legalmente, sem necessidade de arriscar tudo em negócios duvidosos.

Danny também vetou a violência.

Para o *croupier* que apanhavam a roubar só havia um castigo, e não era dar-lhe cabo dos dedos com uma martelada, como antigamente, mas a demissão fulminante, e com más referências para que não pudesse voltar a trabalhar em Las Vegas.

Assim, Danny passeava pelo seu primeiro casino e, quando os empregados o viam, os seus sorrisos tornavam-se um pouco mais alegres, a sua postura mais erguida, a distribuição das cartas mais enérgica. Todos sabiam que, à margem do que dissessem as escrituras da propriedade, aquela era a casa de Dan Ryan. Ele tinha o controlo e todos sabiam.

Agora, os detalhes são a matéria de que os seus dias são feitos e preocupa-se com eles constantemente. Os seus sócios reprovam-lhe que se obceque com os guardanapos estarem bem dobrados quando tem propriedades no valor de centenas de milhões de dólares com que se preocupar.

Porque é daí que saem os milhões, responde-lhes ele.

Durante os primeiros tempos do Casablanca, quando tentavam endireitar o rumo do hotel, os seus sócios preocupavam-se com Danny estar demasiado concentrado nesses pormenores, com ser incapaz de ver mais além.

Mas enganavam-se.

Assim que o Casablanca começou a dar lucros, propôs uma manobra estratégica de grande alcance. A propriedade situada mesmo a norte, um casino velho, o Starlight, estava em franco declive.

— Acho que devíamos comprá-lo — disse Danny.

— Outro projeto de remodelação? — perguntou Dom. Depois, pensou por uns segundos e disse: — Não é má ideia.

Mas Danny não queria remodelá-lo sem mais nem menos. Teria sido, pensava, como essas mulheres de sessenta anos que usam demasiada maquilhagem na cara: por mais que atenuem as luzes, continuam a ver-se as rugas. Além disso, não queria que o Grupo Tara

colhesse a fama de ser a «empresa das remodelações». Queria que o considerassem muito mais do que isso.

— Não quero rejuvenescer o Starlight — disse. — Quero demoli-lo e construir um hotel novo.

— O Casablanca acabou de começar a dar lucros — respondeu Dom.
— Talvez não seja o melhor momento para ampliar o negócio.

— Talvez não tenhamos outra oportunidade. Se não nos mexermos, o Winegard comprá-lo-á.

Danny sabia que Vern Winegard era ambicioso. Queria mandar em Las Vegas e o Grupo Winegard já tinha três grandes hotéis na Strip. Se Vern comprasse o Starlight, só o velho Lavinia se interporia entre as suas propriedades e o Casablanca.

— Não poderíamos expandir-nos para o norte — alegou Danny.

Dom sorriu.

— Não sabia que íamos expandir-nos para o norte.

Danny encolheu os ombros e também sorriu. Tinha a certeza de que Dom aceitaria. Eram jovens com impulso, empresários capazes, e não se tinham envolvido naquele negócio para se conformar com o que tinham.

Mas também eram precavidos, conservadores.

A sua mãe arqueou uma sobrancelha.

Naquela noite, enquanto jantavam em sua casa, ouviu a ideia de Danny e perguntou:

— Não te basta um hotel?

Danny olhou fixamente para ela.

— Não. Não me basta.

Sabia o que Madeleine estava a pensar. Que o seu filho, a quem durante tanto tempo faltara a mínima ambição, que sempre se conformara com sobreviver, agora queria... mais.

O que também o surpreendia um pouco. Nunca se considerara especialmente ambicioso, era apenas um tipo que tentava sobreviver

num mundo que costumava estar contra ele. Já ganhara muito mais dinheiro do que alguma vez imaginara; os últimos milhões, honestamente, até certo ponto. Podia deixar dinheiro em herança ao seu filho e a sua empresa era legal, que era o que queria. Isso devia ter sido suficiente.

Mas não era.

«Suficiente» é um conceito que não existe em Las Vegas, uma cidade desmesurada onde demasiado nunca é suficiente, onde o sucesso equivale a excesso e quanto mais se tem, melhor.

Tens um reino, pensou Danny, e queres um império.

— Conta comigo — disse Madeleine.

Madeleine McKay sabia alguma coisa sobre edificar impérios. Ela, que fora criada na indigência de um parque de caravanas de Barstow, chegou a Las Vegas para ser *showgirl* e serviu-se da sua beleza para criar uma carreira de triunfo como investidora, angariando primeiro influência e depois poder.

Sabia o que era aspirar a mais.

Danny convocou os seus sócios para uma reunião e apresentou-lhes o seu plano para o Shores.

— O Shores? — perguntou Jerry. — Mas estamos no deserto[1].

— Exato — disse Danny. — Sabem o que costuma acontecer quando vamos de férias para a praia? Está sempre mau tempo. Gastamos mil dólares para passar uma semana na praia e chove. Pelo contrário, no deserto, está sempre sol.

— Sol temos — disse Jerry. — E também areia. O que não temos é mar.

— Construímo-lo — respondeu Danny.

Expôs-lhes a sua visão.

— Chegamos ao hotel — disse. — E qual é a primeira coisa que vimos à nossa frente, mesmo antes de entrar? Ondas. O mar. Uma água azul linda, a balançar à nossa frente. O empregado que arruma

os carros leva o nosso carro e nós andamos por uma faixa de areia ladeada de palmeiras que atravessa a água, até ao *hall* decorado em azul e verde, os tons do mar. À nossa frente há um aquário gigantesco, peixes lindos de mil cores e de repente vemos...

Fez uma pausa dramática, até que Dom perguntou finalmente:

— O quê? O que vês?

— Tubarões — disse Danny.

— *Animatronics*, queres dizer? — perguntou Jerry.

— Não, tubarões a sério. Perigosos. Excitantes. Imprevisíveis. Como o jogo. Assim, ficamos ambientados mesmo antes de fazer o *check-in* no hotel.

Depois, descreve-lhes o resto.

Quatro piscinas nas traseiras, rodeadas de areia, como na praia: uma para relaxar; outra com ondas suaves para os hóspedes com crianças; outra com ondas maiores.

— Haverá pranchas de surfe. E monitores. Poderá aprender-se a surfar. E, já sabes, poderá praticar-se: ondas perfeitas que chegarão de quatro em quatro, vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. O paraíso para um surfista.

A quarta piscina, a situada mais ao fundo, estará dentro de uma gruta enorme. Grandes rochas, grutas pequenas escondidas por trás de cascatas. As crianças terão o acesso proibido. Tempo para a mamã e para o papá.

— Pensem — disse Danny. — O voo para o Havai dura seis horas e isso da Costa Oeste. O Taiti fica a nove horas. Podemos oferecer às pessoas essa experiência com três horas de avião no máximo, por muito menos dinheiro e com bom tempo garantido. E, além disso, poderão apostar.

— Qual é o principal problema que os pais têm quando vêm para a cidade? — indicou Dom. — O que fazer com as crianças quando querem fazer alguma aposta. Deste modo, poderão deixar o Bobby e a

Cindy na piscina infantil, porque teremos amas e nadadores salvadores qualificados, e ir às máquinas e às mesas de jogo.

— Coisa que não podem fazer na Disney World — indicou Danny.

— Qual é a previsão de custos? — perguntou Jerry.

— Quinhentos e cinquenta milhões.

Depois de uns segundos de silêncio espantado, Dom desatou a rir-se.

— E nós a pensar que o Dan estava demasiado concentrado nos detalhes.

Que coragem que tiveste, pensa Danny agora.

Tinhas uns bons tomates, eh?

De onde raios achavas que ias tirar quinhentos e cinquenta milhões de dólares?

[1] Shore, «costa», «litoral». (*N. da T.*)

Lembra-se do seu encontro com Pasco.

Oferecera-se para ir à Florida, mas Pasco tinha vontade de ir a Las Vegas, «pelos velhos tempos». Como não podia deixar-se ver dentro do casino, encontraram-se no Piero's, um emblemático restaurante italiano frequentado pelos entendidos de Las Vegas. Era irónico, claro, que Pasco não pudesse pisar num hotel que ajudara a reformar, mas não fez nenhum comentário a respeito disso.

— Portanto, esta é a «nova Las Vegas» — comentou. — Quase não a reconheço. Frankie Sinatra, o *Rat Pack*, Momo Giancana e todos eles... Já não estão cá. Esses tempos acabaram.

— Parece-me que sim.

— Não, é bom. Tinha de acontecer. Mas o teu pai adorava a cidade como era antes. Aqui, conheceu a tua mãe.

Danny sorriu.

— Conheço essas histórias.

Madeleine estava casada naquele momento com Manny Maniscalco; tinham o que agora se chamaria um casamento aberto. Marty Ryan foi à cidade para fazer um encargo de Pasco, conheceu-a num bar e tiveram uma aventura matinal apaixonada. Deixou-a grávida e Manny fartou-se e expulsou a sua mulher de casa. Madeleine foi para Nova Iorque para ter Danny e, uns meses depois, apareceu em Providence e deixou-o nos braços de Marty. «Toma, fica com ele.»

No restaurante, Danny olhou para Pasco. O chefe envelhecera. Continuava a estar muito moreno, mas emagrecera e o seu cabelo branco recuara ainda mais, afastando-se da testa. Os músculos fibrosos dos seus braços ainda eram fortes, mas a sua pele tinha um aspeto de

papel enrugado.

— O velho Scheherazade... — disse. — Eu fui dono de uma parte, sabes?

— Não.

— Foi há muito tempo — acrescentou Pasco. — Uns tipos de Nova Inglaterra e eu investimos algum dinheiro. E agora volto a ter uma parte. Como é a vida, eh? — Bebeu um gole do seu chá com gelo e comeu uma trinca de *linguini alle vongole*. — De que querias que falássemos, Danny? Porque vim?

Danny falou-lhe da sua ideia para o Shores.

Pasco continuou a comer enquanto o ouvia, sem o interromper, e quando Danny acabou, disse:

— Quinhentos milhões? Ninguém que eu conheça tem tanta massa.

— Vou pedir aos bancos.

— Os bancos não gostam dos casinos.

— As coisas estão a mudar — indicou Danny. — Acho que consigo fazer a proposta.

Pasco ficou a olhar para ele por um instante. Com os seus famosos olhos pálidos. Uns olhos que, como Danny bem sabia, tinham sido a última coisa que mais de uma pessoa vira.

— Portanto, queres recorrer aos bancos e dar o Casablanca como... como lhe chamam agora? Como caução.

Danny assentiu.

— Podíamos criar uma nova sociedade para o Shores, mas duvido que os bancos o engulam.

— Então, se o teu projeto fracassar — disse Pasco —, tu perdes o teu hotel e eu perco o meu investimento.

— Sim. Mas não vai fracassar.

— Sabes quem disse isso mesmo? O Benny Siegel.

— E tinha razão — respondeu Danny. — O Flamingo acabou por ser

um grande sucesso. Foi o início de tudo isto.

— Mas ele não viveu para o ver.

— Eu viverei.

— Não estou a ameaçar-te — disse Pasco. — Esses tempos também acabaram. Se fracassares, será com os bancos com quem terás problemas, não comigo.

— Então, parece-te bem?

Pasco fez um gesto ao empregado e traçou um pequeno círculo com o dedo indicador para pedir um *espresso*.

— Isso diluirá o meu investimento na empresa.

— Tens razão — disse Danny —, mas, embora a tua participação seja mais pequena, ganharás muito mais.

A dúvida de sempre, pensou. O que é melhor: ter uma parte grande de algo pequeno ou uma parte pequena de algo grande?

— Pasco, podemos ficar como estamos e continuar a ser pequenos. Todos estamos a ganhar dinheiro, as coisas estão bem assim. Mas queremos ser sempre pequenos, estar sempre à margem enquanto as pessoas de Wall Street estão no centro? Estamos a falar de riqueza hereditária, de uma oportunidade de esquecer para sempre os negócios ilegais.

— Ou seja, esse é o teu verdadeiro motivo — disse Pasco.

— Não te entendo.

— Queres livrar-te do dinheiro sujo.

É verdade, pensou Danny. Meditara nisso: o dinheiro sujo, o dinheiro da máfia, o dinheiro procedente da delinquência, constituía uma parte importante da empresa. Mas se recorressem aos bancos para conseguir centenas de milhões, diluir-se-ia. Se se puser uma colher de terra num copo de água, obtém-se água suja. Se se puser no mar, nem se nota.

— Deixa-me dizer-te uma coisa, jovem Ryan — disse Pasco. — Não há nem nunca houve dinheiro limpo ou sujo. Só há dinheiro. Se achas

que o dinheiro de Wall Street está impecável, tens muito a aprender.

Danny sabia que não devia responder. Conhecia Pasco de toda a vida, já se davam quando ainda era o chefe de Nova Inglaterra, antes de se reformar na Florida. Sabia que ainda tinha vínculos com os chefes de todas as famílias mafiosas do país, talvez até da Sicília. Sabia, em todo o caso, quando devia falar e quando devia calar-se.

E naquele momento ficou calado.

Trouxeram-lhes o *espresso*. Pasco pôs-lhe um torrão de açúcar e mexeu-o. Provou-o, deu-lhe a sua aprovação e depois disse:

— Se investimos em ti foi por uma razão, Danny. Para deixar para trás o passado e adaptar-nos aos novos tempos. Se esta é a tua forma de o fazer, então, *che Dio vi benedica*.

Danny não precisava da bênção de Deus, mas da de Pasco. Para recorrer aos bancos e diluir o capital da máfia.

Não foi fácil.

Pasco tinha razão; os bancos de investimento de Nova Iorque receavam a indústria do jogo. Sobretudo, a de Las Vegas, desde que Atlantic City abrisse mesmo ao lado e o jogo estava a espalhar-se para todas as reservas de nativos americanos. Antes, as pessoas tinham de ir de avião para Las Vegas para jogar. Agora, quase todos viviam a menos de duas horas de carro de um casino.

Danny argumentava que aquele seria o primeiro hotel-casino em que os quartos, a comida e o entretenimento dariam mais lucros do que o jogo. As pessoas iriam ver os tubarões, tomar banho na praia e fazer surfe. E, pelo meio, jogariam nas *slot machines* e sentar-se-iam às mesas.

Não expunha esses argumentos pessoalmente, mas através de Dom e Jerry, que eram os que iam aos bancos. Era demasiado arriscado ser ele a dar a cara, como estava envolvido no fedor do crime organizado, embora esse fedor fosse mais ténue a cada ano que passava.

E Dom e Jerry faziam-no muito bem, com o seu aspeto e a sua seriedade do Centro-Oeste, o seu historial sólido de sucessos

empresariais, a sua sensatez e essa sua atitude tão pouco dada às tolices e às destrezas.

Madeleine encarregava-se de lhes abrir as portas, dado que conhecia um sem-fim de banqueiros, gestores de fundos de alto risco e corretores da Bolsa, mas, quando Dom e Jerry entravam por essas portas, apropriavam-se da sala.

Arrasavam.

Conseguiram reunir os quinhentos milhões, em grande parte graças à previsão de Danny de que o Shores daria vinte e dois por cento de rentabilidade sobre o investimento.

Mas conseguir o capital era uma coisa e construir o Shores outra bem diferente.

Danny envolveu-se em todos os aspetos da construção, desde o desenho arquitetónico até à forma dos puxadores das gavetas. Tinha de se fazer depressa, a tempo e sem sair do orçamento, e os proprietários dos outros hotéis observavam tudo e riam-se, esperando que o Grupo Tara desse uma boa queda para assim continuarem a rir-se um pouco mais.

Ninguém vira nada igual, porque não existia.

Chegava-se ao aeroporto McCarran, em pleno deserto, entrava-se num carro e, em dez minutos, estava-se na Polinésia.

Sem a humidade nem os insetos.

Sem vistos nem passaportes.

Atravessava-se a passarela de areia que cruzava o «oceano» da parte da frente. As ondas suaves chegavam até nós, refrescando-nos com os seus salpicos e, então, entrávamos no *hall* com ar condicionado e víamos os tubarões.

Os tubarões de Danny.

Meu Deus, recorda agora, como lhe custou conseguir a licença para o tanque dos tubarões! Diante de quantas comissões e conselhos tiveram de falar e quantos relatórios e estudos de impacto ambiental

tinham tido de pagar, saltando sempre de aro em aro, de trâmite burocrático em trâmite burocrático.

Salta, Danny, salta.

Os outros queriam dar-se por vencidos. «Danny, esquece a merda dos tubarões. Procuramos uns peixes tropicais bem grandes e acabou.»

É o meu hotel, pensava Danny, não um restaurante chinês. Ninguém quer ver peixes. Mas virão ver tubarões.

Jerry propôs que contratassem advogados, que lhes pusessem fatos de neopreno e os fizessem nadar pelo tanque.

— E, além disso, onde vamos comprar os tubarões? — perguntou Dom, no meio de tudo aquilo. — Podem comprar-se tubarões? Ou seja... há, não sei, protetoras de tubarões que lhes procuram um bom lar?

Afinal, havia. Os aquários públicos tinham um excedente de tubarões e, através deles e de alguns fornecedores privados, o Tara conseguiu comprar quatro tubarões-tigre.

Danny pôs nome a três — Presa, Fauces e Barbatana — e deixou que Ian batizasse o quarto. O seu filho pensou por um instante e depois disse:

— João.

— João?

— João, o tubarão — respondeu Ian, como se fosse evidente.

E ficou João, o tubarão.

Danny lembra-se da noite em que se inaugurou o Shores.

Estava tão nervoso que pensou que ia vomitar.

Mas, no fim, correu tudo bem; como um peixe na água. Ele ficou discretamente em segundo plano enquanto Dom e Jerry faziam discursos e recebiam aplausos, e não sentiu nenhum ressentimento, só orgulho e uma satisfação serena por ter tornado tudo aquilo possível.

Durante o seu primeiro ano de existência, o Shores ganhou duzentos milhões de dólares. Encheu-se, com uma ocupação de 98 por cento, e

assim continua desde a sua abertura.

Os banqueiros estavam contentes.

E Dan Ryan transformou-se numa lenda.

Porque, no negócio do jogo, toda a gente importante sabia quem estava por trás de Dom Rinaldi e Jerry Kush; sabia que, por muito competentes que eles fossem, Danny era a força motriz do Grupo Tara.

Os outros donos de casinos sabiam.

Os banqueiros sabiam.

E Vern Winegard sabia.

Que raios, certamente até o Conselho de Controlo do Jogo sabia e fazia vista grossa porque Danny criara uma enorme máquina de fazer dinheiro no Nevada, que atraía milhares de turistas e ainda por cima era irrepreensível.

Sem artimanhas.

Sem mafiosos a rondar por ali.

E sem violência.

O Shores era um hotel familiar.

Danny tentava fazer com que o pessoal de segurança mantivesse as prostitutas afastadas, com que identificasse até as mais refinadas e elegantes, e as convidasse amavelmente a sair e a não voltar. Tinha empregados à paisana que se faziam passar por clientes solitários e, se uma prostituta se aproximasse, mostravam-lhes discretamente a saída.

Espalhou-se a notícia: tentar prostituir-se no Shores era uma chatice e uma perda de tempo.

Com isso, Danny perdeu alguns clientes que procuravam esse tipo de ação, mas não se importou. O seu hotel estava a encher-se de clientes judiciosos que, além disso, deixavam o dinheiro nas máquinas e nas mesas de jogo.

O Shores não dava vinte e dois por cento de lucro.

Dava vinte e cinco.

Já ninguém se ria de Dan Ryan e dos seus tubarões.

Então, porque não sou feliz?, pergunta-se agora, incapaz de dormir.

Por volta da uma da madrugada, mexe-se na cama, pega no telemóvel. E liga a Dom.

— Acordei-te?

— Não, o telemóvel tocou e tive de o agarrar — responde Dom. —
O que se passa?

Danny diz-lhe.

— Quero comprar o Lavinia.

Providence, Rhode Island

1997

Marie Bouchard atende o telefone e ouve:

— Temo-lo.

— Quem? — pergunta.

— O Peter Moretti Júnior.

Quase lhe cai o copo de poliestireno com café rançoso que tem na mão esquerda.

— Onde?!

— Na Florida — responde Elaine. — Em Pompano Beach. O xerife do condado de Broward deteve-o.

— Santo Deus — diz Marie.

Passaram seis anos à procura de Peter Júnior, desde a noite em que assassinou a mãe e o padrasto na sua casa de Narragansett.

Para Marie, procuradora principal do escritório do procurador-geral de Rhode Island, foi um afã constante, uma obsessão, uma missão quase sagrada. O crime foi horripilante. Moretti, um *marine* acabado de regressar do Iraque, praticamente decapitou Vinnie Calfo, disparando com uma espingarda, depois foi para o quarto e matou a sua mãe com um tiro na barriga e outro na cabeça.

— Como o encontraram?

— Estava no estacionamento de uma loja de conveniência, completamente drogado — diz Elaine. — O empregado chamou a polícia e pediram-lhe a documentação. E bingo!

Mais vale ter sorte do que ser bom, pensa Marie.

Levara o caso muito a peito.

Ofendia-a moralmente.

Um matricídio?

Assassinar a sua própria mãe?

Além de matar um filho — e infelizmente também teve casos assim —, não lhe ocorre nada pior.

Se em Rhode Island houvesse pena de morte, pedi-la-ia. Tal como estão as coisas, acha que consegue fazer com que o jovem Peter apanhe prisão perpétua sem possibilidade de liberdade condicional, embora o cabrão mereça algo pior.

Apanhará prisão perpétua pelo assassinato de Celia Moretti, embora talvez não pelo de Calfo que, no momento do seu falecimento súbito, era o chefe do que restava da máfia de Nova Inglaterra e os jurados costumam ser mais indulgentes se a vítima for um mafioso.

Consideram-no ossos do ofícios.

Em todo o caso, não importa, diz-se Marie.

Quantas prisões perpétuas podem cumprir-se? Tanto faz que as penas sejam simultâneas ou consecutivas, a questão é que Peter Júnior vai para a prisão o resto da vida.

Marie tem-no bem agarrado.

Impressões digitais, pegadas nas manchas de sangue e ADN por todo o lado.

Além de uma testemunha ocular.

O crime não foi um ato de um cérebro criminoso, por assim dizer. Peter Júnior não só se identificou ao segurança da entrada, como também as câmaras de vigilância o filmaram a aproximar-se da casa com uma espingarda na mão.

E captaram a matrícula do carro, por isso, poucas horas depois do assassinato, a polícia estatal de Rhode Island deteve Tim Shea, outro *marine*, que confessou ter levado Peter de carro ao local do crime.

Enfrentando provas irrefutáveis, e quando Marie lhe explicara que também podiam acusá-lo pelos dois homicídios, Tim declarou-se culpado de duas acusações de cumplicidade que representavam uma pena de dez anos para cada uma e entrou no ACI, o complexo penitenciário de Rhode Island, um edifício de pedra cinzento onde ainda está preso.

Sem dúvida, pensa Marie, sente rancor pelo seu antigo amigo por o ter deixado arcar com as culpas. Isso e a possibilidade de lhe reduzirem a pena, bastará para que testemunhe contra Peter Júnior. E o seu depoimento a descrever o crime consta dos registos, de qualquer forma.

Marie Bouchard não perde nenhum julgamento.

Isso é um facto.

Para começar, tanto por razões éticas como profissionais só escolhe casos que sabe que pode ganhar.

— Se não tivermos a certeza de que conseguimos convencer o júri — diz aos seus colaboradores —, não temos a certeza de que temos razão. Se não temos a certeza de que o suspeito é culpado, não faz sentido levá-lo a julgamento.

É, além disso, muito meticulosa. Antes de empunhar o martelo, quer que todos os pregos estejam bem postos no caixão. Mas quando finalmente o empunha, cuidado. Os seus interrogatórios são tão eficazes como impiedosos, como demonstra aquele momento lendário no princípio da sua carreira, quando um ladrão de carros, que a partir de então seria conhecido como OK Johnson, se rendeu durante a sua ronda de perguntas e choramingou: «Ok, ok, fui eu».

E os jurados adoram-na.

Talvez porque Rhode Island é um estado profundamente católico e ela antes era freira.

Proveniente de Woonsocket, uma cidade industrial de maioria franco-canadiana, embora na época em que ela veio ao mundo quase todas as fábricas se tivessem mudado para o sul. Cresceu a falar

francês e inglês, e era uma menina aplicada e devota que sempre aspirou a algo melhor do que ser dona de casa num lar lastrado pelo desemprego, a desilusão e o desespero. Com os seus recursos limitados, não teve outra saída senão a igreja e, visto que não podia tornar-se padre, ingressou nas Irmãs da Misericórdia.

Queria contribuir para mudar as coisas e pensou que uma freira podia fazê-lo.

Tinha razão, até certo ponto.

Matriculou-se na Universidade Salve Regina e fez a sua formação em docência. Era uma professora fantástica e a sua influência foi importante para os alunos de cinco turmas da secundária.

O que era muito bom, mas não era suficiente.

De modo que pediu uma licença e matriculou-se em Direito na Universidade de Providence, licenciou-se, passou à primeira no exame de acesso à ordem e pendurou os hábitos.

Não porque perdera a fé — ainda professa as suas crenças católicas —, mas porque a hierarquia eclesiástica — em concreto, um bispo — pensou que a toga lhe subira à cabeça, especialmente no que dizia respeito ao julgamento de um padre acusado de abusos sexuais.

Perante a alternativa de deixar o caso ou abandonar a ordem, escolheu a segunda hipótese.

Era difícil fazer parte do escritório do procurador-geral, onde os homens eram a maioria e imperava a testosterona, mas Marie Bouchard era dura. Sabia que não era mau para ela ser pequena e bonita, ou seja, ter um aspeto um pouco menos ameaçador, embora também fosse sarcástica, divertida e simplesmente boa no que fazia.

À base de esforço, foi promovida a procuradora principal.

O júri lia veredicto atrás de veredicto a seu favor.

Ao princípio, recebeu suscitar a sua rejeição por ter deixado a Igreja, mas parecia que gostavam dela, confiavam nela, acreditavam nela (uma freira mentiria?). Depois de um julgamento muito divulgado, um

cartunista do *Providence Journal* fez-lhe uma caricatura, que ainda pende na parede do seu escritório, em que aparece a interrogar uma testemunha com uma régua na mão. Já ganhara tantos julgamentos que a sua sala era conhecida como o Tribunal da Madre Superiora.

Marie Bouchard tornou-se famosa em Rhode Island.

Soror Átila, chamavam-lhe.

A Irmã da Imisericórdia.

Até agora, a única mancha no seu historial era a sua incapacidade de levar o assassino de Celia Moretti à justiça.

E está prestes a apagá-la.

Peter Moretti Júnior está sentado num calabouço.

Totalmente fodido, completamente lixado.

Passar pela abstinência num centro de reabilitação de Malibu é uma coisa; passar pelo mesmo no chão de cimento de uma cela, outra muito diferente. Treme, vomita, dói-lhe tudo e não pensa no seu futuro, o que certamente é uma sorte, porque não tem nenhum.

Porque é culpado, culpado sem sombra de dúvidas.

Não de um homicídio, mas de dois.

Ter matado Vinnie Calfo não lhe pesa tanto. Afinal de contas, Calfo matou o seu pai, deu-lhe um tiro na banheira, quando estava indefeso.

Mas a sua mãe?

Sim, isso pesa-lhe, embora a sua mãe tivesse dado aprovação para o assassinato. Peter descobriu que estava a ter um caso com Vinnie há algum tempo, e também culpava o seu pai pelo suicídio da sua irmã.

Que puta de família a minha, pensa agora, enquanto abraça o corpo e se balança.

As lembranças são brutais.

Embora talvez não sejam completamente lembranças, porque parece que estão a acontecer agora mesmo, uma e outra vez. A cara da minha

mãe, os seus olhos suplicantes, ela a dirigir-se para mim. O seu ventre rasgado, a barriga de onde saí, onde me carregou, aberta de par em par, e as tripas a espalhar-se enquanto cai apoiada na parede e olha para mim, boquiaberta.

Peter levanta-se e começa a dar cabeçadas contra a parede.

Cada vez com mais força, tentando partir o crânio.

Rebentar os miolos.

Os guardas acodem a correr.

Seguram-no.

Amarram-no a uma cadeira de imobilização.

Oxalá cheguem depressa os polícias de Rhode Island e levem este tarado.

— Mentira — diz Marie. — Tenta fazer-se passar por louco.

— Tu não vieste com ele no avião — responde Elaine. — Esteve catatónico todo o trajeto.

— Está a fingir.

Elaine encolhe os ombros e isso faz Marie hesitar. Elaine Wheeler é a melhor investigadora com quem trabalhou e ela confia no seu instinto. Portanto, é possível que Peter Júnior esteja, com efeito, mal da cabeça e que agora seja um drogado.

Antes não era.

Era um *marine* condecorado.

Compos mentis. Em pleno uso das suas faculdades mentais.

Olha pela ranhura da porta da sala de interrogatórios, onde Peter está sentado com os pulsos algemados à mesa e grilhões nos tornozelos. Usa o fato-macaco cor de laranja habitual, com o qual até a Madre Teresa pareceria culpada.

— Pronta? — pergunta Elaine.

— Há seis anos que estou pronta.

Marie entra.

Peter Júnior rejeitou a presença de um advogado.

O que é sempre um erro grave.

Um erro de novato que os delinquentes profissionais nunca cometem. Eles calam-se e deixam que os seus advogados falem, para dizer basicamente: «Mostrem-nos que provas têm e ver-nos-emos no julgamento».

Peter começa assim:

— Não temos nada de que falar. Quero confessar.

— Então, temos de falar de muitas coisas — responde Bonnie Dumanis, a agente de homicídios, que olha para ele do outro lado da mesa. — Tem de nos explicar tudo com detalhe.

Bonnie é relativamente nova no caso, os inspetores que se encarregaram das primeiras diligências já se reformaram.

Marie observa, sentada num canto da sala.

— O que querem que vos diga? — pergunta Peter Júnior. — Fui eu.

E é só isso, pensa Marie. Peter confessa, declara-se culpado e não haverá julgamento, só uma audiência para ditar a sentença, em que ela tenciona pedir a pena máxima para ambas as acusações.

— Conte-nos o que se passou — diz Bonnie. — Começando pela sua chegada de carro à casa. Foi lá com intenção de matar...

Marie ouve gritos no corredor e depois golpes na janela.

— Parem! Parem! Não lhe façam mais perguntas!

Levanta-se, abre a porta e vê exatamente o que não queria ver.

Bruce Bascombe.

Alto e magro como um palito, com o cabelo branco penteado com risco ao meio e uma trança comprida que lhe cai pelas costas (coisa

que, por alguma razão, sempre deixou Marie nervosa). Usa fato preto, camisa azul com o colarinho desabotoado e ténis brancos.

Bruce Bascombe é o melhor advogado criminalista de Rhode Island. Talvez de toda a Nova Inglaterra.

Ou até do mundo.

— Marie — diz —, não façam mais perguntas ao meu cliente.

— Ao teu cliente? Desde quando?

— A partir de agora mesmo.

— Recusou-se a ser representado por um advogado — responde ela.

— Não está em condições mentais para tomar uma decisão informada. E, em todo o caso, contrataram-me para o representar.

— Quem?

— Não tens o direito de saber. Agora, quero falar com o meu cliente.

— Eu não sei se é o teu cliente — replica Marie. — Ele tem de mo dizer.

— Bom, vamos entrar e deixar que to diga.

Entram na sala.

— Peter — diz Bruce —, o meu nome é Bruce Bascombe, sou advogado. Contrataram-me para te representar. Queres que seja o teu advogado?

— Não quero um advogado — responde Peter Júnior. — Só quero que isto acabe de uma vez.

— Até à próxima, Bruce — diz Marie. — Vá lá, adeus.

Sorri-lhe.

— Marie, surpreende-me e horroriza-me que estejas a interrogar oficialmente um suspeito que está num estado de alienação tão evidente. Ambos sabemos que qualquer juiz atirá o que tirares daqui para o lixo, juntamente com o jornal de ontem. Seria bom para ti se tivesse um advogado.

— Eu sei o que é bom para mim, obrigada.

— Quero falar um momento com o senhor Moretti.

— Peter — pergunta Marie —, quer falar com o senhor Bascombe?

— Está bem — responde.

Merda, pensa Marie.

— Vou precisar de uma sala — diz Bruce —, sem câmaras nem equipamentos de gravação. Embora pareça o contrário, isto não é a Rússia estalinista.

— Podem ficar aqui. Suspendemos a gravação.

— Confio em ti, Marie.

— Que emoção.

Sai com Bonnie.

— O Peter é um drogado que estava a rondar pelo estacionamento de uma loja de conveniência — diz Elaine. — De onde tirou dinheiro para contratar o Bruce Bascombe?

— A sua irmã herdou a casa de Narragansett — responde Bonnie. — Talvez tenha sido ela a entrar com o dinheiro.

— Ou talvez o Bruce o faça de graça — diz Marie. — O caso vai ter muita repercussão. E o Bruce adora as câmaras. É pior do que o Jesse Jackson.

— Achas que o Peter o aceitará? — pergunta Elaine.

Marie encolhe os ombros.

— É apenas um contratempo.

Mas está preocupada.

Bruce aproxima uma cadeira e senta-se junto de Peter.

— Peter, o Pasco Ferri enviou-me. Sente-se mal por te ter abandonado e quer dar-te uma ajuda. Vais deixar que te ajude?

— Sou culpado — responde Peter.

— Tu não sabes, literalmente, o que significa «culpado». E não quero voltar a ouvir-te a dizer isso. Enfim, não posso prometer-te nada, não há garantias, mas, se trabalharmos lado a lado, há muitas possibilidades de te livrares disto algum dia. O que posso prometer-te e garantir-te é que, se não trabalharmos juntos, vais passar o resto da tua vida atrás das grades. És jovem, Peter. Isso é muito tempo.

— O tio Pasco enviou-te? — pergunta Peter Júnior.

— É verdade.

— E quem vai pagar-te? Porque eu não tenho dinheiro.

— Depois tratamos disso.

Peter hesita.

— Mas fi-lo.

— Repito-te — diz Bruce —, que, num sentido jurídico, tu não sabes o que fizeste ou não fizeste. E aconteça o que acontecer, mereces a melhor defesa possível, e é para isso que estou aqui.

— Está bem.

— Está bem, então represento-te?

Peter Júnior assente com a cabeça.

— Preciso de te ouvir a dizê-lo.

— Sim, representas-me.

Bruce levanta-se.

— Agora, vai acontecer o seguinte. Vão voltar à sala para retomar o interrogatório. Vou dizer-lhes que não vais responder a mais perguntas. Vão acusar-te de dois homicídios, vão processar-te e vão levar-te para a prisão. Como nenhum juiz vai deixar-te em liberdade provisória, habitua-te à ideia de estares na prisão até acabar o julgamento. Entendes?

— Sim.

— O mais importante é isto — continua Bruce. — A partir deste momento, não fales com ninguém senão comigo. Nem com a polícia, nem com a procuradora, nem com o teu colega de cela... especialmente, com o teu colega de cela. Entendido?

— Entendido.

— Ainda bem. E Peter... tudo vai resolver-se.

Peter Júnior volta a assentir.

Embora não acredite.

— Bom, conta-me, o que lhes disseste?

Marie senta-se a uma mesa à frente de Bruce.

— Muito bem — diz Bruce —, diz-me o que tens.

— Para começar — responde ela —, tenho uma confissão.

— «Fui eu?» — pergunta Bruce. — E o que fez? Não vos disse. Poderia ser tudo. Assaltou uma loja de bebidas? Roubou um carro? Vestiu-se de branco embora já não fosse verão? «Quero confessar». Repito, o quê?

— O assassinato de Vinnie Calfo e de Celia Moretti.

— Isso dizes tu — responde Bruce. — E embora consigas de alguma forma vender essa suposição ao juiz, farei com que a rejeite alegando o seu estado mental. Direi que houve coerção. A sério, Marie, tendo em conta a tua trajetória pessoal, esperava que fosses mais compassiva.

— É por isso que não pode confiar-se nos estereótipos — replica ela.
— Por exemplo, tendo em conta o teu aspeto, eu esperaria que fosses, não sei, *cheyenne* ou *sioux*, talvez, não o típico branco anglo-saxão e protestante, como és.

— Não quero que os nativos americanos caiam no esquecimento. E o meu cliente não estava em condições de fazer um depoimento.

— Só tentas alegar incapacidade mental como base da tua defesa.

— Há antecedentes de doença mental na sua família. A sua irmã mais nova cortou as veias. E, além disso, não vou alegar que está louco. Vou fazer com que o absolvam.

Marie ri-se.

— Abusaste com as acusações — diz Bruce. — Assassinato em primeiro grau? Vá lá.

— Foi premeditado — responde Marie. — O Peter foi a essa casa com a intenção de matar.

»Timothy Shea testemunhará que levou Peter à casa de carro, armado com uma espingarda, com o propósito rápido de matar Calfo e Moretti. Testemunhará, além disso, que viu Peter a dar o tiro que acabou com a vida de Calfo. E que a seguir ouviu outro tiro e viu Peter a descer as escadas a correr, salpicado de sangue, do quarto onde Celia Moretti morreu.

»Testemunhará que, no carro, Peter gritou «O que fiz?! O que fiz?!». Que destruíram a espingarda e que a atiraram ao mar em Harbor of Refuge antes de irem...

Marie adora esta parte:

— À casa de verão de Pasco Ferri. Porque fizeram isso, Bruce? Porque foram ali? Do que é que o Peter e o Pasco falaram? O Peter disse-lhe que acabava de matar o Calfo e a Moretti? Intimá-lo-ei para lhe perguntar. E tu não podes representar o Ferri: conflito de interesses.

Ao ver a cara de Bruce, compreende que foi Pasco que o enviou

para defender Peter.

Marie expõe-lhe o resto do caso.

O cliente de Bruce esteve no local do crime, fugiu dele e confessou a sua culpa; isso é o que tem. Tem impressões digitais, pegadas e ADN. Tem o segurança, que identificará Peter. Em suma, tem Peter agarrado pelos tomates.

— Portanto, se quiseses fazer um acordo, Bruce — conclui —, este é o momento.

Marie acha que sim, que quer fazer um acordo. Acha que Ferri o mandou para resolver o assunto o quanto antes. A Bruce não lhe convém ir dizer a Pasco que haverá julgamento e que terá de depor.

— Vais fazer-me uma oferta? — pergunta Bruce.

— Se o Peter se declarar culpado das duas acusações, não pedirei prisão perpétua sem possibilidade de liberdade condicional.

— E o que importa isso, tratando-se de um duplo homicídio? — replica Bruce. — Mesmo assim, morrerá na prisão.

— Exato.

— Isso é muito duro.

— Matar a tua mãe é muito duro.

— Mas irrelevante.

— Um júri não pensará assim — responde Marie.

— És muito boa. Porque não deixas esta máquina de fabricar reincidentes e vens trabalhar comigo? Faz algum bem, para variar.

— Conformo-me com prender mafiosos, esse é todo o bem que quero fazer.

— É disso que se trata? — pergunta Bruce. — Se não fosse a família Moretti, serias tão rigorosa? Por amor de Deus, esse rapaz nunca fez parte do negócio familiar, era um *marine*.

— Sim, sim, é o Al Pacino, não é?

— Se reduzires a acusação de assassinato em segundo grau, farei

com que se declare culpado.

— Dez anos de condenação? — pergunta Marie.

— Por cada acusação. Se cumprir vinte, ainda poderá viver um pouco.

— Tal como a Celia Moretti pôde viver?

— Mandou matar o seu marido — responde Bruce. — Vá lá, assassinato em segundo grau e poderemos ir os dois para casa e acabar com isto de uma vez.

— E o Pasco Ferri ficará contente.

— Então, combinado?

— Vou dizer-te qual é o acordo — diz Marie. — O teu cliente pode declarar-se culpado de duas acusações de assassinato em primeiro grau ou podemos ir a julgamento.

— Freiras... — diz Bruce.

— Sim, começa a aceitá-lo.

Hippie não reformado, índio de andar por casa, idiota moderno, fantoche, filho da mãe com trança.

Cathy Palumbo discute sobre o preço do atum.

— Cinco e noventa e cinco, meio quilo? — pergunta. — Não posso ganhar dinheiro a cinco e noventa e cinco por cada meio quilo. Perco dinheiro com cada prato que sirvo.

— Aumenta os preços — responde Gig.

— Se aumentar os preços, não posso competir.

— O que queres que te diga? É o que há, Cathy.

— Em Bayside, têm-no a quatro e cinquenta.

— Então, compra-o a eles.

— Não vão vender-mo, já sabes.

John Giglione sabe, sim. No negócio dos fornecimentos a restaurantes, todos sabem que Chris Palumbo e ele tinham um acordo exclusivo e ninguém vai tentar baixar o seu preço.

Tal como todos sabem que Chris convenceu John e mais alguns a investir num carregamento de heroína que acabou por ser apreendida pela polícia. Perderam todos o seu dinheiro e Chris desapareceu sem mais nem menos.

Há pessoas que acham que ficou com dez quilos de droga. Outros dizem que entrou no Programa de Proteção de Testemunhas. Outros, os mais caridosos, opinam que está morto. O facto é que desapareceu sem assumir as suas responsabilidades, deixando que Cathy lidasse com o problema. Desde então, metade dos mafiosos de Nova Inglaterra aproveitam-se dela para ir recuperando o seu dinheiro a pouco e pouco.

Ninguém conhece melhor essa realidade do que a própria Cathy.

Quando o seu marido fugiu, deixou-lhe o restaurante, um clube de *striptease*, uma lavandaria, uma oficina mecânica e um pouco de dinheiro em empréstimos com juros usurários. Alguns ex-colegas de Chris ofereceram-se para cobrar os empréstimos, mas devolveram a Cathy apenas alguns centavos por cada dólar e ficaram com o resto.

O que é que ela ia fazer?

Não tinha poder nenhum.

Não podia recorrer a Peter Moretti porque Chris estragara tudo com o assunto da heroína e, além disso, o chefe da família também tinha os seus problemas. Depois, mataram-no e Vinnie, o novo chefe, pouco se importava com o que lhe acontecia.

Exceto para recuperar o seu dinheiro.

— Deixa-me explicar-te uma coisa, Cathy — disse-lhe Vinnie. — O inútil do teu marido roubou um monte de massa a muita gente. Portanto, os negócios que deixou estão, como se diz, hipotecados.

Vinnie não fez nada por ela.

Portanto, Cathy começou a trabalhar.

Foi duro. Era a esposa de um mafioso e não sabia fazer quase nada, além de arranjar as unhas e maquilhar-se, cozinhar, tratar da casa e «manter a boca fechada a menos que fizesse mamadas», que era como o seu marido lhe descrevia o seu papel. Tinha de reconhecer, justiça seja feita, que gostava da sua vida. Não lhes faltava dinheiro, tinha uma casa bonita e Chris cuidava da sua família. O seu marido tinha amiguinhas, claro, mas como todos, e pelo menos ele era discreto.

Agora, pelo contrário, trabalha.

E, afinal, para quê?

O restaurante? Há homens que entram na marisqueira da praia, pedem uma barbaridade e depois vão-se embora sem pagar. Cobram-lhe a mais por tudo, desde as toalhas à comida, e ela é uma cliente cativa, não pode ir a outro sítio.

Sabia que parte desse dinheiro ia parar a Vinnie.

Então, mataram-no (melhor, que vá com Deus), ninguém ocupou o seu lugar e, desde então, tem sido um caos total.

Um desenfreio.

Todos pensam que têm o direito de se aproveitar dela.

O clube de *striptease*? Esquece. Os empregados de mesa bebem dois copos por cada um que servem, e o preço das bebidas é um roubo. As raparigas deviam ter de entregar metade do que ganham, mas os porteiros levam uma parte, além de mamadas grátis, e não lhe dão nada a ela.

A lavandaria? Sim, tem alguns clientes normais, mas a maioria são negócios do mundo da máfia que mandam as suas toalhas e a sua roupa branca para que as limpem a preços mais baixos, jurando que negociaram com Chris, e metade das vezes nem pagam.

A oficina mecânica? Fazem-na tirar as peças em bom estado dos carros e trocá-las por peças usadas. Traficam veículos roubados e usam a oficina para os desmantelar.

A aproveitar-se, sempre a aproveitar-se.

Há uma dúzia de tipos que dizem que Chris os extorquiou e que só estão a cobrar o que lhes deve.

Com juro elevados, os filhos da puta.

Todos os dias perco terreno, diz-se Cathy. Quanto mais corro, mais fico para trás. Por ela, fecharia tudo, trancaria a porta, não faria mais nada, e procuraria um trabalho normal, mas não a deixam.

Cathy, tens de pagar.

E assim vão continuar, a espremer os seus negócios até à última gota, só pararão quando estiverem à beira da falência, para assim poderem continuar a roubar.

E ainda por cima alguns desses cabrões têm outras ideias.

Como John Giglione.

— Cathy, talvez possamos chegar a um acordo, tu entendes.

Cathy olha fixamente para ele. Continua a ser uma mulher bonita;

ainda é jeitosa. É uma MILF, como dizem agora os rapazes. Sabe que os seus olhos azuis continuam a chamar a atenção e que o seu cabelo loiro, que lhe chega à cintura, é *sexy*, embora seja um pouco juvenil para a sua idade. O seu corpo continua a ser magro e esbelto. Sabe o que tem para vender.

Mas com John Giglione?

Com Gig?

Não é que seja mal parecido, para quem gosta de cabelo grisalho e encaracolado. É um desses tipos que se chamam a si próprios «raposa prateada». Mas tem o carisma de uma rocha subterrânea, alma de agiota e zero sentido de humor.

Digam o que disserem de Chris, era engraçado.

Fazia-a rir-se.

— Queres que foda contigo pelo atum? — pergunta a Gig. — E o que mais? Chupo-te pelas amêijoas? Bato-te uma punheta pelos calamares? Se quiser peixe-espada, suponho que tenha de deixar que me fudas o cu. Mas, ouve, porque não? É o que fazes, de qualquer forma.

— Que boquinha que tu tens — responde Gig. — Não é preciso ficares assim.

Não sei, pensa Cathy. Talvez devesse dar-me por vencida. Três destes parvalhões, no mínimo, ofereceram-se para se casar com ela, para cuidar dela. Talvez devesse ceder e dizer que sim a algum.

Sim, claro, pensa. Exatamente o que preciso, outro marido mafioso.

Que te lixes, Chris, estejas onde estiveres.

Suspira.

— E se ficarmos em cinco e cinquenta? Talvez isso sirva como um pouco de lubrificante, já sabes.

— Eu ponho todo o lubrificante que quiseres, querida.

Incrível.

— Então, cinco e cinquenta?

Como era de esperar, o seu filho Jake fica furioso quando vê a fatura.

— Foda-se, mãe, isto é demasiado.

— Não me digas.

— Como pudeste aceitá-lo?

É um bom rapaz, pensa Cathy. Adorava o seu pai e aceitou muito mal que se fosse embora. Depois, deixou a tristeza para trás e seguiu em frente. Foi para a Universidade de Rhode Island, mas parou no terceiro semestre porque não podiam pagar a matrícula e ele queria ajudá-la. Faz o que pode, mas não há grande coisa que possa fazer-se. Os credores de Chris vão destruir-lhes os negócios e não há mais nada a dizer.

— Mãe, não conseguimos aguentar estes preços — diz. — Não podemos cobrar doze dólares por um prato de atum.

— E o que queres que faça, Jake?

— Se o pai estivesse aqui...

Essa é a sua cantilena, o seu mantra, ultimamente.

Se o pai estivesse aqui, se o pai estivesse aqui, se o pai estivesse aqui...

Esqueceu a sua dor e o seu ressentimento e transformou Chris numa espécie de herói, como se em vez de os ter abandonado estivesse a lutar na Segunda Guerra Mundial ou algo semelhante.

Podia ser pior, pensa Cathy.

Peter Moretti matou a sua mãe.

Jake continua a insistir.

— Se o pai estivesse aqui...

— Bom, mas não está.

— Mas se estivesse...

Cathy explode. Talvez seja por causa do massacre quotidiano, por ter de nadar a contracorrente o tempo todo ou porque há oito anos que não tem sexo. Ou talvez seja pela merda do atum. O facto é que

atira com a caneta contra a mesa e grita:

— MAS NÃO ESTÁ!

Jake parece surpreso.

Mas ela não acabou.

— Sabes o que te digo, Jake? Se sentes tanto a falta do teu pai, porque não vais procurá-lo?

— Talvez o faça.

— Por mim, fá-lo.

— Vais ver que o faço!

— Muito bem!

Ele sai do escritório.

Ótimo, pensa Cathy, agora perdi o meu marido e o meu filho.

Cinco e noventa e cinco pelo atum...

O que Chris Palumbo odeia no Nebraska — na realidade, quase a única coisa que odeia no Nebraska — é o tempo.

O inverno no Nebraska não foi feito para os seres humanos. As temperaturas podem descer dezassete graus abaixo de zero e mal há árvores que travem o açoite do vento que chega do Círculo Polar Ártico.

Chris, instalado no andar de cima de uma quinta velha, odeia sair da cama nas manhãs de inverno, portanto, não costuma fazê-lo. Pelo menos, cedo. Fica por baixo das colchas grossas de retalhos que Laura confeciona e espera que ela se levante, ligue o termóstato e aqueça a casa.

Chegou à conclusão de que o inverno no Nebraska se fez para os búfalos, não para as pessoas. Se até a merda das vacas morrem nas planícies em janeiro e fevereiro, e ainda por cima o inverno no Nebraska é eterno. O lógico seria que acabasse em algum momento de março, mas não. Março não chega como um leão e vai-se embora como um cordeiro; chega como um leão e vai-se embora como um leão.

A primavera é linda.

A hora e meia que dura.

Porque o Nebraska costuma passar diretamente do inverno para o verão. Às vezes, numa só tarde. Uma vez, Chris passou uma manhã nevada em casa e, quando saiu, estavam vinte e oito graus. Fez uma sesta e perdeu a primavera.

Agora é verão.

O verão é um nojo.

Como é que se costuma dizer?, pensa, suando a jorros enquanto aperta uma porca do radiador do Volkswagen Carocha de Laura com uma chave inglesa. «Não é o calor, é a humidade.» É o calor e a humidade, idiota. Vêm juntos. São a sopa e a sandes, a manteiga de amendoim e o doce, o Bucha e o Estica de um mísero dia de julho em Malcolm, no Nebraska.

E também não pode meter-se em casa para fugir do calor, porque a casa é velha e não tem ar condicionado. Laura nunca o achou necessário.

— É para isso que serve a brisa.

— Que brisa? — respondeu Chris.

O vento, que no inverno sopra todo o santo dia, no verão dá-se por vencido de repente, deixando atrás de si uma calma entorpecedora que atordoa e sorve o ar dos pulmões.

Mesmo assim, Laura empenha-se na sua rotina de soluções «orgânicas»: abre e fecha as cortinas e as persianas, as janelas e as portas mosquiteiras, e tem uma fé comovedora, embora exasperante, nas duas pequenas ventoinhas elétricas que vai mexendo estrategicamente de janela em janela.

— Fazem com que circule o ar — diz.

Sim, pensa Chris, com que circule o ar quente.

Está desejoso de que chegue o outono, que pode durar dias e até semanas antes que o inverno, esse valentão, o tire de cena aos empurrões. O outono no Nebraska é lindo: o ar diáfano e limpo, as cores vívidas e cambiantes dos campos ceifados, as noites frescas... Um tempo ótimo para dormir com as janelas abertas.

Mas, além do tempo, Chris gosta da sua vida aqui, em pleno campo e no meio do nada.

Quem diria?

Ia a atravessar o interior do país com o carro carregado de dinheiro, depois de vender um carregamento de heroína no Minnesota, quando

interveio o destino em forma de pneu furado e o pôs em contacto com Laura, que parou e se ofereceu para o ajudar.

Enrolaram-se e a aventura já dura...

Meu Deus, pensa Chris, é possível que já tenham passado oito anos?

Como é possível?

Sempre teve a intenção de se ir embora, de se levantar e voltar para Scottsdale, onde vivia antes, ou até para Rhode Island, agora que Peter Moretti e Vinnie Calfo estão a sete palmos de terra.

Certamente, não aconteceria nada se voltasse.

Sem Peter e sem Vinnie, e com Pasco a jogar *boccia* na Florida à espera de ter um ataque de coração, a família de Nova Inglaterra é como o proverbial barco sem leme, uma canoa sem remos que gira e gira, tentando navegar por um riacho de merda.

Sim, claro, mas o caos pode ser perigoso. Sem cadeia de comando, os rapazes andam livres e fazem coisas absurdas e perigosas.

Chris está contente por estar fora.

Quando era *consigliere* de Peter costumava fantasiar com chegar a chefe, mas para quê, com os federais, a lei RICO e todos a falar demasiado?

Não sente a falta de nada.

Nem dos jantares, nem das farras, nem das reuniões intermináveis e tediosas com os rapazes, nada de nada.

É perfeitamente feliz por baixo da colcha de Laura.

A sua mulher, Cathy, era boa na cama. Muito boa, de facto. Mas Laura é de outro mundo. Leva o sexo muito a sério e eleva-o a um nível que ele nem sequer sabia que existia.

Portanto, quer ir-se embora, mas não consegue fazê-lo. É como se a cona de Laura tivesse um íman lá dentro, como se lhe tivesse lançado uma espécie de feitiço.

O que é muito bom, porque o trabalho de Chris consiste basicamente em foder.

Não contou a Laura toda a verdade sobre a sua situação económica; não lhe disse que tem centenas de milhares de dólares escondidos. Primeiro, teve-os no porta-bagagens do carro e depois em diferentes partes da quinta: no celeiro, na barraca das ferramentas, no sótão... Não sabe muito bem porque o esconde, mas tem a convicção inata de que, no que se refere a dinheiro, nunca se deve dizer a verdade e de que, se puder viver de graça, tem de o fazer.

Laura não parece importar-se que não tenha nenhum interesse em procurar trabalho, desde que cumpra na cama.

De modo que vivem da propriedade que Laura arrenda ao agricultor vizinho e do que ela ganha a dar aulas de ioga, e a vender as suas colchas, mantas, cachecóis, gorros, luvas e as outras coisinhas que cose e tece. Às vezes — muito bem, raramente — também vende alguma das suas obras de arte: estranhos *collages* feitos com fotografias velhas, pedaços de linho, raminhos, pedras e coisas assim. Chris não compreende porque as compram, mas é assim, às vezes.

Vá-se lá saber...

Ele contribui de outras formas. Encarrega-se da manutenção dos veículos, vai à vila fazer as compras e cozinha quase sempre, embora o faça em legítima defesa, mais do que outra coisa. Porque, caso contrário, Laura dar-lhe-ia sempre alguma comida orgânica com sabor a relva cortada.

Gosta de ir à vila, brincar com os empregados de mesa e conversar com os vizinhos enquanto bebe café no bar, embora o café seja uma grande merda, fraco e claro, comparado com o café preto que faz em casa. E os vizinhos gostam dele, deixaram de lhe fazer perguntas sobre quem é e de onde vem e o que faz. Sabem que o seu trabalho consiste principalmente em foder com a Laura, cujo apetite sexual é um facto aceite e tolerado com leve ironia nesta vila metodista e puritana.

Há trabalhos piores, pensa Chris, quando dá uma última volta à chave e fecha o capô.

Às vezes, sente-se culpado por ter abandonado a Cathy, mas Cathy é

uma rapariga inteligente e dura e, além disso, deixou-lhe vários negócios prósperos com que devia ter bastante sucesso.

Teriam de bastar para manter o estilo de vida a que está habituada, como costuma dizer-se.

Sente a falta dos seus filhos, mas Jill é como a sua mãe e Jake... Jake tem a cabeça bem posta sobre os ombros.

Não como o pobre Peter Júnior.

Isso sim, é que é lixado, pensa, enquanto volta a pé para casa para almoçar. A detenção de Peter, depois de tanto tempo, até apareceu nos jornais do Nebraska, e o miúdo tem um futuro muito negro.

Abre a porta mosquiteira e entra na cozinha. Laura fez chá aquecido ao sol, sem ferver — o que nunca é um problema no Nebraska no verão —, antes de ir à vila para dar a sua aula, e Chris serve-se de um pouco num frasco de compota e pega nas coisas para fazer uma sandes de mortadela.

Vinnie merecia-o, pensa.

Nunca gostou dele.

E de Celia também não.

Era uma *strega* materialista e resmungona que tornava a vida impossível a Peter. Mas aquela família, mesmo assim... A filha mais nova suicidou-se e o filho matou a sua mãe.

Devem tê-lo no sangue.

Chris pega em duas fatias de pão Wonder — o único que têm no pequeno supermercado —, unta-as com mostarda e põe-lhes duas fatias de mortadela. Depois, senta-se à mesa a comer.

Não, tu tiveste sorte, pensa.

Os teus filhos são bons, com a cabeça no sítio.

De certeza que estão bem.

E Cathy também.

Com o seu físico, a sua inteligência e a personalidade que tem, certamente, já encontrou outro.

Então, sente algo que não esperava, uma pontada repentina de ciúmes, até de fúria, ao pensar que outro homem anda a ir para a cama com a sua mulher. Sabe que não é justo, mas é o que sente, e tem de fazer um esforço para tirar essa imagem da cabeça.

Levanta-se, deixa o prato no lava-loiça e decide fazer uma sesta.

Depois, vai fazer-te falta, pensa.

Como lá em cima está muito calor — é um forno —, vai para a sala e deita-se no sofá. Se ficar muito quieto e mal respirar, quase não sente o calor.

Em poucos segundos, já adormeceu.

The Dream, «o sonho».

Danny explica a sua visão à direção do Grupo Tara.

— Em Las Vegas, construíram-se réplicas de coisas que existem — diz. — Pirâmides, barcos pirata, feiras... O Casablanca, o Shores. Eu quero construir algo que não exista: um sonho.

Quando estamos a sonhar, acrescenta, o sonho parece tão real como a própria vida, com a importante exceção de que tudo é possível. Não há tempo, nem espaço, nem continuidade linear. Vemos pessoas que conhecemos e pessoas que não conhecemos, pessoas que estão vivas e pessoas que estão mortas. Vemos coisas que foram, coisas que são e coisas que não podem ser. E, mesmo assim, estão aí. Vemo-las, cheiramo-las e tocamos-lhes, saboreamo-las e, no entanto, são efémeras, tão fugazes como uma sombra que sulca o céu.

— A maioria das vezes esquecemo-nos dos sonhos assim que acabam — diz. — Outras, recordamo-los toda a vida.

Isso é o que quer construir nos terrenos do Lavinia.

Um hotel-casino com três mil quartos, de beleza incomparável e elegância discreta, moderno e excitante, com cores subtis, paredes de luz em movimento e imagens cambiantes, quartos de luxo refinado, restaurantes de cinco estrelas e um teatro que ofereça espetáculos audazes e imaginativos.

— Entrarás num sonho — garante —, dormirás num sonho, acordarás num sonho, comerás num sonho, verás um sonho... Quando te fores embora, perguntar-te-ás: «Isto aconteceu mesmo ou sonhei?». E voltarás uma e outra vez. Tiveram sonhos assim, correto? Sonhos tão bonitos, tão aprazíveis ou emocionantes, tão sensuais, que desejam

voltar a sonhá-los? Agora, podemos fazê-lo.

Percebe que os membros da direção estão nervosos, indecisos, desconcertados. Mas está convencido de que chegou a hora de se expandir.

— Qual seria o tema? — pergunta Jerry.

— Não há tema — responde Danny. — Só beleza.

Os hotéis temáticos funcionaram bem durante anos, argumenta. A perspectiva familiar, a recreação do modelo Disney em Las Vegas foi boa ideia. Mas os tempos mudaram. A revolução da Internet está a transformar a economia; os novos ricos «ponto.com» anseiam luxo e têm meios para o pagar.

Exigem uma *experiência* que satisfaça os seus gostos e caprichos. Quartos que não tenham arte, mas sejam arte. Não querem comer, querem degustar, e querem que seja uma aventura. Não querem ir ver um comediante ou um cantor a interpretar algo que podem ouvir em casa num estéreo JVC. Querem desfrutar de uma experiência imersiva que não possam conseguir em nenhum outro lugar; um espetáculo que apele à sua inteligência, a essa mentalidade visionária e empreendedora que os fez juntar dinheiro e chegar onde estão.

— Não podemos continuar a construir sucedâneos — acrescenta. — É uma ideia caducada, esgotada. O que vamos fazer? Pirâmides maiores? Londres em vez de Paris? Uma praia maior com ondas maiores? Vimos uma, vemos todas. As pessoas fartam-se dessas coisas. Mas nunca nos fartamos dos sonhos.

— Uma coisa — diz Dom. — Nesse teu sonho, as pessoas jogam?

— Claro que sim — responde Danny. — Porque num sonho nada é real, não há consequências. E os clientes que se sentirem atraídos por esse tipo de experiência e com rendimentos para se poderem dar a esse luxo, apostarão à grande e jogarão os jogos com as apostas mais altas. Mas o dinheiro a sério, o grosso dos lucros, virá dos quartos e das refeições.

Dom e Jerry não são tolos. São gerentes estruturalistas brilhantes

que depressa percebem que Danny quer levar o modelo Tara até ao seu limite e ultrapassá-lo, talvez. A base de clientes exclusivos que propõe talvez seja demasiado exclusiva, demasiado reduzida para compensar os custos enormes do projeto.

Mas são rapazes do Missouri habituados a serem considerados uns palúrdios do interior e têm em comum com Danny o ressentimento de quem se sabe menosprezado, portanto, a ideia de derrubar o *establishment* e criar o melhor do melhor atrai-os quase irresistivelmente.

Há um problema sério, mesmo assim. Bom, há muitos, mas este é imediato e obriga-os a travar antes de começar.

— O Grupo Winegard — diz Jerry —, já está a finalizar a compra dos terrenos do Lavinia. É garantido, praticamente.

— Ou seja, ainda não está feito — responde Danny. — Ainda não se casaram, só estão noivos.

— Como reagirá o Vern se intervirmos? — pergunta Jerry.

— E o que importa isso? — responde Danny.

— Importa-me a mim. E importará à cidade. Se intervirmos e roubarmos o Lavinia ao Winegard, transformaremos uma rivalidade cordial numa guerra.

— E se não, o Vern controlará a Strip e nós iniciaremos um longo declive, até nos tornarmos irrelevantes. E não só isso. O futuro da cidade está em jogo. Se o Vern construir outro casino gigantesco, Las Vegas transformar-se-á num parque de atrações como qualquer outro. Degradar-se-á na pura vulgaridade.

Madeleine sorri, brincalhona.

— Então, imaginas-te como uma espécie de pai da cidade? Como um salvador? Dan Ryan ao resgate?

— Nada disso — responde Danny. — Mas não vejo porque temos de nos resignar com o segundo lugar, atrás do Grupo Winegard.

— Só para especular — diz Jerry —, digamos por acaso que

conseguimos convencer o George Stavros a vender-nos o hotel, em vez de ao Vern. De onde tiraríamos o dinheiro? Calculaste quanto custaria o teu sonho?

Dan não pestaneja.

— Uns mil milhões.

— Mil milhões? — pergunta Dom. — Mil?

— Sim.

— Isso é uma loucura — diz Jerry. — Os bancos não vão emprestar-nos a incrível quantia de mil milhões de dólares. É impossível, Dan.

— A não ser que... — diz Dom.

Já é meu, pensa Danny. Está a pensar nisso.

— A não ser o quê, Dom?

— Que entremos na Bolsa.

— Não — responde Danny.

O Tara é uma sociedade limitada. Os presentes na sala decidem tudo. Se a empresa entrasse na Bolsa, os acionistas controlá-la-iam.

— É a única forma de reunir o capital e convencer os bancos, se quiseses construir esse hotel — argumenta Dom.

— Podíamos perder o controlo da empresa — diz Danny.

— Podíamos, sim, embora duvide. Os proprietários atuais conservariam ações suficientes para manter o equilíbrio de poder e tentaríamos vender outra parte grande das ações a amigos e aliados para ter maioria de voto.

— É arriscado — diz Danny.

— E construir um hotel de luxo de mil milhões de dólares não é? — replica Dom. — Se vamos fazer isto, e ainda não estou absolutamente convencido de que devamos fazê-lo, entrar na Bolsa é a única solução.

— De qualquer forma, não faz sentido debatê-lo — diz Jerry. — O Stavros já se comprometeu com o Winegard. E pelo que ouvi, a sua mulher tem o Vern num altar.

— Bom, esse será o primeiro passo — responde Danny. — Se convenceremos o Stavros a vender-nos a propriedade, podemos construir o meu hotel?

— Entraríamos na Bolsa? — pergunta Dom.

Danny não gosta nada da ideia.

Mas os rapazes do Missouri sabem mais do que eu, pensa. Se dizem que é a única forma, é a única forma.

— Se não houver outro remédio...

— Quem falará com o Stavros? — pergunta Jerry.

— Eu — responde Danny.

— De certeza que é o mais prudente?

— É amigo de um amigo. Posso falar com ele.

— Está bem — diz Dom. — Mas o hotel... Eu não gosto do nome.

— The Dream? — pergunta Danny. — O que tem de mal?

— É demasiado insosso. Pouco refinado. Não tem categoria suficiente para o que estamos a imaginar.

— Estou de acordo — diz Madeleine.

— Mas é o que é — responde Danny. — Um sonho.

— Claro — diz Dom. — Mas, não sei, talvez se o pusessemos noutra língua... Em francês ou italiano...

— Como se diz «sonho» em italiano? — pergunta Danny.

Ninguém sabe. Danny liga a Gloria e pede-lhe que descubra. Trinta segundos depois, devolve-lhe a chamada.

— Il Sogno.

Soletra-o.

— Acontece o mesmo do que com o Scheherazade — comenta Jerry.

— Ninguém saberá pronunciar-lo. Chamar-lhe-ão *O Song-nho*.

— Não — diz Danny —, terá uma certa beleza snobe. Os entendidos saberão pronunciar-lo.

Experimenta dizê-lo. *Il Sogno*.

— Adoro — diz.

E assim o The Dream transforma-se no Il Sogno.

E o Il Sogno transforma-se no seu sonho.

Mas primeiro têm de convencer George Stavros.

George Stavros é mais grego do que o azeite.

É o que Pasco diz a Danny ao telefone.

— Eu já o conhecia antes de chegar a Las Vegas. A sua família é de Lowell, no Massachusetts. Há muitos gregos nessa zona, trabalhavam nas fábricas. O meu velho organizou algumas noites de boxe ali, em tempos. O seu pai tinha um café, portanto, encontrávamo-nos.

Stavros foi para a Segunda Guerra Mundial, mas não queria voltar para a fábrica nem para o café. O comboio militar em que viajava parou em Las Vegas, gostou do que viu e, depois de sobreviver a Iwo Jima e Okinawa, decidiu estabelecer-se ali.

Abriu um restaurante e depois outro, hipotecou-os para comprar um pequeno hotel e teve sucesso. Quando chegou o grande *boom* imobiliário dos anos sessenta, Stavros conseguiu entrar no negócio imobiliário.

— Tinha contactos? — pergunta Danny.

— Não muitos — diz Pasco. — No nosso mundo não, claro; é grego. Mas todos queriam entrar em Las Vegas e nós precisávamos de testas-de-ferro. O Stavros era um tipo inteligente, sabia o que fazia.

— Tu investiste dinheiro?

— Se a memória não me falha... — diz Pasco. — E o teu pai também.

Como um salmão a nadar rio acima, pensa Danny, de volta ao lugar onde me engendraram.

— Olha — continua Pasco —, o Stavros cooperava. Tolerava os desfalques até certo ponto, não se queixava, não abria a boca e deixava trabalhar as raparigas desde que fossem discretas. E pelo que

ouvi, continua igual. Esperou pelo momento oportuno. E, quando chegaram os federais e foi tudo à merda, comprou a parte dos sócios silenciosos e ficou com tudo. Enriqueceu.

— Agora, quer reformar-se — diz Danny.

— E eu também. Há anos que tento reformar-me, mas com a confusão que há em Providence... Se todos mandarem, nenhum manda, entendes o que quero dizer?

Danny entende, mas pouco se importa com o que acontece em Providence. Antes, noutra época da sua vida, estava a par de cada matiz, por pura sobrevivência. Agora, parece-lhe trivial. O que lhe importa é comprar o Lavinia.

Informou-se sobre a história do hotel.

Construído em 1958, pertencia a essa geração de hotéis clássicos de Las Vegas que deram fama à cidade. Sinatra e o resto dos *Rat Pack* atuavam e apostavam ali, tal como muitos mafiosos e estrelas de cinema. Nos anos sessenta, se se fosse a Las Vegas, o Lavinia era de visita obrigatória, mas no fim dessa década, começou a decair. Primeiro, o Caesars Palace e depois o Circus Circus roubaram-lhe parte do seu brilho, e o Lavinia passou a considerar-se um hotel de segunda, um sítio barato cujo valor radicava sobretudo na nostalgia.

Stavros resistia a fazer mudanças. Não queria vendê-lo — nem sequer a Howard Hughes quando se ofereceu para o comprar —, mas também não queria investir em remodelá-lo. O hotel ocupava vinte e quatro hectares da zona mais valiosa da Strip e erguia-se ali como uma senhora idosa que se recusa a sair de sua casa, enquanto os hotéis novos o encurralavam a norte e a sul.

Danny acredita, não obstante, que o velho Stavros sabia o que fazia. Sabia que, embora o valor do edifício diminuísse, o do terreno não deixaria de aumentar à medida que escasseasse o solo na Strip. Era um dos últimos hotéis de propriedade individual que restavam na cidade, e Stavros agarrava-se a ele com unhas e dentes.

Mas Winegard ofereceu-lhe cem milhões de dólares, mais do que

custa, e Stavros acedeu finalmente a desprender-se dele.

— Como o exponho ao Stavros? — pergunta Danny.

— Com respeito — diz Pasco. — É da velha escola. Nada de tolices. Nada de *cazzate*. Adora esse hotel, é como um filho para ele. Sabes de onde vem o nome, não é?

— Não, embora sempre me tenha parecido um nome estranho.

— Deixa-me contar-te uma história...

Danny impacienta-se. Não precisa que lhe contem outra história dos velhos tempos, o que precisa é de conselhos sobre como persuadir Stavros a vender-lhe o hotel.

Pasco apercebe-se, até por telefone. Portanto, diz:

— Está bem, estou a ver que tens pressa. Só te digo uma coisa: não te encontres com o Stavros com as mãos vazias.

Ena, obrigado, Pasco.

— O que posso levar-lhe que seja melhor do que cem milhões de dólares?

— Bom, essa era a história que ia contar-te e que não queres ouvir porque tens muita pressa — diz Pasco.

Danny ouve a história.

A esposa de George Stavros dá-lhe uma descompostura.

— Porque vais reunir-te com o Dan Ryan? — pergunta-lhe. — Que sentido faz? Já chegámos a um acordo com o Vern.

— É por cortesia. — Stavros verte água no *briki*, já cheio de café, e dá uma olhadela para ver se Zina está a olhar. Como não olha, põe duas colherinhas de açúcar para que esteja *glyko*, doce, embora não devesse fazê-lo, por causa da maldita diabetes. — O Ryan foi um bom vizinho; tenho de o ouvir. É o mínimo que posso fazer.

— E o que é que o Vern vai pensar?

— Entenderá. — Mexe a mistura enquanto aquece. Inclina-se e

baixa o gás para o pôr em lume brando. — Quem sabe? Talvez o Ryan não vá fazer-nos uma oferta. Talvez venha por outros motivos.

Para de mexer quando o café acaba de se diluir. É o erro que muita gente comete: continuar a mexer. É uma questão de paciência, de esperar que a espuma suba, o *kaimaki*.

Zina não dá o seu braço a torcer. Claro que não, pensa Stavros, é Zina. Em cinquenta e dois anos nunca deu o seu braço a torcer.

— E se te fizer uma oferta melhor? — pergunta.

— Não a aceitarei — diz Stavros. — O Vern ofereceu-nos um bom preço e dissemos que sim. Ponto final.

— Muito bem. Puseste açúcar no café?

— Sou diabético — responde Stavros, porque não quer mentir à sua mulher. Vigia o *briki* até que o café começa a ferver e então retira-o e apaga o lume.

Serve-o numa chávena pequena e bebe um gole.

A mistura de doce e amargo é requintada.

Muita gente chama a isto café turco, pensa, mas isso é absurdo. Esses bárbaros nem conseguiram inventar a roda, quanto mais um bom café. Quase todas as coisas civilizadas procedem da Grécia.

— Não podias reunir-te com ele no escritório? — pergunta Zina.

— Podia, sim, mas não vou fazê-lo.

— Quando vem?

— A qualquer momento.

— A qualquer momento?! — exclama Zina. — E suponho que queiras que vos dê alguma coisa para petiscar.

— Não sei.

— Não sabes. Agora, o que somos? Animais? Tenho bolachas, queijo...

— Bolachas sem açúcar, não, que sabem a terra.

— Sabes o que realmente sabe a terra? A morte. A morte sabe a

terra. Fala com esse homem, dá-lhe algumas bolachas e que se vá embora depressa.

— Era o que tencionava fazer.

Não tem intenção de vender o Lavinia a Dan Ryan.

Vai vendê-lo a Vern Winegard.

Vern Winegard é um homem grandalhão com má pele.

As cicatrizes do acne da sua juventude ainda marcam as suas faces e, segundo alguns dizem, também a sua personalidade, que é ao mesmo tempo defensiva e agressiva.

Ele desataria a rir-se se alguém tivesse a coragem de lho dizer. Diria que o acne que o atormentou durante os seus anos de escola foi o menos importante. Que foi muito pior o cinto do seu pai, ou a garrafa da sua mãe, ou a praga de ferrugem que, no ano em que ele nasceu, acabou com todas as macieiras da sua Apple Valley natal, na Califórnia, precipitando a decadência da cidade desértica.

Vern seria o primeiro a reconhecer que não era um homem bonito, que não foi um jovem nem um menino bonito. Também não tinha sucesso. No liceu, era um desses miúdos solitários e *nerds* que faziam parte do Clube Audiovisual e levava vídeos, projetores de diapositivos e televisões para as salas de aula enquanto os outros rapazes se riam dele, as raparigas o ignoravam e os professores o subestimavam.

Como todos.

O seu pai gozava com ele por passar as horas mortas a fazer «experiências» na barraca do quintal, que era quase toda de terra.

— O que fazes aí fora? Masturbas-te?

— Não.

— Não, claro — dizia o seu pai. — Só brincas com os teus brinquedinhos.

Cabos, engrenagens, placas de circuitos.

— Devias comprar umas *Playboys* — dizia o seu pai.

Mas o seu filho não queria *Playboys*, queria cabos, engrenagens e

placas de circuitos. Queria uma chave de fendas Phillips, um alicate de ponta fina, um aparelho de soldar.

— Se quiseres essas paspalhices, compra-as tu.

Vern comprava-as.

O que Vern tinha — o que todos deviam ter visto e não viram — era uma capacidade de concentração feroz e obstinada. Baixava a cabeça e trabalhava. Primeiro, é claro, como distribuidor de jornais; depois, como empregado de mesa num café do bairro e, mais tarde, como empregado de uma bomba de gasolina junto da autoestrada.

Assim comprava as suas ferramentas, os seus artefactos. Quando acabou o liceu — o seu pai não foi à graduação e Vern teria preferido que a sua mãe também não fosse —, pagou a matrícula de uma escola técnica, onde tirou o curso de engenheiro eletrotécnico aeronáutico.

Ele não queria voar, mas fazer com que as coisas voassem. Para que, quando olhasse para o céu e visse a elevar-se uma daquelas máquinas grandes e bonitas, pudesse pensar: «Isso é graças a mim».

Eu faço-a voar.

Além disso, ganhava bastante dinheiro. Comprou um apartamento bonito e um carro, mas continuou a ser o *nerd* solitário de sempre, o tipo que fazia bem o seu trabalho e depois ia para casa para jantar algo congelado, ver um pouco de televisão e continuar a fazer «experiências».

Abriu caminho desde uma oficina de reparação de aviões até uma empresa de *design* de engenharia e, se a algum dos outros empregados tivessem perguntado se ali trabalhava um tal Vern Winegard, teriam respondido: «Acho que sim».

O que nenhum deles viu, nenhum, foi que Vern era um maldito génio.

Quando desenhou um circuito elétrico capaz de abrir e fechar a porta de carga de um avião com apenas carregar num botão e o patenteou, registou e vendeu a todos os grandes fabricantes de aviões cobrando *royalties*, as pessoas reagiram dizendo: «O Vern? O Vern

Winegard? Esse tipo?». Como quando a polícia encontra doze cadáveres dissecados no congelador de um solteirão e os vizinhos comentam como era caladinho.

Cada vez que uma porta de carga se abria ou se fechava, Vern ganhava.

Comprou um avião de carga e depois uma frota de aviões de carga e, em poucos anos, a Winegard Aerocomercial transportava mercadorias por toda a América do Norte. Quando os seus amigos (porque, curiosamente, agora tinha alguns) lhe perguntavam se não queria meter-se no negócio das linhas aéreas de passageiros, respondia:

— Estás a brincar? As caixas não precisam de espaço para esticar as pernas, nem de café, nem de outro uísque. Não se queixam e não temos de lhes dar de comer.

Vern sempre preferira as coisas às pessoas.

E porque não haveria de as preferir?

Falando de coisas, desenvolveu o gosto pelas mais refinadas: os charutos cubanos, os bons vinhos, a comida *gourmet*. Ele, que antes se contentava com jantar peru frio à frente da televisão, agora ia comer aos melhores restaurantes de Imperial Valley.

E carros. Comprou Cadillacs e Corvettes, e num destes últimos viajou pela primeira vez para Las Vegas.

Foi uma revelação: a I-15 como o caminho de Damasco.

Ganhava milhões por as pessoas pressionarem um botão. Cada vez que alguém carregava no botão de uma porta de carga, o dinheiro afluía às suas mãos. E quando chegou a Las Vegas, o que viu?

Milhares de pessoas a carregar em botões e a puxar alavancas. E, cada vez que o faziam, outras pessoas ganhavam dinheiro.

Os donos dos casinos.

Como engenheiro eletrotécnico, maravilhou-o descobrir um sistema desenhado para que as pessoas fizessem uma atividade, apesar de

saberem que acabariam por perder. Observou os hotéis e os casinos e compreendeu que não se construíram porque os clientes ganhavam. Perdiam e voltavam a perder, e continuavam a carregar nos botões e a puxar as alavancas, e ele queria participar naquilo, portanto, agarrou em alguns dos seus milhões e comprou um casa de jogo clandestino em Fremont Street, a norte da Strip.

O local era uma pocilga: a alcatifa estava suja e puída, o papel pintado descolorido, a comida era má (mas barata) e o serviço anódino... e mesmo assim as pessoas continuavam a ir. Pouco importava, pois os clientes iam em turba carregar nos botões, puxar as alavancas e perder dinheiro.

Vern pôs mais máquinas.

E veio mais gente.

Não os grandes apostadores, claro. Não os peixes graúdos que apostavam milhões no bacará, nem os asiáticos que chegavam de avião e se alojavam de graça nos hotéis por cortesia da casa, nem os xeques árabes do petróleo, mas homens e mulheres normais, da classe trabalhadora, que iam ali para experimentar uma emoção culpada e perversa e ter a oportunidade (mesmo que fosse apenas isso, a oportunidade) de vencer um sistema que passara toda a vida a devastá-los. E quando perdiam, como acontecia quase sempre, quase sentiam alívio, porque isso só confirmava a sua visão do mundo, segundo a qual o jogo da vida estava viciado e eles tinham tudo a perder.

Como era, de facto.

Vern teve uma ideia fantástica.

Melhorou as suas oportunidades: «mexeu» nas *slot machines* para que dessem prémios maiores e com mais frequência.

Apareceu mais gente e ele ganhou mais dinheiro.

Ganhou tanto dinheiro que pôde esquecer as marcas do cinto do seu pai, a mãe que o abandonava por qualquer fulano e a sua vila triste com pomares moribundos.

E as cicatrizes do acne.

Descobriu que, agora sim, as mulheres queriam foder com ele. E não só as putas (embora as houvesse aos montes), mas mulheres normais e bonitas, com pernas compridas, mamas grandes e cara de estrela de cinema, que se sentiam atraídas pelo dinheiro e pelo poder. Já não precisava de revistas, tinha verdadeiras coelhinhas da *Playboy* e gatinhas da *Penthouse*.

Mais tarde, reconheceria que enlouqueceu um pouco naqueles anos, quando todos se metiam na coca e se divertiam loucamente, e confessaria que fodia tudo o que se mexia e talvez algumas coisas que nem sequer se mexiam.

Mas fartou-se.

Aborreceu-se.

Casou-se com Dawn, uma modelo de um salão do automóvel, e assentou. Tiveram um filho a que chamaram Bryce.

Esses também foram os últimos tempos da máfia, quando Lefty e Tony, o Formiga, ainda tinham influência e o dinheiro desfalcado fluía das salas de contagem para Chicago, Kansas City, Detroit e Milwaukee.

Mas não da casa de jogo clandestino de Vern.

Quando os mafiosos foram vê-lo, propôs-lhes um acordo. Esqueceriam o jogo e, em troca, dar-lhes-ia os contratos de fornecimentos de alimentos e de roupa branca.

Sim, está bem. Era razoável.

Por parte de Vern, foi uma tática dilatória. Sabia que a máfia tinha os dias contados e que outra maquinaria muito maior e melhor desenhada estava prestes a aparecer: o mundo dos bancos de investimento e das corporações.

Comprou outro casino e depois outro. Reuniu um grupo de investidores para criar o Grupo Winegard e demoliu um dos seus hotéis para construir um novo no extremo norte da Strip. Continuava

a ser uma sala de jogos normal, mas maior e melhor, e fora criada para atrair o americano normal.

— Do que é que as pessoas gostam? — perguntou aos seus sócios.

Das atrações, respondeu.

Gostam das atrações.

Passam todo o maldito dia de pé ao sol na Disneylândia, na Disney World ou no Six Flags para que os prendam a um assento e lhes puguem um susto de morte. Saem a tremer e prestes a vomitar e voltam a pôr-se na fila para repetir.

Do que é que os americanos gostam mais?

Da comida rápida.

Quanto mais gordura, quanto mais açúcar, melhor.

E do jogo.

Algo em que possam ganhar algum prémio, mesmo que seja uma porcaria.

Chamou State Fair ao seu novo hotel e encheu-o de montanhas-russas. O *hall* parecia uma feira de uma povoação, com bancas de comida que vendiam cachorros quentes, algodão doce, bolinhos de massa frita e barras de chocolate fritas. Também havia jogos de feira: derrubar garrafas ou fazer avançar cavalos de corrida de brinquedo disparando pistolas de água, coisas desse estilo. Havia tómbolas, equilibristas e empregadas vestidas como filhas de agricultores, com um ar de inocência provocante e um vestígio de promiscuidade.

E *slot machines*.

Muitíssimas *slot machines*.

Também havia mesas de póquer, claro, e de *blackjack* e roleta, todos os jogos clássicos, mas a maior parte do espaço fora dedicado às *slot machines* para que as pessoas pudessem entregar o seu dinheiro carregando em botões e puxando alavancas.

Vern conhecia o seu nicho de mercado.

Por isso, quando o Grupo Winegard se expandiu de novo para o sul

da Strip, construiu o Riverboat, que se parecia em tudo com um barco a vapor gigantesco com rodas, com um apito que tocava a cada hora, música incessante de banjos na coberta e atuações de *country* e *western* de primeira categoria no auditório de dois mil lugares que havia na cave.

A América ia em massa aos hotéis Winegard.

Eram versões idealizadas da melhor imagem que o país tinha de si mesmo: a Disney World sem as filas e as feiras sem feirantes sórdidos. Eram acessíveis e tinham sido pensados para a classe média, sem nenhum aliciante sofisticado que pudesse repeli-la. A comida era reconhecível e barata.

Vern Winegard estava a transformar-se rapidamente no rei de Las Vegas.

Mas exatamente quando estava a acabar o Riverboat, chegou o rapaz novo à cidade. Dan Ryan e o Grupo Tara transformaram o decrépito Scheherazade no triunfante Casablanca. Os recém-chegados fizeram um bom trabalho, tinha de o reconhecer. E depois foram mais para o norte e construíram o Shores, que se transformou num fenómeno.

De modo que, enquanto o Grupo Winegard se expandia para o sul, o Grupo Tara fazia o mesmo para o norte, e agora a única coisa que se interpõe entre eles é um espaço vazio, o terreno do velho Lavinia.

Mais do que uma simples competição entre duas empresas, a sua rivalidade era um reflexo de duas visões opostas.

Embora seja uma generalização, o Grupo Winegard representa a América Média, os jogadores pouco importantes, os apreciadores das *slot machines* que se sentem atraídos por um ambiente confortável e cordial. O Grupo Tara de Ryan representa os mais ricos, os grandes apostadores que vêm pelos quartos luxuosos, pela comida refinada e pelas mesas de jogo.

De novo, a mesma pergunta de sempre, o que preferes: mais clientes que gastem pouco ou menos clientes que gastem mais? Cada grupo

tem o seu modelo de negócio e assim corre-lhes bem.

Dan e Vern concordam — falaram muitas vezes — que essas duas visões são, mais do que opostas, complementares, dado que entre as duas abrangem uma ampla faixa de mercado e atraem mais turistas para a cidade. Um cliente de um hotel do Tara pode querer mudar de ares e passar umas horas num casino do Winegard; e um cliente do Winegard pode querer esbanjar um pouco e entrar num hotel do Tara.

Vern Winegard e Dom Rinaldi compareceram juntos em conferências de imprensa e eventos promocionais, desmentindo assim um antagonismo que os meios de comunicação social adorariam avivar. Com tato e disciplina, transmitem ambos a mesma mensagem: que há espaço para os dois. Que ambos são necessários. São adversários amistosos, sócios na metrópole de Las Vegas.

Exceto porque Vern está prestes a transformar-se no sócio dominante.

Vai comprar o Lavinia.

O Grupo Winegard está prestes a fechar um acordo para comprar os terrenos. Construirá um megahotel que impedirá que o Tara continue a expandir-se e transformar-se-á assim no centro do poder da Strip.

Marie Bouchard está sentada sozinha no bar do Hotel Biltmore de Providence, a embalar um uísque com gelo (deu instruções estritas ao empregado de que o gelo não pode ficar a flutuar).

Precisava de uma bebida; está a preparar-se para o julgamento de Peter Moretti Júnior.

O uísque está a saber-lhe lindamente até que, de repente, Tony Sousa se senta no banco contíguo. O advogado é um homem baixo e magro, com o cabelo branco encaracolado e um bigodinho pulcro.

— Marie, Marie...

— Tony.

— Sirva-me o mesmo do que a senhora. Bom, Marie, como vão as coisas no Ministério Público?

Ela sabe porque veio.

— Viste a minha lista de testemunhas.

— O Pasco Ferri?

— O Peter Júnior foi falar com ele antes e depois do assassinato. Tinha de o intimar.

— O teu assistente já tomou o depoimento dele — responde Tony.
— Porque não se lê no julgamento e se acrescenta à transcrição?

— Porque não é o mesmo — responde Marie. — E o Bruce quererá interrogá-lo.

— Talvez não. Talvez esteja disposto a aceitar as acusações.

— Rhode Island... — Marie abana a cabeça. — O Ferri mandou o Bruce para que o rapaz chegasse a um acordo de conformidade com o Ministério Público e assim não ter de testemunhar no julgamento. Não

te incomodes em negá-lo, Tony, ambos sabemos que foi o que aconteceu. O Bruce não chegou a um acordo e, mesmo assim, o Ferri vai pagar os seus honorários. Porque será? Queres que te conte a minha teoria?

— Sou todo ouvidos.

— O Pasco sente-se culpado — diz Marie. — O Peter Júnior foi ter com ele. «O Vinnie Calfo matou o meu pai. O que devo fazer?» O Pasco agiu como a velha escola e deu-lhe luz verde, e o miúdo pensou que era o Michael Corleone e foi diretamente matar o Vinnie. Com o aumento de adrenalina, perdeu o controlo e matou também a sua mãe. E agora o Pasco, que está com um pé na campa, sente-se culpado. Tenta salvar o rapaz depois de lhe ter dado o empurrão.

— É um idoso — responde Tony. — Não está bem de saúde. Posso conseguir uma certidão médica em como não está em condições para viajar. Poderia atrasar-te durante semanas e talvez não consigas fazer com que testemunhe.

— Vou notificá-lo, Tony.

— De onde vem esse empenho em procurar inimigos, Marie? Há muita gente que não quer que indagues demasiado, com o Pasco no estrado. Tens futuro na política. Ou, pelo menos, poderias tê-lo.

— Sim, se colaborar.

— Se limitares o teu campo de investigação. O júri já sabe quem era o Vinnie Calfo, não precisas que o Pasco o corrobore. Limita-te ao que aconteceu nessa noite, que entre e saia do estrado num instante, e assim farás amigos.

— O que te faz pensar que quero fazer amigos? — pergunta ela.

— Todos precisam de amigos — responde Tony. — Até tu. O Pasco gosta de ti, respeita-te. Se prometeres delimitar o teu interrogatório, posso fazer com que não resista a depor. Se não, prepara-te.

Marie acaba a sua bebida.

— Não tenho intenção de rever cada julgamento contra a máfia de

Nova Inglaterra. Não tenciono encurralar o Ferri nem armar-lhe uma cilada para que cometa perjúrio. Só quero que testemunhe a verdade sobre o que disse ao Peter Júnior.

— Tenho a tua palavra?

— Uma freira mentira?

— Em *Música no Coração*, mentia — responde Tony.

— Mas eu não sei cantar — diz Marie.

Nem voar.

As bolachas — *melomakarona* feitas com mel, azeite, nozes e açúcar — são deliciosas.

Danny tenta comer duas para demonstrar que gosta. As azeitonas não são muito do seu gosto, mas de qualquer forma come uma por cortesia.

Stavros está sentado à frente dele, do outro lado da mesa de centro da sala familiar. Zina foi à porta cumprimentar Danny. Ele deu-lhe o ramo de flores que trouxe, falaram por um minuto e depois ela foi-se embora discretamente.

— Que rica festa que fizeste em tua casa na outra noite — comenta Stavros.

— Ainda bem que puderam vir.

— Como podia perdê-la? — Stavros agarra noutra bolacha. — Não digas à Zina.

— O teu segredo está a salvo comigo.

— Dan, não quero perder tempo nem fazer-te perder o teu. Se vieste para me fazer uma oferta pelo Lavinia, já aceitei a do Vern. Obrigado pelo teu interesse, sinto-me lisonjeado, mas já está tudo decidido.

— E se te fizermos uma oferta melhor?

— Repito que agradeço — diz Stavros —, mas não tenho problemas de dinheiro. Tive sucesso, graças a Deus. Cumprir a minha palavra é mais importante do que o dinheiro. A minha resposta continua a ser não.

Portanto, agora tenho de puxar por onde não queria, diz-se Danny. Não, não tens de o fazer, poderias levantar-te sem mais nem menos, apertar-lhe a mão e esquecer o assunto. Certamente, era o que deveria

fazer. Mas, em vez de o fazer, diz:

— O Pasco Ferri manda-te cumprimentos.

A cara de Stavros escurece.

— Como está?

— Contou-me uma história de há muito tempo.

A história remonta a finais dos anos cinquenta, quando Stavros só tinha um hotelzinho. Benny Luna, um gangster pouco importante, tentou chantageá-lo em troca de proteção.

Stavros mandou-o à merda.

Zina e ele tinham uma filha a que deram o nome de Lavinia. Uma menina linda, com um cabelo preto tão espesso que uma vez Zina partiu uma tesoura a tentar cortá-lo.

Era a luz da sua vida.

Naquela época, viviam num apartamento muito simples, na parte de trás do hotel, para poupar, e Lavinia adorava estar na cozinha. Tinha sete anos e gostava muito de ajudar a sua mãe a cozinhar. Às vezes, levantava-se da cama quando os seus pais estavam a dormir e ia às escondidas para a cozinha para fingir que era a mamã.

A bomba incendiária entrou pela janela da cozinha e o espesso cabelo preto da menina incendiou-se. Quando Stavros ouviu os gritos, cheirou o fumo e conseguiu abrir caminho entre as chamas, já era demasiado tarde.

— Reparaste que o Stavros nunca usa manga curta? — perguntou Pasco a Danny. — É por isso. Por causa das cicatrizes.

Stavros e Zina nunca o superaram.

E quem o superaria?, pensa Danny.

Não tiveram mais filhos.

A polícia nunca apanhou o pirómano.

Porque Pasco Ferri o apanhou primeiro.

Marty Ryan e ele levaram Benny Luna para o deserto. Stavros ia

com eles. Obrigaram Benny a cavar a sua própria sepultura. Um buraco bem fundo. Não para se deitar, mas para ficar de pé. Ataram-no e atiraram-no lá para dentro. Depois, Marty molhou-lhe os pés com gasolina.

Stavros atirou o fósforo.

— Não estou a dizer-te isto para te chantagear — diz Danny. — A conversa acaba aqui. Mas digo-te que o Pasco nunca te pediu nada em troca. Nem vai pedir-te agora. Conhece-te bem, sabe que farás o correto. — Levanta-se. — Obrigado pelo teu tempo. Por favor, agradece à Zina pela sua hospitalidade. A nossa oferta é de cem milhões, tal como a do Vern. Doaremos outros dez milhões para criar a Unidade de Queimados Lavinia Stavros no Hospital Infantil. Não tens de me acompanhar, sei o caminho.

Danny sai para a luz insípida do sol do deserto.

Stavros sobe as escadas e encontra Zina a descansar no quarto.

Diz-lhe que vai vender o Lavinia a Dan Ryan.

Segunda parte: Os poderes do inferno

SEGUNDA PARTE

Os poderes do inferno

Las Vegas,
1997

*Se não poder persuadir o Céu,
despertaes os poderes do Inferno.*

Virgílio,
Eneida, Canto VII

Danny começa a descer pela íngreme ladeira rochosa.

Sente pânico, mas não tanto como ver o seu filho de dez anos à frente dele a descer pelo caminho a toda a velocidade, como se não tivesse nenhum medo.

Talvez por pura ignorância, pensa.

As crianças não sabem nada da vida; acham-se indestrutíveis.

Mas Danny tomou todas as precauções. O menino está blindado como um cavaleiro medieval, com capacete, ombreiras, cotoveleiras e joelheiras. Queixou-se muitíssimo, mas ele manteve-se firme: sem proteção, não há passeio de bicicleta.

Para que o seu filho não o acuse, com razão, de ser um hipócrita, Danny está vestido da mesma forma e sente-se ridículo. Mas, sobretudo, tem calor. Talvez julho não seja o melhor mês para ir de férias e fazer um percurso de bicicleta pelo sul do Utah, mas era o único tempo que tinha. E, além disso, o mais divertido desta viagem é isso, suar e encher-se de pó. Ian, de facto, esteve louco de alegria nos três dias que tinham passado fora.

E não só por andar de bicicleta, que adora, claro, mas também por estar a sós com o seu pai, algo de que não se cansa.

Está a ser ótimo.

Saíram de carro de Las Vegas, atravessaram o Parque Nacional de Zion e passaram a primeira noite na sua cabana de Duck Creek. Levantaram-se cedo, devoraram um grande pequeno-almoço de ovos, torradas e *bacon*, e depois foram de carro até Torrey para fazer um percurso de bicicleta pelos Caminhos Escalante. Nessa noite, jantaram hambúrgueres gordurosos com queijo e, no dia seguinte, fizeram o

mesmo. Depois, foram por estradas secundárias até Moab para experimentar os percursos dos arredores do Parque Nacional de Arches.

Não falam muito enquanto estão nas bicicletas. É muito esforço e, além disso, Ian costuma ir à frente de Danny. Mas durante os trajetos de carro e às refeições, Ian foi surpreendentemente comunicativo, pelo menos, aos olhos de Danny.

Sobretudo, surpreendeu-o que, de repente, enquanto iam por uma estrada a este de Torrey, lhe perguntasse:

— Como era a mamã?

Danny pensou durante uns segundos e depois disse:

— Divertida. Dura. Forte. E muito carinhosa.

— Não me lembro dela.

— Não, claro, não podes lembrar-te. Eras um bebé quando morreu.

— De cancro, não foi?

— Sim.

Ian ficou calado por um minuto e depois perguntou:

— Se estivesse viva, achas que continuariam casados?

— Sem dúvida. Porquê?

Encolheu os ombros.

— Porque muitas crianças da escola... a maioria das crianças da escola... os seus pais estão divorciados.

— É uma pena.

— Sim, suponho que sim, mas...

— Pelo menos, têm um pai e uma mãe? — perguntou Danny.

— Uma coisa dessas — disse Ian.

— Sáíste a perder — respondeu Danny. — Não haja dúvida.

— Alguma vez pensaste em voltar a casar-te?

— Talvez uma vez.

— Mas então a Diane morreu, não foi?

Danny voltou a surpreender-se. Naquela época, Ian mal tinha idade suficiente para se lembrar de Diane.

— É verdade.

— Amava-la?

— Sim.

— Como à mamã?

— Não sei. Não, de outra forma, suponho. Não acho que possa amar-se duas pessoas da mesma forma.

A sua resposta pareceu satisfazer o rapaz.

No dia seguinte, fizeram uma pausa no percurso para comer as sandes e as barrinhas de cereais que Danny tinha posto numa mochila leve. Estavam sentados numa colina, diante de uma vista de montes avermelhados, canhões profundos e picos altos. Era um vasto espaço aberto, bonito e sereno, quase espiritual.

Ian disse:

— Papá, no outro dia, na minha festa... — Parecia incomodado, hesitante. — O que o tio Kevin disse...

— Tu não estavas lá.

— Todos me contaram.

— Quem te contou? Quem? — perguntou Danny, sentindo que ficava à defesa.

— As crianças — respondeu Ian.

— O tio Kevin bebeu demasiado.

Danny estava há muito tempo a recluir esse momento. Albergava alguma esperança de que nunca chegasse, mas estava ali, e ele queria adiá-lo, deixá-lo para um pouco mais adiante.

— Sim, eu sei — disse Ian. — Mas disse alguma coisa sobre fugirmos de Rhode Island e sobre como conseguiste o teu dinheiro... Algumas crianças dizem que os seus pais dizem que eras uma espécie

de gangster.

Então, está aqui, pensou Danny.

Chegou o momento.

Podias esquivá-lo, mas não seria justo para o menino. Nem para mim.

Todos os pais querem que o seu filho (sobretudo, se for um rapaz), o admire. Querem ser um exemplo para ele, querem que pense que é perfeito. Portanto, dói muitíssimo e assusta reconhecer que não o és. Não quer dececioná-lo.

Mas, se não o fizeres, pensa Danny, mais cedo ou mais tarde terá uma desilusão de qualquer forma. E talvez seja pior, porque descobrirá que és um farsante, um embusteiro. E perguntar-se-á se alguma coisa do que lhe disseste é verdade.

Portanto, respondeu:

— Ian, há muito tempo, fiz coisas de que não estou orgulhoso. Se isso me torna um gangster, então, sim, suponho que possas chamar-me assim. Mas isso era então, não agora.

Mas é realmente verdade?, pensa, enquanto se precipita pela colina. Não acabaste de ressuscitar tudo ao servir-te de uma coisa terrível que o Pasco e o teu pai fizeram para convencer o George Stavros a vender-te o hotel?

Estarias disposto a contar isso ao teu filho algum dia?

Ian pareceu aceitar a sua explicação, mas perguntou:

— Fugimos mesmo de Rhode Island? Quero dizer, porquê?

— Porque havia pessoas que queriam matar-me.

— Ainda querem matar-te?

Parecia preocupado.

— Não — respondeu Danny. — Esses tempos já passaram, Ian. Prometo-te. Não tens de te preocupar com nada.

— Está bem.

— Se me acontecer alguma coisa — acrescentou Danny —, será por cair da maldita bicicleta.

Ian riu-se.

Agora, Danny agarra com força no guiador e chega ao fundo da encosta sem partir o pescoço, derrapa e para.

Ian também para, vira-se e sorri-lhe.

— Conseguiu!

— Tinhas dúvidas?!

— Sim!

— Já somos dois!

Passam mais dois dias a pedalar por Moab, alojam-se num hotel modesto da vila (Danny acha que a sua falta de luxos é estimulante) e comem hambúrgueres ou tacos em restaurantes locais ou em sítios de comida rápida. Na última noite, estão sentados no carro a comer o que compraram no Taco Bell quando Ian pergunta:

— O avião vem amanhã?

— Sim. — Danny cumpriu a sua promessa. Embora o voo de Moab para Las Vegas seja ridiculamente curto, prometeu ao seu filho um passeio no *jet* da empresa.

— Podia não vir? — pergunta Ian.

— O que queres dizer?

— Estou a gostar bastante de ir de carro. Talvez possamos voltar para casa assim, não é?

Não é o ideal.

Danny tem de voltar porque dois dias depois o Tara entrará na Bolsa com uma OPV inicial. Um momento crítico que decidirá se pode cumprir o seu sonho ou não.

As últimas semanas não foram exatamente como esperavam.

Mas para bem.

O almoço organizado por Barry Levine para angariar fundos correu

muito bem: um milhão de dólares angariados e um discreto *quid pro quo*. A ideia do imposto de quatro por cento descartou-se como um erro prematuro de um ex-colaborador demasiado entusiasta, e não haverá intimações da Comissão.

Portanto, Danny pôde respirar um pouco mais calmo.

O comunicado de George Stavros de que ia vender o Lavinia ao Grupo Tara sortiu o mesmo efeito.

A reação de Winegard foi surpreendentemente moderada. Às perguntas dos jornalistas, respondeu que, claro que estava dececionado, mas que George Stavros conquistara com mérito o direito de decidir os termos da sua reforma. Desejou sorte ao Grupo Tara e prometeu ser um bom vizinho.

Danny esperava essa resposta em público; o que não esperava era como Vern reagiu em privado. Pensava que ficaria furioso, mas as pessoas que o conheciam bem contaram-lhe que teve, acima de tudo, um desgosto e que disse:

— A ala do hospital. Devia ter pensado nisso.

Assim, o receio de uma guerra com o Grupo Winegard parecia infundado.

Outra grata surpresa foi a reação da opinião pública quando se soube que o Tara ia entrar na Bolsa. Embora Danny e os seus sócios pensassem que seria positiva, surpreendeu-os o entusiasmo que a notícia suscitou.

Os meios de comunicação social especializados no setor do jogo mostraram-se especialmente eufóricos. Falaram do histórico do Tara, da remodelação do Casablanca e do sucesso espantoso que o Shores constituía, e citaram a margem inusitada de lucros que a empresa conseguira num prazo de tempo tão curto.

A avaliação dos bancos e dos fundos de cobertura também foi positiva, e Dom garantia que não seria difícil subir o preço das futuras ações e ao mesmo tempo ficar com a maior parte delas.

Eram todas boas notícias, mas, mesmo assim, certamente não era o

melhor momento para que Danny tirasse uma semana de folga — fora disciplinado e não atendera o telemóvel, nem sequer nas zonas onde havia rede — e muito menos para prolongar as férias mais um dia.

Mas, quantas vezes é que uma criança diz que prefere passar o dia inteiro com o seu pai no carro, a comer em restaurantes de comida rápida e bombas de gasolina, a viajar num *jet* privado?

Quantas vezes é que o teu filho tem vontade de fazer uma viagem longa por estrada contigo?

— Sim — responde Danny —, posso fazer uma chamada e dizer que não tragam o avião. Mas tens a certeza?

— Sim, tenho a certeza.

De volta ao motel, faz a chamada para cancelar o voo. Ian e ele passam algum tempo a ver televisão de baixa qualidade e depois vão dormir. De manhã, levantam-se, tomam o pequeno-almoço e entram no carro para voltar para casa.

Danny escolhe o caminho mais longo e lento, a rota panorâmica, umas nove horas de viagem.

É um dos melhores dias da sua vida.

Regina Moneta, subdiretora do FBI para o crime organizado, viaja para Las Vegas.

Não vai jogar, beber, ver um espetáculo ou deitar-se ao sol. Nem a um casamento, uma despedida de solteira ou uma convenção.

Reggie está aqui com um único propósito.

Acabar com o Danny Ryan.

Talvez o Grupo Tara seja a estrela mais brilhante do setor do jogo e do mundo das finanças; talvez o comunicado da construção de uma nova ala num hospital infantil o transforme num filantropo muito amado nesta cidade; talvez se tenha transformado num ídolo local por causa do sucesso dos seus casinos, mas para ela não é mais do que um mafioso, um valentão de Nova Inglaterra que tem muita mania e que acha que se livrou do seu passado como uma serpente muda de pele.

E talvez seja assim, pensa Reggie, ao entrar num táxi. Porque o que mais a enfurece em Ryan é que tenha conseguido levar a sua avante. Talvez seja porque a sua mãe, essa bruxa poderosa, puxou alguns cordelinhos em Wall Street e Washington; ou talvez pela sua relação obscura com o mundo da espionagem devido a um favor que lhes fez relacionado com um cartel da droga; ou talvez pelo seu infortunado mas inegável carisma, mas o facto é que o mundo parece permitir que Danny Ryan leve sempre a sua avante.

O Conselho de Controlo do Jogo do Nevada fez vista grossa aos seus vínculos com a delinquência organizada. Os mesmos jornais sensacionalistas que o chamavam de gangster e narcotraficante, quando se envolveu com aquela estrela de cinema (que, com uma ironia deliciosa, morreu com uma *overdose*), desenvolveram uma espécie de amnésia seletiva e agora, além do mais, uma comissão do

Congresso, que poderia ter-lhe arrancado o manto protetor dos ombros, vai limitar-se a fingir que investiga.

Porém, o pior de tudo é que a sua própria agência parece importar-se muito pouco com Ryan ter, possivelmente, assassinado um dos seus agentes.

Dizem que são águas passadas, uma história antiga, mas para ela o assassinato a tiros do agente Phillip Jardine, em dezembro de 1988, continua a ser uma ferida aberta. Era seu amigo e seu amante, um bom tipo, embora o FBI pareça ter aceitado os rumores infundados de que se deixou corromper e estava envolvido no roubo de quarenta quilos de heroína.

Foi por isso que o silenciaram, atiraram terra sobre o assunto como se não tivesse nenhuma importância que Ryan deixasse Phil morto numa praia invernal. Era mais importante a apreciada reputação da agência.

Reggie fez tentativas subtis para que Marie Bouchard reabrisse o caso, mas a procuradora de Rhode Island, obcecada com o julgamento sensacionalista de Peter Moretti, mostrou pouco interesse.

Desde que matou Jardine, Ryan tem prosperado cada vez mais.

Reggie tem informação fidedigna de que ele e o seu gangue levaram a cabo um roubo numa casa em que um cartel escondia dinheiro e que ficaram com quarenta milhões de dólares em dinheiro impossíveis de rastrear. Sabe que investiu parte desse dinheiro num filme que foi um sucesso de bilheteira e com o qual, sem dúvida, encheu ainda mais os bolsos. A sua relação com a atriz Diane Carson monopolizou os programas de entretenimento da televisão e as revistas cor-de-rosa. Depois, o bom Danny abandonou-a, ela morreu com uma *overdose* e Ryan desapareceu uma temporada.

Voltou a aparecer algum tempo depois como sócio silencioso do Tara, sem cargo oficial, mas à frente de tudo, uma realidade que o Conselho se recusa a reconhecer e que, é claro, não vai remediar.

Reggie viu com fúria como adquiria o velho Scheherazade e o

transformava no próspero Casablanca, e indignou-se ainda mais quando fez um milagre económico com o Shores e se transformou no menino bonito da cidade.

E agora isto?

Comprar o Lavinia?

Para construir um megahotel?

E pôr a empresa na Bolsa?

Não, pensa Reggie.

Não.

Não, se eu conseguir impedi-lo.

O problema é que não pode fazer nada abertamente. Ryan ainda tem defensores poderosos em Washington que lhe ordenaram que o deixasse em paz.

Ryan, disseram-lhe, é terreno proibido.

Isso veremos, pensa.

Não pede ao taxista para a levar ao escritório do FBI, mas a um hotel de Henderson, nos arredores.

Jim Connelly já está na sala do hotel, sentado numa poltrona junto da janela. Levanta-se quando a vê a entrar. São como duas figuras de um estudo de contrastes: ela é baixa, de quarenta e tal anos, com a cintura engrossada pelo passar do tempo; ele é alto e extraordinariamente magro, um pouco curvado com os sessenta e poucos anos, com o cabelo, antes loiro, transformado num tom que só pode descrever-se como amarelado.

Tem os olhos azuis injetados de sangue.

Mas tem-nos sempre assim, pensa Reggie ao sentar-se à frente dele. Jim Connelly dá sempre a impressão de ter passado uma longa noite a beber, embora não seja esse o caso. Ela sabe que padece de uma espécie de síndrome de olho seco, agravado pelos seus anos no deserto.

Antes, era o chefe da delegação do FBI em Las Vegas e, ao reformar-

se, aceitou um cargo de direção numa empresa de segurança do setor dos casinos, como fazem muitos agentes do FBI na cidade quando se reformam. Portanto, agora Connelly é o chefe de segurança dos hotéis Winegard, um cargo importante e muito bem remunerado.

Um cargo que deve a Reggie Moneta.

Ela conseguiu-lhe o trabalho de chefe de delegação para lhe facilitar uma boa almofada quando se reformasse, e recomendou-o com entusiasmo às pessoas do Winegard, embora a verdade fosse que, apesar de ser competente, quanto ao crime organizado, Connelly não fizera uma merda.

O que não era nada estranho em Las Vegas.

Até princípios dos anos oitenta, a delegação de Las Vegas era uma piada, pensa Reggie. Os seus chefes punham palas nos olhos no que dizia respeito à influência da máfia nos casinos, sabendo que, se realmente agissem, só conseguiriam angariar inimigos na cidade e cortar as cordas dos seus paraquedas de ouro. E o que era ainda pior, os representantes do Nevada no Congresso e no Senado eram pagos pela indústria do jogo e serviam-se do seu poder em Washington para acabar com qualquer tentativa de investigar seriamente os casinos.

Joe Yablonski mudou essa cultura ao perseguir a máfia com contundência e eficácia. Durante o seu mandato, praticamente expulsou o crime organizado da cidade, com a notável exceção dos locais de *striptease*. Mas Yablonski ganhou muitos inimigos em Las Vegas e, quando chegou a hora de se reformar, ninguém lhe ofereceu uma alternativa, nem em Las Vegas nem em Washington.

Connelly tomou nota ao chegar e decidiu não seguir os passos de Yablonski. O seu antecessor agarrara na vassoura que varrera da cidade as máfias de Chicago, Kansas City e Detroit; Connelly, pelo contrário, não sentiu a necessidade de a empunhar. E quando decidiu reformar-se, o Grupo Winegard contratou-o com prazer.

Agora, fixa em Reggie os seus olhos avermelhados e pergunta:

— A que devo o prazer?

— Ao Danny Ryan.

— Por amor de Deus, Reggie, nunca vais deixar isso?

— Não. — Lança-lhe um olhar demorado. — Pensava que o Phil era teu amigo.

Foi por isso que escolheu Connelly a dedo e o tirou do escritório de Boston para o levar para Las Vegas.

— E era — diz Connelly.

— E vais deixar que o Ryan leve a sua avante?

— O que devia fazer, na tua opinião?

— Açular o teu chefe — responde Reggie. — Por amor de Deus, o Ryan acabou de roubar o Lavinia à frente dos vossos narizes e o Winegard vai ficar de braços cruzados?

— É o que parece.

— Não.

Connelly desata a rir-se.

— Como assim? O meu patrão é ele, não ao contrário.

— Ouvir-te-á.

— Sabes quem é que o Vern Winegard ouve? — diz Connelly. — O Vern Winegard.

— Bom, se tem tanto ego, aproveita-o. Também quero que o Conselho de Controlo do Jogo investigue a licença de *Key Employee* de Ryan.

Qualquer pessoa que ocupe um cargo importante num casino deve ter uma licença de *Key Employee* que certifique que não tem antecedentes penais graves, vínculos com a delinquência organizada ou problemas conhecidos de toxicodependência ou vício do jogo. Ryan, como diretor de operações hoteleiras do Grupo Tara, tem a licença.

Dan Ryan tem muito poder nesta cidade, pensa Connelly, tal como o Grupo Tara. Se agir contra eles e o descobrirem, quem sabe o que se passará. E se tentar dizer ao Vern o que tem de fazer? Pôr-me-á na

rua.

Connelly recosta-se na poltrona.

— Não posso fazer o que me pedes, Reggie.

— Eu arranjei-te este trabalho. É assim que me agradeces?

— Pede-me qualquer outra coisa.

— Estou a pedir-te *isto*.

Connelly não quer ser ingrato, mas a verdade é que já não trabalha para Reggie Moneta e ela já não pode fazer-lhe nada. Nem fazer nada por ele.

— Lamento muito, Reggie, não pode ser.

— Sim, claro. Tens uma vida muito agradável. Uma casa nos subúrbios com quatro quartos, duas casas de banho e meia, e piscina...

Ele não diz nada. O que pode dizer? Tem razão.

— Tudo isso pode desaparecer — continua Reggie. — És um crápula ingrato e ganancioso, Jim. Mas, além disso, és muito descuidado. — Abre a sua mala, tira uma pasta fina e deixa-a sobre a mesinha que tem à sua frente. — É um depoimento de um jogador profissional chamado Stuart Alcesto. Tem-se dedicado à contagem de cartas em todos os hotéis Winegard e tu fizeste vista grossa em troca de uma comissão. Apanharam-no com um bom carregamento de coca e decidiu denunciar-te.

Connelly não lê o depoimento. Não é preciso. Já sabe o que contém.

— Portanto — diz Reggie —, ou vais tu falar com o Winegard e com o Conselho sobre o Ryan, ou vou eu e falo-lhes de ti. Despedir-te-ão, perderás a tua licença para trabalhar nos casinos e terás sorte se conseguires ganhar a vida a prostituir putas de vinte dólares em Atlantic City. Adeus, quatro quartos; adeus, duas casas de banho e meia; adeus, piscina. Vai ser difícil dizer à tua mulher, não é? Portanto, essas são as tuas opções. Eu sei qual escolheria.

— O que puder fazer para te ajudar, Reggie, tu sabes que o farei —

responde Connelly.

— Claro que sei. Obrigada, Jimmy.

Reggie volta a guardar a pasta na mala e levanta-se. Quanto mais depressa apanhar um avião e sair daqui, melhor.

Odeia esta cidade.

Jim Connelly é demasiado inteligente para falar diretamente com Vern e ser alcançado por uma bala dirigida ao mensageiro. Numa cidade cheia de mexericos, prefere deixar que os mexericos façam o seu trabalho. Começa pelo casino do State Fair; diz a um dos gerentes do casino:

— Homem, tens de saber as barbaridades que o Dan Ryan anda a dizer sobre o Vern.

— Que barbaridades?

— Não soubeste?

— Não.

— Contaram-me — diz Connelly —, que disse que tinha deixado o Vern completamente em ridículo. Que o tinha feito ficar como um parvo. Já sabes, por causa da venda do Lavinia.

Conhece o tipo, sabe que, antes de acabar turno, já terá espalhado a notícia por todo o hotel.

No Riverboat, torna-se ainda mais maldoso. Enquanto bebe um copo com o diretor de segurança, diz-lhe:

— Não consigo acreditar no que me contaram sobre o Dan Ryan. Sabes o que dizem que disse? — Inclina-se, olha à sua volta como se quisesse certificar-se de que ninguém o ouve e acrescenta: — Disseram-me que disse que o Vern ficou com cara de parvo com o Lavinia e que era o que lhe faltava, com a cara que já tem.

— Foda-se. Disse isso?

— Foi o que me disseram.

— E o Vern sabe?

— Espero que não.

No dia seguinte, tenta «encontrar-se por acaso» com Zina Stavros quando ela sai da sua reunião do Clube de Mulheres. Como se conhecem há anos, ficam a conversar. E então diz-lhe:

— Zina, posso fazer-te uma pergunta? O que aconteceu com a venda do Lavinia? O Vern achava que era um dado adquirido.

— Não sei — responde ela. — O George só me disse que tinha mudado de opinião e que não queria falar do assunto. Já sabes como é. Porquê?

— Porque as pessoas andam a comentar coisas.

— E o que dizem?

— Mais te vale não saber.

— Diz-me, Jim.

Connelly conta-lhe, contrariado, que na cidade se comenta que George se deixou enrolar por Dan Ryan, que traiu o seu bom amigo Vern e que faltou à sua palavra.

— O meu marido é um homem de palavra — responde Zina.

Connelly encolhe os ombros. Pelos vistos, não.

Zina vai diretamente para casa e conta ao seu marido o que as pessoas andam a dizer.

— Tanto me faz o que digam — responde George. — Deixa-os falar.

— Mas trata-se do nosso bom nome — diz Zina. — E não vais acreditar no que o Dan disse do Vern, é horrível. Disse que ficou com cara de parvo e que era o que lhe faltava, com essa cara que tem.

— Onde ouviste isso?

— Estavam a comentá-lo no Clube de Mulheres.

— Isso são mexericos.

— Porquê, George?

— Porquê, o quê? — pergunta, embora saiba muito bem.

— Porque vendeste o hotel ao Dan Ryan em vez de ao Vern?

George levanta-se do banco da bancada da cozinha e aproxima-se do frigorífico. Enquanto procura alguma coisa para comer, pergunta:

— Há quanto tempo estamos casados?

— Cinquenta e sete anos, já sabes.

— E nesses cinquenta e sete anos eu tratei dos negócios e tu da casa e correu-nos bastante bem assim — diz, enquanto pega em meia sandes de atum embrulhada em plástico. — Alguma vez te perguntei porque compraste um sofá azul em vez de um vermelho? Perguntei-te porque precisávamos de um tapete novo para a sala?

— Isto não é coisa de um tapete ou de um sofá.

Vira-se para ela.

— Zina, acredita em mim, confia em mim. Há coisas que é melhor não saberes.

Tal como há coisas que ele desejaria não recordar.

Vern ouve-o.

Enquanto anda pelo casino do State Fair, ouve uma empregada a dizer:

— ...que ficou com cara de parvo, que era o que lhe faltava!

O *croupier* ri-se.

Vern para.

— O que disseste?

— Nada, senhor Winegard. — A empregada parece aterrorizada.

— Não, era algo engraçado e hoje preciso de me rir um pouco. O que estavas a dizer?

Porque já sabe do comentário de Ryan.

É a bisbilhotice da cidade.

Mas ouvi-lo no casino do seu próprio hotel...

— Nada, senhor.

— Alguma coisa sobre a minha cara? — pergunta Vern. — Vá lá, podes dizer-me. Tenho um espelho na casa de banho.

A empregada fica a olhar para ele, paralisada.

O *croupier* fixa o olhar na mesa.

Vern vai à sua reunião semanal com o Jim Connelly.

Agora está irritado.

Já estava chateado desde que Stavros lhe dissera que tinha mudado de ideias, mas dizia a si mesmo que era apenas uma questão de negócios. Mesmo assim, doía-lhe, feria o seu orgulho. Perder o Lavinia arruinava os seus planos de expansão e destituía-o como Rei de Las Vegas. E não gostava nada que essa coroa fosse parar a Dan Ryan.

É um truísmo da vida americana que ninguém supera a sua fase no secundário. Ou é o auge da vida de uma pessoa (um auge que nunca voltará a alcançar), nesse caso o resto da sua existência parece um declínio triste, ou é um calvário penoso que alguém quer esquecer, sem conseguir.

Vern é um tipo inteligente, está ciente de que, de certo modo, está sempre a tentar compensar — talvez em excesso — o facto de ter sido o rapaz do acne, o «cara esburacada», que nunca conseguia a rapariga, que nunca foi sequer considerado para rei do baile.

Achava que deixara tudo isso para trás graças aos seus milhões e a que muitos dos que antes gozavam com ele (ou que, pior ainda, o ignoravam) agora têm de obedecer às suas ordens; têm, de facto, de lhe dar graxa e de se submeter a todos os seus caprichos.

Agora, no entanto, voltou tudo outra vez.

Dan Ryan — bonito e carismático; o capitão da equipa, o *quarterback*, o engatidão por antonomásia — vai tirar-lhe a sua coroa, recordando-lhe assim o que ele nunca foi nem será.

Ao princípio, apenas ardia. Agora, esse desconforto transformou-se numa dor surda que lhe corrói as entranhas.

Foi ver Stavros para tentar convencê-lo.

— Queres uma ala no hospital? Eu construo-te uma. Construir-te-ei um hospital inteiro, se quiseres.

— Agora que o Ryan já mo ofereceu.

— Tínhamos um acordo.

— O contrato não estava assinado — indicou Stavros.

— Porquê? Isso é o que quero saber.

— Eu gosto mais do que o Ryan tenciona fazer — respondeu George.

Claro que sim, pensou Vern. Os hotéis do Ryan são bonitos e elegantes. Os meus são hotéis simples para trabalhadores. Os dele são para pessoas bonitas; os meus, para pessoas normais. Entendo.

— O quê? Isso dos sonhos? — perguntou. — Vá lá.

Mas não conseguiu convencer esse velho teimoso. Portanto, ia dar-se por vencido. O que poderia fazer?

Então, começou a ouvir rumores sobre o que Ryan andava a dizer, a gozar com ele, a vangloriar-se da sua vitória. Tudo bem, pensou. Para ser sincero, certamente, eu faria o mesmo.

Mas quanto à sua cara...

Já ouvira todas essas brincadeiras de merda outras vezes, tivera de as suportar desde criança e achava que desenvolvera, por assim dizer, uma pele muito grossa.

Mas o facto de virem de Ryan depois do Lavinia fodeu-o.

O maldito Ryan e o seu maldito sonho de merda.

— Ouviste as coisas que o Ryan anda a dizer? — pergunta a Connelly.

— Tenho vontade de lhe dar um murro na boca — responde Connelly. E, como Vern não responde, acrescenta: — Ou de lhe acertar onde mais lhe dói.

— A que te referes?

— A recuperar o Lavinia.

— Isso já não tem remédio — responde Vern.

— O Ryan é um gangster. Demorámos dez anos a expulsar a máfia de Las Vegas e agora vamos deixar que voltem a apoderar-se disto? Tu és o único que pode detê-los.

— O Dan não é um gangster.

Vern ouviu rumores, como todos. Ouviu o que aquele bêbado disse na festa de Ryan e arrepende-se de lhe ter feito uma provocação por isso. A verdade é que é difícil para qualquer dono de um casino (quase todos eles empresários honrados) fugir do velho estigma da máfia. O Ryan sempre agiu dentro da legalidade, pensa Vern, e o facto de me ter tirado o Lavinia não é motivo para contribuir para manchar a sua reputação.

— És demasiado bom — diz-lhe Connelly. — Demasiado cavalheiresco. Vá lá, tinha acordos com o Pasco Ferri. Apareceu em todos os tabloides há uns anos.

— Nos tabloides.

— Mesmo assim, quem sabe como terá pressionado o Stavros? Olha, aqui entre nós, os federais têm o olho nele.

— Que merda estás a dizer?

— Digo que, se decidires fazer alguma coisa contra ele — acrescenta Connelly —, terás aliados.

— Que aliados?

— Os federais, talvez.

— Deixa-te de mistérios — diz Vern. — Sabes alguma coisa ou não?

Sem mencionar nomes, Connelly fala-lhe da sua reunião com Reggie Moneta.

Omitindo algumas coisas.

— Não sei — diz Vern. De qualquer forma, já é demasiado tarde, pensa. O Grupo Tara já é dono dos terrenos.

Claro, mas quem é o dono do Grupo Tara?

A coisa poderia ter acabado aí.

Vern teria ruminado algum tempo o seu mal-estar e depois ter-se-ia esquecido do assunto. Poderia ter acabado aí, se não fosse pelo leilão de beneficência.

Danny não quer ir.

Por vários motivos.

Primeiro, porque odeia os bailes de gala. São aborrecidíssimos, além de uma perda de tempo. Em vez de passar horas sentado a licitar por coisas que não quer nem vai usar, poderia limitar-se a passar um cheque em nome da Fundação Rosa Blumenfeld para a Investigação do Cancro. De facto, preferi-lo-ia.

Segundo, porque não entende que sentido fazem os leilões de beneficência. As pessoas doam coisas quando seria muito mais eficaz doar dinheiro e pronto. É realmente um ato de caridade comprar uma coisa que deseja? Além disso, a maioria dos participantes pode dar-se ao luxo de comprar o que quiser. Mas não, pensa Danny, querem que os outros os vejam a fazer a sua doação, querem transformar a sua generosidade numa competição, num concurso filantrópico de ver quem a tem maior, num exercício de «e eu mais do que tu».

E terceiro e mais importante, sabe que Winegard estará ali.

Normalmente, não se importaria. Assistiu a dezenas de eventos desse tipo com Vern e ambos se prestaram de bom grado a encenar o jogo da rivalidade amistosa, competindo por objetos de que acabam sempre por se desfazer. Estabeleceu-se uma espécie de ritual entre eles: deixam alternadamente que o outro ganhe e fingem-se desiludidos. A cidade espera com ansiedade por esse espetáculo fixo e

desfruta dele.

Mas, desta vez, é outra coisa que as pessoas esperam.

Uma inimizade real.

Os rumores também chegaram aos ouvidos de Danny.

No outro dia, Dom entrou no escritório e perguntou:

— O que raios disseste sobre o Winegard?

— Nada.

— Não foi isso que me disseram. Estava a jogar raquetebol e todo o ginásio comentava que tinhas andado a falar mal do Vern.

— Parece-te que faria isso?

— Não — disse Dom. — Foi por isso que estranhei. Bom, sei que estavas irritado com o que disse na festa...

— Nem pensar, foda-se.

— Mas, Danny, gozar com a cara dele?

— O que estás a dizer?

Santo Deus, pensou Danny quando Dom lhe contou tudo. Alguém diz a outra pessoa que lhe disseram que disse alguma coisa sobre a cara de Vern e agora, à força da repetição, transformou-se num facto.

— Falarei com ele.

— Se fosse a ti, não o faria — disse Dom. — Poderia ser pior. Eu deixaria que a irritação passasse.

Sim, talvez, pensa Danny agora.

Talvez devesse falar com Vern diretamente para resolver isto, mas não é preciso ser à frente de uma multidão que espera uma briga monumental.

— Tens de ir — diz-lhe Gloria.

Ela também ouviu os falatórios. Se até a sua cabeleireira estava a comentá-lo... «O que é que o teu chefe disse do Vern Winegard?» «Nada. O senhor Ryan não diz essas coisas.» «Pelo que me disseram...» «Tanto me faz o que te disseram.»

— Supostamente, tenho de ficar em segundo plano — diz Danny.

Mesmo assim, o assunto é de domínio público, pensa Gloria. E é um problema. Mas se Dan não for ao baile de gala, só conseguirá dar mais credibilidade aos rumores.

— És um diretor do Grupo Tara — alega. — O baile de gala celebra-se num dos teus hotéis. Espera-se que vás e que licites. E tens de ir de cerimónia, Danny.

— Que maravilha.

— E é melhor ainda se lebares alguém.

— Queres vir comigo, Gloria? — pergunta Danny.

— O que diria o meu marido?

— Ficaria feliz, garanto-te.

Danny encontrou-se com Trevor várias vezes e sabe que adoraria ficar em casa a beber uma cerveja e a ver um jogo de basebol. Mas o Tara reservou cinco mesas, portanto, vai ter de vestir o fato de pinguim e acompanhar obedientemente Gloria ao baile de gala.

— Sabes onde está o teu *smoking*? — pergunta ela.

— Não, porque tu sabes.

— Tu não precisas de um encontro, precisas de uma esposa.

— Talvez esta noite haja uma no leilão e possa licitar por ela.

— Não tens de licitar. És o solteiro mais cobiçado da cidade. Podes ter a mulher que quiseses.

Já tenho a mulher que quero, pensa ele.

E Eden não quer aproximar-se do leilão.

— Não quero ter nada a ver com esse tipo de coisas — disse-lhe, quando ele puxou o assunto.

— E se leiloarem uma primeira edição da Jane Austen?

— Vão fazê-lo?

— É claro que não.

— Então, é um não terminante. Mas, se achas necessário ir

acompanhado, por mim, não te cortes.

— Não acho que seja necessário.

— As mulheres vão ficar loucas — disse Eden.

A gala é exatamente isso: Las Vegas na sua máxima expressão, em todo o seu esplendor.

Para começar, o ilusionista que passou dois anos a esgotar os bilhetes num dos teatros do Shores faz desaparecer um Lamborghini. O desportivo amarelo brilhante, modelo Diablo, avaliado em 250 000 dólares, estava no palco sob um foco e, de repente, já não está.

Desapareceu.

— Como fez isso? — pergunta Ian. Parece muito incomodado com o seu *smoking*, embora esteja muito bonito e, no fundo, está orgulhoso por estar tão bem vestido e entre todas aquelas pessoas tão sofisticadas.

— É magia — responde Danny.

— Mentira.

— Essa língua — diz Madeleine. Está muito elegante, sentada junto do seu acompanhante, um homem respeitável de cinquenta e tal anos, gay não assumido. Danny acha que é uma espécie de político.

No meio dos aplausos, o ilusionista anuncia:

— O Lamborghini voltará a aparecer no fim do leilão, quando algum sortudo fizer a licitação mais alta e o levar!

Seria apropriado descrever o público como «deslumbrante», pensa Danny, tendo em conta a abundância de vestidos de lantejoulas, e há decotes suficientes para provocar palpitações a um batalhão de escuteiros.

Danny volta a concentrar-se na sua galinha da Cornualha, embora não entenda porque se considera um prato requintado um frango minúsculo que não há forma de cortar. Se servir frango, as pessoas

queixam-se de que se serve frango, mas se lhes servir um frango minúsculo com um nome inglês, não se sentem maltratadas.

— Como está a tua galinha da Cornualha? — pergunta a Ian.

— Sabe a frango.

Danny está a começar a gostar deste rapaz.

— No próximo jantar que organizarmos, haverá macarrão com queijo.

— Por mim, incrível — responde Ian. — Então, vais comprar o Lamborghini?

— Não — diz Danny.

Por um lado, o meu pénis ainda funciona, pensa. E por outro, o plano é deixar que Vern leve o carro. Licitar contra ele e perder. Winegard tem de acabar a noite a sentir que me ganhou em alguma coisa.

— Vá lá, papá — insiste Ian —, podes deixá-lo na garagem até eu fazer dezasseis anos.

— Sim, claro. Quando fizeres dezasseis anos, terás um Honda em segunda mão. Sabes que carro tinha eu com dezasseis anos?

Levanta o polegar.

Ian olha para ele, estranhando, e Danny lembra-se então de que já ninguém pede boleia e sente-se como um parvo por ter recorrido à cartada do «quando eu tinha a tua idade». Além disso, por sorte, ainda falta muito tempo para Ian conduzir.

— Pensava que ias dizer um cavalo — diz Ian. — Percebes? Já sabes, por seres tão velho.

— Que engraçadinho.

— Sou, não sou? — Ian sorri.

Estão ali os mesmos sempre: a maioria dos donos de hotéis, os diretores e as suas esposas e famílias, o evento celebra-se à tarde para que as crianças possam assistir. Barry Levine veio com a sua mulher e os seus filhos, Dom e Jerry com as suas respetivas famílias, e Vern

com Dawn e Bryce, que já é quase tão grande como o seu pai.

Como só os separam quatro mesas, os seus olhos cruzam-se com os de Vern uma ou duas vezes, mas ambos se apressam a desviar o olhar.

Isto é absurdo, pensa Danny. Temos de o resolver de uma vez. Quando Vern se levanta, talvez para ir à casa de banho, ele aproveita a oportunidade.

— Volto já.

Alcança Winegard no *hall*.

— Vern, podemos falar?

Vern vira-se.

— Não achas que já disseste o suficiente?

— Não sei o que terás ouvido. Só posso falar do que eu ouvi, e garanto-te, Vern, que não disse nenhuma dessas coisas.

— Foi-mo dito por pessoas que o sabem com certeza.

— Tu conheces esta cidade. É como um telefone escangalhado constante e...

— Primeiro, fazes-me a cama com o Lavinia...

— Isso são negócios.

Sim, eram negócios, pensa Danny. Mas, sê sincero contigo mesmo, jogaste sujo.

— E depois andas por aí a dizer às pessoas que me deixaste em ridículo? Que me humilhaste? — pergunta Vern.

— Eu nunca disse...

— O que disseste, então?

— Nada.

Vern não responde. Danny vê que está a pensar, que talvez esteja disposto a acreditar.

— Sinto o máximo respeito por ti — acrescenta. — Como empresário, como pai, como rival e também como colega.

O semblante de Vern relaxa.

E então, Danny lixa tudo.

— E lamento que... — Para ao ver pela cara de Vern que foi um erro desculpar-se.

— O que lamentas?

— Que tenhas tido de ouvir essas coisas tão desagradáveis.

— Vai-te lixar, Ryan — responde Vern. — Pelo menos, tem tomates e chama-me feio na cara; a esta cara esburacada.

— Vern...

— Não te aproximes de mim a partir de agora. Não temos nada para falar.

E vai-se embora.

Várias pessoas viram a cabeça, mas Danny sabe que viram e ouviram tudo. Dez minutos depois, todos na sala saberão. Dan Ryan tentou desculpar-se com Vern Winegard e o tiro saiu-lhe pela culatra.

Incrível.

Volta à mesa e senta-se.

— Como correu na casa de banho? Correu tudo bem? — pergunta Ian.

Crianças de dez anos, pensa Danny.

Que grandes comediantes.

Começa o leilão.

Objetos caros e prestigiados: um relógio Patek Philippe, um colar Buccellati, uma mala Hermès, uma viagem de esqui a Aspen, um cruzeiro de veleiro do Taiti até Bora Bora, uma moto de água Kawasaki, uma moto vintage MV Agusta de 750 que Barry Levine leva por 175 000 dólares.

O Grupo Tara cumpre a sua parte: Madeleine compra uma mala, Dom uma viagem de esqui, Danny consegue um taco de baseball assinado por Carl Yastrzemski, que tenciona oferecer a Ned.

A noite é um grande sucesso e angaria-se muitíssimo dinheiro para a investigação do cancro.

Então, chega o Lamborghini.

Para dar mais suspense ao grande reaparecimento e aquecer o ambiente, os apresentadores fazem o ilusionista voltar ao palco. Não é que o público precise disso. Já se espalhou a notícia do confronto no *hall* entre Ryan e Winegard, e a sua competição ritual pelo objeto mais valioso da noite não precisa de mais publicidade.

Todos a esperam com ansiedade.

O leiloeiro lê a descrição: um Lamborghini VT Roadster de 1997, do qual se fabricaram apenas duzentas unidades, com motor V12 de 5,7 litros, 485 cavalos e transmissão de cinco velocidades, capaz de alcançar os 325 quilómetros por hora.

Na verdade, Danny não tem qualquer interesse; não é muito amante de carros. Mas Vern sim, é engenheiro, entusiasma-o a aeronáutica e tem uma coleção de carros clássicos, portanto, vai querer comprar aquele veículo que é, em suma, um avião terrestre.

Mas agora Danny também o quer.

Não porque esteja realmente interessado no carro — não sabe o que raios faria com ele —, mas porque tem uma ideia.

Para avivar o fogo, o leiloeiro abre a licitação em 50 000 dólares, um preço ridículo.

Danny levanta o seu cartaz.

Sessenta mil.

Vern levanta o dele.

Setenta mil.

Ouve-se um murmúrio de satisfação entre a multidão.

Isto já começou.

Danny e Vern continuam assim, um atrás do outro. Mais ninguém licita: o público conhece o jogo, sabe que o resto dos presentes são espetadores num jogo de ténis, mexendo a cabeça de um lado para o outro entre os dois adversários.

O jogo à bola é rápido: respostas imediatas, sem hesitações.

Oitenta mil, noventa mil, cem mil.

Na verdade, só estão a aquecer: todos sabem que o jogo se decide no último *set*.

Cento e vinte mil para Ryan, cento e quarenta mil para Winegard.

— Ouvi cento e cinquenta mil?

Danny levanta o seu cartaz.

Vern não espera.

— Cento e sessenta!

Danny assente com a cabeça à pergunta tácita.

— Cento e setenta mil, ouço...?

— Cento e oitenta! — grita Vern.

Continuam assim, avançando rapidamente para os 250 000 dólares, o valor real do carro, a oferta vencedora de Vern. Aí deveria acabar a licitação, se não fosse porque Danny volta a levantar o seu cartaz e

diz:

— Duzentos e setenta e cinco mil!

«Ooooh!», exclamava o público.

Dom inclina-se para Danny.

— O que estás a fazer?

— Já vais ver.

— Achava que queríamos paz — diz Dom. — Querias que o Winegard ganhasse.

— Trezentos mil! — grita Vern. Olha para Danny do outro lado da sala. Não finge, não tenta disfarçar o seu ódio.

Danny retribui o olhar e diz:

— Trezentos e vinte e cinco mil.

— Trezentos e cinquenta!

Cem mil acima do valor real do carro.

Danny sabe que todos estão a olhar. Sorri, encolhe os ombros e diz como se nada fosse:

— Quatrocentos mil.

— Dan, o que estás a fazer? — pergunta Dom.

Ian olha para o seu pai, boquiaberto.

Madeleine observa-o do outro lado da mesa com um sorriso tenso e disciplinado, mas não diz nada.

Vern levanta o seu cartaz.

— Quatrocentos e vinte e cinco mil.

Ninguém ignora que Winegard aumentou menos a licitação do que Danny. O jogo à bola acalma-se à medida que o jogo se aproxima do seu fim.

O que Danny devia fazer — o que sabe que devia fazer de acordo com as regras implícitas do jogo — era aumentar outros vinte e cinco mil, deixar que Vern ofereça quatrocentos e setenta e cinco, e depois retirar-se.

Vern ganha; é Vern quem a tem maior.

Danny sente centenas de olhos cravados nele. Olha para Vern através da sala, levanta o seu cartaz e diz:

— Quinhentos mil.

A sala fica completamente em silêncio. Todos os olhos se viram para Vern. Tem a cara congestionada, o queixo tenso, os lábios crispados numa careta de fúria.

Olha fixamente para Danny.

E pousa o seu cartaz sobre a mesa.

— E o Lamborghini VT Roadster é para o Dan Ryan do Grupo Tara!
— exclama o leiloeiro. — Por quinhentos mil dólares! Que demonstração de generosidade! Que grande dia para a investigação do cancro!

Vern vira-se para a sua mulher.

— Que parvo. Acabei de o fazer pagar meio milhão por um carro que não vai usar.

Um rufo de tambor e então...

O ilusionista faz reaparecer o carro.

— Dan Ryan, ao palco! Venha buscar o seu prémio!

Danny sobe entre aplausos. O leiloeiro entrega-lhe as chaves do carro e pede-lhe que faça um discurso.

— Só quero agradecer a todos por virem — diz Danny. — Obrigado pela vossa generosidade. Juntos, encontraremos a cura. Obrigado.

Desce do palco.

O público levanta-se e começa a ir-se embora.

— Dan, que merda fizeste? — pergunta Dom. — Humilhaste esse tipo.

— Já vais ver.

Danny abre caminho entre a multidão e aproxima-se de Vern, que se dirige para a porta com a sua família.

— Vern, espera.

— O que queres?

Dawn e Bryce olham para Danny com ódio.

Danny põe-lhe a chave na mão.

— Quero que fiques com o carro. Como presente. Por qualquer ofensa que possa ter-te causado. Considera-o uma oferenda de paz.

Vern atira a chave ao chão.

— Que se lixe a tua paz.

Vira-lhe as costas, vai-se embora e deixa Danny ali plantado.

Com cara de parvo.

— Não sei como te ocorreu — diz Madeleine, mais tarde, sentada na sala de estar.

— Era uma oferenda de paz — responde Danny.

— Só lhe deste mais motivos para que pense que realmente disseste essas coisas. Como se tivesses a consciência pesada.

Sou católico irlandês, pensa Danny, tenho sempre a consciência pesada, mas estive mal como convenci o Stavros a vender-me o hotel. Fiz mal ao tirá-lo ao Vern.

Típico de ti, pensa. Tiras uma propriedade de mil milhões de dólares a um homem e tentas compensá-lo com um carro de duzentos e cinquenta mil. Não é de estranhar que te tenha atirado as chaves à cara. Ou aos pés, melhor dizendo.

Danny sabe que toda a cidade o comenta.

O confronto no *hall*.

O leilão.

A rejeição de Vern da sua oferta de paz.

— Se antes já te invejava — diz Madeleine —, agora odeia-te.

— É muito reconfortante que digas isso. Obrigado.

— Preferirias que te mentisse? Querias tudo ao mesmo tempo. Querias fazer as pazes com o Vern, mas, se fores sincero contigo mesmo, reconhecerás que também querias derrotá-lo. Portanto, tentaste fazer as duas coisas e não te correu bem.

Tem razão, pensa Danny.

— Mudaste — acrescenta ela. — Antes estavas sempre disposto a ficar em segundo plano ou ainda mais abaixo. Mas já não. Agora queres ganhar, e eu, pela minha parte, estou orgulhosa de ti. Não tens de te envergonhar de ganhar, Danny. Ou devia chamar-te Dan?

Meu Deus, pensa Danny.

— Não precisas que o Vern Winegard te ame, nem sequer precisas que goste de ti — prossegue a sua mãe. — O Lavinia já é propriedade do Tara. Constrói o teu hotel. Constrói o Il Sogno.

Isso é o que Danny faz.

Vende o Lamborghini e doa o dinheiro à fundação que luta contra o cancro.

E depois começa a trabalhar para realizar o seu sonho.

Jake Palumbo é a combinação perfeita dos seus pais.

O pai é, coisa rara, um italiano ruivo, e a mãe é loira. O cabelo de Jake é uma mistura dos dois, mais próximo do amarelo ou do vermelho segundo o tempo que passar ao sol. Tem os olhos verdes de Chris e o nariz aquilino, e lábios finos de Cathy.

É um jovem bonito, que treina com regularidade e está em forma, e além disso é sensível por natureza, um traço que a dureza da vida ensinou os seus pais a reprimir. Jake, pelo contrário, ainda não se curtiu; sente as coisas intensamente.

É assim desde criança.

Tinha uns doze anos quando começou a perceber que o seu pai não era um empresário normal, mas um membro da máfia. Alguns filhos de mafiosos tornam-se conflituosos e arrogantes ao descobri-lo. Em Jake, teve o efeito contrário: tornou-se reservado, cautelosamente educado, e teve muito cuidado para não se aproveitar do estatuto do seu pai.

Não queria ser esse tipo de pessoa.

Nisso, parecia-se muito com o seu amigo Peter Júnior: modesto, discreto, bom estudante e com sucesso entre as raparigas, embora não andasse com muitas.

Peter, mesmo assim, lixou tudo.

Jake entendia (com muita dificuldade) que tivesse matado Vinnie, mas a sua própria mãe? Agora vão julgá-lo, e certamente irá para a prisão para o resto da sua vida.

É triste.

Jake lamenta por ele.

Ambos cresceram sabendo que, com o tempo, entrariam no negócio familiar. Peter Júnior queria entrar primeiro nos *marines*, mas Jake não tinha esse impulso. Ele só queria tirar o curso, começar a trabalhar com o seu pai e substituí-lo algum dia.

Mas, então, o seu pai desapareceu.

Foi-se embora sem mais nem menos.

Abandonou-os.

Isso partiu-lhe o coração porque idolatrava-o. Era forte, inteligente, divertido e, se era um mafioso, pois bem, que fosse, era o que faziam as pessoas da sua geração. Mas Chris sentou-se a falar com ele quando pensou que tinha idade suficiente para o entender e explicou-lhe que todo esse assunto da máfia era como um dinossauro, que se extinguiria, deixando para trás outras coisas.

Entre essas outras coisas estavam os negócios familiares. Tinham-nos criado graças ao dinheiro e ao poder da máfia, claro, mas com o tempo seriam legais. E se de vez em quando a família tinha de usar parte da sua antiga força para proteger os seus interesses, então... Enfim, a vida era assim.

Jake não achava mal.

Continua sem achar.

Só que agora a família está com a corda ao pescoço e não tem nenhuma força para endireitar as coisas. Os tipos como John Giglione andam a roubá-los, faltam-lhes ao respeito e ele não pode fazer nada para o evitar.

O seu pai poderia.

Mas o seu pai não está lá.

Portanto, Jake decide encontrá-lo, o que o leva a encontrar-se cara a cara com o homem sentado do outro lado do vidro, na sala de visitas da prisão. Não sabia por onde começar. Os outros amigos do seu pai não vão ajudá-lo a resolver o problema, porque eles são o problema.

Foi por isso que foi visitar Joe Narducci, de quem se lembra de

quando era criança. Narducci cumpriu dez anos de uma pena de vinte e cinco e, com oitenta e um anos, nunca sairá daqui.

Pelo menos, na vertical.

— O teu pai? — diz. — Claro que o conhecia.

Aos olhos do jovem Jake parece tão antigo como o tempo ou como um desses velhos edifícios de Providence: abandonado, decrepito, prestes a ruir.

— Pode dizer-me alguma coisa sobre ele? — pergunta.

Narducci sorri, mostrando os seus dentes pequenos e amarelos.

— Posso contar-te muitas coisas. O teu pai, naqueles tempos, era um personagem. Lutámos juntos contra os irlandeses. Foi uma pena o que lhe aconteceu.

— A que se refere? — pergunta Jake, com o coração acelerado. Narducci sabe alguma coisa?

— Que o matassem assim, na banheira. Vendido pela sua própria mulher.

Jake percebe que está a falar de Peter Moretti pai.

— Senhor Narducci, sou o Jake Palumbo, o filho do Chris Palumbo.

— Eu sei — responde o velho. — Como está o teu pai? Dá-lhe lembranças da minha parte.

Jake compreende que foi ali em vão.

— Assim farei.

Mas, de repente, o olhar de Narducci aguça-se, torna-se astuto.

— Disseram-me que há gente que está a dar problemas à tua mãe. O que vais fazer a esse respeito?

— Estou a tentar localizar o meu pai.

— Onde estás, na infantil? Já és um homem. O chefe da família. Depende de ti fazer alguma coisa.

Mas não sei o que posso fazer, pensa Jake.

Matar John Giglione? Nunca briguei a sério e muito menos matei

alguém. E mesmo que não fosse assim, há mais meia dúzia e todos têm os seus sequazes.

— Olha para o Peter Júnior — diz Narducci. — Fez o que tinha de fazer. Quem sai aos seus não degenera.

— O Peter é um bom rapaz.

— Tu és um bom rapaz. Ouço-te a falar e é como se estivesse a ouvir o teu pai. Tens de fazer com que se sinta orgulhoso de ti.

— Senhor Narducci, você sabe onde ele está?

— Está por aí, a rodar com o vento. — Narducci abana a mão. — Como uma folha.

— Alguns dizem que entrou no programa.

— O teu pai, não. É da velha escola. Mas falaste com o Paulie Moretti?

— Porquê? — pergunta Jake.

Narducci semicerra os olhos.

— Disseram-me que... que talvez lhe tenham contado alguma coisa.

— Não acho que queira falar comigo.

— Não saberás até tentares. — Endireita-se para o fazer ver que a conversa está prestes a acabar. — Educaram-te bem, portanto, saberás que não podes vir aqui com as mãos vazias.

— Trouxe-lhe *prosciutto* — diz Jake. — Dei-o ao guarda para si.

— Bem dizia que eras um bom rapaz.

Sim, pensa Jake, sou um bom rapaz.

Talvez esse seja o problema.

Pam Moretti abre-lhe a porta.

Há anos que Jake não a vê. Quando era um adolescente, Pam era lindíssima, era a mulher mais atraente que já tinham visto. Costumava fantasiar com ela.

Era, além disso, uma lenda, a mulher que começara a guerra entre italianos e irlandeses ao abandonar Paulie Moretti para escolher Liam Murphy. Depois, Liam morreu e ela voltou para Paulie.

Agora, dá a impressão de que devia dedicar um pouco de tempo a correr na passadeira para perder uns quilinhos. Tem as pálpebras caídas e, embora sejam apenas duas da tarde, salta à vista que esteve a beber.

Ou outra coisa.

Para sua surpresa, Pam reconhece-o.

— És o Jake Palumbo?

— Sim, senhora.

— Senhora... — diz. — Fazes com que me sinta mais velha do que sou. És a cara chapada do teu pai. Fico contente por te ver, Jake.

— Igualmente. O senhor Moretti está?

Ela baixa o tom de voz.

— Acho que acabou de se levantar da sesta. Vou ver. Entra.

Pam leva-o para a sala de estar e vai procurar o seu marido. Jake senta-se no sofá. A sala não tem nada de especial, tal como a casa: uma casa normal, de um só andar, a dez quarteirões da praia de Fort Lauderdale. Há um sofá, algumas poltronas reclináveis e uma televisão de ecrã grande.

Jake esperava mais de Paulie Moretti, o irmão mais novo do antigo chefe. Mas Paulie não é ninguém desde que mataram Peter, só mais um mafioso dentro de uma família sem líder.

Paulie entra na sala de estar, desalinhado, com o cabelo despenteado e os olhos inchados pelo sono. Usa uma *t-shirt* preta, calças de ganga e meias pretas, e está descalço. Deixa-se cair numa das poltronas reclináveis e vira-a para ficar de frente para Jake em vez de para a televisão.

— O filho de Chris Palumbo.

— Sim, senhor.

— Como está o teu velho? — pergunta Paulie. — Ah, claro, não sabes, ninguém sabe. Não liga nem escreve...

Está bêbado, pensa Jake. Bêbado ou drogado.

— Eu gostava do teu pai, sabes? — continua. — Gostava desse homem.

Jake pensa que vai desatar a chorar.

— Mesmo depois de nos fazer essa merdice... — A sua voz apaga-se, dissipa-se como uma espiral de fumo, arrastada pelo passado.

— Você sabe o que aconteceu? — pergunta Jake.

Paulie conta-lhe a história.

Chris convenceu a família a comprar quarenta quilos de heroína aos mexicanos, mas, como Chris era como era, deu uma volta ao assunto e mandou um tipo, Frankie Vecchio, falar com os irlandeses e convencê-los a roubar o carregamento. E depois chegou a um acordo com os federais para que detivessem os irlandeses. Desse modo, acabariam com eles de uma vez por todas e ganhariam a guerra. O federal, um tal Jardine, era um polícia corrupto, de modo que todo o cavalo voltaria para a família, mas Danny Ryan guardou dez quilos que os federais não conseguiram encontrar.

— O teu velho encontrou-os — diz Paulie. — Foi à casa onde estavam escondidos para os levar, mas o Ryan apareceu. Não havia

problema, o Chris tinha os seus homens à espera lá fora, mas...

— Mas o quê, senhor?

— O Ryan também tinha os seus homens a montar guarda à frente da vossa casa, com ordens de vos matar, a ti, à tua irmã e à tua mãe, se não saísse dali com a heroína. O que é que o teu pai ia fazer?

— Deixou o Ryan ir — diz Jake.

— Porque vos amava. Vejo que te lembras disso. A questão é que o Jardine apareceu morto numa praia, o teu velho desapareceu e muitíssimas pessoas perderam dinheiro, e é só isso.

Pam reaparece.

Jake já sabia que muita gente perdeu dinheiro. Têm-no tirado à sua mãe e a ele desde então. O que não sabia era que o seu pai entregara a droga para lhes salvar a vida e de repente sente um arrebatamento de carinho pelo seu velho.

— Falei com o Joe Narducci. Disse-me que talvez você soubesse alguma coisa. Sobre onde o meu pai possa estar.

— Vamos beber alguma coisa — diz Paulie. — Queres uma bebida, filho?

— Tenho de conduzir.

— Não, esta noite, ficas connosco — diz Pam. — Temos um quarto livre. Bebe uma bebida, assim, a vida é mais doce.

— A Pam não gosta da Florida — explica Paulie. — Eu, uma manhã, levantei-me em Providence, comecei a raspar o gelo da merda do para-brisas e decidi que já estava farto, que não ia voltar a tirar neve com uma pá. E viemos para aqui.

— Eu queria ir para Miami ou para West Palm — diz ela. — Mas o Paulie disse que era demasiado caro.

— É uma menina mimada — acrescenta Paulie.

— Sabes porque as pessoas mais velhas se mudam para a Florida? — pergunta Pam. — Porque assim se importam menos de morrer.

Prepara três gins-tónicos bem carregados e dá um a Jake. Depois,

vê-a a abrir um frasco de comprimidos e a pôr um na sua bebida e outro na de Paulie. Oferece-lhe um, arqueando as sobrancelhas inquisitivamente.

— Valium. Põe um na bebida e passarás melhor a quinta-feira.

Só que é sexta-feira, pensa Jake. Mas não quer ofendê-los, precisa que Paulie lhe dê a informação que tiver, e onde fores...

— Está bem.

Põe o Valium no copo.

— Doces sonhos, jovem Jake.

Quando acorda, Jake não sabe se Pam Moretti foi realmente para a sua cama ou se o sonhou. Tem a cabeça confusa e a boca parece cheia de algodão. Levanta-se, lava os dentes, põe um pouco de água na cara e vai à cozinha.

Paulie está meio recostado num banco, junto da bancada do pequeno-almoço.

— Há café na cafeteira. Se quiseres tomar o pequeno-almoço. O pequeno-almoço serve-se por volta das onze, quando Sua Majestade se levanta. Dormiste bem?

Jake não sabe se a pergunta tem segundas intenções.

— Sim. E você?

— Como uma pedra. Sonhei com o meu irmão. De certeza que te lembras dele.

— Eu era bastante novo, mas sim, claro.

— Esse cabrão do Vinnie matou-o na banheira, consegues acreditar? Mas o meu sobrinho comportou-se, eh?

— Só que agora vai passar o resto da sua vida na prisão — responde Jake.

— Não sei — diz Paulie. — Tem um advogado bastante bom. Esse *hippie* da trança.

— Bruce Bascombe — diz Jake. — Como é que o Peter Júnior vai pagar-lhe?

— Não te enganes. Já se sabe quem vai pagar a conta: o de Pompano.

Pasco Ferri, pensa Jake.

Bom, muito bem, fica contente por ele.

Pam aparece à porta vestida com um roupão de seda azul frouxamente apertado na cintura.

— Bom dia, Jake.

— Meu Deus, levantou-se! — exclama Paulie. — Um pouco cedo para ti, não é?

— Dormi bem — responde Pam, sorrindo para Jake.

Jake olha para Paulie. Se sabe (se é que há alguma coisa que devesse saber), não se lhe nota na cara.

— Ontem, disse-lhe que o Joe Narducci me disse que talvez você soubesse alguma coisa.

— Dizem que o Narducci tem Alzheimer.

— Senhor Moretti — diz Jake —, preciso da sua ajuda. O John Giglione e os outros estão a deixar-nos secos. Não sei quanto tempo mais a minha mãe conseguirá aguentar. Preciso de encontrar o meu pai. Você sabe onde está? Sabe se está vivo?

— Conta ao Jake o que sabes — diz Pam.

Paulie suspira.

— Lembras-te do Joe Petrone, que tinha uma peixaria nos arredores de Goshen? Era bom amigo do teu pai.

— Não.

— Não, claro, o Joe é mais velho do que Matusalém — diz Paulie. — A questão é que tinha uma daquelas autocaravanas e viajava com ela por todo o país, vá-se lá saber porquê. Um dia, passou por aqui e disse-me que tinha visto o teu pai.

O coração de Jake acelera.

— Quando foi isso? — pergunta.

— Foi há alguns meses. O Joe disse-me que tinha visto o teu velho num bar em não sei que lugar do Nebraska, no quinto dos infernos. Ou no sexto, eu sei lá...

— Falou com ele?

— Não — responde Paulie. — Não te aproximas de um tipo que fugiu e está a esconder-se, porque podemos não sair com vida. A questão é que o Joe o viu a ir-se embora e perguntou por ele. Parece que aquele tipo, que o Joe jurava que era o teu pai, vivia com uma mulher no meio do nada. Os da vila riam-se porque diziam que ganhava a vida a fodê-la. Não é um mau trabalho, se o conseguir.

— Ou se fores capaz de o fazer — acrescenta Pam.

Paulie não reage.

— Como é que o Narducci descobriu? — pergunta Jake.

— Talvez lhe tenha dito alguma coisa ao telefone — diz Paulie. — Ou não sei, talvez o Phil lhe tenha contado. Nunca soube manter a boca fechada.

— Acha que falaria comigo? — pergunta Jake.

— Se procurares uma dessas... como se chamam? Uma médium. O Phil bateu a bota há duas semanas. Um enfarte fulminante. Ia a conduzir. Ainda bem que não chocou com nenhum carro nem matou ninguém.

Então, pensa Jake, se o tal Phil era um desbocado, já todos saberão.

— Tenho de ir.

— Fica alguns dias — diz Pam. — Desfruta da praia.

— O rapaz disse que tem de ir.

— Vou fazer um *bloody*. — Pam olha para Jake. — Queres um?

— Não, a sério, tenho de ir.

— Então, vai-te embora — responde ela, zangada.

Jake entra no seu carro e vai-se embora.

O que tenho de fazer agora?, pensa. Percorrer todo o Nebraska até encontrar o meu pai?

Nem sequer sabe muito bem onde fica o Nebraska, mas tem a sensação de que é muito grande. Claro que qualquer estado é grande

comparado com Rhode Island. Uma coisa está clara: Giglione e os outros já estarão a varrer o Nebraska em busca de Chris Palumbo. E não para falar dos velhos tempos, isso de certeza.

Estarão à procura dele para o matar.

Pasco Ferri sabe exatamente onde é o quinto dos infernos.

O velho Joe Petrone disse-lhe o nome da vila, antes de chocar com a autocaravana contra um poste de luz.

E ainda bem que mo disse, pensa Pasco.

Malcolm é uma povoação situada a alguns quilómetros a noroeste de Lincoln, no Nebraska. Se o que Petrone contava é verdade, não devia ser muito difícil encontrar Chris.

Dá o trabalho a Johnny Marks.

Johnny trabalha de forma independente. Não pertence a nenhuma família em concreto, mas faz trabalhos de alto nível para todas. É um profissional, discreto e disciplinado. Limita-se a fazer o seu trabalho sem alardes nem complicações. A última vez que Pasco recorreu a ele foi para que falasse com Danny Ryan e lhe dissesse da sua parte que deixasse essa atriz de Hollywood.

Coisa que Danny fez.

Agora, precisa que encontre Chris Palumbo.

Para resolver essa confusão de uma vez por todas.

Porque Nova Inglaterra está uma merda.

Está assim desde a manhã em que Chris fugiu.

O vazio de poder foi horrível.

Desde a morte de Vinnie, ninguém segurou realmente as rédeas. A maioria dos homens não quer ocupar o cargo devido à história dos seus antepassados e porque é praticamente como convidar os federais a fodê-lo vivo usando a lei RICO.

Pasco ocupava o trono antes, mas reformou-se e deixou-o a Peter.

Ou tentou reformar-se, pensa agora.

Porque não para de haver problemas e as outras famílias, as grandes famílias de Nova Iorque e Chicago, continuam a recorrer a mim para que apague o fogo.

Ninguém quer ver essas coisas nos jornais.

É mau para o negócio ou para o que resta dele.

E agora as famílias, sobretudo a de Nova Iorque, estão a pressioná-lo para que ponha ordem em Nova Inglaterra. É um maldito caos, como se um carro entrasse dentro de um circo e um monte de palhaços saíssem de lá aos tropeções.

Como John Giglione, que agora acha que pode ocupar o escritório da direção, mas que não tem a inteligência nem a força necessárias para o conseguir.

Ainda assim, Pasco pensa que é melhor isso do que nada e estava prestes a ungir Giglione quando lhe chegou a notícia de que tinham encontrado o desaparecido Chris Palumbo. E que Giglione e os outros palhaços vão «ocupar-se do assunto».

Mas de certeza que lixarão tudo, pensa Pasco. Talvez consigam, sim, mas fá-lo-ão de tal forma que haverá mais artigos nos jornais. E isso, juntamente com o julgamento de Peter Júnior, seria uma catástrofe.

Daí que as grandes famílias se tenham envolvido no assunto.

Tens de voltar, Pasco, e pôr ordem.

Resolver o problema de Nova Inglaterra.

Que é a última coisa que Pasco quer. Os médicos deram-lhe três ou quatro anos de vida, no máximo, e não quer passá-los a resolver nada: nem telhados, nem canalizações, nem uma família mafiosa decrépita. Mas, que remédio tem? Se quiser desfrutar desses três ou quatro anos, tem de fazer alguma coisa.

E que desastre será o julgamento de Moretti, pensa, enquanto olha para Johnny Marks do outro lado da mesa. É bem provável que abra muitíssimas caixas que deviam permanecer fechadas.

Ordenara a Bascombe que evitasse por todos os meios que houvesse julgamento, que chegasse a um acordo com o Ministério Público, fosse o que fosse, e que Peter se declarasse culpado para que o assunto se dissipasse depois de um dia ou dois de atenção mediática e ninguém — e menos ele mesmo — tivesse de testemunhar.

Mas Bascombe contrariou-o pensando que talvez pudesse fazer com que o rapaz fosse absolvido. De um duplo homicídio e com uma confissão pelo meio. Pasco não vê como, mas deixou que o advogado seguisse em frente.

Talvez seja por causa do que os médicos me disseram, pensa. Talvez já esteja a pensar no momento em que me encontrarei cara a cara com são Pedro e tenha de prestar contas do que fiz nesta vida. Os padres, claro, dizem que isso se resolve com a extrema-unção, mas, e se se enganarem? Fiz coisas terríveis, quase sempre porque tinha de as fazer, mas terríveis de qualquer forma.

Uma delas foi o que fiz a essa rapariga, a Cassandra. Era muito jovem. Claro que, na terra de onde viemos, havia noivas ainda mais jovens, mas, mesmo assim, era muito jovem e nunca o superou, com todos esses problemas que teve com as drogas e o álcool. E ainda por cima morreu jovem, morta a tiros na mesma banheira do que Peter Moretti pai. Neste mundo, não contou a ninguém o que lhe fiz, mas talvez no outro mundo o tenha contado e essas acusações estejam à minha espera quando chegar lá.

E depois há Peter Júnior. Veio perguntar-me o que devia fazer a respeito de Vinnie e da sua mãe terem mandado matar o seu pai e eu praticamente empurrei-o a fazer o que fez. E quando veio ver-me depois, pu-lo na rua.

Portanto, devo alguma coisa ao rapaz.

Pelo menos, a oportunidade de viver um pouco.

Passo a passo, diz-se Pasco, cada coisa a seu tempo.

Tudo isto começou com Chris, portanto, talvez acabe com Chris.

— Preciso que encontres o nosso amigo antes de os outros o

encontrarem.

— Não acho que haja problemas — responde Marks.

Não, pensa Pasco, com Johnny Marks não devia haver.

Marks resolve problemas.

Chris Palumbo não sobreviveu tanto tempo neste mundo por ser estúpido ou descuidado.

Viu Joe Petrone no bar.

Esperou o tempo suficiente para que não se notasse e depois foi-se embora.

Agora, está preocupado.

Não é que pense que o caquético Joe Petrone seja um sicário que está à procura dele, mas Phil é um desbocado. Não sabe se o reconheceu, mas pode permitir-se correr esse risco?

Não deverias, diz-se, enquanto desce pelo campo de milo ceifado em direção aos álamos e ao riacho.

Não sabia o que era milo até chegar ao Nebraska. Conhecia o milho e talvez o trigo, mas não sabia que existia o milo nem que era uma variedade de sorgo. Quem sabe o que diabo é isso?

O mais sensato é desaparecer.

Depressa.

Mas o outono no Nebraska é lindo. O ar fresco é um alívio depois da humidade sufocante do verão. Odeia o inverno, mas parece-lhe uma pena ter de se ir embora no outono.

E depois há Laura. O que vou dizer-lhe? Ou não lhe digo nada? Talvez acorde uma manhã e eu me tenha ido embora, como numa canção *folk* das más. Entenderá e procurará outro homem.

Mas portou-se muito bem contigo, pensa Chris.

Deu-te uma boa vida.

Ao chegar à alameda, senta-se.

Mas...

Há sempre um «mas», pensa.

Estás a cansar-te dela.

Por muito boa que seja na cama, estás um pouco farto de foder por obrigação. Far-te-ia bem descansar, uma pequena mudança. Diz a verdade, alguém novo. Lá, em Rhode Island, tinha Cathy, mas também tinha amiguinhas, porque na variedade está o gosto e todas essas coisas. Laura tem muitas cartas na manga, mas é sempre o mesmo baralho, e agora há vezes em que tem de usar a sua imaginação para cumprir.

E poder dormir.

Ultimamente, tem uns sonhos estranhos como a merda.

Pequenas visitas à morte.

Uma noite, teve uma conversa com a sua mãe.

— Estou morta, sabes? — disse-lhe ela.

— Não, não sabia — respondeu. — O que te aconteceu?

— Foste tu. Partiste-me o coração.

— Ena, lamento muito. Como está a Cathy? Vê-la?

— Tem problemas, como todos.

— Está com outro? — perguntou Chris.

— Não, que eu saiba.

— Ah.

Outra noite, sonhou que estava sentado com Peter Moretti na esplanada do Liffy, o bar da praia onde se encontravam no verão.

— Se voltares para casa, tem cuidado — disse-lhe Peter.

— Sim? Porquê?

— As malditas mulheres — disse Peter —, não podes confiar nelas. Soubeste o que a minha Celia fez? Dei tudo a essa puta e mandou o Vinnie matar-me. Na merda da banheira, Chris.

— Pensei que estavas com a Cassie Murphy.

— Bom e o que ia fazer, eh? — Peter bebeu um longo gole da sua cerveja e olhou para o mar. — Vigia a Cathy, faz-me caso.

— Não, ela não é assim.

Peter inclinou-se sobre a mesa.

— Todas são assim.

Então, acordou e sentiu Laura ao seu lado.

Outra noite, falou com outro morto.

Sal Antonucci.

Sal, um sicário curtido e forte, foi morto a tiros quando saía do apartamento do seu namorado. No sonho, estava sentado lá em baixo, na mesa da cozinha, a comer *donuts*.

Do Dunkin' Donuts.

Com glacé.

Tinha açúcar à volta dos lábios.

— Sentia a falta deles — disse.

— E eles a tua — respondeu Chris. — Mas, ouve, tiveste um funeral lindo.

Sal sorriu.

— Sim? Foi muita gente?

— Estás a gozar? — perguntou Chris. — Aquilo estava a abarrotar. Só havia espaço de pé.

Então, Sal franziu o sobrolho.

— Alguém disse alguma coisa sobre ser um *finocchio*?

— Não. Não puxaram o assunto.

— Melhor.

— Mas, claro, enterraram-te de barriga para baixo.

Sal levantou-se da mesa.

— É uma brincadeira — disse Chris. — Só estava a gozar um bocadinho contigo. Vá lá, homem, Sal, senta-te e desfruta dos *donuts*.

— Quando jogava baseball atirava as bolas, não as apanhava — respondeu.

— E quem se importa com isso?

Mas Sal foi-se embora.

Uns sonhos estranhos como a merda, pensa Chris.

Talvez tentem dizer-me que deveria voltar.

E reconhece-o, também tem um pouco de saudades de casa.

Quem diria?

Mas é verdade. Sente a falta do mar, das praias, da comida... Se alguém no Nebraska faz uns *cannoli* decentes, ninguém mo disse, pensa. E pastéis de amêijoas? Esquece. E sopa de marisco? Também não.

Sim, claro, como se pudesses voltar, pensa.

Se tens medo de que te encontrem aqui, imagina ali. Em quinze minutos já se teria espalhado a notícia e em meia hora estarias morto.

Mas pergunta-se como estará a sua mulher e os seus filhos.

Como estará Cathy?

Como estará Jill?

E Jake?

Lembra-se de como Cathy se riu dele, com esse olhar malicioso, quando lhe disse que, se tivessem um filho, queria chamar-lhe Jacob.

— Jake e Jill? — perguntou. — E o que farão, subir a colina e descer aos tropeções? E ele partirá a cabeça?

— Mas o que estás a dizer, foda-se? Que cabeça?

— É uma canção infantil. *Jack e Jill*.

Chris não sabia.

Mas Cathy cedeu e deram o nome de Jacob ao menino, e agora é um bom rapaz. Inteligente, educado. Chris sente-se mal pelo que lhe fez, por o ter abandonado. Mas o que poderia ter feito?

O que vou fazer agora?, pergunta-se.

Abandonar outra pessoa?

Talvez.

Voltar para casa? Dar a cara?

Talvez sim.

Ou talvez não.

Talvez fique aqui todo o outono. Posso ter ainda mais cuidado, estar ainda mais atento, ter sempre uma arma por baixo do casaco.

Esperar que comece a nevar e então decidir.

Laura diz sempre que tem intuição.

Que presente as coisas.

Que é bruxa.

Talvez seja isso ou talvez seja apenas o que uma mulher intui ou sabe, mas a questão é que sente que Chris está a escapar-lhe.

Sente-o na cama quando está em cima dela e fecha os olhos, e percebe que está a evocar a lembrança de outra mulher e gostaria que ele lho dissesse porque não se importa; ela poderia ser essa mulher, ela entende, ela também tem as suas lembranças e as suas fantasias.

Talvez isso reavivasse um pouco as coisas.

Talvez então ele ficasse.

Porque ela sabe que está a pensar em ir-se embora.

Como os gansos no outono.

E talvez já esteja na hora.

Mas sentirá a falta dele, sentir-se-á sozinha.

Como isso a entristece, depois de dar a sua aula de ioga não vai diretamente para casa, mas passa pelo bar para beber uma cerveja ou talvez duas. E então o universo manda-lhe outra mensagem, porque um homem tenta seduzi-la.

E além disso é bonito.

Um pouco velho, talvez. Deve ter pouco mais de sessenta anos, mas ainda conserva um bom cabelo encaracolado e meio grisalho, é magro, mede cerca de um metro e setenta e veste-se bem: casaco de camurça castanho-claro, camisa de sarja azul, calças chino e umas botas de cano alto com atacadores, com aspeto de serem caras.

Não é daqui, mas pela roupa também não parece um caçador de faisões.

Tem um sorriso bonito, além de dentes limpos e direitos.

Retribui o sorriso e, antes de dar por isso, estão sentados a uma mesa e, três cervejas depois, ela está a contar-lhe tudo. O tipo é quase como, não sei, um padre sexy ou uma coisa dessas.

Com um pouco de sorte, será um desses padres que fodem.

— Queres saber o que penso? — pergunta-lhe ele, quando ela acaba de lhe falar de Chris. — Que tens de confiar no teu instinto. Pareces muito intuitiva. Se achas que quer ir-se embora, certamente tens razão.

Ele entende, pensa Laura. Entende-me.

— Achas que devia tentar convencê-lo a ficar?

— Já sabes a resposta para essa pergunta.

Tem razão, pensa ela. Sei. Se houvesse um motel na cidade, levá-lo-ia para lá agora mesmo.

— Devia deixar que se vá embora.

O tipo limita-se a assentir.

Está em Lincoln a trabalho, tinha a tarde livre e decidiu dar uma volta de carro pelo campo.

— Quanto tempo vais estar por aqui? — pergunta-lhe Laura.

— Só esta noite, mas vou voltar muitas vezes nos próximos meses. Posso encontrar-te aqui, Laura?

Responde-lhe que provavelmente não, que não é muito de beber.

Mas diz-lhe onde é a sua quinta.

Chris pressente-o antes de o ver ou de o ouvir.

A presença do outro.

Todas as presas têm essa intuição. Às vezes, salva-as, outras é

demasiado tarde: a consciência fugaz de que a vida acabou. Chris intui-o quando se senta ao volante do carro para ir à vila fazer as compras.

Põe a mão no casaco para pegar na pistola, mas é demasiado tarde.

O canhão da arma crava-se na nuca, mesmo por baixo do crânio, e compreende que é um homem morto.

— Calma, Chris — diz-lhe Johnny Marks. — Arranca.

A meio caminho da vila, manda-o parar.

— Podes virar-te — diz.

Chris vira-se e vê Johnny Marks. Sente que vai mijar nas calças. Nos filmes, os tipos duros têm ar de o ser, mas isto não é um filme. Mesmo assim, não perde a cabeça.

Por pouco.

— O de Pompano manda-te cumprimentos — diz-lhe Marks.

— Fá-lo de uma vez. Por favor. — Chris está a tremer. Não consegue dominar-se muito mais tempo.

— Se fosse matar-te, estaríamos a falar? Tu sabes que isto não funciona assim.

Chris sabe, sim. O terror remete um pouco e então consegue pensar.

— Vives bem aqui — continua Marks. — Tens uma boa mulher. É uma pena que tenhas de te ir embora. Os teus velhos amigos de Providence sabem onde estás.

— Porque é que o Pasco me avisa?

— Porque precisa que lhe faças um favor — responde Marks.

Nessa noite, Chris e Laura têm sexo de despedida. Ambos sabem que é o último, portanto, não era preciso dizer-lhe:

— Vou-me embora de manhã, bem cedo.

— Eu sei.

— És fantástica e isto foi ótimo, mas tenho de ir para casa.

— Depois de tanto tempo — diz Laura —, o que é que ela tem que eu não tenha? É mais bonita? Mais inteligente?

— Não. Mas tenho responsabilidades.

De manhã, antes de o sol nascer, Laura prepara-lhe umas sandes de presunto, algumas maçãs e uma garrafa de sumo de uva.

— Para o caminho — diz.

— És muito boa comigo — responde Chris.

— Amo-te.

Laura vê-o a afastar-se no carro.

Nunca mais teve notícias do bonitão do bar.

A primeira batalha do julgamento por homicídio contra Peter Moretti Júnior trava-se sem ele.

Um frente a frente entre Bruce Bascombe e Marie Bouchard numa audiência preliminar sobre a admissibilidade da confissão de Peter Júnior.

— Em primeiro lugar — diz Bascombe —, o meu cliente não estava a ser representado por um advogado no momento em que fez essa confissão espúria.

— Leram os direitos ao Moretti e renunciou a ser representado por um advogado — replica Marie.

— Não estava em condições mentais para compreender os seus direitos — alega Bruce —, e muito menos para tomar uma decisão informada. Sofria de síndrome de abstinência agudo, para o qual não recebeu tratamento, a propósito, e transtorno de *stress* pós-traumático.

— Causado por? — pergunta Marie.

— Por ter presenciado a morte da sua mãe.

Ela desata a rir-se.

— Meritíssimo, o advogado de defesa acabou de contar literalmente a velha piada da criança que mata os seus pais e depois pede clemência alegando que é órfã.

— Continuem — diz o juiz Frank Faella, que os conhece bem a ambos por os ter tido muitas vezes na sua sala. Depois, passa os dedos pelo cabelo grisalho e recosta-se na cadeira para ver o espetáculo.

— Em relação à validade, ou falta dela, da suposta confissão propriamente dita — prossegue Bruce —, o meu cliente não deixou claro, e nós também não até agora, o que estava a confessar.

— Mas como? — pergunta Faella.

— Vamos ver o vídeo — diz Bruce.

— É melhor seguirmos a transcrição — responde Faella.

— Está bem — diz Bruce. — Consta de duas declarações. Primeiro: «Não temos nada de que falar. Quero confessar». Como já assinalei à doutora Bouchard, confessar o quê? Era um jovem desorientado. Que ele soubesse, podiam tê-lo detido por posse de drogas, por roubo, por vadiar...

— Deixámo-lhe muito claro que...

— Ah, sim? — pergunta Bruce. — Porque na gravação só se vê a inspetora Dumanis a dizer: «Então, temos de falar de muitas coisas. Tem de nos explicar tudo com detalhe». Tudo? O quê?

— Os homicídios, evidentemente — diz Marie.

— Talvez seja evidente para si, mas era para o Peter? Duvido que o seja para um júri. Depois, há a outra declaração, a única restante: «O que querem que vos diga? Fui eu». O mesmo argumento, meritíssimo, o mesmo problema de base. São coisas vagas.

— Estávamos prestes a entrar em detalhes quando chegou o senhor Bascombe e pôs fim ao interrogatório — diz Marie.

— E ainda bem que o fiz — responde Bruce. — Se não, até o teriam feito confessar o assassinato do Kennedy.

— De qual deles? — pergunta Marie.

— Dos dois, certamente. Meritíssimo, esta suposta confissão é extremamente vaga, obteve-se através de coações...

— Que coações?! — pergunta Marie.

— Um jovem confuso que provavelmente sofria de alucinações devido à abstinência de heroína, que foi deixado sem um advogado numa salinha com vários agentes e uma procuradora que o intimidavam...

— Oh, por favor... — diz Marie.

— Meritíssimo, mesmo que admita esta «confissão» como prova,

desacreditá-la-ei perante o júri. Convocarei para depor especialistas em direito, especialistas médicos...

— Nós também temos especialistas para convocar — replica Marie.

— E o julgamento prolongar-se-á meses. Vamos julgar este caso com base nos factos. Marie, se tens tanta certeza de que tens provas, não precisas desta porcaria.

— Inclino-me a dar-lhe a razão — diz Faella. — Marie, uma última tentativa?

— A confissão é válida — responde ela, sabendo que o seu argumento é muito fraco.

— Não vou admiti-la — conclui Faella. — A confissão não será apresentada como prova e, Marie, não tolerarei nenhuma tentativa de se referir a ela de forma dissimulada e tentar introduzi-la sorrateiramente. O Bruce pediria a anulação do julgamento e eu conceder-lha-ia.

Fora da sala, Marie diz:

— Primeiro assalto, Bruce. Foi apenas o primeiro assalto.

— Mas já estás a perder pontos — responde ele.

Sentado à mesa da salinha de reuniões da prisão, Peter Júnior espera que o seu advogado entre.

Mudou nos meses decorridos desde a sua detenção.

Para começar, passou a abstinência deitado em posição fetal no chão de cimento da sua cela. Foi um pesadelo, mas agora está limpo pela primeira vez há anos. E pela primeira vez há anos, desde que apertou o gatilho para matar Vinnie e a sua mãe, tem a cabeça limpa.

Abre-se a porta e Bruce Bascombe entra e senta-se.

— O juiz rejeitou a tua confissão — diz.

— O que significa isso? — pergunta Peter Júnior.

— Significa que é como se não existisse. Ou seja, não existe.

Peter Júnior deixa escapar um suspiro de alívio.

— Achas que tenho alguma possibilidade?

— És religioso, Peter?

— Sou católico.

— Esquece tudo isso — diz-lhe Bruce. — A partir de agora só acreditas numa coisa: em mim. «Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vai ao Pai, senão por mim.» Ou seja, se fizeres tudo o que eu te disser e não fizeres nada que eu não te diga, talvez tenhas uma possibilidade. Se não, o resto da tua vida vai parecer-se muito com como é agora. Entendes?

Peter entende, sim.

Pensou muito, sentado numa cela. Sabe o que fez. Sabe que o que fez foi horrível e malvado, e que merece um castigo.

Mas não quer passar o resto da sua vida numa cela.

Antes prefere matar-se.

Mas não quero, pensa.

Peter Moretti Júnior quer viver.

Danny está a viver o seu sonho.

Il Sogno.

O Grupo Tara montou um escritório independente numa nave industrial anódina nos arredores da cidade para planear e desenhar o hotel, e ele passa ali a maior parte das suas horas de trabalho.

Tirando do sério arquitetos, *designers* e engenheiros.

Quer que o *hall* principal seja construído com paredes de vídeo LED em que se projetem imagens que nunca sejam as mesmas, que nunca se repitam duas vezes. Quer que os elevadores para os quartos estejam banhados por uma luz que mude constantemente. Quer que as três torres residenciais do hotel partam do edifício central formando uma curva elegante, e se elevem para o céu.

— O que quer? Oz? — perguntou-lhe um arquiteto, exasperado.

— Não — respondeu Danny. — O Oz já foi feito. Quero algo que ainda não se fez.

A cantilena «Dan, isso não é possível» costuma receber como resposta: «Tudo é possível». À frase tantas vezes repetida «Não sabemos fazer isso», ele responde: «*Ainda* não sabemos fazer isso».

Todos pensam que está louco, mas o que é uma verdadeira loucura é que quase sempre encontrem uma forma de superar os desafios que lhes faz e que, além do mais, no fundo, comecem a desfrutar disso. Pelo menos, os que restam, porque alguns vão-se embora, ao que Danny responde: «Estamos melhor sem eles».

Os que ficam — os Sobreviventes, como lhes chama Jerry — trabalham no edifício como monges a iluminar manuscritos. Pensam num desenho atrás de outro só para que Danny os rejeite com o

mantra: «Podemos fazê-lo melhor».

E fazem-no, com efeito.

O projeto continua a avançar.

Para Danny, talvez seja o momento mais feliz da sua vida. Está ocupado, concentrado no trabalho, imerso na criação de algo belo. Com os destroços de uma vida que conheceu demasiada destruição, está a construir algo novo.

E a encontrar o equilíbrio.

Trabalha muitas horas, mas todas as noites, sem exceção, tenta estar em casa para jantar. Quando Ian vai para a cama, ele volta para o trabalho, mas tira os fins de semana de folga. Aos sábados, Ian escolhe o que quer que façam juntos: um passeio de bicicleta, ir ao cinema, almoçar, seja o que for. Às vezes, só quer sair para dar uma volta e Danny adorou que lhe pedisse para ir à nave ver uma das muitas maquetas de argila do Il Sogno.

— É muito bonito, papá.

— Achas?

— Sim. Muito bonito.

Aos sábados à noite costuma haver sessão de cinema. Danny, Ian e Madeleine — e às vezes um amigo íntimo ou dois, ou às vezes Ned — sentam-se na sala de projeção da casa e veem um filme, comem pipocas e preparam taças de gelado, por isso Danny tem de passar mais tempo na passadeira a correr, mas não se importa.

Sente a falta de Eden aos fins de semana. Falaram de ir às sessões de cinema, mas nenhum dos dois tem a certeza.

— É um terreno muito escorregadio, Dan — disse ela. — Assim que nos descuidarmos, iremos de cabeça para uma relação.

— E seria assim tão mau?

Ela encolheu os ombros.

— Suponho que esteja a pensar sobretudo no Ian.

— Eu também.

— Com a sua idade, sentiria carinho por mim. Já sabes como sou encantadora e adorável. E isso não seria justo se não...

— Se não o quê?

— Se não passarmos para o nível seguinte, seja qual for. E acho que ambos estamos bem no nível em que estamos neste momento.

Ele também acha, de facto.

Está contente com o que têm.

Portanto, está a viver um sonho.

E então, de repente, chega o golpe.

Danny está na nave industrial, a ver as plantas do auditório de mil e oitocentos lugares, quando entra Dom.

— Está a acontecer alguma coisa com as ações — diz. — Há movimento. Alguém está a comprá-las em quantidade.

— E isso não é bom? — pergunta Danny.

— Poderia ser, mas também poderia ser mau. Depende de quem estiver a comprá-las.

A resposta chega com uma rapidez brutal.

Vern Winegard.

Vern e vários dos seus aliados — particulares, fundos de cobertura, bancos — estão a acumular ações do Tara.

Uma OPA hostil.

Dom expõe-lho sem rodeios.

— Como o Winegard não pôde comprar o Lavinia, tenta comprar a empresa que é dona do hotel. Ou seja, nós. Quando controlar a maioria das ações, controlará a direção. E expulsar-nos-á.

— Pode fazer isso? — pergunta Danny.

— Já está a fazê-lo. Somos uma empresa que tem ações na Bolsa. Qualquer um pode comprar ações.

Danny esforça-se para reprimir um arrebatamento de fúria, luta contra o impulso de gritar «Eu bem te disse! Era por isso que não queria que fôssemos para a Bolsa!». Mas não serviria de nada, percebe que Dom já está angustiado.

— Teremos de comprar mais ações — diz.

— Não temos capital suficiente — responde Dom. — A OPA está a

fazer com que o preço suba. A única forma de conseguir dinheiro para comprar é vender ações, o que é absurdo. Alguns dos nossos sócios já estão a vender para obter lucros.

— Vamos perder o Tara — diz Danny.

— É o que parece.

É uma realidade desoladora. Não só perderão o terreno do Lavinia, mas também o Casablanca e o Shores. Tudo o que conseguiram com tanto esforço desaparecerá porque quiseram abranger demasiado e entraram na Bolsa.

O sonho acabou, pensa Danny.

Antes sequer de começar.

Nessa noite, senta-se na sala com Madeleine.

— Não sei o que fazer — diz-lhe. — O Dom acha que devíamos retirar-nos já. Vender as nossas ações e recuperar o dinheiro.

— Hastear a bandeira branca — responde Madeleine. — É isso que queres?

— Claro que não, mas não sei se tenho alternativa. Precisaríamos de dezenas de milhões, talvez de centenas, e ninguém vai emprestar-nos dinheiro. Ninguém vai investir contra o Winegard, pelo menos agora.

Madeleine olha para o seu filho, sentado ali, com a cabeça literalmente entre as mãos. Lembra-se da primeira vez que o viu em adulto: um valentão da máfia deitado numa cama de hospital, com a anca destrocada por uma bala.

Talvez esteja mais destruído agora, pensa.

Conseguiste fazer com que saísse à tona então, pensa: os melhores médicos, os melhores cirurgiões e fisioterapeutas. Tens de conseguir fazer com que saia à tona agora.

— Em primeiro lugar — diz —, deves ter a certeza de que queres continuar a lutar porque queres construir alguma coisa, não por simples ressentimento pelo Vern Winegard. Não vale a pena lutares apenas para que ele não ganhe.

— Quero conservar a minha empresa — responde Danny. — Quero construir o meu hotel.

— Em segundo lugar — continua a sua mãe —, tens razão, nenhuma fonte de financiamento tradicional vai auxiliar-te.

— Se estás a pensar no Pasco e nessa gente, esquece. Nem sequer eles têm tanto dinheiro.

— Claro que não — diz Madeleine. — Tens de falar com o Abe Stern.

Danny fica atónito.

Abe Stern?

O velho Abe, o chefe da Companhia Stern, é dono de vários casinos no Lago Tahoe, de numerosos casinos flutuantes numa dúzia de estados e de uma gigantesca cadeia hoteleira com centenas de propriedades distribuídas por todo o mundo.

É várias vezes multimilionário.

Todos sabem que é quase um ermitão.

Tal como todos sabem que Abe Stern odeia Las Vegas.

Recusa-se categoricamente a fazer negócios na cidade. Tinha um hotel ali nos anos sessenta, vendeu-o e jurou nunca mais voltar.

— O Abe Stern? — pergunta Danny. — Estás louca?

— Conheço bem o Abe — responde Madeleine.

É claro, pensa Danny. Tu conheces toda a gente.

— Posso fazer com que se reúna contigo.

— Temos de agir depressa.

Madeleine levanta-se e sai. Quando volta, cinco minutos depois, diz:

— Receber-te-á esta noite. Aconselho-te que leves o avião da empresa.

Danny assiste ao jantar do Shabat.

Sente-se desconfortável; é a primeira vez que vai a um.

Josh, o neto de Abe, foi buscá-lo pessoalmente à pista de aterragem, o que Danny achou um bom sinal, tal como a energia que Josh tem: cordial, aberto, entusiasta.

Informou-se durante o curto trajeto de avião e descobriu que Josh se licenciou em Harvard e fez um mestrado em Gestão na Wharton. Voltou para o Lago Tahoe há dois anos para ajudar o avô a gerir o negócio e é considerado uma espécie de menino prodígio pela finura com que usa a recolha de dados para tomar decisões empresariais.

Alto, atlético e bonito, Josh será chamado para gerir a empresa familiar quando Abe decidir passar o testemunho. Danny também descobriu que o seu pai — outro Daniel — morreu jovem, de cancro, quando Josh tinha apenas dez anos, e foi Abe que o criou.

Josh aproximou-se dele quase aos saltos, agarrou na sua mala e pô-la nas traseiras do Land Rover. Ao sair do aeroporto, foram diretamente para a casa junto do lago em que vive a família desde os anos sessenta, fora da vila.

— Deve ser um convidado especial — disse-lhe Josh —, para vir ao jantar do Shabat.

— Não sabia que o era.

— É sexta-feira. E somos judeus. — Josh tirou uma quipá do bolso das calças de ganga e deu-a a Danny. — Vai precisar disto.

— Se vieste buscar-me pessoalmente, será por alguma razão — disse Danny.

— Claro que sim. Queria falar uns minutos a sós consigo. Olhe,

senhor Ryan...

— Dan.

— Dan — disse Josh. — É evidente porque veio; precisa de um investidor para resistir à OPA hostil do Winegard. Estivemos a observar o movimento das ações com muito interesse.

— Muito bem.

— O Abe ficou impressionado com a sua remodelação do Casablanca — acrescentou Josh. — Essa é a base do nosso modelo de negócio: eficiência, uso inteligente dos recursos e um serviço impecável ao cliente. O meu avô tem muito boa opinião do Grupo Tara.

— Fico contente por saber.

— Mas aviso-o de que o Abe só vai recebê-lo por respeito à sua mãe. Não quer ter presença em Las Vegas. Vai convidá-lo para jantar, depois reunir-se-á consigo em privado e logo a seguir dir-lhe-á que não.

Bom, já está, pensou Danny. Adeus à minha única oportunidade de salvar a empresa.

Então, Josh acrescentou:

— Mas eu sou a favor. Estou completamente convencido de que devíamos ter presença, e uma presença importante, na Strip. Os dados apoiam-me. Acho que consigo argumentá-lo, mas não sei se conseguirei convencer o meu avô. Amo-o muito, mas é um velho teimoso.

Agora, Danny está sentado à mesa do jantar, numa sala suavemente iluminada pela luz das velas. A mesa comprida está cheia: filhos adultos, netos, sobrinhas e sobrinhos.

Danny é o único convidado que não é da família.

Vê que Abe Stern levanta dois pães *challah* e faz uma bênção.

Tem uma voz sonora.

Forte.

Danny não entende o que diz, mas intui que são palavras muito antigas, de um sentimento profundo, cuja transcendência só pode adivinhar.

— *Baruch atah Adonai, Eloheinu, melech ha'olam...*

Abe tem o rosto alongado, a testa alta, os olhos afundados, o queixo robusto. O seu cabelo ralo é de um branco puro, tal como a sua barba incipiente. Aparenta cada momento dos noventa e três anos que tem.

— *...hamotzi lechem min ha'aretz.*

Polvilha sal sobre o pão e depois os *challah* vão circulando por ambos os lados da mesa e cada pessoa arranca um pedaço.

Danny imita o que vê.

Depois de partilhar o pão, chega o resto do jantar: um prato que Danny aprende que é *gefilte fish*, e depois frango assado, e um espesso estufado de carne, batatas, feijão e legumes variados.

A conversa é vivaz e relaxada, e os sobrinhos e sobrinhas interrogam alegremente Danny: quem é, de onde vem, o que faz. É casado? Tem filhos? O que pensa do presidente Clinton? E do Médio Oriente? É pró-israelita? Pró-palestino? O que pensa do movimento dos colonos? É fã dos Yankees ou dos Dodgers, ou dos Red Sox?

Entre pergunta e pergunta houve debates encarniçados sobre cada tema e, enquanto isso, Abe permanece recostado na sua cadeira, quase sem falar. Danny sabe que o idoso está a observá-lo, que quer ver como se desenrasca e responde às perguntas, e como é com as crianças.

Depois da sobremesa de *rugelach* de chocolate — Danny toma nota de que tem de conseguir a receita para a servir nos seus restaurantes —, Abe convida-o para o seu escritório.

Josh acompanha-os.

Abe senta-se atrás da secretária, Danny e Josh, nas poltronas.

Danny repara que as paredes estão forradas de livros. Ao dar uma olhadela às lombadas, vê que são na sua maioria de História e

Filosofia.

— Normalmente, não faço negócios no Shabat — diz Abe —, mas percebo que o caso tem uma certa urgência.

— Agradeço-lhe que tenha aberto uma exceção — responde Danny.

— Conheço a tua gente há muito tempo. O teu pai, Marty, e o teu sogro, John Murphy, eram velhos amigos e meus sócios.

Danny fica surpreendido.

— Não sabia.

— Então, não divulgávamos os nossos contactos, mas naqueles tempos era necessário ter... embaixadores perante os sindicatos. E perante o setor de serviços. Houve alturas em que não podia comprar-se um guardanapo sem a cooperação de pessoas que agora se considerariam indesejáveis. Nunca vi a tua gente assim. Para mim, eram apenas empresários.

— Eu não sou como o meu pai — responde Danny.

— Foi o que ouvi dizer. Quanto à tua mãe, a Madeleine e eu conhecemo-nos há séculos. Trocámos conselhos e dicas para operar na Bolsa, esse tipo de coisas. Até aí chega a nossa relação, que conste.

— Entendo.

— Portanto, quando me pediu para me reunir com o seu filho — prossegue Abe —, aceitei apesar de ser Shabat. Gosto de ti. És bem-vindo a minha casa quando quiseres, mas receio que seja apenas isso. Não posso ajudar-te na tua guerra com o Winegard.

— Com todo o respeito, senhor — diz Danny —, pode, sim. O que quer dizer é que não vai fazê-lo.

— Sim, isso é mais preciso. Não vou fazê-lo. O meu neto não está de acordo e, a julgar pela forma como mexe o pé, acho que está prestes a dizer-nos porquê. Joshua?

Josh expõe os seus argumentos.

O Grupo Tara tem um historial magnífico. Dá grandes lucros. Com a captura de dados adequada, os rendimentos do Il Sogno, o seu novo

projeto, poderiam ser astronómicos. Além disso, a Companhia Stern precisa de ter presença na Strip de Las Vegas, numa localização privilegiada. É uma questão de prestígio. Embora sejam extremamente rentáveis e tenham boa fama, os hotéis da cadeia Stern também são considerados um pouco vulgares, muito de classe média. A sua associação com um hotel exclusivo e elegante como o Il Sogno daria brilho a toda a empresa e aos seus ativos.

— Essa classe média que menosprezas... — diz Abe.

— Eu não a menosprezo — responde Josh.

— Tornou-nos ricos. Nunca te esqueças de que o um por cento existe graças aos noventa e nove por cento restantes. Eu seria muito cuidadoso ao mudar as nossas marcas de identidade se, ao fazê-lo, essas pessoas se sentirem excluídas.

Josh tem os seus dados à mão.

Cita uma série de cadeias hoteleiras que ficaram estancadas num *branding* e num grupo demográfico de classe média, e que agora se encontram em franco declive, e são consideradas como de segunda categoria. Enumera os lucros que podem obter-se com menos clientes que gastem mais dinheiro. Menciona as vantagens da integração vertical da base até à cúspide da possível clientela.

— Não digo que fechemos a porta à nossa clientela atual — garante.

— Só estou a sugerir que a abramos a novos clientes.

Abe olha para Danny.

— Este é o inconveniente de dar uma boa educação à tua prole. Usam os conhecimentos adquiridos contra ti.

— Mas tem razão — responde Danny. — No Tara, sabemo-lo por experiência.

— E agora estás prestes a perder a empresa — responde Abe. — E recorres a mim para que te tire do apuro. Nós nunca teríamos entrado na Bolsa, nem o faremos. Foi um erro terrível, Daniel.

— Estou de acordo.

— Sim?

— Sim.

Abe parece meditar no assunto.

— *Zaide* — insiste Josh —, é uma grande oportunidade. A sinergia entre as nossas duas empresas...

— Sinergia — diz Abe, olhando para Danny. — Sabes o que significa isso?

— Não.

— Eu também não, mas o Josh sim. Conhece todo o tipo de palavras que eu não entendo. Mas reconheço que nos fez ganhar muito dinheiro. Ao jantar, disseste que tens um filho?

— Sim.

— Desejo-te boa sorte. — Abe levanta-se. — Desejo-te boa sorte em tudo o que fizeres, mas não posso ajudar-te. Simplesmente, não quero investir em Las Vegas. O Josh acompanhar-te-á à casa de convidados e de manhã levar-te-á ao aeroporto. *Shalom Shabat*.

Acabou, pensa Danny. Levanta-se, aperta-lhe a mão e agradece-lhe pelo seu tempo e pela sua hospitalidade.

Josh acompanha-o a uma casinha de convidados junto do lago.

— Lamento muito, Dan. Tentei.

— Agradeço-te.

Nessa noite, Danny não consegue pregar olho. Senta-se numa cadeira e olha para a lua pela janela.

Perdi, diz-se.

Perdi o Il Sogno, o Shores, o Casablanca, tudo o que construí.

Talvez seja o melhor. Vende as tuas ações, pega no dinheiro e reforma-te jovem. Para de te compadecer, és multimilionário. Antes não tinhas nada.

É o que se diz, mas sabe que tem o coração partido.

Então, vê uma figura alta e encurvada à luz da lua.

É Abe Stern.

— Os velhos dormem pouco — diz. — Talvez porque sabemos que em breve teremos de dormir demasiado.

Estão sentados em cadeiras Adirondack no jardim traseiro da casa de convidados, à frente do lago.

— Tu também não dormes muito — acrescenta Abe.

— Tenho muitas coisas na cabeça.

— Juntei fortunas e perdi-as. E voltei a juntá-las. Tu farás o mesmo. Fizeste uma tolice e o Winegard deu-te uma lição. Agora, o que mais te dói é o orgulho.

— Mas quanto vale o meu orgulho? — pergunta Danny.

— A dignidade? Tudo. O orgulho... — Abe deixa a frase em suspense, como se a resposta fosse irrelevante.

Uma brisa suave ondeia a água na margem.

— Que tranquilidade — diz. — Não como em Las Vegas.

— Você não saiu de lá por causa do ruído do trânsito — responde Danny.

— Não. O Joshua falou-te dos seus tios-avós, Julius e Nathan?

— Não.

— Não, claro, porque haveria de o fazer? — diz, falando mais para si mesmo do que para Danny. — Só sabe que mataram um e que o outro morreu num manicómio, muito antes de ele nascer. Tens tempo para que um velho te conte uma história?

— Claro.

Eram os meados dos anos sessenta, conta-lhe Abe. Ele tinha o seu hotel em Fremont Street e as coisas corriam bem.

Também tinha dois irmãos mais novos.

Julius e Nathan.

Eram muito inteligentes, gênios, provavelmente. Esse era o problema, eram demasiado inteligentes. Arrogantes. Pensavam que podiam levar sempre a sua avante e era assim, regra geral.

Como quando faziam batota a jogar às cartas.

Agiam sem pressa, a longo prazo.

Julius conseguia trabalho como *croupier*. Jogava limpo durante alguns meses. Depois, punha um espelhinho no sapato de *croupier*, de modo a conseguir ver qual seria a próxima carta a sair. Nathan ia jogar. Perdia um pouco, ganhava outro pouco sem fazer batota e deixava as fichas sobre a mesa. Quando o ganho acumulado lhes parecia suficientemente grande, Julius indicava-lhe através de piscares de olho qual era a carta seguinte.

Se ganhassem muito, Julius esperava algumas semanas e depois despedia-se. A seguir, mudavam-se para Reno, ou para aqui, para Tahoe, e repetiam a operação.

E ao fim de algum tempo voltavam a Las Vegas.

Alternavam-se nos papéis de *croupier* e jogador. Usavam outros nomes, documentação falsa, disfarces...

Ganhavam dinheiro às mãos cheias.

O problema era que também gostavam de o gastar.

Álcool, mulheres, carros, fatos, roupa.

O Julius em particular adorava roupa. Os fatos feitos à medida, as camisas de seda, os sapatos caros. Também adorava as mulheres de gostos caros; enchia-as de presentes e exibia-as de braço dado.

Isso chamava a atenção, dava que falar.

Abe tentou avisá-los, tanto dos perigos de fazer batota como da ostentação, mas não fizeram caso.

Eram muito inteligentes, demasiado.

Naquela época, havia um jovem chefe de Detroit chamado Alfred

Allie Boy Licata que foi enviado para vigiar os interesses da família, especificamente, a sua participação silenciosa no Moonglow, um hotel antigo. A família de Detroit tirava dinheiro de lá a rodos e queria ter o monopólio do furto naquele local.

Julius e Nathan não estavam de acordo.

Julius adorava o Moonglow.

Tinha um carinho especial por aquele lugar.

Talvez fosse porque odiava Allie Boy e adorava lixar-lhe a vida no seu próprio terreno. Zangaram-se por causa de uma mulher, trocaram umas palavras e já sabes como são essas coisas. Às vezes, não é preciso mais para que surja uma inimizade eterna.

Danny sabe muito bem, sim.

Os irmãos conseguiram cinquenta mil dólares no Moonglow com a sua fraude do espelhinho e safaram-se sem problemas.

Não deviam ter voltado lá.

Mas Julius não conseguia conter-se.

Voltou disfarçado às mesas de *blackjack* e usou um truque que sabia para contar as cartas.

As pessoas não eram tolas, perceberam, e Licata acompanhou-o pessoalmente à saída e convidou-o a nunca mais voltar.

Mas Julius não conseguiu morder a língua. Deixou Licata furioso, insultou-o com todos os insultos habituais e mais alguns da sua colheita. Insultou-o em inglês, em iídiche, em hebreu e um pouco em italiano, mesmo enquanto o espancavam às pauladas.

Cuspiu sangue na cara de Licata.

E Licata foi ver Abe.

— És boa gente — disse-lhe. — Todos te respeitam. Peço-te que fales com os teus irmãos, que lhes digas para pararem de uma vez.

De novo, Abe tentou alertá-los. Disse-lhes que pusessem terra entre eles. Que Licata era uma má pessoa, um psicopata sádico.

— Não tenho medo desse *macarroni* — disse Julius.

— Mas devias ter — respondeu-lhe Abe.

— Que se lixe.

Até Nate disse a Julius para não voltar, mas não, Julius era demasiado esperto, demasiado convencido.

Voltou com outro disfarce.

E voltaram a apanhá-lo.

Licata voltou a falar com Abe: diz aos teus irmãos que, se voltarem a pisar em algum dos nossos hotéis, matá-los-emos.

Abe transmitiu a mensagem.

— Então, vão ter de nos matar, foda-se — respondeu Julius.

— Porquê? — perguntou Abe. — Porque fazem isto?

Julius sorriu.

— Porque sim.

Voltou, claro.

Fez um dinheirão e voltou a levar a sua avante. Mas quando chegou ao seu apartamento, Nathan não estava ali. O telefone tocou.

— Se quiseres ver o teu irmão, vem...

Julius entrou com um salto no carro e foi a um armazém nos arredores da cidade. Sabia que era uma missão suicida, que estavam a usar o seu irmão como isco para o apanhar, mas não se importou.

Estava disposto a morrer por ele.

Entrou no maldito edifício e ali estava Nathan, nu e com os pulsos acorrentados, a pender de uma viga de ferro. Os dedos dos seus pés mal roçavam no chão de cimento.

Mas estava vivo.

— Solta-o — disse Julius a Licata. — É a mim que queres, não é?

— Claro — respondeu Licata.

Sorriu, levantou a arma e deu um tiro na testa de Nathan.

— Meu Deus — diz Danny.

Mas isso não foi o pior.

Julius sentiu um golpe na cabeça e, quando voltou a si, estava nu e preso à frente do seu irmão morto, cara a cara com ele.

Deixaram-no ali três dias enquanto o corpo de Nathan inchava e se decompunha, ia apodrecendo. A cada poucas horas, alguém ia obrigá-lo a beber água, e às vezes chegava Licata, sentava-se num banco e fumava um cigarro enquanto Julius suplicava para morrer.

— Por favor, mata-me.

— Não, acho que não.

Ao fim de três dias, soltaram-no e deixaram-no caído no beco atrás do hotel de Abe. Encontrou-o um empregado que saiu para deitar o lixo fora.

Então, Julius Stern já enlouquecera.

Era um psicótico a babar-se, com os olhos esbugalhados, que balbuciava que estava acorrentado ao seu irmão morto, um despojo patético e incoerente em quem ninguém acreditaria se testemunhasse num julgamento.

Abe demorou semanas a surripiar-lhe o que acontecera e a reconstruir a história a partir dos fragmentos dos seus pesadelos vociferantes e dos seus solilóquios desconexos.

Julius nunca recuperou.

Abe levou-o a vários médicos, experimentou a terapia de eletrochoque, fármacos e todo o tipo de coisas, mas, no fim, teve de o internar num hospital psiquiátrico e abandoná-lo à morte em vida dos tranquilizantes mais potentes, até que finalmente, passados vinte anos, faleceu.

Nunca encontraram o corpo de Nathan.

Licata fez uma última visita a Abe.

— Achamos que seria conveniente que vendesses o teu hotel e saíesses da cidade.

Abe concordou.

Não queria voltar a ver Las Vegas.

Agora, Danny entende a sua negativa.

— Dou-te os meus mais sinceros pêsames.

— Foi há muito tempo — diz Abe.

— O que aconteceu ao Licata?

— Tornou-se um peixe graúdo em Las Vegas, até finais dos oitenta, quando os federais expulsaram a máfia dali. Mas, sabes quem o ajudou a entrar no negócio dos casinos?

Danny nega com a cabeça.

— O Vernon Winegard — diz Abe.

— O Vern está limpo.

— Talvez esteja agora, mas continua a pagar a sua cota ao Licata.

Meu Deus, pensa Danny.

Ficam calados por uns instantes.

Depois, Abe diz:

— Quando rejeitei a tua proposta, aceiteste-o com elegância. E com dignidade. Não tentaste nenhuma artimanha de mafioso comigo. O nome do Pasco Ferri não saiu dos teus lábios. Se não, não estaríamos a ter esta conversa.

Danny mantém a boca fechada, mas sente que o coração acelera.

— Nunca pensei que quisesse vingança — continua Abe. — Pensava que seria imoral, indigno de mim. Queria, sobretudo, proteger a minha família de toda essa brutalidade, de toda essa violência, de toda essa fealdade. E continua a ser assim, entendes?

— Sim.

— Na segunda-feira, quando abrir a Bolsa, o grupo Stern comprará ações do Tara suficientes para impedir a OPA. Terás os votos necessários para controlar o Tara e tu e eu seremos sócios.

— Obrigado, senhor Stern.

— Mais uma coisa. O Joshua irá contigo. Mudar-se-á para Las Vegas

para fiscalizar os nossos interesses. É um rapaz inteligente, mais inteligente do que tu e eu. Far-te-á ganhar dinheiro.

— Eu sei.

Abe levanta-se da cadeira com esforço.

— O mais idiota que fazemos é envelhecer. Esse hotel que vamos construir, esse teu sonho, certamente não viverei para o ver.

Danny também se levanta.

— Tenho a certeza de que sim.

— Promete-me uma coisa — diz Abe. — Que cuidarás do meu neto.

— Prometo. Como se fosse da minha família.

Apertam a mão.

O assunto monopoliza a atenção dos meios de comunicação social.

E como poderia ser de outro modo?

A notícia de que a Companhia Stern se aliou ao Grupo Tara é um ponto de inflexão, um deslocamento tectónico na geografia do mundo do jogo.

Talvez tenha sido uma manobra hostil, mas, no fim, não houve absorção, reza um artigo, e com o fracasso da tentativa de Vern Winegard, o Grupo Tara sai fortalecido.

Noutro lê-se: Desta vez não foi um Lamborghini nem o Lavinia, mas algo muito mais valioso, mas Winegard ficou aquém na sua luta para absorver o Grupo Tara.

Outros dão-lhe um perspectiva diferente.

O regresso de Stern.

A Companhia Stern, o gigante da hotelaria e do jogo, chegou como a cavalaria para salvar o Grupo Tara da OPA hostil de Vern Winegard. A manobra pôs fim ao longo exílio autoimposto de Abe Stern, cujo empório de casinos e hotéis voltará a instalar-se finalmente no deserto, mais a sul da sua base de operações no Lago Tahoe. Fontes internas afirmam que o neto do magnata, Joshua Stern, será o encarregado de fiscalizar a participação da empresa no Grupo Tara, que ascende a 40 por cento das ações. Esta iniciativa transforma a aliança Stern-Tara na força dominante na Strip e até no setor do jogo na sua totalidade, visto que...

— Estás a regozijar-te — diz Eden.

— Estou a divertir-me — responde Danny, deitado na cama. — A divertir-me.

A desfrutar do alívio e da vitória.

Sabe muito bem ganhar.

— Cedeste quarenta por cento da tua empresa — diz Eden.

— Mas continuo a controlá-la. E, de qualquer forma, não se trata do dinheiro.

— De que se trata, então?

— Do sonho.

— Com «s» minúsculo ou maiúsculo?

— Ambas as coisas, suponho — responde Danny. — É o mesmo.

Eden está a começar a apaixonar-se por ele.

Mas não, não, diz-se. Repete comigo: não. Não podes apaixonar-te por ele.

Dan Ryan está apaixonado por duas mulheres mortas com cuja lembrança não podes competir. Duas mulheres que nunca dirão nem farão nada incorreto, nem engordarão uns quilos a mais, nem terão dores menstruais, nem o nariz vermelho e com ranho, nem envelhecerão.

Duas mulheres que nunca o dececionarão.

Mas não é apenas isso, é algo mais profundo.

Embora ela nunca lho tenha dito, sabe que Danny está apaixonado pela sua própria dor, apegado ao romantismo das suas tragédias pessoais. São o que o define, saiba-o ele ou não. Nunca se livrará da sua tristeza, não saberia o que fazer sem ela.

Já chega, pensa Eden.

Tens uma boa relação com ele: amigável, afetuosa, íntima, e não só no aspeto sexual (bom, pelo menos tão íntima como ambos permitam que seja). Uma relação que vos beneficia a ambos.

Simbiótica, por assim dizer.

Tu satisfazes as suas necessidades e ele as tuas.

Que é, claro está, como as pessoas descrevem um bom casamento, mas Eden não se inclina nessa direção. Sabe que a maioria das

mulheres o faria, que ansiaria o dinheiro, o prestígio, o poder. A mansão, o clube de campo, os comités.

Preferia cortar as veias, pensa.

Imagina a cena, num almoço entre senhoras. Estenderia o braço por cima da sua salada Cobb, pegaria numa faca e cortaria as artérias ao estilo de Dan Aykroyd ao interpretar Julia Child no *Saturday Night Live*. Salpicaria de sangue os seus vestidos de mil dólares e gritaria: «Tinha de o fazer! Estão a aborrecer-me mortalmente!».

Vern pousa o jornal, aborrecido.

Quem haveria de pensar que Ryan teria tomates para ir falar com Abe Stern? E quem iria pensar que Stern aceitaria investir em Las Vegas?

— De certeza que o Ryan o forçou de algum modo — diz Connelly.

— Como? — pergunta Vern. — Como raios é que o Dan Ryan forçaria o Abe Stern a fazer alguma coisa? Seria como se o Floyd Mayweather tentasse torcer o braço do Mike Tyson. O Mayweather é um grande pugilista, mas não tem peso suficiente. O mesmo se passa com o Ryan.

— O Ryan sabe alguma coisa sobre ele — insiste Connelly. — Ou talvez se tenha limitado a ameaçá-lo. Já sabes como esses tipos agem.

— Que tipos?

— Os mafiosos.

— Já estás outra vez com isso? — pergunta Vern.

— Sou eu que to digo, o Ryan sabia alguma coisa sobre o Stavros; foi por isso que conseguiu fazer com que mudasse de ideias sobre o Lavinia — garante-lhe Connelly. — O Abe Stern passou trinta anos a dizer que não voltaria a Las Vegas e de repente o Ryan vai vê-lo uma noite e agora volta? Vá lá!

— Mesmo que isso seja verdade — diz Vern —, o que poderíamos fazer? Não temos provas.

— Podemos recorrer ao Conselho, pedir que abram uma investigação, que retirem a licença ao Ryan.

— Já se recusaram.

— Há uma pessoa do Conselho que, se expuseres o assunto da forma adequada...

— Estamos a rebaixar-nos ao nível do Ryan.

— É a única forma de ganhar neste assunto — diz Connelly. — Ou podemos deixá-lo passar e permitir que levem a sua avante. Será como antes, quando a máfia mandava na cidade.

É um efeito dominó, pensa Vern. Se Ryan tem vínculos com a máfia através de Ferri, então, Dom Rinaldi e Jerry Kush também os têm através de Ryan. O Conselho também poderia retirar-lhes a licença e até obrigá-los a vender os seus hotéis.

O Tara desmoronar-se-ia.

E eu apanharia os pedaços.

— Expõe o assunto a essa pessoa.

— Estás a fazer o correto, Vern.

Muito depois de Connelly sair do escritório, Vern continua a questionar-se se está realmente a fazer o correto. Odeia Ryan, mas continua sem estar convencido de que seja um mafioso. Ou de que ainda o seja, porque está claro que, em algum momento, esteve vinculado à máfia.

Mas todos temos o nosso passado, pensa, e é arriscado desenterrar o de Ryan. Neste negócio ninguém está completamente livre de culpa. Todos fizemos os nossos acordos, todos infringimos algumas regras. O máximo que podemos dizer é que estamos quase completamente limpos.

Agora.

Somos como a própria Las Vegas.

Estamos quase limpos *agora*.

Mas então?

Fizemos o que tínhamos de fazer para entrar no negócio e continuar nele. Podes começar a escavar no passado de Ryan, mas não és o único capaz de empunhar uma pá. Ryan poderia reagir fazendo a sua

própria escavação arqueológica.

E tu tens vários esqueletos sepultados nesta terra.

Josh gosta de Las Vegas.

— Ao fim e ao cabo — brinca com Danny —, nós somos pessoas do deserto.

É triatleta, portanto, o clima é bom para treinar. Corre ou anda de bicicleta de manhã cedo e nada à tarde ou à noite. Aloja-se em casa de Madeleine até encontrar um lugar onde viver e usa a piscina e o ginásio, o banho turco ou a sauna.

E trabalha como um possuído.

Danny está impressionado.

Josh chega cedo ao escritório e fica até tarde, e come quase sempre no seu escritório. Quando não está ali, está na obra, frequentemente com Danny, a observar e a reparar em cada detalhe.

Dedica grande parte do dia a pôr o seu aparelho de recolha de dados a funcionar: quanto gasta o cliente médio em cada hotel, em que aposta e quanto, quantos clientes voltam ao hotel e porquê. As suas pesquisas começam a mostrar que o argumento de Danny de que os clientes gastam mais em alojamento, espetáculos e refeições do que em jogos de azar é acertado.

Quando não está a trabalhar, treina. E quando não está a treinar, simplesmente passa o tempo, janta com a família e depois, talvez, senta-se na sala de projeções com Danny, Ian e Madeleine a ver um filme.

Está a ensinar Ian a jogar ténis.

Transformou-se rapidamente em mais um membro da família.

Madeleine, é claro, quer juntá-lo a uma jovem que seja boa para ele.

— Isso não vai funcionar — avisa-a Danny.

— Porquê?

— Porque é gay.

— Que idiotas que são os de Nova Inglaterra, veem gays por todo o lado — responde Madeleine.

— Não — responde Danny —, ele disse-me.

O assunto surgiu um dia enquanto comiam no escritório de Danny, quando Josh lhe perguntou se tinha namorada.

— A verdade é que não — respondeu Danny, sentindo-se um pouco culpado por causa de Eden. — E tu?

— Eu, na verdade, jogo na outra equipa — disse Josh. E ao ver que Danny parecia perturbado, acrescentou: — Sou gay.

— Ah.

— Ah. — Josh riu-se. — Que reação, Danny. Parece-te bem?

— Não tem de me parecer bem, mas a ti — respondeu Danny. — Tu estás bem?

— Eu estou lindamente — disse Josh.

Danny ficou calado uns segundos e depois perguntou:

— O Abe sabe?

— Sim.

Josh sentira-se aterrorizado ao contar ao seu avô. Receava parcialmente que o repudiasse, que o deserdasse. Mas não eram as consequências económicas que o assustavam. Tinha formação e era inteligente e criativo, portanto, sabia que sempre poderia ganhar dinheiro, que teria sucesso. Mas amava o seu avô, amava a sua família, adorava o negócio e não queria ver-se desterrado.

Queria ficar.

Mas não às custas de viver uma mentira.

De modo que, quando voltou a casa da universidade um verão, pediu para ver Abe no seu escritório, a sós.

— O que te preocupa, Joshua? — perguntou o seu avô.

— *Zaide*, sou gay — disse. — Homossexual.

— Sei o que significa gay. Achas que os homens começaram a estar com outros homens na semana passada? Sei o que são os homossexuais.

— E o que pensas? — Josh sentiu que lhe tremia a voz.

— Penso que és o meu neto e que te amo — disse Abe. — Estou louco de alegria? Não, gostaria que tivesses filhos. Penso pior de ti por isso? De novo, não. És uma boa pessoa. Estou orgulhoso de ti e sempre estarei.

— E se trouxesse o meu... parceiro a casa?

— Seria bem-vindo. Se alguém da família tiver algum problema com isso, também o terá comigo. E como tu bem sabes, Joshua, na família, ninguém quer ter problemas comigo. Existe essa pessoa, esse parceiro?

— Ainda não, na verdade, não.

— E estás a ter cuidado?

— Não vou ficar grávido, *zaide*.

— Vais levar isto na brincadeira, Joshua?

— É claro que tenho cuidado.

Josh ainda não levou ninguém a casa da sua família. Teve amantes e também namorados, mas nenhum que quisesse apresentar ao seu avô.

E agora que saiu do armário com Ryan, sente-se aliviado e acha graça à tranquilidade com que Dan o aceitou.

— O Abe aceita-me como sou.

— Bom, o Abe é um bom tipo.

— É a melhor pessoa que conheço.

Se Madeleine se surpreendeu com a orientação sexual de Josh, recuperou depressa da surpresa.

— Nesse caso, devia juntá-lo com um jovem que seja bom para ele.

— Acho que o Josh consegue fazê-lo sozinho — disse Danny.

Josh também acha e rejeitou educadamente a oferta de Madeleine de o ajudar a encontrar um parceiro. De qualquer forma, está demasiado ocupado para pensar no amor, absorvido no seu propósito de ajudar o Grupo Tara e planejar o financiamento e a construção do Il Sogno.

— Adoro o conceito — disse a Danny. — Acho que pode ser algo fora do comum.

Vai aos banqueiros, aos gestores de fundos de alto risco, aos pesos pesados para que invistam no novo hotel. As suas análises, e o prestígio da Companhia Stern, fazem a diferença.

Espalha-se a notícia de que Josh Stern e Dan Ryan formam uma equipa excepcional, de que são realmente uma nova potência dentro do setor.

Uma das suas maiores virtudes é que discutem.

Ao polir o desenho do Il Sogno, às vezes, os dados de Josh chocam com o critério estético de Danny.

Por exemplo, na localização dos elevadores.

— Não podes deixar que as pessoas vão diretamente para os elevadores sem passar pelas *slot machines* — argumentou Josh.

— Quero que se sintam como hóspedes valorizados, não alvos manipuláveis — replicou Danny.

— Mas isso reduzirá a nossa captação de ganhos.

— Compensá-lo-emos porque os clientes voltarão.

Chegaram a um acordo: o fluxo de tráfego seria projetado de tal modo que os clientes passariam junto das *slot machines*, não entre elas.

Debatem quanto espaço deve atribuir-se às mesas de póquer, aos jogos de dados e à roleta. Discutem quanta superfície devem dedicar a lojas e a que tipo de lojas. Falam uma e outra vez sobre a iluminação, sobre os materiais mais adequados para as paredes com a finalidade de reduzir o nível de ruído, e sobre os materiais que sofram menos desgaste para o chão.

Como resultado disso, transformam-se em defensores firmes do que Josh denomina «o campo de batalha das ideias»: aprendem a pôr de parte o seu ego e a dar prioridade aos melhores dados e análises, de modo a prevalecer a ideia mais proveitosa.

Ambos melhoram graças a isso.

E o Il Sogno também melhora.

E Gloria ri-se às gargalhadas.

— São o Abbott e o Costello da indústria do jogo — disse a Josh. Ao ver o seu olhar de perplexidade, acrescentou: — Não? Dean Martin e Jerry Lewis? Também não? Nada? Que tal Jerry e George?

— *Seinfeld* — disse Josh.

— Isso. Seriam capazes de discutir pela cor do ar.

— Isso recorda-me uma questão interessante, Dan — disse Josh. — Os sistemas de ventilação terão de...

Tanto Dom como Jerry transformam-se em grandes admiradores de Josh Stern. O seu novo sócio trava os impulsos mais extravagantes de Dan, contribui com solidez financeira para a empresa e a sua presença é sempre alegre e positiva.

Mas talvez seja Bernie Hughes quem mais gosta de Josh.

A pedido de Danny, o contabilista mudou-se para Las Vegas para vigiar as contas da sociedade Tara-Stern e porque, além disso, Danny se preocupa com a sua saúde e quer tê-lo por perto.

Bernie adora Josh. Adora a sua atenção ao detalhe e a sua reticência a gastar, e reserva para ele o maior dos elogios: «O rapaz sabe de números».

Sim, «o rapaz» sabe de números e lida com eles com uma desenvoltura e uma imaginação muito proveitosas para Danny. Entre umas coisas e outras, Danny e ele tornam-se amigos. A tal ponto que Danny tem um pequeno desgosto quando Josh lhe conta que encontrou casa.

— Já sabes que és bem-vindo aqui — diz-lhe.

— Sim, eu sei, mas aqui não posso viver à minha vontade.

— Vamos sentir saudades tuas — diz Danny. — O Ian vai sentir saudades.

— Virei ver-vos e, além disso, vou demorar um mês, mais ou menos, a ter o apartamento novo pronto.

— A Madeleine e a Gloria adorarão ajudar-te.

— Sou jovem e gay — responde Josh. — Achas que o seu gosto para a decoração me será de alguma ajuda?

— A sua eficácia brutal, então.

— Sim, isso poderia dar-me jeito.

Sim, Josh gosta da sua vida em Las Vegas. Encontrou uma família substituta nos Ryan, está a fazer amigos na cidade e tem umas águas-furtadas na Strip. Vai de bicicleta para o escritório e corre pelos caminhos dos arredores da cidade. Seria bom ter namorado, seria a cereja no topo do bolo, mas não tem tempo para o procurar e não gosta dos encontros pela Internet.

Logo virá, pensa.

Todas as sextas-feiras usa o avião da empresa para ir a Tahoe ao jantar do Shabat e ver o seu avô.

De modo que tudo corre bem.

Para Josh.

Para o Tara.

Para Danny.

E então...

Danny conduz até Sunset Park e para junto de um carro sem identificação.

Ron Fahey é tenente da Unidade de Crime Organizado, Secção de Inteligência Criminal.

Todos os grandes operadores de casinos têm um ou dois colaboradores na polícia. Não são polícias corruptos, não aceitam subornos para fazer vista grossa, mas pensam no seu futuro depois da reforma, num trabalho lucrativo em segurança ou como consultores de alguma das principais empresas do setor do jogo.

Danny abre a janela e Fahey abre a dele.

— O que se passa? — pergunta Danny.

— Pensei que seria bom saberes — diz Fahey. — Veio um investigador do Conselho perguntar pelo teu histórico.

A Secção de Inteligência da polícia metropolitana tem arquivos extensos sobre todos os peixes graúdos que operam em Las Vegas.

Danny sente uma pontada de medo.

— O que há nele?

— Coisas de há muito tempo — responde Fahey. — Águas passadas, o mesmo de sempre. Mas, Dan, almoçaste com o Pasquale Ferri no Piero's?

Merda, pensa Danny. Isso poderia bastar para o Conselho lhe retirar a licença.

— Sabes quem do Conselho está por trás disto?

— Verei o que consigo averiguar.

É Camilla Cooper, Cammy para a sua família, os seus amigos e os

seus fãs, que são muitos, porque Cammy Cooper é uma estrela.

Alta, loira, de olhos azuis, cristã renascida, mãe de cinco filhos e ex-miss Las Vegas, Cooper é uma modelo, em sentido literal e figurado, para a multidão de conservadores que, no Nevada, defendem a Segunda Emenda — o direito de possuir e usar armas — e se opõem ao aborto e ao casamento homossexual.

Deu-se a conhecer primeiro com a chamada Campanha da Promessa, que encorajava as adolescentes a fazer votos de se manter virgens até ao casamento.

Organizava comícios nas igrejas e até em escolas, com bandas de rock cristão e grandes doses de energia e emoção, e conseguiu fazer com que milhares de raparigas se juntassem à campanha. Falava de gravidezes, de doenças, de moralidade, mas também, servindo-se da considerável influência que a sua beleza impressionante exercia, de sexualidade e abstinência:

— Tudo é melhor numa relação estável e monógama — dizia. Depois, acrescentava com um sorriso sedutor: — Acreditem em mim, eu sei.

E piscava um olho.

Era demolidor.

Às vezes, o destinatário desse piscar de olho era o seu marido, Jay, mais conhecido como Coop. Como Cammy gostava de contar, Coop era «um homem a sério»: marido, pai, caçador e antiga estrela do futebol americano universitário. Coxeava quase impercetivelmente devido a uma lesão no joelho que o impediu de jogar na liga profissional, mas graças a Deus tinha muito sucesso no negócio dos seguros. Alto e bonito, Coop era o complemento perfeito. Mantinha-se sempre atrás dela, muito erguido e um pouco à direita, sorria e assentia com a cabeça, e corava com uma modéstia encantadora quando Cammy aludia às suas qualidades como pai e à sua vida conjugal mais do que satisfatória.

Para argumentar as críticas de machismo que recebia por fazer

recair a responsabilidade unicamente nas raparigas, Cammy ampliou a sua campanha e também incluiu os rapazes. Atraía milhares de adolescentes para os seus encontros e conseguia fazer com que subissem ao palco para fazer o juramento.

A Campanha da Promessa lançou a sua carreira pública. Transformou-se numa conferencista muito solicitada, fazia sermões em megaigrejas como convidada e começou a aparecer em programas de entrevistas de televisões locais.

Ampliou o seu raio de ação.

Passar da defesa da castidade à defesa do direito às armas talvez não pareça uma evolução muito natural, mas Cammy fê-la sem nenhum contratempo.

— Os mesmos progressistas que estão a minar a nossa moralidade sexual querem tirar-nos as nossas armas — pregava. — Pois bem, eu não tenciono renunciar ao meu direito de defender o meu lar, a minha família e a mim mesma.

Numa fotografia antológica, pousava vestida com um macacão branco, com uma das suas pernas compridas fletida e um coldre na anca, a soprar o canhão de uma Colt.

A quem se mostrou dececionado com o tom picante da fotografia, Cammy respondeu:

— Não há contradição intrínseca entre sexualidade e cristianismo. Deus deu-nos o nosso corpo e quer que desfrutemos dele, dentro do vínculo sagrado do casamento. — O mesmo sorriso sedutor, o mesmo piscar de olho e o mesmo sussurro teatral. — Se não, perguntem ao meu marido.

Duplicando a aposta, lançou juntamente com uma das megaigrejas o Desafio por Trás das Portas Fechadas, que consistia em que casais casados se comprometiam a ter relações sexuais pelo menos uma vez por dia durante um mês seguido.

— Estaremos cansados, mas sorridentes — afirmou.

O DTPF, como acabou por se chamar, foi um grande sucesso.

— Repararam — perguntou Cammy, ao concluir o desafio —, que os progressistas são sempre uns tristes? Estão sempre a queixar-se de alguma coisa ou preocupados com isto ou com aquilo. Pelo contrário, os conservadores costumam estar contentes. Porque será? Eu acho que é porque temos o nosso Deus e a nossa família, porque temos as nossas armas, o nosso lar e o nosso corpo, que tratamos como se fosse um templo e não a casa de banho de uma bomba de gasolina. Eu levanto-me feliz de manhã. E deito-me feliz. E o meu marido também. Dormimos os dois como bebés.

Sorriso. Piscar de olho.

Coop Cooper, corado.

Cammy Cooper era a favor da sexualidade.

Bom, a favor da heterossexualidade.

Porque a sua campanha seguinte foi uma guerra sem tréguas contra os direitos dos homossexuais, e especialmente contra o temível fantasma do casamento entre pessoas do mesmo sexo. Com Coop ao seu lado, proclamava «Era Adão e Eva, não Adão e Evo» como se fosse a ideia mais engenhosa e original desde que o comediante Henny Youngman disse aquela famosa frase: «Leve a minha mulher, por favor».

— O casamento é um contrato sagrado entre um homem, uma mulher e Deus — dizia, à frente das câmaras de televisão. — Não quero que o meu casamento se veja envilecido ou degradado por uma violação repugnante desse sacramento. Se estiverem de acordo comigo, e sei que estão, quero que escrevam agora mesmo aos representantes da vossa circunscrição no parlamento do Estado e no Congresso e lhes digam que só estão a favor do casamento tradicional e que votam.

Cammy transformou-se numa estrela.

Deram-lhe o seu próprio programa de televisão, que depois da primeira temporada passou a emitir-se em todo o país.

Quando a nomearam como membro do Conselho de Controlo do

Jogo do Nevada, disse:

— Eu não jogo muito. Bom, de vez em quando compro um bilhete de lotaria. Mas sei que o jogo é uma parte muito importante da economia do Nevada. Gera milhares de postos de trabalho. Quero que o jogo no Nevada seja limpo e que esteja livre das influências criminosas que antes eram a sua mácula. Enquanto eu ocupar o cargo, Las Vegas, Reno e Tahoe serão lugares ideais para toda a família.

Mas Cammy não vai conformar-se com um lugar no Conselho. Na rua, comenta-se que aspira a ocupar a mansão do governador.

E para chegar a ela tenciona pisar-me a mim, pensa Danny.

Danny conta-o aos seus sócios.

Têm de saber, porque não é apenas uma ameaça para ele. Poderia pô-los a todos em perigo, até afundar o Tara, porque, se Cammy Cooper o vincular à criminalidade organizada, Dom, Jerry e a Companhia Stern também se verão envolvidos.

De modo que convida-os a ir a sua casa, junta-os na sala e fala da investigação de Cooper.

— O que fizeste à Cammy Cooper? — pergunta Dom.

— Nada — responde Danny. — Precisa de uma pele para pendurar na parede e a minha dá-lhe jeito.

— Tem alguma coisa em concreto contra ti? — pergunta Jerry.

— A minha reunião com o Pasco.

— Mais nada?

— Talvez isso lhe baste. Se lhe acrescentar o que a imprensa publicou sobre a minha época em Hollywood... Poderia ser suficiente para que me retirem a licença.

É a espada de Dâmocles que pende sobre o pescoço de todos eles desde o começo. Sabiam que Pasco Ferri e alguns dos seus sócios tinham dinheiro enterrado bem fundo no capital do Tara; sabiam que Danny fora falar com ele para financiar o Shores, e de novo para que desse a sua aprovação antes de entrar na Bolsa. E embora a participação de Ferri se tenha diluído ao ponto de já ser quase inexistente, esse vínculo poderia ser letal.

— Dan — diz Jerry —, embora me custe reconhecê-lo, receio que tenhas razão.

Dom olha para Danny e assente.

— Odeio dizer isto, mas vamos ter de te pedir que te demitas como diretor de operações e vendas as tuas ações.

— Isso é revoltante — diz Madeleine.

— Que alternativa temos, Madeleine? — pergunta Dom. — Lamento, mas o Dan é um risco demasiado grande.

— Tolices — diz Josh.

— O quê? — pergunta Jerry.

— Disse que isso são tolices. O Tara é o que é graças ao Dan. É a sua visão. Todos sabiam quem o Danny era quando começaram a fazer negócios com ele. Eu não tenciono abandoná-lo porque as coisas se tornam um pouco feias.

— Sou eu que me vou embora — diz Danny. — Demitir-me-ei e venderei a minha parte.

— Não vou permiti-lo — responde Josh. — É simples, se o Dan se for embora, as ações da Stern vão com ele. Venderemos e deixaremos que o Winegard as compre. E depois montaremos uma nova sociedade com o Dan e expulsar-vos-emos do negócio.

É Josh quem fala?, pensa Danny. Josh o afável, o despreocupado, que está sempre a dizer: «Quem quer jogar ténis?»?

— Não queres consultá-lo primeiro com o teu avô? — pergunta Dom.

— Não é necessário. Tenho o seu apoio completo em todos os assuntos relacionados com a nossa associação com o Tara. Se quiseres ligar-lhe, fá-lo. Mas posso antecipar-te o que dirá: «Fala com o Joshua».

— E o Conselho? — pergunta Jerry.

— Qual é o problema? — responde Josh. — Dan, não tens permissão da Stern para te demitir. Boa noite a todos.

Veem-no a subir as escadas.

De manhã, enquanto tomam o pequeno-almoço, Danny diz-lhe:

— Não tinhas de fazer isso.

Josh desvia o olhar dos seus ovos mexidos.

— Os católicos irlandeses querem sempre fazer-se de mártires.

— Mesmo assim...

— Partilhaste o pão connosco. Sentaste-te à nossa mesa no Shabat. Acolheste-me em tua casa. Isso importa.

— Bilhões de dólares? — pergunta Danny.

— O meu avô ensinou-me que o dinheiro não faz o carácter, mas que o carácter faz o dinheiro. Investe sempre em carácter, dizia. Se os papéis se invertessem, tu não terias aceitado que o Dom ou o Jerry se demitissem.

Afirma-o como se fosse um facto. Não é preciso responder.

— Se nós, os Stern, alguma vez tivéssemos problemas — continua —, o Dan Ryan apoiar-nos-ia. Portanto, o que vamos fazer em relação à senhora Cooper? Tu sabes que o Winegard está por trás de tudo isto.

— Achas?

— Vá lá, basta ver o momento que escolheu. O Winegard tentou uma OPA hostil e não funcionou. Isto é outra jogada dele.

— Comprou a Cooper.

— É claro que a comprou — afirma Josh. — Se vai candidatar-se a governadora, precisará de dinheiro. E, se conseguir destruir o Dan Ryan, terá mais uma vitória para a sua coleção. Para a nossa querida Cammy, são só vantagens.

— Não podemos prová-lo.

— Não, não podemos. Temos de encontrar mais alguma coisa. Se a Cammy quer analisar o teu passado, nós analisaremos o dela. Não pode ser tão impecável como parece.

— Achava que te cingias sempre às regras — diz Danny. — Que eras o Senhor Limpo.

— Quando o outro lado se cingir às regras, eu farei o mesmo — diz Josh. — Enquanto isso, jogarei como os outros jogam.

Danny não gosta deste assunto.

Esforçou-se muito para se afastar de tudo isso.

Mas, como diz o aviso de segurança, «os objetos que se veem pelo espelho refletor podem estar mais próximos do que parece».

Sim, pensa.

Cada vez mais perto.

Alfred *Allie Boy* Licata também lê os jornais.

Allie Boy já não é uma criança, nem de perto, mas a alcunha vem da sua juventude, de quando era um chefe em Las Vegas. Agora, já está na casa dos sessenta e, desde que o expulsaram do mundo do jogo no Nevada por ser considerado «indesejável», está na merda da cidade de Detroit, a passar um frio de rachar.

Enquanto isso, o cabrão do Abe Stern vai voltar para lá, pensa, ao ver os artigos e lembrar-se do que fez aos seus irmãos.

Fica excitado ao pensar nos dois irmãos a pender como gatos numa corda da roupa: Julius a retorcer-se e a gemer, com os olhos cada vez mais enlouquecidos. Como lhe tremia o corpo quando agarravam na mangueira para lhe tirar de cima o chichi e a merda...

Marone, como cheirava aquele sítio.

O cadáver a inchar e a apodrecer.

Muito melhor do que matar Julius era confinar a sua mente num lugar de dor perpétua. Esse é o problema da tortura: que costuma acabar; que não pode prolongar-se eternamente. O homem morre logo e então tens de procurar outro.

Ele encontrou muitos.

Isso transformou-o num dos tipos mais receados e odiados do seu mundo, o que é bom.

Deixa que me odeiem, pensa. Desde que também me receiem...

E agora Winegard deixou que Abe Stern lhe foda o cu.

Ele e esse tal Ryan.

Licata sabe alguma coisa sobre Ryan, por ouvir dizer. Em tempos,

foi soldado dos irlandeses, quando lutavam contra os italianos pelo controle de Nova Inglaterra. Perdeu a guerra, mas teve sucesso e reapareceu em Los Angeles, onde se envolveu com uma estrela de cinema. Ali, meteu-se numa confusão com Angelo Petrelli. Dizem que Petrelli mandou matá-lo, mas a coisa complicou-se, o que não é nenhuma surpresa, porque Petrelli sempre foi um picha mole e a família de Los Angeles, uma patranha. Mais do que uma família, era uma colônia de Chicago e Detroit. Mas isso também significa que o tal Ryan sabe sobreviver sozinho.

Também dizem que Ryan e o velho Pasco Ferri têm uma relação há muito tempo.

Ferri não é nenhuma brincadeira, é um peso pesado que conta com a confiança das grandes famílias. Supostamente, já está reformado, mas mete as mãos em quase tudo.

Portanto, é ele que controla Ryan?

E, através de Ryan, Stern?

Não seria de estranhar, pensa Licata. Abe era unha e carne com os irlandeses naqueles tempos, com o velho John Murphy e Marty Ryan. Este Ryan terá saído ao seu pai? Marty era um cabrão duro de roer na sua juventude, antes de se perder na bebida e já não conseguir sair desse buraco.

Os malditos irlandeses...

Uma piada muito velha: chega um irlandês e passa à frente de um bar... E já está, essa é a piada.

Falando de piadas, os federais acham que expulsaram a máfia de Las Vegas, acham que agora na cidade mandam as corporações. Não veem que essas corporações continuam vinculadas a pessoas como Pasco Ferri e Danny Ryan.

Nada mudou, apenas os nomes.

Que rica brincadeira.

E Winegard?

Vern é boa gente, um tipo inteligente, mas não duro. Não como Pasco Ferri. E agora está contra a espada e a parede.

Licata olha pela janela para a neve que cai.

Às vezes, perguntam-lhe se sente a falta de Las Vegas.

Se sente a falta de Las Vegas? Se sente a falta do sol e dos trinta e cinco graus? E das gajas seminuas? E do dinheiro que flui de cima como o mel? E do pagamento em mamadas? Porque haveria de sentir saudades de tudo isso? Tenho Detroit: a imundície, a ruína, os postos de trabalho que foram levados para o Japão, a Motown, e as mulheres que não tiram o colete de penas nem para foder.

Que se foda tudo...

Cammy está tão limpa como parece.

Embora custe a acreditar parece que é verdade, porque ninguém — nem Fahey nem a equipa de Josh — consegue encontrar uma única mancha de sujidade no macacão branco de Camilla Cooper. As suas contas são irrepreensíveis, paga os impostos que lhe correspondem e as aulas de ténis à tarde são realmente aulas de ténis.

O seu passado parece tão puro como o seu presente.

Nem gravidezes durante a adolescência, nem abortos, nem deslizos amorosos, nem indiscrições em festas quando estava bêbada. Começou a sair com Coop na universidade (onde ela era animadora de claqué, é claro), ficaram noivos, casaram-se e começaram a ter filhos.

Vão à igreja aos domingos e assistem às reuniões desportivas e escolares dos seus filhos. Cammy bebe um copo de vinho aos sábados à noite e Coop uma cerveja no churrasco dos domingos. E é só isso: nem receitas de Valium, nem ansiolíticos, nem medicamentos para o herpes...

— De onde tiras essa informação? — pergunta Danny.

— Mais vale não saberes — diz Josh.

Sim, suponho que sim, pensa Danny.

Sente-se sujo. Recorda-se que Cooper tenta afundá-lo, que está a escavar no seu passado, mas mesmo assim tem escrúpulos.

E de qualquer forma tanto faz.

Não há terra onde cavar.

As pás saem limpas.

E Fahey traz notícias piores.

— A Cooper sabe da tua reunião com o Ferri — diz a Danny. — E também está a fazer averiguações sobre um tal Kevin Coombs. Houve uma espécie de zanga numa festa que deste? Esse tipo disse alguma coisa sobre fugires de Rhode Island? Além disso, está a perguntar pelo Sean South, pelo James MacNeese e pelo Edmund Egan. O Egan tem antecedentes?

— Sim.

— Não tenta apenas vincular-te à máfia italiana através do Ferri, mas também a uma organização de Providence, de há muito tempo, que os federais chamavam «o gangue dos Murphy».

É como estar metido no oceano no meio da ressaca, pensa Danny. Esforças-te por sair da água, mas o mar puxa-te as pernas e, se perderes o pé, volta a arrastar-te para dentro. Achas que já estás na margem e, se te descuidares um pouco, estás a afogar-te.

— Pelos vistos, também está a tentar conseguir o relatório de um homicídio de há anos — prossegue Fahey. — Um caso por resolver: Phillip Jardine, um agente do FBI.

Lança-lhe um olhar duro, inquisitivo, como se perguntasse: «És um assassino de polícias, Dan? Mataste um polícia?».

— Os tabloides já publicaram toda essa merda há anos — responde Danny. — Não tinham nada então nem têm agora.

— Mas dá má imagem, Dan.

Danny sabe. Na verdade, Cooper não precisa de provar nada, basta que pareça que ele tem vínculos com a delinquência organizada para que lhe revoguem a licença. O Conselho não é um tribunal de justiça; pode condená-lo baseando-se num simples rumor.

Só que no seu caso não é um rumor.

É verdade que deu um tiro a Jardine.

Foi depois de Jardine tentar dar-lhe um tiro a ele, sim, mas de qualquer forma, apertou o gatilho e matou-o.

— Dizem que o tal Jardine não era flor que se cheire — diz Fahey.

— Que estava envolvido no tráfico de heroína. Mas isso é uma faca de dois gumes, faz com que inspire menos pena, mas também te vincula ao narcotráfico.

Isso também é verdade, pensa Danny.

Foi o maior erro da minha vida e não me deixa em paz.

Como o puxão do mar.

Ouviu os pescadores velhos a dizê-lo centenas de vezes, noutra vida: se o mar te quiser, apanha-te. Talvez te devolva, às vezes vivo, quase sempre morto. Muitos pescadores que conhecia nem sequer sabiam nadar. Encolhiam os ombros e diziam:

Se o mar te quiser, apanha-te.

Não há nada a fazer.

Uma semana depois, recebe uma carta registada a notificá-lo para uma reunião do Conselho em que se decidirá se lhe revogam ou não a licença.

Era a conclusão inevitável.

Cammy diz-lho pessoalmente.

Encontram-se num restaurante do Shores quando Cammy sai da casa de banho das senhoras e ele se dirige para a cozinha para ver como estão as coisas.

— Senhor Ryan.

— Senhora Cooper. Surpreende-me um pouco vê-la por aqui.

— Bom, não tenho nada contra o Shores — responde ela. — É consigo que tenho reparos.

— Quanto é que o Winegard está a pagar-lhe?

— Vê? Aí está. Os corruptos só veem corrupção.

— Vejo o que tenho à frente do nariz, senhora Cooper.

— Por favor, chama-me Cammy, como todos. Vou destruir-te, Dan.

Vou expulsar-te de Las Vegas, do Nevada. Não queremos gente como tu por aqui.

— Gente como eu?

— Por favor, sabes perfeitamente a que me refiro.

— Desfruta do teu jantar — responde Danny. — Oferta da casa.

— Oh, não poderia aceitá-lo. Isso seria corrupção.

Danny observa-a a afastar-se.

Se o mar te quiser...

Ron Fahey circula pela I-15 em direção a norte, com cuidado para não se aproximar demasiado do Ford Bronco de Coop.

Este fim de semana, Coop vai outra vez à caça. Fahey viu-o a guardar as armas no carro, a beijar a sua mulher e os seus filhos e a ir-se embora, aparentemente com destino ao Parque Nacional de Dixie, no sul do Utah, onde tem uma cabana.

Fahey atravessa as planícies desérticas do norte de Las Vegas, passa pela pequena localidade fronteiriça de Mesquite e atalha depois pelo extremo noroeste do Arizona para sair para os canhões de rocha vermelha do Utah, na margem do rio Virgin.

Coop para para pôr gasolina em St. George e Fahey segue em frente, convencido de que voltará a apanhá-lo em Cedar City, onde seguirá a Rota 14 para Duck Creek Village, uma paragem bastante apropriada, imagina Fahey, para caçar patos. Para perto do desvio para a 14 e, efetivamente, uns minutos depois vê passar o Ford Bronco. Deixa que outro carro se ponha no meio e volta para a estrada. Sabe onde é a cabana de Coop, portanto, mesmo que o perca, voltará a encontrá-lo.

Está a dar um tiro no escuro.

À procura de um desses milagres que acontecem quando uma investigação estanca.

Cammy Cooper está limpa.

Quando vai às aulas de ténis, dedica-se realmente a usar a raqueta em vez de seduzir o professor, mas há sempre a possibilidade de Coop caçar conas e não patos.

Fahey duvida (porque haveria de ter uma amante a três horas de distância?), mas está desesperado. Falta uma semana para a reunião

do Conselho que decidirá sobre a licença e na qual Cammy vai foder vivo Dan Ryan.

Fahey gosta de Ryan.

É um bom tipo e paga bem.

Matou um polícia? Talvez, mas era um federal e, além disso, corrupto. Portanto, talvez merecesse.

Segue Coop até Duck Creek Village, um vilarejo turístico com duas hospedarias e algumas casas de férias. Coop atravessa a vila e depois vira para o norte por um caminho de terra que entra no campo.

Fahey para. Vê que o caminho só leva a uma cabana situada no topo de uma colina que consegue ver dali com os binóculos.

A cabana de Coop é modesta, uma casinha de madeira com o telhado muito empinado, para a neve. Fahey vê-o a sair do carro, a pegar na mala, nas armas e a entrar na cabana.

E agora é esperar, diz-se.

Passa ali sentado duas horas e então vê que outro carro, um Land Rover, se aproxima pelo caminho, desvia-se para a casa e estaciona atrás do carro de Coop. Um homem sai e entra. Fahey percebe que não bate à porta, portanto, deve ser um amigo cuja visita estava prevista.

Parece ter mais ou menos a idade de Coop.

Alto e musculado.

O seu colega de caça, certamente.

Fahey continua à espera, sentado no carro.

É nisso que consiste em grande medida o trabalho policial, em esperar. Esperar em missões de vigilância, esperar pelos resultados dos exames forenses, esperar que se emitam mandatos judiciais, esperar por um julgamento... Agora esperar que escureça, porque quer aproximar-se da cabana.

Não sabe bem porquê. É uma questão de porque não. Já que foi até ali, nunca é demasiado dar uma olhadela, mesmo que seja apenas para ver Coop e o seu colega a beber uma cerveja, a comer um bife e a

deitar-se cedo para se levantarem antes de amanhecer e sair para massacrar alguns patos desprevenidos. Pelo menos assim poderá informar que Coop tem uma vida tão insossa como a sua mulher, o que talvez seja decepcionante, mas não será uma surpresa.

De modo que quando escurece agarra na sua máquina fotográfica, sai do carro e aproxima-se da cabana. Como há uma luz acesa e as venezianas estão abertas, avança com cautela, cola-se à parede e espreita.

E então vê Coop nu e de joelhos à frente do sofá, a chupar o outro tipo.

Meu Deus, pensa, enquanto tira fotografias, a Cammy é a sua cobertura.

Continua a tirar fotografias: Coop de gatas, Coop deitado no sofá com a cabeça apoiada no colo do seu amante, a olhar para o fogo.

Parece-me amor, pensa Fahey.

Já tem o que precisa — bom, o que Ryan precisa —, portanto, volta para o carro e regressa a Las Vegas.

É difícil expô-lo a Josh.

Dizer-lhe que só poderão deter Cammy Cooper aproveitando a relação do seu marido com outro homem.

Danny não sabe como Josh vai aceitá-lo e não o reprovava se não quisesse chegar a esse extremo. Estão sentados na sala de Madeleine. Ron Fahey acabou de se ir embora e deixou uma pasta com as fotografias.

Josh está a observá-las.

— Se não quiseres que as usemos — diz-lhe Danny —, não há mais nada a dizer.

— Dizes isso porque sou gay? — pergunta Josh.

— Sim.

— E achas que por isso vou compadecer-me do Coop.

— Entenderia — diz Danny.

— Não sinto nenhuma pena, absolutamente. Se fosse apenas um gay que não saiu do armário, muito bem, talvez. Seria triste. Mas os Cooper são inimigos declarados dos direitos dos homossexuais. O mal que fazem, a dor que causam... Isto é pura justiça, puro carma.

— Pergunto-me se a Cammy sabe.

— Se não souber, devia sabê-lo — diz Josh. — Merece sabê-lo. E, se souber, que se foda. A sua hipocrisia é alucinante.

— Mesmo assim...

— Mesmo assim, nada. Danny, se pensares bem, não tens escolha.

— Têm filhos. O que vai acontecer com eles?

— Tu também tens um filho — responde Josh. — O que se passa

com o Ian? Também se trata do seu futuro. Se não usares isto...

— Usá-lo-ás?

— Não. Respeitarei a tua decisão. Mas eu não deixaria que a consciência me consumisse por causa de uma dissimulada e uma hipócrita como a Cammy Cooper.

Danny liga pessoalmente a Cammy.

— Eu gostaria que nos encontrássemos antes da reunião oficial.

— Acho que isso seria muito inadequado.

— É pelo teu bem, vais ver.

— Se vais oferecer-me um suborno...

— Não — responde —, só quero que falemos da caça aos patos.

Silêncio.

Danny compreende então que sabe.

— No Piero's, à uma?

Escolhe o sítio de propósito.

Para que ela entenda a simetria.

Cammy senta-se.

— Queres alguma coisa? — pergunta Danny. — Uma bebida?

— O que fazemos aqui?

Ele desliza a pasta pela mesa.

— Tem cuidado com como a abres.

Observa-a enquanto vê as fotografias. Ela cora. Fecha a pasta, devolve-lha e diz:

— És imundo. Lixo humano.

Danny não diz nada.

— O meu marido é um bom homem — diz Cammy. — Um pai maravilhoso. Tem as suas necessidades, é discreto, entendemo-nos.

Danny fica contente com isso. Pelo menos, pensa, não lhe estraguei a vida de repente.

— Pensaste em como isto afetará os meus filhos? — pergunta ela. — Destruí-los-á. O outro homem também é pai, tem família...

— Eu também.

Cammy olha para ele surpreendida, como se nunca tivesse pensado nisso.

— Isto não tem de chegar mais longe — diz Danny. — Nenhuma família tem de ser prejudicada.

— Mas como?

— Na reunião, farás o Conselho ver que as acusações contra mim e contra a minha empresa não têm nenhum fundamento.

Cammy não hesita.

— Assim farei.

— Se as coisas correrem de outro modo...

— Não vão correr de outro modo.

Ele levanta-se.

— Amo-o, sabes? — diz Cammy.

Agora, Danny sente-se imundo.

Não como lixo humano, mas sujo.

Madeleine aproxima-se do bar da sua suíte no Hotel Willard de Washington e serve três copos de brande.

Um para ela, outro para Evan Penner e outro para Reggie Moneta.

Distribui as bebidas e diz:

— Obrigada aos dois por virem. Vamos à questão. Quero saber porque o meu filho está a ser alvo de uma perseguição.

— Porque o seu filho é um assassino — responde Moneta.

— Calma, Reggie — diz Penner.

O ex-diretor da CIA já está reformado, mas continua a ter muito poder em Washington; é uma espécie de *éminence grise* que goza de uma influência enorme e do poder que dá saber onde estão enterrados todos os cadáveres, no sentido literal e figurado.

— Não, se quer falar do assunto, vamos falar do assunto — diz Moneta. — Senhora McKay, o seu filho matou um agente do FBI chamado Phillip Jardine. Mas você já sabe isso.

— Eu não sei nada disso — responde Madeleine —, só sei que houve acusações oficiosas e rumores. E que não foi acusado porque não há provas.

— Não foi acusado porque pessoas como o senhor Penner, aqui presente, o protegeram. Mas também sabe isso.

— O que sei é que você tentou e continua a tentar levar a cabo uma vingança pessoal contra o Danny. Manipulou as investigações contra ele e exacerbou o conflito entre o Vernon Winegard e o meu filho. Por favor, não tente negá-lo.

— Não ia fazê-lo. Porque tenho de ser a única a cumprir as regras?

— Quero que isto acabe — diz Madeleine.

— Acredite ou não — replica Moneta —, o mundo não se rege pelos seus desejos. Tanto me faz o que você quer. O que me importa é que se faça justiça.

— Porque o Jardine era seu amante.

— Isso é irrelevante.

— Conte-se todas as mentiras que quiser, mas não me as conte a mim.

— Toda a sua vida é uma mentira — diz Moneta. — Enriqueceu na cama com uns e com outros e agora comporta-se como a Maggie Smith numa produção da BBC. Para mim, não é mais do que uma puta de Barstow com ares de grandeza.

— Já chega — diz Penner.

— Não, já chega de encobrir o menino bonito do Danny Ryan. Cada vez que se mete numa confusão, vai a correr pedir ajuda à sua mãe.

— Na verdade, ele não sabe que estou aqui — diz Madeleine.

— E o que importa isso, de facto? — pergunta Moneta e vira-se para Penner. — Sei que o Ryan fez alguns trabalhos sujos para vocês e sublinho «fez». O teu partido já não está no poder, Evan, e duvido que o governo atual queira ajudar o Danny, apesar das contribuições que fez. O Vern Winegard também fez contribuições.

— E você está do lado do Winegard — diz Madeleine.

— Eu estou do lado de qualquer pessoa que tente acabar com o Danny Ryan — responde Moneta.

— Apesar de o Winegard ter vínculos muito estreitos com mafiosos como o Allie Licata — diz Madeleine. — A sua hipocrisia é espantosa.

Penner inclina-se para a frente. Basta isso para que ambas lhe prestem atenção e o diálogo se interrompa.

— Tenho uma casa de verão em Chilmark. Tenho netos. Bisnetos, de facto. Devia estar ali com eles, em Vineyard, em vez de estar aqui com vocês, a mediar uma disputa que devia ter acabado há anos.

»Reggie, é um facto que não há provas suficientes para acusar, e muito menos para condenar, o Ryan pelo assassinato do Phillip Jardine. Isso é uma letra-morta.

»Quanto ao que achas saber sobre o que o Ryan talvez tenha feito para um governo anterior, garanto-te que também é um beco sem saída. O governo atual não quer saber nada dessas coisas, porque, se as soubesse, teria de tomar medidas, medidas que seriam politicamente perigosas num momento em que a sua margem de manobra no Congresso é muito limitada. Portanto, o ás que achas que tens na manga não vai servir-te de nada.

Parece que o queixo de Moneta foi fechado com arame.

— Mas há uma coisa em que tens razão: este governo não mexerá um dedo para ajudar o Danny Ryan no seu conflito com o Vern Winegard. Nem para ajudar o Winegard. Este assunto é-lhes totalmente indiferente. Se, como a Madeleine garante, estás por trás dos ataques do Winegard contra o Ryan, ninguém quer saber.

»Mas digo-te uma coisa, Reggie — acrescenta Penner, enquanto deixa o seu copo de brande na mesinha —, já deste dois golpes ao Ryan: um através de uma OPA hostil e outro através do Conselho de Controlo do Jogo. Falhaste das duas vezes. Não sei se tens intenção de dar um terceiro golpe nem qual poderia ser, mas os bancos, as corporações e os fundos de cobertura que investiram bilhões de dólares no setor do jogo querem paz e estabilidade. Se fizeres alguma coisa para os perturbar, será a tua cabeça a rodar. Agora, quero falar com a Madeleine a sós, por favor.

Moneta levanta-se e vai-se embora.

Madeleine olha para Penner.

Há muito tempo, quando eram jovens, parecia-lhe leonino: um bom cabelo, queixo robusto, olhos faiscantes de humor e perigo. Agora, parece mais velho e questiona-se se estará doente.

— Estou a ficar velha, Evan — diz-lhe.

— Tu não. Tu não tens idade.

— E tu és sempre um cavalheiro. Um mentiroso muito galante.
Fizeste *bluff* com essa mulher odiosa.

— Consegui-te um pouco de tempo, mais nada — responde Penner.
— Não vai parar, já sabes.

Madeleine assente.

Sabe, sim.

Reggie Moneta chega à rua.

Furiosa.

Tentou tudo.

Tudo o que era legal.

Mas a lei não vai dar-lhe justiça.

Por isso está na hora de a deixar de lado.

Encontram-se no estacionamento enorme do circuito de corridas.

Ao princípio, um pequeno desafio de poder. Depois, Vern sai do seu carro e entra no de Licata.

— Desliga a luz do teto.

— Há quanto tempo — diz Licata. — Quanto tempo passou? Quinze anos?

— Recebes o teu dinheiro — responde Vern.

— Não fiques tão à defesa. Era apenas um comentário.

Vern não está de bom humor.

— O que fazemos aqui?

— Sei que tens problemas. Vim para te ajudar.

— Não preciso da tua ajuda.

— Bom, continuas a perder contra o Danny Ryan. É humilhante. E sai caro. Quando tu perdes pontos, eu perco dinheiro.

— Fiz-te ganhar mais do que...

— Sabes o que é melhor do que o dinheiro? — pergunta Licata. — Mais dinheiro. Não estou aqui para foder ninguém, mas para ajudar. Tens um problema com o Danny Ryan. E eu posso resolver esse problema.

— Como?

— Tenho de te explicar?

— Não — responde Vern. — Absolutamente, não. Uma coisa é comprar-te as toalhas e coisas assim e dar-te uma percentagem... mas assassinar? Não. Não. Nem penses, Allie.

— Estás a dizer-me que não pensaste nisso?

— Exato. Vou sair do carro agora mesmo.

Licata inclina-se e segura a porta para que não a abra.

— O Ryan tem acordos com o Pasco Ferri. Achas mesmo que não farão o mesmo contigo se acharem necessário?

— Estou a tomar medidas.

— Medidas... E uma merda — diz Licata. — Estás em desvantagem. Posso ter uma equipa aqui amanhã mesmo. E prometo-te que Chicago, Detroit e Los Angeles te apoiarão.

— Não quero que me apoiem.

— Cuidado com o que dizes.

— Estás a ameaçar-me?

— Estou a proteger-te.

Vern sai e depois vira-se para a porta.

— Deixa o Ryan em paz ou juro-te por Deus que...

— O quê?

— Faz o que te digo.

Licata levanta as mãos. Claro, homem, o que tu dizes.

Licata liga para um serviço e fica contente por ainda funcionar. Envia-lhe uma rapariga especial, muito cara.

Muito mais cara do que o normal.

— Disseram-te o que vamos fazer? — pergunta-lhe Licata.

Ela diz que sim com a cabeça.

— Tira a roupa e inclina-te sobre a cama.

Quando ela obedece, Licata tira o cinto das presilhas.

Só esse som já o deixa duro.

Danny toca à campainha de Eden.

— Um raro aparecimento noturno — diz ela, surpreendida e um pouco preocupada.

— O Ian ficou a dormir em casa de um amigo.

Eden percebe que alguma coisa está mal. Indica-lhe com um gesto que entre.

— Poderias ter usado a tua chave.

— Não queria assustar-te — diz Danny.

— Apetece-te uma bebida?

O bar está bem sortido com tudo o que gosta: cerveja Samuel Adams, Johnnie Walker Black, Coca-Cola e, ultimamente, Coca-Cola *light*.

— Uísque, se me acompanhares. Se não, uma triste Coca-Cola *light*.

— Far-te-á bem um uísque — Serve dois copos e dá-lhe um.

— *Slainte*.

— *Slainte* — diz Eden. — E então?

— E então o quê?

— O que se passa? És o homem mais educado e respeitoso com os horários do mundo. Não apareces sem mais nem menos. Pelo menos, não de noite e sem ligar primeiro.

— Fiz uma coisa horrível.

— E vens confessar? — pergunta Eden.

Um rapaz católico irlandês é sempre um rapaz católico irlandês, pensa. Embora Dan tenha brincado algumas vezes a esse respeito: «Sou de uma cidade onde os tipos, quando vão confessar-se, se cingem

à Quinta Emenda. “Perdoe-me, senhor padre, porque pequei. E acho que conhece o meu advogado, o senhor O'Neill”».

— Mais ou menos, suponho — responde Danny.

Toca o telefone de Eden. Olha para o identificador de chamadas e diz:

— Espera um momento.

Entra no quarto. Danny liga a televisão e fica a ver um jogo dos Red Sox.

Eden sai uns minutos depois. Parece alterada.

— O que se passa? — pergunta Danny.

— Uma das minhas pacientes, uma trabalhadora sexual. Tinha um serviço «especial» esta noite. O tipo perdeu o controlo e deu-lhe uma sova. Está nas urgências.

— Meu Deus.

— Foi no Shores, Dan.

— Num dos meus hotéis?

— Quarto 234 B. Dan, lamento muito, sei que querias falar, mas deveria...

— Não, o meu assunto pode esperar. Vai vê-la.

Eden vai-se embora.

Dez minutos depois, Danny está no Shores com o chefe de segurança do turno da noite, a ver a cassete de vídeo.

— O tipo já se foi embora — diz-lhe o chefe de segurança. — Um tal Bob Harris. Recuei até à hora em que fez o *check-in*. Aqui está...

— É esse? — Danny vê um tipo de uns sessenta anos. Altura média, peso médio, óculos de sol. — Verifica o seu cartão, descobre o que conseguires sobre ele. Tem a entrada proibida para sempre em todos os nossos estabelecimentos. Para se alojar e para jogar.

Depois, Danny vai ao hospital.

Os médicos deixaram a paciente de Eden internada, uma jovem

chamada Su Lin. Tem mau aspeto: a cara magoada, um olho tão inchado que não consegue abri-lo. Eden conta a Danny que tem duas costelas partidas e múltiplas lacerações, assim como hematomas nas costas e nas nádegas.

Açoitaram-na com um cinto.

E mesmo assim ela jura que caiu pelas escadas.

— Não posso deter esse sujeito se não o denunciar — diz Fahey, que foi ao hospital quando Danny o chamou.

— Está assustada — diz Eden.

— Quem lhe deu o serviço? — pergunta Fahey.

Eden hesita.

— Isso é confidencial.

— Queres dizer isso à próxima rapariga que passar por uma coisa dessas? — pergunta Danny. — Porque haverá uma próxima.

Eden olha para Fahey.

— Disseste que não pode fazer-se nada.

— Disse que não posso detê-lo.

— O que significa isso? — pergunta Eden. — O que tencionas fazer, Danny?

— Quem a mandou?

— Falou-me de uma tal Monica.

— Monica Sayer — diz Fahey.

Danny e Fahey vão às águas-furtadas de Sayer. Só com uma olhadela à casa, pensa Danny, já se vê que em Las Vegas o negócio da prostituição de luxo dá dinheiro, e que Monica Sayer enriqueceu às custas de outras mulheres.

— A que devo esta grata surpresa? — pergunta Monica.

— Esta noite, mandou um das suas raparigas a um serviço

«especial» — responde Danny.

Sayer inclina a cabeça como se dissesse «e então?».

— O tipo deu-lhe uma sova — continua ele. — A rapariga está no hospital.

— A Su Lin é uma submissa profissional — diz Sayer. — Conhece os riscos. Ossos do ofícios, poderíamos dizer?

— Vamos ver o que acha deste «osso do ofício» — responde Danny. — Se voltar a mandar outra rapariga, qualquer rapariga, para lhe baterem, declará-la-ei *persona non grata* em todos os hotéis da Strip. Se ligar para reservar uma mesa, o restaurante estará cheio; se quiser ver um espetáculo, os bilhetes estarão esgotados; se for a qualquer evento social na cidade, todos lhe virarão as costas.

— Porque você é o todo-poderoso Dan Ryan? Eu também tenho os meus contactos, senhor Ryan.

Danny olha para Fahey.

— Sou tenente da Secção de Inteligência Criminal — diz Fahey. — Sabe o que isso significa?

— Porque não me esclarece?

— Significa que tenho bastante poder por aqui. Se for a quarenta quilómetros à hora num lance de cinquenta, detê-la-emos. Se cuspir na calçada, levá-la-emos para a esquadra.

— Isso é perseguição.

— Não, são apenas pequenos incómodos — responde Fahey. — Perseguição é isto: descobrirei quem são as suas raparigas. Todas elas. E depois detê-las-ei uma e outra vez, até dizerem o seu nome. E então detê-la-ei a si por proxenetismo e tráfico sexual, e pedirei aos federais para a investigarem por evasão fiscal. Quando sair da prisão, usará andarilho.

— Ficou claro? — pergunta-lhe Danny.

Sim, ficou claro.

— O que fizeste? — pergunta Eden.

Estão sentados na sala de estar do seu apartamento.

— A que te referes?

— A essa tal Mónica.

— Falámos com ela.

— Só falaram?

Danny olha para ela com aborrecimento.

— Não te deixes levar pela tua imaginação. Por amor de Deus, Eden, o que achas? Que está enterrada num buraco no deserto? Só falámos com ela.

— Ameaçaste-a.

— Com tomar medidas legais — diz Danny.

— Está bem.

— Está bem? Ena, obrigado.

— Lamento — diz ela. — Talvez tenha medo de me ver arrastada para o teu mundo.

— Também é o teu mundo. Essa rapariga é tua paciente.

— Agrediram-na no teu hotel.

— Foi por isso que tomei providências — responde Danny. — Preferias que não tivesse feito nada?

— Não sei. Suponho que tivesse medo do que podias fazer.

— Porque sou o Danny Ryan, o gangster.

— Isso é injusto.

— *Isso é injusto?* Diz-me que não te sentes um pouco aliviada, um pouco agradecida, que não estás até um pouco contente por ter tratado deste assunto.

— Tens razão — diz Eden. — Tenho sentimentos contraditórios.

— Guarda a conversa psicológica para as tuas pacientes.

— Agora, zangaste-te.

— Claro que me zanguei. Pediste-me para te ajudar...

— Na verdade, eu não te...

— ...e fi-lo e agora acusas-me de sabe Deus o quê.

— Não estou a acusar-te de nada. Só digo que estou a começar a duvidar de que tendo... vidas tão diferentes... possamos encaixar.

Danny levanta-se.

— Encarreguei-me dos custos de hospitalização da rapariga. Também podes culpar-me por isso.

— Dan...

— Avisa-me quando decidires alguma coisa sobre as nossas vidas tão diferentes.

Fecha a porta suavemente ao sair.

Danny encontra-se com Fahey num Subway afastado da Strip.

— O que descobriste? — pergunta.

— Examinámos as gravações das vossas câmaras de segurança desde a hora de chegada do Harris e temos uma imagem da sua cara. Procurei-a nos nossos arquivos de agressores sexuais.

— E?

— Nada, mas depois tive uma intuição e procurei-a nos arquivos de mafiosos. Não te trago boas notícias.

— Diz.

— É um velho chefe de Detroit, o Allie Licata — diz Fahey. — Era dono de parte do primeiro hotel do Winegard e agora é sócio silencioso da empresa que lhe fornece a roupa branca, mas não conseguimos encontrar nenhum vínculo direto entre eles.

— Está bem.

— O Licata foi visto na cidade. E também alguns homens dele, incluindo o seu filho Charles, também conhecido como Chucky. Tal pai, tal filho, imagino.

— O que estão a fazer aqui?

— Não sei, mas duvido que tenham vindo para uma despedida de solteiro. Tem cuidado, Dan. Até os psicopatas consideram o Licata um tarado.

— Mantém-te informado, está bem?

Ou seja, Licata tem acordos com Winegard, pensa Danny.

Eu defendo-me da sua OPA hostil.

E então aparece Licata.

Até onde é que Vern tenciona levar isto?

Ned Egan está a fritar *bacon* quando Danny bate à porta.

Todas as manhãs, sete dias por semana, Ned Egan faz ovos com *bacon*. Meu Deus, cheira tão bem aqui, pensa Danny. Rejeita o pequeno-almoço que Ned lhe oferece, mas senta-se à mesinha da cozinha.

— Ouviste falar de um tal Allie Licata, de Detroit?

— Encontrei-me com ele algumas vezes, com o teu pai — responde Ned.

— E?

— O teu pai não gostava dele. Não queria vê-lo nem pintado.

E, para Ned, isso bastava, pensa Danny. Se Marty Ryan não gostava de alguém, ele também não.

— Está na cidade. Com uma equipa.

— Eu encarrego-me disso — diz Ned.

— Não. Só quero que vigies a Madeleine e o Ian com especial cuidado.

Danny vai-se embora, conduz até uma cabina telefónica e liga a Pasco. Uma cabina telefónica, pensa. Meu Deus, é como nos velhos tempos.

— O Licata é uma boa peça — diz-lhe Pasco. — Um tipo perigoso. E o rapaz, o Chucky, tem toda a maldade do seu pai, mas sem o seu cérebro.

— Achas que isto é apenas coisa do Licata ou que Detroit está por trás? — pergunta Danny.

— O Licata não caga sem que Detroit lhe dê permissão — responde Pasco. — De certeza que Detroit está por trás e talvez também Chicago. Este Winegard pegou na artilharia pesada, vai com tudo atrás de ti.

— Não, ele não é assim — diz Danny.

— Queres que gravemos isso na tua lápide? — pergunta Pasco. — Espevita, rapaz. Toma precauções.

Sim, pensa Danny.

Vou fazer isso.

Sean South desliga o telefone, olha para Kevin Coombs e pergunta:

— Sabes quem era?

— Um príncipe nigeriano com uma mina de ouro?

— O Danny.

— Não me fodas.

— O que ouviste.

A quem o dizes... estiveram exilados em Reno desde que Kevin se embebedou e lixou tudo na festa de Ian. Sean tem gerido o seu negócio dali e Kevin...

Kevin esteve em reabilitação e agora dedica-se a ir às reuniões de Alcoólicos Anónimos, às vezes, a duas ou três por dia.

Por incrível que pareça, deixou de beber.

E transformou-se numa fonte inesgotável de frases feitas: «um dia de cada vez e passo a passo»; «relaxa e deixa Deus trabalhar»; «não é o último copo que te embebeda, mas o primeiro»... Se voltar a dizer mais uma vez «Não bebas, vai às reuniões», talvez Sean lhe dê um tiro na cara.

Kevin teve um pequeno tropeção no Passo 5, «Admitimos perante Deus, perante nós mesmos e perante outro ser humano a natureza exata das nossas falhas».

— A natureza exata das tuas falhas? — perguntou Sean. — Isso poderia ser problemático.

Sobretudo, porque essas falhas incluem múltiplos homicídios e roubos à mão armada, o tipo de coisas que não convém confessar,

embora não se concretize demasiado a sua natureza exata.

— Podes contar a Deus — disse Sean —, e a ti mesmo, mas a outro ser humano? A quem, por exemplo? A um procurador?

— Podia contar-te a ti — respondeu Kevin.

— Mas eu já sei.

— Tens razão.

Portanto, decidiu saltar esse passo, tal como o de fazer uma lista de todas as pessoas que magoou e depois tentar reparar essas ofensas.

— Não vais fazer nenhuma lista, Kev — disse Sean. — A isso chama-se «provas».

Quanto a reparar as suas ofensas, fê-lo ver que, em vários casos, era impossível, visto que o mal que causara fora mortal, e os que ainda estavam vivos, certamente responderiam à sua aproximação amável matando-o a ele.

Kevin, mesmo assim, encontrou uma saída. Supostamente, tinha de tentar reparar as ofensas «exceto quando fazê-lo pudesse prejudicar essas pessoas ou outras».

— Acho que eu posso considerar-me outra pessoa — disse.

— Claro que sim.

— Mas devia pedir perdão ao Danny por estragar a festa do Ian.

— Se fosse a ti, deixava-o estar — respondeu Sean.

— O que é que o Danny queria? — pergunta Kevin agora.

— Quer que voltemos.

— Em Las Vegas há Alcoólicos Anónimos, não há?

Em Las Vegas há Anónimos de todos os tipos, responde Sean para si.

Jimmy Mac recebe a chamada.

Sentado no escritório do seu concessionário de carros em Mira Mesa, ouve Danny a perguntar:

— Queres abrir um concessionário no meu novo hotel?

— Pode ser — diz Jimmy.

— Preciso de ti aqui — diz Danny.

Connelly informa Vern.

— O nosso homem na Metropolitana diz que o Ryan voltou a trazer o seu antigo gangue. O Jimmy MacNeese, o Sean South, o Kevin Coombs...

Vern lembra-se do bêbado que falou demasiado na festa de Ryan. Chamava-se Kevin.

— Bem te dizia que é um valentão — diz Connelly. — Era apenas uma questão de tempo.

Ryan não trouxe o seu gangue para um reencontro de antigos colegas de escola, diz-lhe Connelly. Trouxe-o com um propósito concreto: intimidar ou até assassinar pessoas que possam testemunhar no Conselho, talvez até para perseguir Jay Cooper.

— O alvo até poderias ser tu, chefe — acrescenta.

— Vês demasiados filmes — responde Vern.

— Isto não é um filme. Estão mesmo aqui.

— Reforçarei a segurança.

— Isso é muito bom — diz Connelly —, mas não vai ser suficiente. Tens de pensar em tomar a iniciativa. — Espera um segundo e depois acrescenta: — Os da Metropolitana também dizem que o Allie Licata está na cidade.

— E então? — Vern começa a ficar doente. Tudo isto está a sair do nosso controlo, pensa. Ameaçámos o Ryan por causa dos seus acordos com o Ferri, mas o que acontecerá se ele me vincular ao Licata?

Destruição mútua garantida.

Levamos as mãos ao pescoço, derrubamo-nos um ao outro e

lançamo-nos por um precipício.

Connelly também é consciente dessa dinâmica, mas não se importa: Reggie Moneta quer que Ryan caia e, se para isso Vern tiver de cair também, é uma pena, mas as coisas são assim.

— Vá lá, o Licata e tu conhecem-se há muito tempo. Não entrou em contacto contigo? Talvez não seja má ideia esticar-lhe a mão.

— Não vamos fazer nada disso — responde Vern. — Tu mesmo disseste que tentamos manter a máfia fora daqui, não convidá-la a voltar.

— Eu só digo que é fogo contra fogo.

— Nem pensar — diz Vern.

Mas não lhe conta que já disse que não a Licata: nada de violência contra Dan Ryan nem contra ninguém. Só que agora Ryan trouxe o seu gangue.

Para quê?

Disse que não à máfia... Ryan terá dito que sim?

Isto tem de acabar, pensa Vern.

Danny olha para os seus homens.

— Nós não vamos dar o primeiro passo — diz. — Confio em que seja apenas uma coincidência que o Licata esteja aqui.

— Nem sequer tu acreditas nisso — responde Sean. — Se o Licata é tão cabrão como dizem, devíamos ir já atrás dele.

— Um ataque preventivo — diz Kevin.

— Não — responde Danny.

— E o que vamos fazer? — pergunta Kevin. — Esperar que te ataque e depois vingar-nos? Que merda!

— Um pouco de calma — diz Jimmy Mac.

O telefone de Danny toca.

Olha para ele. É Winegard. Levanta a mão para lhes pedir silêncio e liga o alta voz.

— Vern.

— Temos de falar.

— Estou de acordo.

— Sem advogados nem Conselhos. Só tu e eu.

— Por mim, perfeito.

— Amanhã de manhã? — diz Vern. — Em algum lugar calmo, onde ninguém nos veja nem nos ouça. Não quero que apareça nas revistas.

— Pensaste em algum lugar?

— O estacionamento do Desert Pines? Sei que és madrugador. Às seis e meia?

— Vemo-nos lá a essa hora.

Danny desliga.

— É uma armadilha — afirma Kevin. — Uma cilada.

— Estou de acordo — diz Jimmy.

— O Licata poderia ter um atirador escondido em qualquer lugar — acrescenta Sean. — Assim que saíres do carro ou até antes.

— Não, acho que realmente quer falar — diz Danny. — Isto poderia trazer paz.

— E serenidade — diz Kevin.

Sean tem vontade de lhe dar um tiro.

— Não podes ir a essa reunião — diz Jimmy.

Se Vern quer falar cara a cara, pensa Danny, talvez possamos resolver este assunto de uma vez por todas, chegar a algum tipo de acordo.

Vale a pena tentar.

— Vou — diz.

Jimmy Mac vira-se para os outros.

— Muito bem, vamos para lá agora mesmo, dar uma olhadela. Ângulos de tiro, possíveis esconderijos para um francoatirador... De manhã, estaremos ali, prontos para agir.

— Disse-me para ir sozinho — diz Danny.

— Achas que ele vai sozinho? — pergunta Jimmy. — Não sejas louco, Danny. Seremos invisíveis, ninguém nos verá.

— Está bem, mas que ninguém tenha o dedo no gatilho, não disparem primeiro.

— Danny...

— Ouviram o que acabei de dizer?

— Sim, ouvimos — diz Jimmy.

Não gosta, mesmo assim.

Jim Connelly também não.

— Não podes ir sozinho — diz. — E se levar os seus homens?

— Foi ideia minha — responde Vern.

— E ele pode vê-lo como uma oportunidade.

— Esta merda já chegou demasiado longe. Vou encontrar-me com o Ryan e vou sozinho, como disse que faria.

Connelly sabe que é melhor não o contrariar. Quando Vern toma uma decisão, não há mais nada a dizer.

Mas não pode deixar que se meta no que muito bem poderia ser uma armadilha.

— Porquê num campo de golfe antes de amanhecer? — pergunta Madeleine. — Podiam falar ao telefone sem nenhum problema.

— Não é o mesmo.

— Vais entrar numa emboscada.

— Não me parece — responde Danny. — Do Winegard podem dizer-se muitas coisas, mas não é um assassino.

— Tu não sabes do que é capaz.

— Posso ter um exército pronto esta mesma noite — diz Josh. — Ex-agentes da Mossad...

— Não.

— Porquê?

— Porque não quero uma maldita guerra — diz Danny.

— São os melhores — insiste Josh. — Farão uma avaliação exata da situação e agirão em conformidade.

— Já tenho os meus homens.

— Não te ofendas — diz Josh —, mas não são tão bons.

— Conheço-os e confio neles.

— Vou contigo.

— Nem sonhes — diz Danny. — Prometi ao teu avô que cuidaria de ti e que não correrias nenhum risco.

— Então, achas realmente que há risco.

— Há sempre, também quando vou de carro para o escritório de manhã.

— Oh, por favor... — diz Madeleine.

— É uma oportunidade de fazer as pazes com o Winegard — insiste Danny. — E não vou desperdiçá-la. Agora, importam-se que passe um pouco de tempo com o meu filho?

Encontra Ian no seu quarto, a jogar videojogos.

— Queres que saiamos para jogar basquetebol?

— Claro — responde Ian. — Mesmo que sejas muito mau.

— Então, será fácil ganhar-me.

Saem para o campo de jogos que Madeleine mandou construir e jogam um contra um.

— Devíamos fazer outra viagem de bicicleta em breve — diz Danny.

— Sim, devíamos.

Danny experimenta fazer um gancho.

— Kareem Abdul-Jabbar!

— Quem?

— Oh, meu Deus.

— Tu jogavas no liceu, não é? — pergunta Ian.

— Sim.

— Eras bom?

— Um pouco menos mau do que agora.

— Ou seja, bastante mau. — Ian ri-se. Faz um drible cruzado, passa ao lado de Danny e encesta. — É assim que se faz.

— Dou-te uma mesada? Porque o faço?

Continuam a jogar mais algum tempo e depois Danny diz que está na hora de tomar um duche e deitar-se.

— Amanhã, há escola. Não te verei quando te levatares. Tenho uma reunião cedo.

— Está bem.

— Mas ao jantar, sim.

— Podemos pedir comida para levar? — pergunta Ian. — Popeyes ou uma coisa dessas?

— Por mim, tudo bem, mas pergunta à avó.

Entram em casa e Danny dá-lhe um abraço de boa noite.

— Amo-te, miúdo.

— E eu a ti.

Talvez Deus exista, pensa Danny.

Toma um duche e deita-se na cama.

Em breve, será de dia.

Vern nunca ouviu nada parecido com os gritos da sua esposa.

É como se lhe rasgassem a garganta.

Desce as escadas a correr, quase cai e encontra-a na cozinha ainda a gritar, com o telefone no chão.

Tem os olhos esbugalhados e uma veia palpita-lhe na testa.

Os gritos ferem-lhe os ouvidos. Agarra-a pelos ombros.

— O que se passa?! Dawn, o que se passa?!

— É o Bryce! É o Bryce!

Desaba.

Foge-lhe das mãos como pó.

Danny entra no estacionamento exatamente quando o sol está a nascer.

Está prestes a desatar a rir-se. Não era a esta hora que as pessoas costumavam fazer duelos? Talvez Vern tenha uma certa veia dramática, afinal de contas.

Mas não há ninguém ali, o seu é o único carro.

Fiéis à sua palavra, Jimmy e os outros são invisíveis, se é que estão aqui, pensa Danny.

Estaciona, desliga o motor e espera.

Seis e vinte e cinco.

Seis e meia.

E nada.

Não é próprio de Vern, que é famoso por ser pontual (quando não chega antes de tempo) a todas as reuniões.

Seis e trinta e cinco.

Aconteceu alguma coisa.

Começa a ficar paranoico, a imaginar a mira telescópica fixa na parte de trás do seu crânio ou na sua testa. Sente que o medo (ou é instinto, ou sensatez?) se apodera a pouco e pouco dele. Desliza para baixo no banco, abre o porta-luvas e pega na Sig Sauer 380.

Talvez Jimmy tivesse razão.

Talvez todos tivessem razão e seja uma armadilha.

O melhor que posso fazer, pensa, é carregar no acelerador e sair daqui o mais depressa possível.

Mas custa-lhe endireitar-se para se pôr ao volante. Custa-lhe fazer

esse movimento que poderia resultar num balaço contra ele. Se houver um atirador, talvez Kevin, Jimmy ou Sean o localizem e o eliminem antes de ter tempo de apertar o gatilho.

Ou talvez não.

Põe as pilhas, diz-se. Faz o que tens de fazer.

Toca o telefone.

Danny atende.

— Sim?

— Lamento acordar-te — diz-lhe Fahey —, mas pensei que devias saber já.

É Bryce Winegard.

O filho de Vern.

Está na UCI do Sunrise, com suporte vital.

Danny odeia hospitais.

Passou demasiado tempo neles. Várias semanas quando estava a recuperar de um tiro e depois também em reabilitação.

Meses, quando a sua mulher estava a morrer.

Mesmo assim, vai ao Sunrise porque lhe parece o correto. Madeleine acompanha-o porque «Dawn precisará de ter outra mulher ali, outra mãe».

É um espetáculo aterrador.

Quando chegam ao andar da UCI, Dawn está a soluçar e a bater no peito de Vern.

— Não! Não! NÃOOOO!!!

Madeleine aproxima-se, agarra-a e aperta-a com força contra o seu peito.

— Meu Deus, Vern — diz Danny —, o que passou?

— Entrou na garagem e foi dar uma volta com o Maserati. Perdeu o controlo numa curva e virou; acabou numa valeta.

— Meu Deus.

— Está em morte cerebral — diz Vern. — Só as máquinas o mantêm vivo. Tenho de decidir se... — O rosto contorce-se, cheio de dor, de angústia — ... se desligar... — Baixa a cabeça e tapa a cara com as mãos. — Dizem que será um vegetal. Que não há atividade cerebral. Para todos os efeitos, já está morto.

Dawn solta-se bruscamente e lança-se contra ele.

— Não vais matar o meu filho! Não vais matar o meu menino!

Vern agarra-a pelos pulsos para impedir que as suas unhas

compridas lhe arranhem a cara.

— Dawn. Dawn. Dawn...

— Não o mates! Por favor!

Vern obriga-a a sentar-se numa cadeira. Uma enfermeira aproxima-se com uma injeção. Madeleine senta-se junto de Dawn, acaricia-lhe o braço, mas não diz nada.

Não há palavras.

— Se houver alguma coisa que possa fazer... — diz Danny.

— Vai-te embora. Desaparece.

— Vern...

— O teu filho está vivo.

Madeleine levanta-se, agarra Danny pelo braço e leva-o para fora.

— Foi um erro vir — diz ele.

— Não, foi o correto — responde a sua mãe. — Vamos para casa. Preciso de abraçar o Ian.

Danny também.

Mas sente-se mal.

Por estar agradecido.

Por ter sido o filho de outro e não o seu.

— Estavam ali! — exclama Kevin. — No maldito campo de golfe!
Jimmy Mac assente com a cabeça.

— Eu não vi ninguém — responde Danny.

— Vimo-los em dois carros, na rua — diz Sean.

— Como sabem que eram homens do Licata?

Sean põe umas fotografias sobre a mesa. Foram tiradas com uma teleobjetiva e estão um pouco desfocadas, mas Danny distingue as caras e, efetivamente, são mafiosos, está mais claro do que a água. Depois, dá-las-á a Fahey, para ver se coincidem com alguma fotografia dos seus arquivos.

— Quem mais haveria de estar ali antes do amanhecer, estacionado na rua? — pergunta Jimmy. — Tens de o enfrentar, o Winegard armou-te uma cilada.

— Então, porque não dispararam? — pergunta Danny. — Porque não fizeram nada?

— Talvez não tivessem um bom ângulo de tiro — responde Jimmy.
— Não soubessem se conseguiam acertar. Ou talvez estivessem à espera de uma ordem que não chegou. Mas, o que importa, foda-se? Vais esperar que da próxima vez disparem?

— Temos de agir já — diz Kevin. — Localizá-los e tirá-los do meio.

— Essa é sempre a tua resposta — responde Danny.

— É sempre a resposta.

— Danny — insiste Jimmy —, sei quanta vontade tens de que seja tudo legal. Sei que queres deixar para trás toda esta merda da máfia. Mas agora não pode ser. Está aqui, aqui mesmo, e temos de o

enfrentar.

Tem razão, pensa Danny.

Se deixarmos que Licata nos atropеле, perderemos tudo. Mas, se nos metermos numa guerra de gangues em Las Vegas, também perderemos tudo, mesmo que ganhemos.

— Temos de redobrar a segurança — diz. — Encontrem esses tipos e não os percam de vista. Mas nós não vamos tomar a iniciativa. Não seremos os primeiros a abrir fogo, sob nenhum pretexto.

— É um erro — diz Kevin.

— Se não te parecer bem, vai-te embora — replica Danny. — Mas, se ficares, faz o que te digo.

— Fico — responde.

Vern ouviu-o muitas vezes.

Que nenhum pai devia ter de enterrar o seu filho.

Mas até àquele momento, de pé junto da campa, enquanto vê como se preparam para atirar terra sobre o seu filho, ignorava o que significava realmente.

Não fazia ideia do que era a dor.

Agora sabe.

Ao seu lado, Dawn está catatónica por causa dos comprimidos. Vern duvida que recupere.

E eu também não, pensa.

Ele rejeitou a medicação porque, de certo modo, lhe parecia uma deslealdade para com Bryce não sentir a dor. E agora *respira* dor, inala-a sem a exalar. A dor dá voltas dentro dele e à sua volta como uma corrente invisível que lhe dificulta o movimento dos braços e das pernas, e o impede de pensar. É como andar debaixo de água, como se estivesse no fundo de uma piscina, a olhar dali para o resto do mundo.

Sabe que a igreja estava a abarrotar e que a maioria dos que vieram também esteve no cemitério de Eden Vale. Sabe que veio toda a gente «que tem algum poder»: alguns por sincera compaixão, outros por respeito, e alguns por medo de não assistir ao funeral do filho do poderoso Vern Winegard.

Não se importa uma merda.

Nada importa.

Nem quem veio e quem não, nem ter visto Dan Ryan ao fundo da multidão.

Dan Ryan...

Connelly esteve a chateá-lo com esse assunto esta mesma manhã, enquanto se preparavam para ir para a igreja.

— Os seus homens estavam lá — disse. — Era uma emboscada.

— Vens-me com isso no dia do enterro do meu filho?

— Não pode esperar, Vern. — Como se estivesse à beira da piscina, a falar através da água. A sua voz parece surda, apagada, distorcida.

— Não pode esperar.

— Pode esperar, sim.

— Temos de agir.

— Faz o que quiseres. Faz o que achas que tens de fazer.

Importa-lhe uma merda.

Estão a atirar terra sobre o seu filho.

A sua esposa lamenta-se.

Nenhum pai devia enterrar o seu filho.

Os carros pretos alinham-se como corvos num fio telefónico.

Dan observa Vern, que balança, arrastando os pés para a limusina que o espera. Questiona-se se terá tomado tranquilizantes. Eu tomaria, pensa.

Ou já teria posto uma pistola na boca.

A sua mãe não queria que fosse ao enterro.

— Tentou matar-te.

— Não sabemos.

— Talvez tu não saibas — respondeu Madeleine. — E, de qualquer forma, interpretará mal a tua presença. Pensará que estás a divertir-te.

— Isso é absurdo.

— Sim? Eu fico contente por o Bryce ter morrido.

— É terrível que digas isso.

— Fico contente porque, se não tivesse acontecido o acidente, o Winegard teria ido à reunião e ter-te-iam matado quando saíesses do carro. E o teu filho teria ficado sem pai.

— Repito-te que...

— Eu sei — interrompeu-o Madeleine. — Conheço este mundo melhor do que tu.

Talvez, pensou Danny.

Levou as fotografias a Fahey e confirmou-lhe que eram homens do gangue de Licata em Detroit. O seu filho Chucky e outros três, todos eles assassinos.

Agora, vê Vern a ajudar Dawn a entrar no carro.

Isa fazer com que me matassem?, pergunta-se.

Ainda quer que me matem?

Ou a morte de um filho muda a tua forma de pensar, faz com que percebas o que realmente importa na vida? Ou talvez seja ao contrário. Talvez te encha de fúria, te faça odiar, te transforme em alguém disposto a fazer qualquer coisa.

Danny afasta-se com Jimmy Mac e diz-lhe para se ir embora.

— Tens a tua família em San Diego. Tens o teu negócio, a tua vida. Foi injusto envolver-te nisto.

— Somos amigos desde... desde quando, da infantil? — responde Jimmy. — A minha empresa e todas as coisas materiais que tenho nesta vida, devo-as à nossa amizade. Não vou a lado nenhum, Danny.

Danny sabe que é da velha escola.

É irlandês, é Nova Inglaterra.

É Providence.

Terceira parte: As regras da justiça

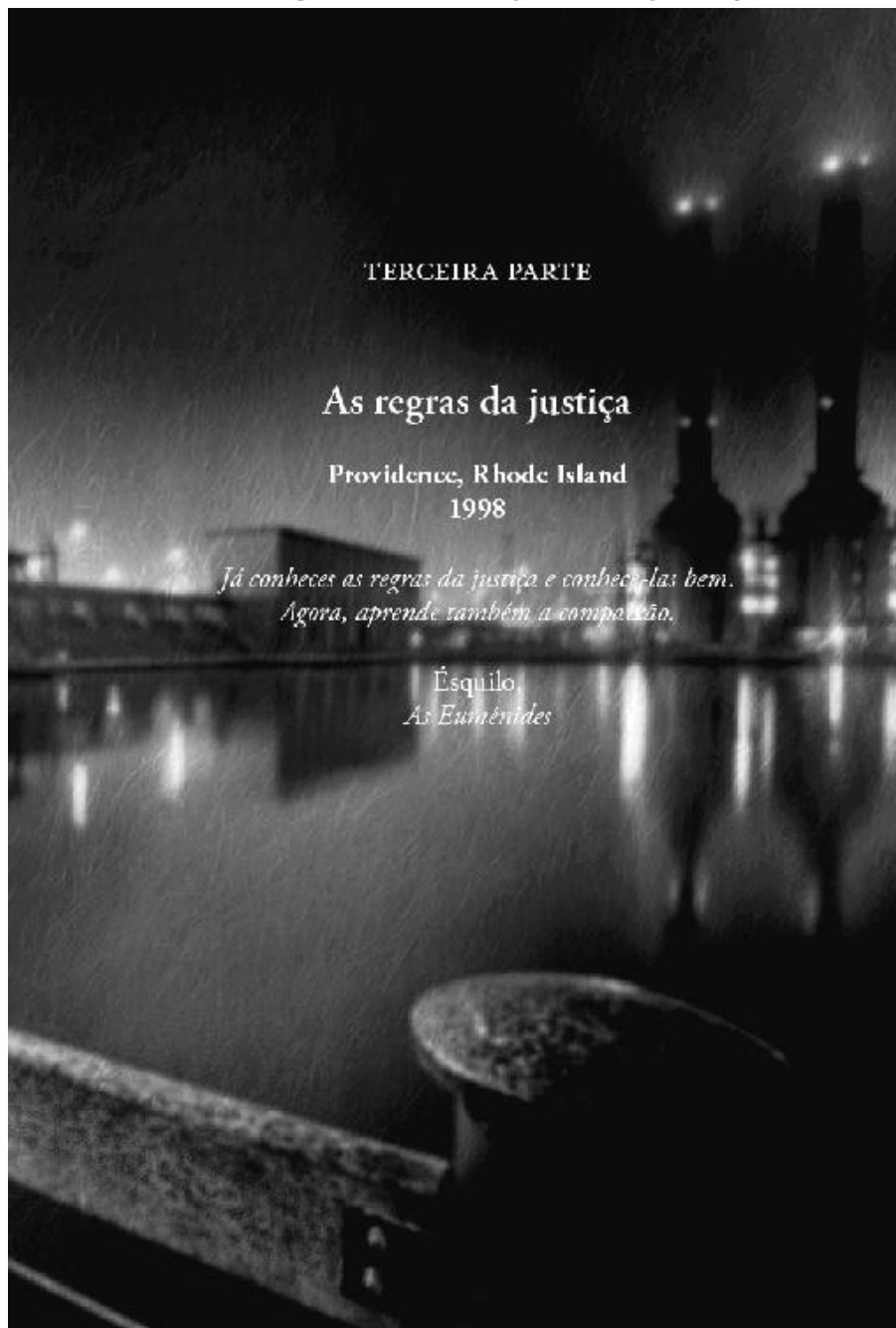
TERCEIRA PARTE

As regras da justiça

Providence, Rhode Island
1998

*Já conheces as regras da justiça e conheces-as bem.
Agora, aprende também a compaixão.*

Ésquilo
As Euménides



Heather Moretti mostra-se desafiante no estrado.

Marie expõe passo a passo os factos fundamentais: que se encontrou com o seu irmão, Peter Júnior, no cemitério no dia dos autos, quando foi visitar a campa do seu pai; que depois se encontrou com ele e com Timothy Shea num bar para beber qualquer coisa; e que, depois de Shea se ir embora, o seu irmão e ela estiveram a falar.

— Falaram do assassinato do seu pai? — pergunta Marie.

— Sim.

— Disse ao seu irmão quem achava que podia ter matado o seu pai?

— Disse-lhe que achava que tinha sido o Vinnie Calfo.

— E em que baseava essa opinião?

Heather faz uma careta quase brincalhona.

— No saber popular.

— O que quer dizer com isso? — pergunta Marie.

— Vá lá — diz Heather. — Porque não falamos sem rodeios? Sabe a que me refiro.

— Explique-me.

— Como fomos criados, as pessoas com quem crescemos... Todos em Rhode Island sabem do que falo. E toda essa gente fala. Blá, blá, blá, não conseguem evitá-lo. Portanto, sim, ouvi murmurar não sei quantas vezes que o Vinnie matou o meu pai. E também essa rapariga, a Cassandra Murphy.

— E deu essa opinião ao seu irmão.

— Já lhe disse.

— Isso é um sim? — pergunta Marie.

— Sim, é um sim.

— Disse-lhe também o que pensava sobre o envolvimento da sua mãe no assassinato do seu pai?

— Acho que lhe disse que praticamente obrigou o Vinnie a fazê-lo.

— E em que se baseia para dizer isso?

— Ela deu-mo entender uma noite, quando estava bêbada.

— Que noite?

— Não sei. Houve tantas...

— O que lhe disse exatamente?

— Que a culpa do suicídio da minha irmã era do meu pai.

Marie formula uma pergunta que os advogados raramente fazem a uma testemunha hostil.

— Porquê?

— Disse-me que lhe suplicou que a mandasse para um hospital psiquiátrico e que ele se recusou.

— Porque não queria gastar esse dinheiro?

— Era o que ela dizia.

— O que mais é que a sua mãe lhe disse?

— Que não sabia se o Vinnie tinha matado o meu pai — diz Heather —, mas que lhe parecia bem.

— E assim o disse ao seu irmão.

— Sim.

— Disse-lhe mais alguma coisa?

— Como não sabia se acreditava em mim, disse-lhe para falar com o Pasco Ferri — diz Heather.

— Porquê?

— Porque o Pasco sabe tudo.

— Você encorajou o seu irmão a matar o Vincent Calfo e a Celia Moretti? — pergunta Marie.

— Não.

— Voltou a falar com o seu irmão posteriormente?

— Sim.

— O que é que ele lhe disse?

— Que não sabia o que tinha acontecido. E que não sabia o que fazer. Queria que fosse buscá-lo.

— Foi buscá-lo?

— Não.

— Não há mais perguntas.

Bruce Bascombe levanta-se.

— Você está convencida de que o Vincent Calfo e a Celia Moretti foram os responsáveis pelo assassinato do seu pai, é assim?

— É verdade, sim.

— Mas não foi à polícia dar essa informação, pois não?

Heather sorri.

— Não.

— De que se ri? — pergunta Bruce.

— Sou uma Moretti.

— Declarou que não incentivou o seu irmão a matar o Vincent e a Celia, é correto?

— Sim.

— Ele disse-lhe que ia matá-los?

— Não.

— Disse-lhe que queria matá-los?

— Não.

— Então, o Peter Júnior não lhe disse que queria matar o Vinnie Calfo ou a Celia Moretti.

— Não, não mo disse.

— Falou-lhe de matar alguém?

— Não.

— Você declarou que falou com o Peter depois dos assassinatos, é correto? — pergunta Bruce.

— Sim, ao telefone — responde Heather. — Ele ligou-me.

— E disse-lhe que não sabia o que tinha acontecido nem sabia o que fazer. Disse mais alguma coisa?

— Sim.

— O quê?

— «Ela atacou-me» — diz Heather.

— Lamento muito, não a ouvi bem.

— «Ela atacou-me».

Bruce olha para o júri.

— Não há mais perguntas.

Essa puta armou-me uma cilada, pensa Marie.

O júri quase vibra de expectativa quando Marie chama Pasco Ferri para depor.

O velho chefe da máfia é talvez o tipo mais famoso de Nova Inglaterra, além dos jogadores dos Red Sox e dos Patriots.

Marie sente-se repugnada com a deferência com que a polícia, os guardas e até o juiz tratam Ferri, como se fosse um mandatário idoso e distinto, ou um pilar da comunidade, e não o que é, um assassino impiedoso.

Sente vontade de vomitar. Mas faz boa cara.

— Qual é a sua relação com o acusado?

— Sou o seu padrinho.

Ouvem-se risinhos nervosos na sala. Até Pasco esboça um sorriso.

— De modo que, quando se refere a si como «tio Pasco», não quer dizer que seja realmente o seu tio.

— É um costume italiano.

— O acusado foi vê-lo no dia dos autos? — pergunta Marie.

— Duas vezes.

— Fale-nos da primeira vez. O que é que o acusado lhe disse?

— Perguntou-me se sabia alguma coisa sobre o assassinato do seu pai.

— E você sabia alguma coisa?

— O que todos sabiam, só rumores — responde Pasco.

— Que rumores?

— Que tinha sido o Vinnie Calfo.

— E acreditava?

Pasco encolhe os ombros.

— Achava que entrava dentro do possível.

— O Peter disse-lhe onde tinha ouvido esse rumor?

— Foi a sua irmã que lhe contou.

— A Heather Moretti.

— Foi o que me disse.

— Do que mais é que o Peter e você falaram? — pergunta Marie.

— Perguntou-me se achava que a sua mãe estava envolvida no assassinato do seu pai.

— O que lhe respondeu?

— Que os seus pais tinham uma relação complicada — diz Pasco. — Era um casamento com problemas.

— Que você saiba, a Celia Moretti culpava o seu marido pelo suicídio da sua filha?

— Não sei nada sobre isso.

— Por que outro motivo podia querer que o matassem?

— Não sei — responde Pasco. — Eu só sei que o Peter filho suspeitava que era assim.

— De que mais é que o Peter lhe falou?

— Perguntou-me o que é que eu achava que ele devia fazer.

— E o que lhe respondeu?

— Disse-lhe para o deixar estar. Para não fazer nenhuma tolice.

— Encorajou-o a vingar-se?

— Não.

Marie deixa passar uns segundos e depois pergunta:

— O Peter voltou para o ver depois?

— Sim — responde Pasco. — Por volta da uma da madrugada do dia seguinte.

- O que lhe disse?
- Pediu-me ajuda.
- Para quê?
- Não sei, porque me recusei a ajudá-lo.
- Sabia o que tinha acontecido? — pergunta Marie.
- Sim.
- Como descobriu?
- Um polícia ligou-me para mo dizer.
- Porque é que um agente da polícia lhe ligou?
- Quando matam um mafioso em Nova Inglaterra — responde Pasco —, talvez eu não seja a primeira pessoa a quem a polícia liga, mas sou das primeiras.
- Marie deixa-o passar.
- De modo que você sabia que o senhor Moretti tinha matado o seu padrasto e a sua mãe — diz.
- Protesto.
- Deferido.
- Quando o Peter chegou a sua casa — continua Marie —, já o tinham informado de que, supostamente, tinha matado o seu padrasto e a sua mãe. É assim?
- É verdade.
- Como descreveria o seu estado emocional?
- Estava muito alterado. Chorava. Perguntou-me o que devia fazer.
- O que lhe disse?
- Que se entregasse.
- O que aconteceu depois?
- Expulsei-o da minha casa — diz Pasco.
- Foi-se embora por vontade própria?
- Sim.

Mais risinhos abafados. Todos sabem que, se Pasco Ferri te pedir para te ires embora, vais.

— Não há mais perguntas.

Bruce levanta-se.

— Senhor Ferri, em algum momento prévio ao assassinato, o Peter disse-lhe que tinha intenção de matar o Vincent Calfo ou a Celia Moretti?

— Não.

— Em algum momento posterior ao assassinato, o Peter disse-lhe que tinha matado o Vincent Calfo ou a Celia Moretti?

— Não.

— De modo que a única coisa que sabe — acrescenta Bruce —, é que alguém da polícia lhe disse que o tinha feito.

— Correto.

— E esse foi o motivo por que o tratou dessa forma. É correto?

— Sim, é correto.

— Ou seja, ao dia de hoje, continua sem saber porque o Peter queria pedir-lhe ajuda, é verdade? — pergunta Bruce.

— Não sei, não.

— Obrigado.

— Quer fazer mais perguntas? — diz Faella a Marie.

— É claro que sim. — Levanta-se. — Não é verdade que o Peter Moretti Júnior foi ter consigo não como seu tio, nem como seu padrinho, mas como o *padrinho*, com o propósito de lhe pedir permissão para matar o Vincent Calfo?

— Protesto!

— Indeferido.

— Não, isso não é verdade — responde Pasco.

— Mas é assim que funcionam as coisas, não é? — pergunta Marie.

— Protesto!

— Indeferido.

— Eu não sei nada disso.

— E não é verdade que você lhe deu a sua permissão? — insiste Marie.

Pasco começa a zangar-se, vê-se nos seus olhos.

— Não.

— E não é verdade que depois de o Peter Moretti Júnior matar o Vinnie Calfo, foi ter consigo para que o ajudasse a fugir?

Pasco lança-lhe um olhar assassino.

— Não, não é verdade.

— E que o expulsou de sua casa porque tinha perdido o controlo e tinha assassinado a sua própria mãe? — pergunta Marie.

— Fiquei chocado ao saber disso.

— Porque pensou que era verdade? Porque sabia que tinha ido ali com a intenção de matar?

— Porque a polícia me disse que o tinha feito.

— Não ligou ao Calfo para o avisar, pois não?

— Não.

— Também não ligou à Celia, pois não?

— Não.

— E à polícia? — pergunta Marie. — Ligou à polícia para os avisar do possível perigo?

— Não.

— Não fez nada, não é verdade? Não mexeu um dedo para o impedir. Sente-se, Bruce, retiro a pergunta. É só isso. Já podem escutar o senhor Ferri para fora da sala com a devida deferência.

Diz adeus a ser governadora, pensa Marie.

Mas marcou um ponto, viu-o nas caras do júri.

Talvez Pasco Ferri não saiba como as coisas funcionam, mas as pessoas em Rhode Island sabem perfeitamente.

Há névoa em Rhode Island.

A névoa cinzenta e espessa como uma sopa é comum na costa, mas há anos que Chris Palumbo não experimentava nada parecido. É tão densa que não vê mais além do pequeno pátio que há frente do seu quarto no motel.

O quarto é bonito, mas simples. Uma cama, uma casa de banho com duche, um sofá, uma mesa, uma cafeteira com pacotinhos de celofane com açúcar, creme e um palito para mexer. Uma televisão com a programação básica por cabo.

A localização do Pig and Whistle (o dono tinha em mente uma antiga taberna de Nova Inglaterra, embora o motel seja uma fila de cabaninhas de meados do século) dá-lhe jeito. É afastado da autoestrada, num vilarejo da costa sul. Um lugar afastado e discreto, à exceção do nome.

Chris ainda não está pronto para anunciar o seu regresso a Rhode Island.

Vai ser complicado.

Peter e Vinnie estão mortos e Paulie está na Florida, mas ainda há pessoas que se lembram do que fez e que, com gosto, o matariam por isso. Não sem antes me tirar até ao último cêntimo, pensa, ao abrir a gaveta da mesa-de-cabeceira para guardar a sua Glock de 9 milímetros.

Talvez consiga manter-me com vida graças à sua avareza.

Pelo menos, o tempo suficiente.

Pensa em ligar a Cathy, mas acovarda-se. A sua mulher vai ficar furiosa e tem muito mau feitio, não é bom fazê-la zangar-se. Além

disso, Chris não sabe o que terá estado a fazer nestes últimos anos. Talvez esteja com alguém, até é possível que tenha voltado a casar-se.

Será melhor descobrir primeiro.

Cansado de repente da longa viagem de carro, atira-se para a cama e dorme como uma pedra.

Quando acorda, está sol e consegue ver o lago de água salgada que leva ao mar. Dois grandes salgueiros erguem-se no longo e bem cuidado relvado que desce até à margem. Um pequeno barco a motor balança junto do cais de madeira. Um adolescente com um boné de basebol está de pé no barco, a limpá-lo com um pano.

Chris prepara um café horrível e vai até ao cais.

Agora, vê que quem limpa o barco não é um rapaz, mas uma rapariga.

Dezoito anos? Dezanove? Uma cara tão pura e inocente que se diria que nunca teve um pensamento mau.

— Bom dia — diz a rapariga.

— Está uma manhã linda.

— Alojás-te no motel?

— Sim — responde Chris. — Sou de Nova Iorque.

— O que te traz por cá?

— Ouvi falar de Rhode Island e pensei em vir dar uma olhadela.

— E gostas?

— Até agora, sim.

Ela para de limpar o barco e olha para ele.

— Posso perguntar-te uma coisa?

— Claro.

— Encontraste Jesus?

Chris está prestes a dizer uma piada do tipo «Perdeu-se?», mas a rapariga parece tão sincera que não se atreve.

— Educaram-me no catolicismo.

— Refiro-me ao Jesus verdadeiro — diz ela. — O da Bíblia. Eu sou testemunha de Jeová.

De novo, Chris está prestes a responder com uma piada sobre o Programa de Proteção de Testemunhas de Jeová, mas contém-se.

— E tudo bem?

— Já sei onde vou passar a eternidade.

Sim, claro, à espera que te atendam no Departamento de Veículos Motorizados, pensa Chris, como todos. Mas diz:

— Jesus e eu tentamos manter as distâncias.

— Ele ama-te.

— Bom, não se nota.

— A sério? — pergunta ela. — Acabaste de dizer que está uma manhã linda. E estamos aqui.

Tem razão, pensa Chris.

— Está bem.

— Ele está sempre a cuidar de ti. Só que nem sempre percebes.

A verdade é que tive muita sorte, pensa Chris. Há muitos que já bateram a bota e eu continuo aqui. Por quanto tempo, essa é outra questão, mas, por enquanto, estou aqui.

— Pensa na eternidade — insiste a rapariga. — Esta vida passa num abrir e fechar de olhos.

— Tem um bom dia — diz-lhe Chris.

— Com certeza que sim — responde ela. — E tu também.

Chris aproxima-se do escritório. O velho do balcão é o dono, um tal Browning.

— Bonito lugar — diz-lhe Chris.

— Ainda bem que gosta.

— Mas The Pig and Whistle?

— Antes, havia uma taberna aqui.

Não me lembro de uma taberna aqui, pensa Chris.

— Quando foi isso?

— Na década de 1790 — responde Browning. — Ardeu em 1811.

Como se fosse ontem, pensa Chris.

A maldita Nova Inglaterra.

— Vi-o a falar com a Gina, ali em baixo — diz Browning. — Esteve a incomodá-lo com Deus?

— É boa rapariga.

— Só fala da Bíblia, mas é trabalhadora. Vai tomar o pequeno-almoço? Pode sentar-se na mesa que quiser, hoje há pouco movimento.

Chris entra na sala de jantar e senta-se junto da janela. Surpreende-o que ponham guardanapos de linho para o pequeno-almoço e di-lo a Browning quando vai servir-lhe o café.

— Odeio os guardanapos de papel e os talheres de plástico — responde. — É um esbanjamento.

— Quem vos lava a roupa?

Browning olha para ele por um instante e depois sorri.

— Bem me parecia que a sua cara me era familiar.

— A minha? Não me parece. Nunca tinha estado aqui.

— É curioso — diz Browning. — Parece-se muito com o homem que costumava lavar-nos a roupa branca. Agora, é o rapaz, ou às vezes a mãe, que vem buscá-la.

Merda de Rhode Island, pensa Chris. Todos conhecem todos ou conhecem alguém que conhece alguém.

— Está a confundir-me com outro — diz.

— Devo ter-me enganado — responde Browning.

Mas, a julgar pela sua cara, Chris percebe que não acredita que se tenha enganado e que conhece a história de uma ponta à outra, ou pelo menos, a parte sobre o desaparecimento de Chris Palumbo.

— Há creme e açúcar ali, na mesa. A rapariga já vem tomar nota do

pedido. E senhor... Patterson, não é?... Aqui, no Pig and Whistle, respeitamos a privacidade dos nossos hóspedes.

Browning olha para ele diretamente nos olhos.

— É bom saber — diz Chris.

— A pessoa com quem o confundi sempre se portou muito bem conosco. Bom serviço, pontualidade, um preço justo... Somos clientes leais.

— A lealdade é tudo — responde Chris.

Depois de um bom pequeno-almoço à base de ovos (mal passados), *bacon* e torradas, volta a passar pelo balcão.

— Estava tudo ao seu gosto? — pergunta Browning.

— Tudo ótimo, sim. Ouça, quando é que o seu serviço de lavanderia faz o levantamento? O rapaz que me disse antes...

— O Jake — diz Browning. — Às quintas-feiras de manhã.

É terça-feira.

Chris tira uma nota de cem dólares do bolso e desliza-a sobre o balcão.

— Acha que poderia ligar-lhes e pedir-lhes para virem mais cedo? Se estivesse muito ocupado ou uma coisa dessas, talvez precise que...

— Acho que poderia. A lealdade é tudo.

Browning empurra a nota para trás.

Ao sair da carrinha, Jake vê um homem parado na entrada, a olhar para ele.

O homem aproxima-se dele.

— Jake.

Jake não sabe o que fazer.

Dar-lhe um murro na boca, talvez. Essa é a sua fantasia, o que imagina: deitar o braço para trás e bater no focinho do seu velho. Vê-

lo a cambalear e a cair com o rabo no chão. E depois dizer-lhe «vai-te foder» e ir-se embora.

Mas agarra-o e abraça-o.

Chris beija-lhe a testa.

— Meu Deus, como cresceste. Deixei um menino e voltei para descobrir um homem.

Choram os dois.

Chris está sentado na cama do seu quarto no motel.

— Lamento — diz. — Não fazia ideia de que as coisas estavam tão mal.

Jake acaba de lhe contar o que está a acontecer. Falou-lhe dos tipos que os assediam, que abusam de Cathy, que os espremem e se aproveitam dos seus negócios.

E de John Giglione, que está cada vez mais agressivo.

— Estive à tua procura — disse-lhe Jake. — Mas não te encontrei.

— Lamento — respondeu ele.

Agora, olha para o outro lado do quarto, para o seu filho — quase um adulto —, e compreende que tem de fazer alguma coisa. Pasco já o disse. Agora, Jake diz o mesmo. E Cathy também o dirá, se se dignar a falar com ele.

— A mãe sentiu a tua falta — diz Jake.

— Pensava que teria procurado outro.

— Diz que está muito ocupada — responde Jake, e depois acrescenta: — Eu acho que ainda te ama. Não sei porquê.

— Eu também não sei. Jake, tu sabes que tive de ir.

— Podias ter ligado. Ou ter escrito. Teríamos ido para onde estivesses.

— Não era seguro. E também não o é agora.

— O que vais fazer?

— Acabar com isto de uma vez por todas — diz Chris. — Mas, Jake, vai demorar algum tempo. Vou ter de andar a pedir esmola como um mendigo e engolir muita merda. E tu também. Conseguirás suportá-lo?

— Consigo suportar o que for preciso — responde Jake. E depois: — Devíamos dizer à mãe que voltaste.

— Ainda não. Se descobrir, não conseguirá escondê-lo e ainda preciso de passar despercebido durante algum tempo.

— Está bem.

— És um bom rapaz — diz Chris. — Estou orgulhoso de ti.

Marie chama Tim Shea a depor.

Vê que vários membros do júri se inclinam para a frente, literalmente. Ouviram-na a falar do depoimento de Shea na sua apresentação do caso, de modo que sabem que é uma testemunha-chave. Estão zangados, agitados. Viram as fotografias sangrentas: o corpo praticamente decapitado de Calfo, o tronco estripado de Celia, o seu rosto irreconhecível. Marie tentou mostrá-las no princípio do julgamento para que os membros do júri tivessem vontade de fazer alguém pagar por aquilo.

Ouviram o testemunho do segurança do portão da casa, que situava Peter Júnior e Timothy Shea no local do crime à hora do assassinato. Ouviram-no contar que o viu o carro a sair a toda a velocidade dez minutos depois.

Agora, vão ouvi-lo do próprio Shea, testemunha ocular do assassinato de Calfo.

É um momento decisivo.

Peter Júnior também sabe.

O seu amigo, o seu companheiro nos *marines*, que lutou ao seu lado no Kuwait, o tipo que o levou à cena do crime e o tirou dela, agora pode fazer com que o prendam para o resto da vida.

Ao aproximar-se do estrado, Tim não consegue olhar para Peter.

Ainda continua sem olhar para ele. Mantém os olhos fixos em Marie Bouchard enquanto lhe faz perguntas.

Corre tudo como o ensaiaram.

Marie trabalhou com Shea, reviu com ele o seu testemunho, uma e outra vez, para se certificar de que as suas respostas são coerentes e

não contradizem as provas materiais.

Portanto, corre tudo sobre rodas. Marie começa por deixar claro que Shea estava no domicílio dos Moretti no dia dos autos à hora dos assassinatos, e depois pergunta:

— Porque estava ali?

— Porque levei o Peter Moretti — responde Tim.

— Refere-se ao Peter Moretti filho, não é?

— Isso.

— Consegue identificá-lo? Pode apontar para ele nesta sala?

Tim assinala Peter Júnior. Os seus olhares cruzam-se apenas por um segundo.

— É aquele.

— Que conste em ata que a testemunha identifica o acusado — diz Marie. — Porque levou o senhor Moretti à casa?

— Para matar o Vinnie Calfo e a Celia Moretti.

Peter Júnior espera que Bascombe proteste, mas o advogado não se levanta.

— Como sabe? — pergunta Marie.

— Porque o Peter me disse.

— De facto, você proporcionou-lhe a arma, não foi assim?

— Dei-lhe a minha espingarda.

Marie olha para o júri.

— Uma espingarda de calibre doze.

— Sim.

— Explique ao júri o que aconteceu quando chegaram à casa.

Como lhe ensinaram, Tim olha diretamente para o júri ao relatar os factos. Saíram do carro e abriram o porta-bagagens. Peter Júnior agarrou na espingarda, segurou-a atrás das costas, aproximou-se da porta e tocou à campainha.

Calfo abriu a porta em roupão.

— Ouviu-o a dizer alguma coisa? — pergunta Marie.

— Disse: «Peter, não sabíamos que estavas aqui».

— O que aconteceu então?

Peter Júnior tirou a espingarda, diz Tim ao júri. Calfo virou-se para fugir. E Peter disparou.

— Você viu — diz Marie.

— Sim.

— O que aconteceu a seguir?

— O Peter entrou a correr — diz Tim.

Fechou a porta com um pontapé. Um minuto depois, Tim ouviu outro tiro e depois outro. Uns segundos depois, Peter saiu a correr pela porta.

— O acusado disse-lhe alguma coisa? — pergunta Marie.

— Nesse momento, não.

— E você? Disse-lhe alguma coisa?

— Disse-lhe que tínhamos de sair dali.

— E foram-se embora?

— Sim.

— Para onde foram?

— Para Goshen — responde Tim.

— O senhor Moretti disse alguma coisa durante o trajeto?

— Sim. Disse: «O que fiz? O que fiz?».

— O que fizeram ao chegar a Goshen?

— Destruímos a espingarda e atirámos os pedaços ao mar, no porto.

— E depois?

— Levei o Peter a casa do senhor Ferri — diz Tim.

— Porquê?

— O Peter queria falar com ele.

— E fê-lo? — pergunta Marie.

— Suponho que sim. Tocou à campainha, o senhor Ferri abriu a porta e eu fui-me embora.

— Porquê?

— Tinha medo — responde Tim. — Estava muito assustado.

— Quando foi a próxima vez que viu o senhor Moretti?

— Agora mesmo.

— Aqui, no tribunal — diz Marie. — Hoje.

— Sim.

— Falou com ele ou comunicou-se com ele de alguma forma?

— Não.

— Obrigada, é tudo.

Marie sabe que foi um golpe mortal.

O último prego no caixão de Moretti.

Bruce Bascombe levanta-se e aproxima-se do estrado sem pressa.

— Senhor Shea, em troca de depor no julgamento, o Ministério Público ofereceu-lhe um acordo, não foi assim? A sua liberdade antecipada?

— Sim.

— E disseram-lhe que ficaria livre, que não voltaria a passar um dia na prisão se testemunhasse contra o seu amigo.

— Sim.

— E aceitou o acordo, correto?

— Sim.

— Claro, quem não o aceitaria? — pergunta Bruce. — O Peter Moretti era seu amigo, não era?

— Sim.

— Estiveram juntos nos *marines*?

— Sim.

— No Kuwait?

— Sim.

Marie sabe o que Bruce tenta fazer. Encadeando uma série de perguntas curtas cuja resposta é sempre um sim, consegue duas coisas: que a testemunha se habitue a responder afirmativamente e que os membros do júri tenham a impressão de que o advogado de defesa tem sempre razão.

— Combateram juntos? — pergunta.

Tenho de interromper isto, pensa Marie.

— Protesto. É irrelevante.

— Tento deixar clara a sua relação com o acusado — diz Bascombe, que sabe que Marie protestou unicamente para lhe quebrar o ritmo.

— Indeferido.

— Combateram juntos? — repete Bruce.

— Sim.

— Isso cria um vínculo, não é?

— Sim.

— Que você quebrou agora — diz Bruce.

Tim sente o golpe. Mais uma vez, Marie sabe o que Bruce tenta fazer: fazer a testemunha ficar mal. Que não pareça de confiança.

— Protesto.

— Deferido.

Bruce sorri. Demasiado tarde. O mal já está feito. Segue em frente.

— Você testemunhou que levou o Peter a sua casa com o propósito rápido de matar o seu padrasto e a sua mãe. É correto?

— Sim.

— Mas não é verdade, pois não? O Peter nunca disse isso, pois não?

— Com essas mesmas palavras, não — responde Tim.

O quê?, pensa Marie. Mas que raios...?

— De facto — diz Bruce —, o que o Peter disse foi: «Tenho de fazer alguma coisa. Tenho de fazer alguma coisa». Não é verdade?

— Sim.

— Mas em nenhum momento disse o que tinha de fazer, pois não?

— Estava bastante claro. — Tim olha para Marie. — Ou seja, disse que descobriu que o seu padrasto e a sua mãe tinham matado o seu pai e que tinha de fazer alguma coisa.

— Disse que ia matá-los?

— Perguntou-me se tinha uma arma que pudesse usar.

— Para quê? — pergunta Bruce. — Talvez para se defender quando enfrentasse o Vincent Calfo, um conhecido assassino da máfia?

— Protesto!

— Deferido.

— Meritíssimo — diz Bruce —, posso trazer testemunhas que corroborem a reputação de Calfo. De facto, poderia chamar a depor a própria doutora Bouchard para que testemunhe sobre as acusações e as penas de prisão de Calfo. Foi procuradora num caso contra ele.

— Meritíssimo, podíamos debater isto no escritório? — pergunta Marie.

Bruce quer que falem à frente do júri. Que ouçam quão perigoso Calfo era, que saibam que Peter Júnior podia sentir-se ameaçado.

No escritório, Marie diz:

— O Vinnie Calfo nunca foi detido, nem acusado, nem processado, nem muito menos condenado por assassinato.

— Mas tinha essa reputação — alega Bruce —, e é a reputação que conta no que diz respeito ao estado mental do meu cliente. Se achava que o Calfo era um assassino, se achava que tinha matado o seu pai, sentiria que precisava de uma arma. E não seria o único, meritíssimo, muitas pessoas pensam o mesmo. A própria Marie pensa assim. Pergunte-lhe. Quanto aos antecedentes penais e ao carácter violento de Calfo, posso citar os memorandos da acusação do próprio Ministério Público nos casos abertos contra ele por crimes relacionados com o crime organizado.

Marie tem de ter muito cuidado com este assunto: por um lado, não pode permitir que se considere Calfo um perigo imediato para Peter; por outro, precisa de estabelecer o motivo de Peter: o possível assassinato do seu pai por parte de Calfo.

— Vou permitir perguntas relativas ao estado mental de Moretti — diz Faella —, mas aviso-te, Bruce, de que aqui não estamos a julgar a vítima. Se chegares a esse ponto, acabou.

Voltam a entrar.

Volta a ler a pergunta a Tim: *Talvez para se defender quando enfrentasse Vincent Calfo, um conhecido assassino da máfia?*

— O Peter nunca disse nada disso — responde.

Mas já não tem remédio, pensa Marie. Bruce conseguiu semear dúvidas sobre a espingarda.

Bruce prossegue.

— Declarou que viu o Peter a levantar a espingarda, é verdade?

— Sim.

— Mas não o viu a apertar o gatilho, pois não?

— Vi, sim.

— Mas declarou que o Peter estava de costas para si, não foi assim?

— Sim.

— Portanto, não pôde vê-lo a apertar o gatilho, pois não?

Tim hesita.

— Não, suponho que não.

— Bom, não queremos que especule — responde Bruce. — É um facto que não pode tê-lo visto a apertar o gatilho, não é?

Tim teima.

— Vi a detonação.

— Exato — diz Bruce. — Testemunhou que primeiro o Calfo se virou e começou a correr, correto?

— Sim, correto.

— Conseguia ver-lhe as mãos?

— Não.

— De modo que não conseguiu ver se tinha uma arma, correto? Não é assim?

— Suponho que sim.

— Isto não é um exame de escolha múltipla. O facto é que você não conseguia ver as mãos de Calfo, portanto, que você saiba, podia ter uma pistola, uma faca ou alguma outra coisa.

— Protesto — diz Marie. — Carece de fundamento. Não se encontrou nenhuma arma na mão da vítima nem perto da sua pessoa.

Bruce encolhe os ombros como se dissesse «E então?». Segue em frente.

— Diz que o Calfo fugiu, mas não sabe para onde fugia, não é assim?

— Sim.

— Que você saiba, podia estar a tentar agarrar numa arma, correto?

— Protesto!

— Estou a pôr à prova os conhecimentos da testemunha — alega Bruce. — Se o Ministério Público quiser apresentar provas de que não havia armas de fogo no domicílio da vítima, é livre de tentar, embora as provas demonstrem que a casa era um verdadeiro arsenal. Quer que lhe faça um inventário?

— Meritíssimo, isto são só especulações...

— Vou permitir que continue.

Bruce vira-se para Tim.

— De modo que, segundo você sabe, o Calfo poderia ter ido buscar uma arma.

— Suponho que sim.

— Repito-lhe que não quero que especule. Que você saiba, o Calfo poderia ter ido buscar uma arma.

— Que eu saiba, sim.

— Testemunhou que não entrou na casa, é correto?

— Sim.

— Mas não é verdade, pois não? — pergunta Bruce. — Entrou, sim, engano-me? Entrou e fechou a porta.

— Não, não é verdade.

Bruce sorri como se soubesse alguma coisa. Mas deixa o júri com essa dúvida.

— Testemunhou que ouviu dois tiros de espingarda.

— Sim.

— De fora da casa? — pergunta Bruce. — A sério?

— Sim.

— Também testemunhou que não subiu as escadas, não foi?

— Sim.

— Ou seja, não viu nada, pois não?

— Não, não vi nada.

— Não viu o que aconteceu no quarto de cima, pois não?

— Não.

— Só viu o Peter a descer as escadas a correr, não foi assim? Ou, perdão, «a sair a correr da casa».

— Sim.

— E, no entanto, foi você que disse: «Temos de sair daqui», não foi assim? — pergunta Bruce.

— Sim.

— Não foi o Peter que o sugeriu, pois não?

— Não.

Bruce acelera o ritmo.

— Testemunhou que o Peter disse, ou melhor, perguntou: «O que fiz? O que fiz?». Foi assim?

— Sim.

— Mas não lhe disse o que tinha feito, pois não?

— Não.

— Não lhe disse que tinha matado o Calfo, pois não?

— Não.

— Nem que tinha matado a sua mãe, pois não?

— Não.

— Testemunhou que destruíram a espingarda e a atiraram ao mar no porto, foi assim? — pergunta Bruce.

— Sim.

— Isso também não foi ideia do Peter, pois não?

Tim hesita.

O que raios...?, pensa Marie. Disse-nos que foi ideia do Peter.

Então, Tim diz:

— Não.

— Foi ideia sua, não foi?

— Sim.

Meu Deus, pensa Marie, adivinhando o que vem a seguir.

— Mas num depoimento sob juramento ao Ministério Público — diz Bruce —, declarou que foi ideia do Peter. Poderia ler a página 124, por favor? A segunda linha a começar de cima.

Passa o depoimento a Tim.

Tim lê:

— «O Peter disse que tínhamos de nos livrar da espingarda. Parti-la e deitar os pedaços fora no porto. Portanto, levei-o lá.»

— Isso foi o que declarou sob juramento, não é verdade? — pergunta Bruce.

— Sim.

— Ou seja, mentiu.

— Sim.

Bruce prepara-se para o golpe de graça.

— Você é um mentiroso.

— Menti quando disse isso, sim.

Excelente, pensa Marie. A nossa testemunha-chave é um mentiroso confesso agora. E o júri pensará: «Se mentiu sobre isso, sobre o que mais terá mentido? Mente quando diz que não entrou na casa? Ou que não subiu as escadas?».

Sente vontade de matar Shea.

Bruce vê essa porta aberta e apressa-se a atravessá-la.

— E foi a única vez que você pegou na espingarda nessa noite?

— Sim!

— Tem a certeza?

— Protesto!

— Deferido.

— Não há mais perguntas — diz Bruce.

Vira-se, sorri para Marie e volta para a sua mesa.

Merda, pensa ela. Bruce acabou de insinuar a possibilidade de Timothy Shea ter matado Celia Moretti.

Marie esperava a defesa de Bruce.

Baseou a maior parte da sua defesa interrogando as testemunhas de acusação, de modo que foi breve e direto. E fez o que os advogados de defesa costumam fazer: chamar a depor os detetives da polícia e criticando-lhes a investigação, obrigando-os a reconhecer as pequenas falhas que cometeram.

É uma formalidade, algo trivial, e Marie sabe.

Na verdade, o júri só tem em mente mais uma dúvida e é uma questão de peso.

Peter Júnior vai testemunhar?

É a única pessoa que querem ouvir.

Marie permite-se, coisa rara nela, um segundo uísque escocês (só dois dedos), põe um noturno de Chopin na aparelhagem de som e senta-se a ponderar a questão.

Bruce estaria louco se fizesse Peter subir ao estrado.

O que poderia dizer? «Não fui eu»? Já se declarou não culpado. Não pode negar que esteve ali (nem o negou, de facto), portanto, só poderia alegar, e com muita dificuldade, que a morte de Calfo foi em legítima defesa. Isso não lhe servirá com Celia. Seguiu-a deliberadamente até ao seu quarto e disparou.

Embora seja possível que, de qualquer forma, Bruce tente alegar legítima defesa.

Uma gaveta da cómoda do quarto estava aberta e havia uma arma lá dentro. Bruce já fez com que um inspetor da polícia o corrobore. Mas Celia não tinha a arma na mão. Recebeu os tiros de frente, então teve de se virar sem a arma.

É o que o júri pensará.

Portanto, talvez Bruce sinta a tentação de chamar Peter para que diga que tinha medo de que ela lhe desse um tiro.

Marie duvida que vá funcionar.

Uma vez, talvez, mas não duas. O júri não vai engolir que Peter deu um tiro a Calfo porque ia buscar uma pistola e que depois deu um tiro à sua mãe pela mesma razão.

Portanto, o que mais é que Peter poderia dizer?, pergunta-se Marie.

Pode dizer que foi o Shea que deu um tiro a Celia.

De certo modo, é um matiz irrelevante. De um ponto de vista estritamente jurídico, não importa qual dos dois apertou o gatilho. Ambos são culpados de homicídio.

Mas o júri nem sempre decide baseando-se numa interpretação estrita da lei, apesar das instruções do juiz. Decide baseando-se nas suas emoções e, se gostarem de Peter, se se compadecerem dele — e neste momento parece digno de compaixão, o *marine* veterano de guerra, formal e educado —, poderiam declará-lo culpado de alguma acusação menor.

Até poderia absolvê-lo, pensa, com um calafrio.

E Bruce sabe perfeitamente que os jurados querem que o acusado testemunhe em sua defesa, querem que proclame a sua inocência, e parece-lhes suspeito que não o faça, embora o juiz lhes diga que não devem tê-lo em conta.

De modo que o facto de Bruce não o chamar para depor tem um lado negativo.

Mas também é extremamente arriscado que o faça.

Primeiro, é provável que Peter minta mal. Carece dessa astúcia feroz que têm os delinquentes profissionais para mentir convincentemente no estrado. Segundo, a história que contaria seria muito difícil de acreditar.

E terceiro e mais importante, pensa Marie, eu.

Bruce não querará que faça perguntas ao seu cliente.

E é normal.

Para o dizer sem rodeios, eu devastá-lo-ia.

Faria com que o júri o visse tal como é: como um embusteiro, um assassino duplo e um matricida.

Portanto, por favor, Bruce, por favor.

Chama-o para depor.

Peter Júnior quer testemunhar.

Bruce diz-lhe que está louco.

— O que queres, acabar feito em picadinho? — pergunta. — Porque será isso que acontecerá se a Marie Bouchard te interrogar: acabarás feito em picadinho.

— Quero depor.

— E o que vais dizer? Estás disposto a depor que foi o Tim Shea que deu um tiro à tua mãe?

— Não, isso não.

Não, claro, pensa Bruce, porque faço-o eu por ti.

— Então, não tens nada a dizer que vá ajudar-te.

— Posso dizer que agi em legítima defesa.

Bruce nunca deixa de se espantar com a capacidade que os culpados têm de começar a acreditar nos raciocínios que ele expõe. Chegou a um ponto em que o rapaz acredita realmente que matou duas pessoas porque receava pela sua vida.

— Podias dizê-lo, sim — diz. — Mas eu já o fiz e melhor do que tu farias. E porquê, perguntar-te-ás. Porque a Marie não pode fazer-me perguntas.

— Consigo enfrentá-la.

— Não, não consegues. Queres fazer o teste agora mesmo? Eu sou a

Marie e tu és tu. Senhor Moretti, afirma que deu um tiro ao Vincent Calfo porque receava pela sua vida, é verdade?

— Sim.

— Mas ele estava a fugir de si quando disparou — acrescenta Bruce.
— Deu-lhe um tiro nas costas, não foi assim?

— Sim, mas...

— E além disso, afirma que disparou contra a sua mãe pela mesma razão, por medo, estou certa?

— Sim.

— Mas foi ao andar de cima, não foi?

— Sim, mas...

— Para a matar, não foi?

— Não, para falar com ela.

— Empunhando uma espingarda — diz Bruce.

— Sim, mas...

— Ela viu-o a matar o Vincent Calfo, não foi?

Isto é apenas uma especulação, mas, ao ver a cara de Peter Júnior, Bruce compreende que acertou.

— Sim.

— Foi testemunha da sua morte.

— Suponho que sim. Eu...

— E você não queria deixar testemunhas, pois não? Foi por isso que a matou.

— Não, isso não...

— Ou foi porque achava que tinha sido a instigadora do assassinato do seu pai?

— Não.

— Acreditava nisso, não era?

— Eu não sabia...

— A sua irmã disse-lho, não foi? — pergunta Bruce. — Você ouviu o seu testemunho.

— Sim.

— Portanto, subiu as escadas e entrou no quarto. Ela estava aterrorizada e tentou agarrar numa pistola para se defender, mas você afastou-a, fê-la virar-se e disparou.

— Não, eu...

— Disparou duas vezes em legítima defesa? — continua Bruce. — Depois de lhe dar um tiro no abdómen com uma espingarda de calibre doze, também lhe deu um tiro na cabeça porque receava pela sua vida?

— Não.

— Não estava já indefesa nesse momento? A morrer, de facto? Tinha medo dela nesse momento?

— Não.

— Porque você apertou o gatilho, não foi? Você, não o Tim Shea, não foi?

— Sim, fui eu.

— Assassinou a sua própria mãe, não é verdade? Já está, não há mais perguntas. Será assim, Peter, se te empenhares em subir ao estrado. Ou ainda pior, de facto, porque será uma mulher a perguntar-te sobre o assassinato de outra mulher à frente das cinco mulheres que fazem parte do júri.

— Mas, se não testemunhar, o júri não terá isso em conta? — pergunta Peter.

— Existe esse risco — responde Bruce. — Mas é mais arriscado que testemunhes.

Chris observa a bailarina a girar à volta do poste, o cabelo vermelho a açoiar-lhe os ombros.

É curioso, pensa, antes estas coisas deixavam-me excitado e agora, pelo contrário, deixam-me frio. Não como os outros. São quatro e meia da tarde de uma quinta-feira e o local está cheio.

E a minha família mal tem como comer, pensa Chris.

Esses cabrões filhos da puta estão a depenar-nos.

Faz uma gesto à empregada, que está em *topless*, mas ela ignora-o. A julgar pela forma como está vestido, com umas calças de ganga rasgadas e uma camisa velha, já deduziu que dele não vai tirar grande coisa. Quando finalmente se digna a atendê-lo, Chris pergunta:

— O John está por aqui?

— Que John?

Como se não soubesse, pensa Chris.

— O John Giglione. Costuma estar por aqui.

— Quem pergunta?

— Diz-lhe que o Chris Palumbo quer falar com ele.

Giglione demora dez segundos a sair do escritório. Abre os braços de par em par.

— Foda-se, mas o que veem os meus olhos! É o filho pródigo!

— Temos de falar, John.

— É claro que sim — diz Giglione. — Vamos para as traseiras. É mais calmo.

— Se for contigo para o escritório — responde Chris —, sairei daqui no contentor do beco.

— Não, homem, não.

Chris segue-o para o escritório, uma sala estreita e sem janelas em que se ajoelharam mais mulheres do que no Vaticano.

Giglione indica-lhe um sofá velho e senta-se atrás da mesa. Que bom, pensa Chris, dá-me as boas-vindas ao meu próprio escritório.

— Onde raios estiveste todo este tempo? — pergunta Giglione.

— Aqui e acolá.

— Mais acolá do que aqui, porque ninguém te viu por cá. Tenho de te revistar para saber se tens um micro, Chris?

— Fá-lo.

Giglione revista-o e não encontra nada.

— Bom, quando voltaste?

— Ontem.

— Porquê? Porque voltaste?

— Sentia a falta dos *donuts*.

— O mesmo Chris de sempre. Tão engraçado como de costume. Deixaste muita gente pendurada, meu amigo.

— Eu não fiquei com a heroína. É com o Danny Ryan que têm um problema. E não vi ninguém a tratar dele em todos estes anos.

— Não te preocupes com o Ryan — responde Giglione. — Tenho isso controlado. De que querias falar?

— Olha, John — diz Chris —, não voltei à procura de confusão. Se queres ser o chefe, *a salud*, sê o chefe. Eu não tenho ambições.

— Não me digas. Há pessoas que te dariam um tiro assim que te vissem.

— Não posso pagar-vos se estiver morto — responde Chris.

— Para alguns, isso seria pagamento suficiente.

— E para ti?

Giglione demora um segundo a responder. Depois diz:

— Eu gosto de dinheiro. Como vais pagar-me o que me deves?

— Deixa-me ganhá-lo — diz Chris. — Estiveste a espremer os meus negócios. E, a este ritmo, vais levá-los à ruína. Afasta-te um pouco. Deixa-me trazê-los à tona, pôr um pouco de dinheiro na rua, dar um ou dois golpes, e pagar-te-ei o que te devo.

— Não sei, Chris. Não posso dar-te um passe sozinho. Terei de falar com algumas pessoas. Se te convocarmos para uma reunião, virás?

— Se me garantirem que sairei com vida...

— Nada de garantias — responde Giglione. — Esse é o problema dos mendigos, não podem escolher.

— Suponho que seja isso agora, não é? — pergunta Chris. Mas tem de engolir o sapo. — Está bem.

— Volta dentro de um dia ou assim. Dir-te-ei alguma coisa.

— Obrigado, John. — Come merda, come merda, come merda.

Giglione assente com a cabeça.

Como se fosse Brando, pensa Chris.

Como se tivesse um maldito gatinho no colo.

Danny encontra-se com Fahey no lugar de sempre.

— O Licata vai de hotel em hotel — informa-o Fahey. — Mas tem os seus homens, incluindo o Chucky, numa cabana no deserto, a sudoeste da cidade.

— Onde exatamente?

Fahey dá-lhe a localização e depois acrescenta:

— Dan...

— Não te preocupes, só vamos vigiá-los. Não faremos nada.

Fahey fica contente por o ouvir. Não quer ser cúmplice de um assassinato. Mas desde que Ryan se mantenha estritamente à defesa, não há problema. E Fahey acredita nele: Danny é boa gente.

— Dan, se quiseres que expulsemos essa gente da cidade...

— Não. Mandariam outros. Pelo menos, assim sabemos com quem estamos a lidar e temos o Licata vigiado. Obrigado, eh, Ron.

— De nada.

Fahey vai-se embora e vai beber um refrigerante, um Snapple.

É só isso, só um Snapple, porque é a sua rotina, o seu costume, nas tardes de calor.

Às vezes, não é preciso mais do que isso: tomar a decisão de fazer uma coisa simples, prosaica.

Para no pequeno centro comercial ao ar livre, entra numa loja de conveniência e dirige-se para o fundo, onde estão os frigoríficos com as cervejas, os refrigerantes e o chá frio. Escolhe um com sabor a pêssego em vez de um normal, aproxima-se do balcão para pagar e então vê-o.

A pequena sucursal bancária do outro lado do estacionamento.

Esse estranho sexto sentido policial que nunca se perde avisa-o de que está a acontecer alguma coisa estranha.

Portanto, olha mais atentamente.

Através da montra, vê o tipo da pistola. Com a clássica máscara de esqui preta a tapar-lhe a cara.

Merda, pensa Fahey.

O que poderia fazer, o que deveria fazer, seria voltar para o carro, fazer a chamada e esperar pelos reforços. Não me diz respeito, afinal de contas, isso é coisa dos uniformes, dos SWAT.

Mas só vê esse tipo, que agora sai de marcha-atrás do banco. É um desses assaltos tipo Cavaleiro Solitário que se tornaram habituais nas sucursais bancárias. E, além disso, ele não é assim; não é dos que se dizem «esse não é o meu trabalho». É polícia, aquilo é um assalto e ele tem de cumprir.

Pega na sua arma, segura-a junto da cintura e sai para o estacionamento.

O assaltante vê-o.

Agarra numa mulher que acabou de sair do seu carro, rodeia-lhe o pescoço com o braço e usa-a como escudo, apontando-lhe para a cabeça.

— Para trás ou mato-a!

Fahey continua a andar na direção dele, lenta, mas inexoravelmente. Levanta a arma como se se preparasse para disparar e diz:

— Em frente, ela é-me indiferente. E, assim que disparares, dou-te um tiro.

O assaltante pensa nisso. Hesita e depois grita:

— Não vou voltar para a prisão!

Certo, pensa Fahey.

Aperta duas vezes o gatilho.

Duas balas atravessam a máscara de esqui.

A mulher desmaia, cai ao chão ao mesmo tempo do que o assaltante.

Fahey baixa a arma. Não ouve nem vê o condutor, que se aproxima dele por trás, a pé.

Não chega a ouvir o tiro.

— Preparados... Apontem... Fogo!

Ouve-se o estalido das espingardas.

Os guardas de honra baixam as armas até à cintura, carregam de novo e voltam a levantá-las.

— Preparados... Apontem... Fogo!

Danny espera à chuva com a cabeça descoberta.

Um raro dia de chuva no deserto.

Eden está ao seu lado. Insistiu em ir ao enterro de Fahey, apesar de se esperar que aparecessem muitos meios de comunicação social. E os jornalistas estão ali, as máquinas fotográficas não param de disparar, tirando fotografias de Danny e dela.

Ele avisou-a.

— Não se conformarão com as fotografias. Descobrirão quem és. Vincular-te-ão a mim.

— O Ron era boa pessoa — respondeu Eden. — Tentava ajudar. Quero prestar-lhe a minha homenagem.

E é verdade, mas ela sabe que não se trata apenas disso.

O facto de estar ali também é uma forma de responder a Dan.

Sobre as suas vidas.

É um passo que nenhum dos dois tencionava dar, um passo mais além do seu acordo, tão fácil, tão conveniente, tão confortável para ambos. Sabe que levar a sua relação para além das portas do seu apartamento equivale a dar-lhe um novo rumo.

Se fosses uma das tuas pacientes, pensa, dirias a ti mesma que te escondes por trás do teu trabalho e dos teus livros, que te proteges no

teu papel de psiquiatra (dito e feito) para te esconderes da vida porque tens pavor dela. E dir-te-ias também que é possível que ames este homem, que explorar este amor é aterrador e que mesmo assim devias fazê-lo.

A resposta que dá a Danny não é «Sim, as nossas vidas encaixam», mas «Vamos ver se é possível, empreendamos esse caminho, para ver onde nos leva».

De modo que agora permanece erguida e digna junto dele, não fazendo caso das máquinas fotográficas e da chuva.

Para Danny, a sua presença não é uma vitória de forma alguma, mas sim uma oportunidade de redenção. Não queria perdê-la, mesmo que fosse com o mesmo acordo que tinham antes. Tem de reconhecer que o seu argumento não era completamente errado: vivem com efeito em mundos diferentes e o seu é, no mínimo, de moralidade duvidosa.

Portanto, está contente por ela estar ali, está contente por estar disposta a arriscar-se a continuarem juntos, a que a relação avance.

Está contente e está cagado de medo.

O seu primeiro grande amor morreu de cancro; o seu segundo grande amor suicidou-se. Às vezes, sente que está amaldiçoado ou que as mulheres que se apaixonam por ele estão amaldiçoadas, que ele é a maldição.

É uma ideia supersticiosa, uma estupidez, mas não consegue livrar-se dessa sensação.

E a nossa relação funcionará?, pergunta-se. Ela suportará a fama, a exposição constante?

O funeral de um agente da polícia é triste e impressionante, solene pela certeza de que já aconteceu antes e voltará a acontecer, e assustador pelos rituais que essa certeza representa.

Uma comitiva de motas encabeçava o cortejo, seguida por carros-patrolha com as luzes de emergência ligadas e as sirenes desligadas. Depois, ia o carro fúnebre e, atrás, os carros dos familiares.

Agora, Danny olha para a viúva de Fahey e para os seus dois filhos adolescentes, um rapaz e uma rapariga.

É dilacerante.

A viúva receberá uma indemnização e a pensão completa de Fahey, mas ele certificar-se-á de que todos os meses recebe em casa um envelope com dinheiro e de que as futuras contas da universidade chegam diretamente a ele.

Sabe que não é uma compensação justa pela perda de um marido e de um pai.

Isso nada pode compensá-lo.

Tantos enterros, pensa.

— Quanto mais vives — dizia o seu velho —, a mais enterros vais. Se viveres o suficiente, acabas por ir ao teu próprio enterro.

O sentido de humor de Marty.

— Preparados... Apontem... Fogo!

Ecoam os tiros das espingardas.

Uma gaita de foles começa a tocar.

A chuva aumenta.

— Agora, está cego — diz Connelly.

— Quem? — pergunta Licata.

— O Ryan. O Fahey era os seus olhos e os seus ouvidos na Metropolitana. Tiveste alguma coisa a ver com isso? Com a morte do Fahey?

Como se te fosse dizer, pensa Licata.

— Foi um assalto que correu mal, não foi? Já encontraram quem lhe deu o tiro?

— Ainda não — responde Connelly. — Mas encontrarão.

— Espero que sim. É uma tolice, uma situação má, matar um polícia. Se és tão parvo ao ponto de ser apanhado a roubar um banco, o que tens de fazer é largar a arma e cumprir a pena como um homem.

— A questão é que o Ryan agora está cego.

— O que queres dizer com isso?

Connelly encolhe os ombros.

O que se passa, não é óbvio?

Licata faz uma chamada.

Para Providence.

Para John Giglione.

— Eu só digo que é demasiada coincidência — diz Josh.

— Estás a ser paranoico — responde Danny.

Vão juntos de carro da Strip para o escritório onde estão a desenhar o Il Sogno.

— Achas? — diz Josh. — O Fahey consegue provas contra os Cooper, o Licata aparece na cidade com a sua equipa e depois o Fahey é morto num assalto a um banco por puro azar?

— «Azar», essa é a palavra-chave — responde Danny.

Cammy Cooper pode ser muitas coisas, pensa, mas uma assassina?

Não.

Ou Vern, matar um polícia?

Não.

— E, além disso, desde quando falas assim? Com «a sua equipa»? — diz Danny.

— Eu era de uma equipa em Wharton — diz Josh.

— Sim, de uma equipa de remo.

— Mesmo assim — responde Josh e depois fica sério. — Enfim, o que vamos fazer agora, Dan?

Estamos metidos numa boa confusão, pensa Danny.

Duvida que Licata tenha matado Ron, mas, e se foi ele? Matar um polícia é um assunto muito sério, e Licata não se teria atrevido a fazê-lo sem o apoio dos seus chefes de Detroit, que dificilmente teriam dado a aprovação sem o consentimento de Chicago e Nova Iorque.

Pasco, de qualquer forma, diz que Licata conta com esses apoios.

Ou seja, quer tenha matado Ron, quer não, tem o apoio das grandes

famílias.

E parece que Winegard se afastou e vai deixá-lo fazer o que quiser.

Não posso enfrentar isto, diz-se Danny.

Portanto, que alternativa tenho?

— Fazer as pazes — diz.

— Como?

Danny exala um suspiro profundo. Depois, diz:

— Vamos oferecer ao Vern a compra de uma parte do Lavinia igual à nossa. Assim, será sócio de pleno direito do Il Sogno.

— Falas a sério?

— Tão a sério como uma chamada à meia-noite — responde Danny.

— Parece-te bem?

— A ideia não me deixa louco de alegria, mas sim, se for preciso.

É a única forma, diz-se Danny. E devia ter acontecido antes. Muito antes.

— Mas aceitará? — pergunta Josh.

Vern odeia-me, pensa Danny.

— Nem sequer sei se me atenderá o telefone.

— Deixa-me ser eu a falar.

— Não, tem de vir de mim.

— Dan, é muito provável que esse tipo tenha tentado matar-te.

— Não se fazem as pazes com os amigos.

Quando Danny vai aos escritórios do Grupo Winegard, Jim Connelly desce para o *hall* para o receber.

— O que raios fazes aqui?

— Quero ver o Vern.

— Ele não quer ver-te.

— Isto foi demasiado longe.

— Por tua causa — replica Connelly.

Danny contém-se.

— Não venho com as mãos vazias.

— Não tens nada nas mãos senão a picha.

Danny passa ao seu lado, dando-lhe um empurrão.

— Não podes subir! — grita Connelly.

— Então, dá-me um tiro.

Entra no elevador e sobe até ao último andar. Connelly deve tê-lo avisado, porque Vern saiu do escritório e já se dirige para o elevador quando se abrem as portas.

— Temos de falar — diz-lhe Danny.

— Não temos nada para dizer.

— Vamos começar a matar-nos uns aos outros assim, sem mais nem menos? Pelo menos, ouve-me primeiro.

Vern olha para ele com raiva, mas não diz nada.

— Enganei-me ao comprar o Lavinia dessa forma — diz Danny. — Mas agora quero convidar-te para entrar. Podemos montar uma empresa nova, partilhá-lo.

— Tiras-me uma coisa e depois ofereces-te para me devolver metade? — pergunta Vern. — E isso transforma-te no quê? Numa espécie de herói?

— É justo, Vern, e sabes.

— O Stern está de acordo?

— Está entusiasmado com a ideia — responde Danny. Sente que Vern está prestes a ceder. Só precisa de um empurrão. — Vern, ambos temos o nosso passado, mas não temos de estar presos a ele. Esta é a oportunidade de o deixar para trás. Eu mando os meus homens embora e tu fazes o mesmo com os teus.

Abre-se outro elevador.

Connelly sai.

— Vern, lamento muito, eu...

— Cala-te. — Vern não desvia o olhar de Danny. — Achas que podemos começar do zero, mas não é verdade. O meu filho morreu e não vai voltar.

— Eu sei. E lamento muitíssimo. Não consigo imaginar...

— Não, não consegues.

Danny fecha a boca. Tudo o que disser agora só piorará as coisas, não servirá de nada. Vern tem de decidir sozinho.

— Tu e eu, sócios...

— Espantaríamos o mundo — diz Danny.

Connelly diz:

— Vern, deixa que...

— Não me ouviste a dizer-te para te calares? — Fica a olhar para Connelly e depois vira-se para Danny. — Tenho de pensar.

— É claro — responde Danny. — Não há nenhuma pressa.

— Não, entrarei em contacto contigo amanhã de manhã — diz Vern. — Só quero consultá-lo com a almofada.

— Estarei à espera de notícias tuas. — Danny sabe que está na hora de ir.

Lá fora, liga a Josh.

— Como correu? — pergunta Josh.

— Não tenho a certeza, mas acho que vai haver acordo.

Acho que vai haver paz.

Finalmente, finalmente, deixamos o passado para trás.

Licata vai de carro para a cabana.

Tem os seus rapazes ali, no banco, e quer certificar-se de que estão frescos, à espera para entrar no campo de jogo.

O que deveria acontecer em breve, porque Connelly, praticamente, deu-lhe luz verde para ir atrás de Ryan.

Tal como essa federal. Se Danny Ryan morrer, o FBI limitar-se-á a fingir que procura os seus assassinos. Tem alguma coisa a ver com Ryan ter matado um agente há muito tempo.

Portanto, Licata entra e conta-o aos outros.

Chucky levanta-se da mesa onde estão a jogar às cartas e vai ao frigorífico buscar outra cerveja. É um filho da mãe alto, o tipo, saiu à sua mãe. Ossudo. Não é a lâmpada mais brilhante da árvore de Natal, mas Licata ama-o de qualquer forma. É duro, valente, tem bom coração e faz o que lhe mandam.

— Quando será exatamente? — pergunta.

— Por mim, quanto mais depressa, melhor.

— E por nós também — responde Chucky. — Estou farto de esperar neste rancho de merda, aqui não há mais do que areia e cascalho. Liquidamos esse duende irlandês e voltamos à civilização.

— Gosto disto — diz DeStefano. — É calmo.

— Calmo... — diz Chucky. — Há coiotes à noite, foda-se, coiotes!

DeStefano olha para trás, para Licata.

— Joga um joguinho, chefe?

— Não, tenho um cuzinho reservado — responde. E um bem bom, além disso. Uma chinesa. Essas asiáticas sabem aceitar uma sova. Teve

de recorrer a outro serviço porque o de antes lhe fechou a torneira. Isso é lealdade, eh?

— Porque não mandas umas gajas para cá? — pergunta Chucky.

— E porque não ponho um anúncio a dizer onde estão? Dentro de alguns dias, poderás foder todas as putas de Detroit.

— Isso levaria o seu tempo — diz DeStefano.

— E não tenho tempo suficiente? — responde Chucky.

— Que desfrutem do jogo — diz Licata. — Não se embebedem demasiado, que amanhã temos trabalho para fazer.

E, além disso, não é um trabalho fácil, porque não pode parecer o que é realmente, um golpe da máfia. Tem de parecer um acidente trágico.

Um atropelamento com fuga, no mínimo.

Mas de certeza que correrá bem. Tem homens a caminho e são bons no que fazem.

Especialistas.

Sai e entra no carro. Está desejoso de ver a sua chinesinha.

Adora esses gemidinhos que fazem.

— Estou farto que o Danny nos tenha no limbo — diz Kevin.

— No limbo.

— O quê?

— Diz-se «no limbo», não «no nimbo» — diz Sean.

— Limbo ou nimbo, tanto me faz — diz Kevin. — Isto é uma merda. Estou farto. Tenho vontade de beber.

Estão sentados no apartamento de Winchester que Danny arrendou para eles. Têm a televisão ligada: uma tolice de série sobre uns polícias de Miami ou de algum lugar assim.

— Vai a uma reunião — diz-lhe Sean.

— Vai tu a uma reunião — replica Kevin. — Eu quero voltar a cair nas boas graças do Danny.

— E como tencionas fazê-lo?

Na televisão, os polícias, que são todos muito bonitos, estão a fazer coisas que os polícias a sério nunca fazem.

— Podíamos começar por liquidar o gangue do Licata — diz Kevin.

— Estás louco? O Danny disse expressamente que não quer.

— O Danny já não sabe o que é bom para ele. Passou tanto tempo a viver entre tipos de fato que já não sabe como as coisas são.

— E tu sabes.

— Sei que há uns quantos tipos de Detroit que querem matá-lo. E certamente a nós também. E também sei que quem dá o primeiro murro costuma ganhar a luta. E que é melhor pedir perdão do que permissão.

— O que tentas dizer?

— Não tento dizer nada, estou a dizer-to — diz Kevin. — Tu e eu devíamos sair para caçar gambuzinos. Como nos velhos tempos.

Sean não tem assim tanta certeza. Não sente a falta dos velhos tempos. Gosta de ser empresário, de ganhar dinheiro legalmente e de não ter de estar constantemente alerta. Mas, mesmo assim, é difícil tirar a razão a Kev. Certamente, os homens de Licata estão à procura deles e é sempre melhor ser o caçador do que a presa.

Além disso, não precisariam de muito esforço. Já sabem onde o gangue de Licata se esconde.

Jimmy Mac está ali, a vigiar.

— Digo-te, isso é o que o Danny quer realmente — insiste Kevin. — Só que não quer dar a ordem. Agradecer-nos-á quando formos ter com ele com os factos «inconsumados».

Sean não se dá ao trabalho de o corrigir, embora tenha dito exatamente o contrário do que queria dizer.

— Quase se cruzaram com o Licata pai — diz Jimmy. — Veio, ficou uns minutos e foi-se embora.

É uma pena, pensa Kevin, embora pouco lhe interesse. Sabem que Licata vai passar a noite no Circus Circus. Todos os grandes operadores da indústria do jogo têm espiões nos hotéis dos outros. Ninguém vai a lado nenhum sem ser visto e reportado.

Pelos vistos, Allie Boy não se importa. Tem o seu gangue escondido para disfarçar, mas sabe que na Strip está a salvo. Sempre foi terreno proibido.

Ainda que talvez esta noite seja diferente, pensa Kevin.

Se calhar, quando acabarmos aqui, fazemos-lhe uma visita.

De qualquer forma, não deixa que se note na cara porque, se Jimmy suspeitar o que estão a tramar, terá um ataque e irá contar tudo a Danny. Portanto, diz-lhe:

— Viemos revezar-te. Nós vigiamos.

Estão estacionados numa colina que dá para o velho rancho, fora do caminho de terra, o único caminho de entrada e saída.

Jimmy passa-lhe os binóculos infravermelhos.

— Está tudo calmo. Há seis lá dentro, a beber e a jogar às cartas. Esta noite, não vão a lado nenhum.

Lá isso é verdade, pensa Kevin.

— Mesmo assim, ficamos, pelo sim pelo não.

— Voltarei às seis — responde Jimmy.

— Trazes *donuts* ou qualquer coisa? — pergunta Sean. — E café?

— Claro. — Jimmy vai-se embora.

— Está na hora de caçar gambuzinos — diz Kevin.

Aproximam-se a pé da beira da colina e olham para baixo, para a casa, veem luz na janela, uns tipos sentados em torno de uma mesa. Um alpendre em ruínas, uma parcela de terra, dois carros estacionados à frente.

— Eu vou por trás — diz Sean. — Vai pela frente. Quem conseguir um alvo primeiro começa a festa.

Kevin sorri. Este é o Sean South de que se lembra de quando eram os Acólitos.

Que comece a missa.

DeStefano sai para vomitar.

Parece o mais educado.

Desce a cambalear os dois degraus do alpendre até à zona de terra e depois avança aos tropeções em direção aos arbustos, baixa-se para vomitar e então vê um par de olhos a observá-lo.

Ao princípio, pensa que é um coiote.

A bala acerta-lhe em cheio na testa.

Bom, este foi fácil, pensa Kevin.

Sean ouve o tiro.

Os de dentro, também. Um que está a beber diretamente de uma garrafa de vinho levanta-se e olha pela janela das traseiras.

Sean aponta e dispara.

Sangue e vinho brotam da boca do tipo antes de desabar sobre a mesa, espalhando cartas, fichas de póquer, garrafas e latas.

Os outros atiram-se ao chão.

Dois arrastam-se até à janela dianteira e começam a disparar.

Kevin aponta para os brilhos e abre fogo.

Não sabe se acertou em algum ou não, mas arrasta-se para a casa.

Ouve Sean a disparar nas traseiras e questiona-se quanto tempo esses cabrões demorarão a perceber que estão a disparar dos dois lados.

Caíram dois; só restam quatro.

Os Acólitos, a dar a última comunhão.

Sean muda de posição, mexe-se para a esquerda, para o canto da casa, para chegar à parede, esconder-se atrás dela e aproximar-se da porta das traseiras. Um dos de dentro mexeu-se para a janela traseira e está a disparar para a escuridão, para onde Sean estava antes.

Muito bem, pensa ele.

Que dispare para onde estava, não para onde estou.

Chega à esquina e encosta-se à parede.

Kevin está a vinte metros da casa quando a noite se ilumina.

Que raios...?!

Uns faróis iluminam o alpendre e a parte da frente da casa e Kevin fica a descoberto no chão nu, como um prisioneiro que tentou fugir. Olha para trás e vê o carro a vir, um maldito todo-o-terreno que vai diretamente para ele. Roda para um lado e continua a rodar, tentando voltar para os arbustos antes de ser visto.

Consegue.

Resfolegando — meu Deus, faço tanto barulho, estarão a ouvir-me? —, vê que quatro pessoas saem do carro, armadas, a olhar para um lado e para outro.

A porta da frente da casa abre-se.

Sai um tipo muito alto e grita:

— Dois atiradores! Um à frente e outro atrás!

Kevin baixa-se e desata a correr.

Sean ouve as vozes, os passos. Ouviu o motor do carro, as portas, sabe que a merda da cavalaria chegou.

Mau momento e pior sorte.

Então, ouve tiros.

Apanharam Kev?

Recua, ainda encostado à parede. O melhor que pode fazer é chegar à esquina, encostar-se à parede lateral da casa e desatar a correr para o mato. Se conseguir, talvez seja capaz de chegar ao seu carro.

A não ser que Kev esteja lá fora, ferido, porque então será ainda mais difícil.

Ou se os recém-chegados já viram o carro.

Então sim, estaremos fodidos.

Porque fiz isto?, pergunta-se. Porque deixei que Kev me convencesse? Tinha uma boa vida, uma vida perfeitamente aborrecida. Uma boa casa, um bom carro, dinheiro no banco e tive de deitar tudo a perder para brincar aos cobóis.

Começa a fazer promessas a Deus.

Meu Deus, se deixares que saia desta, não volto a fazê-lo. Portar-me-ei bem, darei dinheiro à igreja, irei à missa todos os domingos e feriados, mas deixa-me sair desta.

Chega à parede lateral, encosta-se a ela e aproxima-se da esquina.

Agora, vê a frente: os atiradores formaram um arco à sua direita, à frente dele, sem dúvida à procura de Kevin.

Estará ferido?, pergunta-se Sean. Caído entre o mato como um animal estripado?

Kevin corre muitíssimo.

Sempre foi muito rápido, mas agora corre ainda mais depressa, subindo pela encosta. As balas passam a zumbir junto da sua cabeça, mas é indiferente, não parará até chegar ao carro. E por favor, Jesus, Maria e José, que continuem de costas para mim, diz-se Sean.

Deixa que se afastem mais uns metros e então poderás desatar a correr. Meter-te entre os arbustos e chegar ao carro.

Qual é a distância? Trinta metros até aos arbustos? Consegues fazê-

lo. Mesmo que o oiçam, quando o virem e começarem a disparar já estará coberto.

Respira fundo e prepara-se.

Baixa-se e desata a correr.

Um tiro feito da casa acerta-lhe nas costas e cai com a cara na terra.

Kevin vê o carro à frente dele.

Ainda bem, foda-se.

Vira-se e vê...

Dois tipos a levar Sean de rastos para a casa.

Ai, meu Deus, não.

Não, não, não, não...

Já não pode fazer nada por ele, diz-se Kevin. São demasiados. A única coisa que poderia fazer seria morrer com ele.

Entra no carro, arranca e faz marcha-atrás.

Tenho de desaparecer antes que me oiçam, pensa, e venham atrás de mim. Dá meia volta e sai disparado.

Lamento muito, Sean.

Não posso fazer nada por ti.

Lamento muito, colega.

Sean retorce-se no chão.

Chucky pisa-lhe as costas como se fosse um peixe a saltar no cais.

— Vais morrer, meu amigo. — Vira-o com um pontapé. — Mas ainda não.

Kevin carrega no travão.

Não pode.

Não pode deixar o seu amigo.

Dá a volta, carrega a fundo no acelerador e dirige-se para a casa,

com o carro aos pinotes pelo caminho terra.

Não para na colina, continua para baixo, para a esplanada. Põe a MAC-10 pela janela e precipita-se contra a casa gritando:

— Filhos da puta! Filhos da puta! Filhos da puta!

Choca com o carro contra o alpendre, abre a porta, sai e continua a disparar.

Uma rajada de tiros atira-o contra a porta aberta do carro.

Allie Licata encontra uma cena sangrenta ao entrar.

A casa feita uma merda, crivada de balas, a mesa destruída, por todo o lado vidros partidos e sangue seco, três dos seus mortos.

Graças a Deus e à Virgem Santíssima, o seu filho não é um deles.

Os dois assaltantes continuam vivos.

Mas por pouco.

Estão atados e caídos no chão.

Porque é que Chucky se incomodou em atá-los?, pergunta-se. Não iam a lado nenhum.

— Este — diz-lhe Chucky —, conseguiu fugir e voltou a disparar como um louco. Acertou no Tony por pura sorte.

— Azar para o Tony — responde Licata e olha para Kevin. — Porque voltaste? Este é o teu namorado ou quê?

Kevin está a agonizar.

— Mamã...

— Todos chamam a sua mamã — comenta Licata.

— Vamos começar a cavar o buraco — diz Chucky.

— Não — diz o seu pai. — Tenho uma ideia melhor.

Jimmy Mac não vê o carro.

Esses malditos preguiçosos cansaram-se e foram para casa? Vão ter de me ouvir...

Avança um pouco e olha para a casa.

Não há carros.

Foda-se, Sean e Kevin abandonaram o seu posto e esses tipos desapareceram? E agora o que vamos...?

Então, vê-o.

Não acredita no que os seus olhos veem.

Kevin e Sean olham fixamente para ele.

Duas cabeças cravadas nos seus respetivos ramos cravados no chão.

Os olhos e a boca abertos, as moscas a revoar-lhes na língua.

Os corpos calcinados e decapitados dos Acólitos jazem no chão de terra, acorrentados juntos.

— Vamos cavar as campas — diz Danny a Jimmy. — Temos de os enterrar.

Viu muita violência na sua vida. Muitos assassinatos, muita morte, muitos cadáveres.

Mas nunca viu nada tão horrendo.

Isto é o que se consegue por se seguir a lei?, pergunta-se.

Encontram umas pás e enterram os corpos.

Enquanto retrocedem no caminho, Jimmy observa os rastos dos pneus.

— O que se passa? — pergunta Danny.

— Havia dois carros estacionados quando me fui embora, mas agora vejo que são quatro: os dois que estavam aqui, o do Kevin e mais outro.

Ou seja...

Licata tem duas equipas, não uma.

Uma para mim, pensa Danny, e outra para...

Meu Deus, não, por favor.

Correm para o apartamento de Josh.

No trajeto, ligam-lhe uma e outra vez.

Salta para o correio de voz.

— *Está a ligar para o Josh Stern. Hoje está outro dia lindo. Já sabe o que tem de fazer.*

Ryan enganou-me, diz-se Vern.

Outra vez.

Atacou enquanto eu meditava na sua oferta.

Matou três homens de Licata.

— Sei que a compaixão te consome — diz Licata —, mas não te preocupes, apanhámos os que o fizeram e demos-lhe o seu castigo.

— Então, acabou — diz Vern.

— E uma merda! — grita Licata. — Isto não vai acabar até acabarmos com o bonito do Danny Ryan! E não me venhas com essas estupidezes de paz e amor, isso são tolices. O Ryan é um homem morto. Se quiseres acabar da mesma forma, tenta impedir-me. Livrar-me-ei dos dois.

Que se lixe o Dan Ryan.

Que se lixe tudo.

— Faz o que tiveres de fazer — diz Vern.

— Já o fiz — responde Licata.

A porta está aberta.

Encontram Josh caído sobre a sua secretária, com uma garrafa de vodka e um frasco de comprimidos vazio junto da mão esquerda.

Danny apalpa-lhe o pescoço em busca de pulsação.

Não tem.

Cathy não sabe o que mais fazer.

Ficou sem opções.

Vai perder os seus negócios, a sua casa e o pouco dinheiro que lhe resta. Agora, sentada à frente do espelho, maquilha-se com esmero, como não fazia há anos.

Para estar bonita.

Ou melhor, sedutora, reconhece-o. John Giglione não vai dar-lhe nada em troca de nada. Terá expectativas que tu terás de cumprir.

Usa os recursos que tens, diz-se.

O teu corpo continua a ser uma vantagem.

Mas por quanto tempo?

O vestido que escolheu realça as suas pernas, que sempre achou que eram o seu melhor atributo físico. Como tem pouco peito, não pode mostrar o decote como esses porcos gostam, mas, para o compensar, o vestido mostra grande parte das suas coxas. E pinta bem os olhos, com muito rímel escuro, de cor esfumada, como esses tipos adoram, pelos vistos.

O batom é de um vermelho quase violento.

Nada de subtilezas, pensa; tem de parecer uma puta.

Tal como uma puta procura um homem num clube de *striptease*.

Mas certamente é ali que vou encontrá-lo, no meu próprio clube.

Quando Chris estava com eles, mal ia lá (porque haveria de ir?) e agora, quando tem de ir, costuma passar lá de dia, quando o local está relativamente calmo e só há um punhado de pobres diabos que rondam por ali atraídos tanto pelo bufete barato como pelas raparigas.

Hoje, pelo contrário, vai de noite, porque é quando John costuma estar ali, e para que a mensagem fique clara.

Estou aqui.

Suavizei-me.

Talvez esteja disponível.

As suas razões não são apenas económicas, embora a sua situação seja má. Também o faz para tirar Jake da confusão em que se meteu ao andar por aí a perguntar pelo seu pai.

Giglione e os outros não gostaram, querem saber o que anda a tramar.

E aterroriza-a que possam fazer-lhe alguma coisa.

Jake já está em casa, voltou da Florida e está outra vez a trabalhar, e Cathy espera que lhe tenha passado a mania de querer procurar Chris.

Porque Chris, se estiver vivo, não quer que o encontrem. E ela sabe por experiência que, se o seu marido não quiser que o encontrem, não o encontrarão.

Portanto, agora vai ver John Giglione e vai seduzi-lo.

Talvez faça mais do que seduzi-lo, talvez tenha de o chupar ou de ir para a cama com ele. Quem sabe o que terá de fazer?

Faz o que for preciso.

Tens de jogar com as cartas que te calharam e todas essas tretas de merda.

Observa a maquilhagem mais uma vez e sai de casa.

O facto de uma mulher atraente e bem vestida, que não é uma *stripper*, entrar sozinha num clube é uma novidade.

Cathy sente os olhares fixos nela ao entrar.

Os clientes do bar, os tipos das mesas, até as dançarinas do palco olham para ela de esguelha enquanto percorre a sala com o olhar,

evidentemente à procura de alguém. Presumem que é uma esposa irritada que anda à procura do seu marido. Até os poucos que a reconhecem — o *barman*, o porteiro, John Giglione — se surpreendem por a ver ali de noite e com aquele aspeto.

O cabelo, a maquilhagem, o vestido.

Os sapatos de puta.

Howie Morisi, o lacaio e motorista de Giglione, vê-a primeiro.

— Venho ver o John — diz-lhe Cathy.

— Está à tua espera?

— Acho que ficará contente por me ver. Tu não?

Morisi leva-a para um reservado, na parede do fundo, e ela senta-se junto de Giglione.

— A que devo o prazer? — pergunta ele.

— Uma rapariga não pode sair à noite?

Uma rapariga, pensa Giglione. Meu Deus...

— Claro, mas para um clube de *striptease*?

— É o meu clube — responde Cathy.

— Sim, mas...

— Talvez quisesse ver-te.

— Para quê?

— Tens de me dar uma pausa — diz-lhe. — Estou à beira da ruína, tens de me deixar ganhar algum dinheiro. Tu e os outros. Sei que consegues convencê-los.

— Porque achas isso?

— Porque vais ser o chefe — responde Cathy. — Todos sabem.

Acertou em cheio. Vê-o nos seus olhos, em como ele se endireita.

— Se aceitar, o que me dás? — pergunta Giglione.

— Já sabes.

— Sim?

— Sei o que te apetece. E vais gostar, John. Até mais do que imaginas. — Espera um segundo para que ele pense nisso e depois acrescenta: — A mim também me apetece. Há muito tempo que não estou com um homem. Uma pessoa sente-se sozinha, sabes. Também nos sentimos excitadas.

Então, vê-o a entrar pela porta.

Chris.

— Ah, não te tinha dito? — diz Giglione. — O teu maridinho voltou para casa.

Levanta a mão e faz um gesto a Chris para que se aproxime.

Chris aproxima-se. Como um cão, pensa Cathy. Não se senta, mas espera que Giglione lhe assinale uma cadeira.

Chris, é claro, goza.

— John, o que fazes com a minha mulher?

— Não sou a tua mulher — responde Cathy. — Divorciei-me de ti há três anos.

— Ninguém me tinha dito.

— Ninguém sabia onde estavas — responde ela.

A cabeça dá-lhe voltas. Quase não o reconhece. Tem o cabelo comprido, a cara mais cheia. E já não é o homem arrogante com quem estava casada. Comporta-se como um lambe-botas com Giglione.

— Há quanto tempo voltaste? — pergunta.

— Há alguns dias.

— O Jake sabe?

— Sim, vimo-nos — diz Chris.

— Mas não te incomodaste em dizer-mo?

— Não sabia como ias receber-me. E, efetivamente, encontro-te com outro tipo. Não te ofendas, John.

Giglione levanta a mão como se dissesse «Era o que faltava». Nota-se que está a divertir-se imenso com esta cena.

— O que pensavas, que ia esperar eternamente? — pergunta Cathy.

— Não — responde ele e vira-se para Giglione. — John, sobre o que falámos ontem...

— Disse-te que tomaria uma decisão a seu devido tempo — responde Giglione.

— É claro. — Chris tira um envelope do bolso do casaco. — Mas apercebi-me de que apareci com as mãos vazias. Não sei no que estava a pensar. Ganhei um pouco de dinheiro enquanto estava... fora. Aqui tens uma pequena amostra. A primeira de muitas, espero.

Cathy vê que Giglione agarra o envelope.

Chris Palumbo a pagar a John Giglione?! Um gigante a prestar tributo a um pigmeu?!

Não consegue acreditar.

Giglione incha como um pombo. Guarda o dinheiro no bolso e levanta-se com uma careta brincalhona na cara.

— Certamente, terão coisinhas para resolver, pombinhos. Chris, mantém-te em contacto. E Cathy, a respeito da tua oferta... De certeza que conseguimos pensar em alguma coisa. Ligo-te depois.

Atravessa a sala quase a pavonear-se.

Vão-se embora para falar no carro de Cathy.

— Estás a seduzi-lo? — pergunta Chris.

— Como se tivesses o direito de me perguntar isso...

— Continuas a ser a minha mulher.

— E uma merda — responde Cathy. — Vais-te embora sem sequer ligar? Estás fora há dez anos sem dar sinais de vida? Onde raios estiveste?

— A sobreviver.

— Olha, que bom, fico contente por ti. — Olha pela janela e depois pergunta: — Estavas no programa?

— Não, já me conheces.

— Então...

— Cathy — diz —, sabes que tive de me ir embora e sabes porquê.

— Claro que sei porquê. Têm-mo tirado da própria pele.

— Lamento muito.

— Lamentas... Vai à merda.

— Mereço isso — diz Chris.

— É claro que sim.

— Então, é verdade?

— O quê?

— Que estás a fodê-lo — diz Chris. — Que oferta era essa?

— O que foi aquilo? — pergunta ela. — Tu a lambar o cu ao John Giglione... Em que te transformaste?

— Pergunta-me tudo menos isso.

— Não, isso é que estou a perguntar-te — replica ela. — Já não te reconheço.

— Nem eu me reconheço, está bem? — Chris dá um murro no tejadilho do carro. — Não sei se alguma vez soube quem sou.

Cathy começa a chorar.

Passou anos a conter o pranto, portanto, dura um bom bocado. Quando finalmente para, Chris diz-lhe:

— Tenho de dar graxa ao Giglione. E aos outros. Talvez mesmo assim não me deixem viver, mas, se me deixarem, pagarei o que lhes devo, juro-te. De que oferta é que o Giglione falava?

— Se for para a cama com ele, dar-me-á uma pausa.

— Fá-lo. — Vê a dor nos seus olhos.

— Queres que o foda.

— Preciso que o fudas — responde Chris. — Talvez assim continue com vida. Não achará tão divertido pôr os cornos a um morto.

— Meu Deus, Chris, quando achava que não podias rebaixar-te mais, surpreendes-me. Devias inscrever-te num desses concursos de dança do limbo, de certeza que ganhavas.

— Vais fazê-lo?

A dor transforma-se em raiva.

— Sai do meu carro.

— Vais fazê-lo?

— Fora.

— Vais...?

— Sim! — grita. — Vou fodê-lo até à morte, mas sai do meu carro e não te metas na minha vida! Odeio-te!

Chris sai do carro.

Ouve-a a chorar lá dentro.

Chris consegue reunir-se com eles.

Mas não o deixam sentar-se.

Fazem-no ficar de pé ao fundo de uma mesa, nas traseiras do restaurante.

Seis homens observam-no, sentados.

John Giglione, claro.

E também Angelo Vacca, Gerry La Favre, Jacky Marco, Tony Iofrate e Bobo Marraganza.

Deles, Giglione é o mais inteligente. O que tem o controlo, o negociador.

Marco é o mais duro: o forte, o assassino, o que tem mais probabilidades de acabar com Giglione e ficar com o trono. Também será ele a liquidar-me, pensa Chris, se se tomar essa decisão.

E não será rápido nem simples.

— Querias uma audiência — diz Marraganza. — Somos todos ouvidos.

Chris abre o jogo com um gambito. Começa a tirar envelopes dos bolsos e a atirá-los para a frente deles: o dinheiro que restava do negócio da heroína.

— Venho com presentes. Um pouco de dinheiro que ganhei quando estava fora. Um gesto de boa vontade.

— Isso não vai bastar-te — avisa Marco. Mas pega no dinheiro.

Todos o fazem.

— Claro que não — diz Chris. — Isto é apenas o começo. Sei que vos abandonei e que vos custei muita massa. O Danny Ryan roubou-

me. Mas todos me conhecem, sabem que sempre soube ganhar dinheiro. E se tenho a certeza de alguma coisa é de que vos farei ganhar mais vivo do que morto.

Ninguém se ri.

Chris começa a suar.

— Sei que são outros tempos. O Peter Moretti morreu, *buonanima*, e o Paulie agora dedica-se a jogar ao disco. Não tento recuperar o meu lugar, não é poder o que procuro. Só quero ganhar a vida, cuidar da minha família.

— Como sabemos que podemos confiar em ti? — pergunta Marraganza.

— Estou aqui — responde. — Falemos com clareza, podem liquidar-me a qualquer momento. Agora ou mais adiante. Portanto, porque não esperam, para ver o que se passa?

Ninguém diz nada.

Finalmente, Giglione diz:

— Vai esperar lá fora. Os homens têm de falar. Avisar-te-emos quando acabarmos.

Chris assente com a cabeça e sai.

— Temos de matar esse filho da puta, foda-se — diz Marco.

— Estou de acordo — responde Marraganza.

— Eu também — diz Giglione. — Mas ainda não. Qual é a pressa? A sua mulher está à beira da ruína. Vamos deixar que ele nos consiga algum dinheiro.

— Deu vinte mil a cada um — diz La Favre —, portanto, certamente tem mais.

— O Chris sempre soube ganhar massa — diz Vacca.

— Acreditam mesmo que não quer poder? — pergunta Marraganza.

— É um homem derrotado — responde Giglione.

— Achas? — pergunta Marco.

— Vou demonstrar-vos — diz Giglione. — Mandem-no entrar outra vez.

Chris entra.

Continuam sem o convidar para se sentar, fazem-no ficar de pé.

Ele sabe que isso quer dizer alguma coisa.

— Chris — diz Giglione —, antes de te dar outra oportunidade temos de esclarecer algumas coisas. Agora, és um zé-ninguém, um mandado. Se te dissermos para saltares, perguntas a que altura. E se te dissermos para nos beijares o cu, fá-lo-ás sem pigarrear. Entendido?

— Entendido. Certamente.

Giglione olha para Marco. Veem?

— Ah e outra coisa — acrescenta. — Vou ver a tua ex-mulher. Por ti, não há problema, pois não?

— Já não é a minha mulher — diz Chris.

— Mesmo assim, sendo que eras...

— Agradeço-te a cortesia, John, mas não há problema.

Giglione insiste. Olha para os outros e pergunta:

— Podes dar-me algum conselho? Já sabes, para a cama. O que a excita.

É humilhante. Todos sabem.

— Bom, passou bastante tempo — responde Chris.

— Sim, mas de certeza que te lembras.

— Não é complicada. Não precisa de muitas habilidades, tu entendes.

— Está bem, obrigado. Podes ir — diz Giglione. — E quando voltares, volta com dinheiro na mão.

— Obrigado — responde Chris. — Obrigado. Não vos defraudarei.

Sai em marcha-atrás pela porta.

— Que grande merda — diz Marco.

— Como vos dizia — diz Giglione.

Um homem derrotado.

Danny observa como descarregam o caixão do avião.

Sentado junto da janela, vê o carro fúnebre e vários veículos estacionados ao longo da pista. Um motorista abre a porta de um dos carros e Danny vê Abe Stern a sair. Sai devagar, a cambalear, e dois dos seus netos acompanham-no em direção ao caixão.

A polícia opinou que foi um suicídio, claro.

Mas Danny sabe que não.

Josh amava demasiado a vida, nunca se teria suicidado.

O que aconteceu foi que os homens de Licata entraram, puseram-lhe uma pistola na cabeça e fizeram-no beber vodca e tomar os comprimidos. Fizeram com que parecesse um suicídio para que a imprensa não falasse de um «assassinato mafioso» em Las Vegas.

Danny também sabe porquê.

Josh podia trazer um exército, portanto, Licata pensou que, se se livrasse dele, também se livraria do exército.

E tinha razão.

Malditos sejam Kevin e Sean, pensa, por desobedecer à sua ordem direta e atacar a guarida do gangue de Licata. Sabe o que pensavam, que estavam a fazer-lhe um favor.

Mas a paz estava tão perto, pensa Danny.

Estávamos tão perto de deixar tudo isto para trás.

E tiveram de agir por conta própria e deitar tudo a perder.

Mas não mereciam morrer assim. Atados, queimados, decapitados, e com a cabeça cravada num pau como advertência.

Que horror.

E Josh?

Ele também não merecia o que lhe aconteceu. E é culpa minha, pensa Danny. Eu fiz com que o matassem. Um jovem realmente bom, decente e honesto em todos os aspetos, morreu porque ficou do meu lado e porque eu não soube lidar com os meus assuntos.

Todos pagam pelos meus pecados, menos eu.

Sai do avião.

Abe não o vê, continua a avançar para o caixão de Josh, a arrastar os pés. Fica ali parado por um segundo e depois deixa-se cair sobre o caixão, chorando e lamentando-se. Os netos tentam levantá-lo, mas abraça-se ao caixão e não o solta.

Danny aproxima-se e endireita-o com cuidado. Caíram-lhe os anos em cima todos ao mesmo tempo. Tem as faces afundadas, os seus olhos são apenas duas frestas e está por barbear. Olha para Danny e diz:

— Culpo-te por isto.

Com toda a razão, pensa Danny.

— Prometeste que cuidarias dele — diz Abe.

— Eu sei.

— Não o fizeste.

— Eu sei.

Abe dá meia volta e, ajudado pelos seus netos, anda junto do caixão enquanto o levam para o carro fúnebre e o põem lá dentro.

Yitgaddal veyitqaddash shmeh rabba

Be'alma di vra khir'uteh

veyamlikh malkhuteh

Em casa dos Stern, Danny senta-se e ouve recitar o *kadish*, a oração judia de luto.

Não sabia se seria bem-vindo, mas foi de qualquer forma depois do enterro, para expressar as suas condolências. A mãe de Josh abriu-lhe a porta e deixou-o entrar. Só lhe disse «Por favor, tire os sapatos», porque é proibido usar sapatos de couro durante o *shiva*. Deu-lhe uma quipá para que cobrisse a cabeça e voltou para o seu lugar.

Agora, Danny está sentado num dos bancos baixos tradicionais do *shiva* e escuta as antiquíssimas palavras hebraicas sem entender o seu significado.

Yehe shmeh rabba mevarakh

le'alam ul'alme 'almaya

Yitbarakh veyishtabbah veyitpaar veyitromam

veyitnasse veyithaddar veyit'alleh veyithallal...

Olha para Abe do outro lado da sala iluminada por uma vela. Tem pior aspeto do que antes. Continua sem se barbear — como manda a tradição, não se barbeará nem cortará o cabelo durante trinta dias — e parece cansado enquanto se balança para a frente e para trás.

Acaba a prece e Abe vê-o. Levanta-se, faz-lhe um gesto com a cabeça para que o siga e entra no seu escritório.

Nenhum dos dois se senta.

Abe fica calado por um instante e depois diz:

— Vernon Winegard.

— Não acho que tenha tido nada a ver com o assassinato do Josh.

— Ele convidou o monstro a entrar. A responsabilidade é dele. Quero destruí-lo. Não quero matá-lo, mas destruí-lo.

Decorridos os trinta dias de luto, diz-lhe Abe, a Companhia Stern adquirirá as ações do Winegard. Comprará a sua empresa, expulsá-lo-á e impedi-lo-á de fazer negócios onde quer que vá.

Danny assente.

— Allie Licata — diz Abe. — Esse quero-o morto.

— Eu próprio o farei.

— Mais uma coisa. Vais renunciar ao Tara. Venderás as tuas ações e ir-te-ás embora. Construiremos o teu hotel, o teu Sonho, mas não terás nada a ver com ele. Não voltarei a ver-te nem a falar contigo. Agora, por favor, deixa-nos com o nosso luto.

Danny vai-se embora.

Entende.

Terá de pagar um preço.

Marie para à frente do júri e faz a sua alegação final.

— Ouviram os depoimentos das testemunhas — diz. — Viram as provas materiais, as fotografias, os salpicos de sangue, os gráficos. Tudo coincide. Está claro para além de qualquer dúvida razoável que o Peter Moretti filho foi nessa noite àquela casa com a intenção de matar o Vincent Calfo e a Celia Moretti, e foi exatamente o que fez.

»Senhoras e senhores, a prova clássica nestes casos é perguntar-se se o acusado tinha motivos, meios e oportunidade. A resposta para essas três perguntas é claramente um sim. Oportunidade? Sim, estava no local do crime, ele não o nega. Houve duas pessoas, apenas duas, que tiveram oportunidade de cometer os assassinatos: o Timothy Shea e o acusado. Mesmo que o senhor Shea tenha mentido a respeito de ter entrado ou não na casa, os testemunhos deixam claro que não subiu em nenhum momento para o andar de cima. Só o acusado subiu. Só o acusado teve oportunidade de matar a Celia Moretti.

»Meios? Ouviram o Timothy Shea a afirmar que proporcionou ao acusado uma espingarda de calibre doze e ouviram os peritos forenses a declarar que as vítimas foram assassinadas com uma espingarda desse mesmo calibre. A defesa também não o discute. Há alguma controvérsia a respeito de quem propôs destruir a arma homicida. Mas, o que importa? Em qualquer caso, o acusado dispunha dos meios necessários para cometer os assassinatos.

»Falemos agora do motivo. O acusado tinha motivos para matar o Vincent Calfo e a Celia Moretti? De novo, a resposta é um sim terminante. Ouviram o testemunho do senhor Shea, segundo o qual foram de carro até à casa com o propósito rápido de se vingarem pelo potencial papel que as vítimas desempenharam no assassinato de Peter

Moretti, o pai do acusado. Ouviram que foram diretamente para lá da casa de Pasquale Ferri depois de o acusado e o senhor Ferri terem tido uma conversa sobre o assassinato do pai do acusado, e de o acusado perguntar ao senhor Ferri o que devia fazer a esse respeito. Suponho que a resposta para essa pergunta já esteja clara.

»O facto de o Vincent Calfo e a Celia Moretti terem ou não alguma coisa a ver com esse assassinato é irrelevante. A única questão é se o acusado acreditava que era assim e ouviram a sua irmã a testemunhar que lho disse, afirmando tê-lo sabido pela boca da sua própria mãe. O acusado acreditou.

Marie faz uma pausa, bebe um gole de água.

Depois continua:

— O Peter Moretti foi criado com um certo código moral. Esse código moral ensinou-o que não devia procurar justiça através do sistema judicial ou recorrendo à polícia, mas tinha o direito (não, o dever) de se vingar com as suas próprias mãos, mesmo que para isso tivesse de assassinar a sua própria mãe.

»Esse código moral perverso passou demasiado tempo a corromper este estado, toda esta nação, e vocês têm a oportunidade, a responsabilidade, de deixar claro de forma inequívoca que nenhuma pessoa, nenhum grupo, nenhuma cultura está acima da lei.

»Viram provas do assassinato brutal e horripilante de dois seres humanos. As provas são avassaladoras. O acusado matou com premeditação o Vincent Calfo e, logo a seguir, assassinou a Celia Moretti, a sua mãe. A sua mãe.

»Peço-vos que declarem o acusado culpado de todas as acusações.

»Obrigada.

Senta-se.

Bruce passeia à frente do júri.

— O meu cliente, o Peter Moretti filho, estava presente no local do crime. A doutora Bouchard tem razão nisso, não o negamos. Uma espingarda de calibre doze, propriedade do Timothy Shea, foi a arma homicida. Nisso, também tem razão.

»Mas à exceção disso, nada do que vos disse está fora de qualquer dúvida razoável. E esse é o critério que impera aqui, senhoras e senhores. Para que vocês mandem esse jovem para a prisão o resto da sua vida, devem acreditar que não há uma única dúvida razoável em relação à história que o Ministério Público vos apresentou.

»E eu digo-vos que não há apenas uma dúvida razoável, mas muitas.

»Oportunidade? O Peter Moretti teve a oportunidade de cometer o assassinato de Celia Moretti, a sua mãe. Mas não foi o único que a teve. Para acreditarem que foi, têm de aceitar a palavra de um delinquente condenado, o Timothy Shea, que aceitou um acordo com o Ministério Público, um cartão para sair da prisão. Permitam-me fazer-vos uma pergunta: não têm nenhuma dúvida razoável de que não foi o Shea que apertou o gatilho e matou a Celia? Só contam com a sua palavra. Levou literalmente o meu cliente à cena do crime. Como sabemos que não foi ele que cometeu também o crime? Não sabemos. Isso é uma dúvida razoável.

»Meios. O meu cliente tinha os meios, estamos de acordo que dispunha de uma espingarda — a espingarda do senhor Shea —, mas não era o único. De novo, só contamos com a versão do senhor Shea. Do Timothy Shea, um mentiroso e perjuro confesso. Isso também é uma dúvida razoável.

»Motivos. Aqui sentados, ouvimos uma história a respeito de o meu cliente se ver impelido para o assassinato por um rumor a respeito da morte do seu pai. Mas ninguém, além do senhor Shea, testemunhou que o Peter tivesse intenção de matar. A sua irmã não o disse, o senhor Ferri também não. Os únicos que o afirmaram foram o mentiroso Timothy Shea e a procuradora, a doutora Bouchard. E devo recordar-vos que a alegação final da doutora Bouchard não é um testemunho nem é uma prova, é apenas a sua opinião. Baseada em

quê? Não nas provas materiais nem nos testemunhos, mas na sua crença de que existe um «código moral» imaginário sobre o qual não se deu nenhuma prova.

»Ninguém nesta sala, à exceção de Timothy Shea, testemunhou expressamente que Peter Moretti foi à casa nessa noite com a intenção de matar. Talvez tenha ido apenas para falar; talvez tenha ido, sim, para enfrentar o seu padrasto e a sua mãe, e pedir-lhes explicações sobre o que tinha ouvido. Talvez tenha levado uma arma — e fê-lo, de facto —, porque tinha medo de Vincent Calfo, que era um membro perigoso do crime organizado, como o meu cliente sem dúvida sabia, visto que cresceu nesse ambiente.

»E isso é uma dúvida razoável.

»Quanto ao motivo, existe também, claramente, uma dúvida razoável.

»Sim, o Vincent Calfo foi baleado pelas costas. Mas mostrei-vos vários casos em que se pensou que o facto de um polícia dar um tiro a alguém pelas costas era justificado por se tratar de legítima defesa. São coisas que acontecem. Ouviram o testemunho dos detetives da polícia, segundo o qual na casa havia numerosas armas de fogo. De facto, havia uma pistola num armário situado a menos de um metro e meio do senhor Calfo no momento em que foi baleado.

»Dúvida razoável? Eu acho que sim.

»Agora, falemos de Celia.

»É horrível, estou de acordo. As fotografias que vos mostraram são profundamente perturbadoras.

»Mas foi um assassinato? Um assassinato premeditado?

»A Celia ia agarrar numa arma. A gaveta que continha a pistola estava aberta. Houve uma resistência de algum tipo. Mas quem deu um tiro a Celia Moretti — e não estamos a admitir que foi o acusado — pode muito bem ter agido em legítima defesa. Poderia acontecer duas vezes na mesma casa e na mesma ocasião? Numa casa cheia de armas de fogo, sim! É claro que sim! Pode afirmar-se com certeza que

não foi assim? Pode afirmar-se com certeza que não há nenhuma dúvida razoável?

»A verdade é que não sabemos o que aconteceu nesse quarto. Não sabemos quem fez o quê a quem. O Ministério Público não provou a sua versão dos factos para além de qualquer dúvida razoável.

»Sabemos, pelo contrário, que foi o Timothy Shea, não o Peter, que disse que tinham de sair dali. Sabemos que foi o Timothy Shea, não o Peter, que disse que tinham de destruir a arma homicida. Sabemos porque ele mesmo o admitiu, quando o pressionámos para que dissesse finalmente a verdade. Ou, pelo menos, parte da verdade. Primeiro, mentiu a respeito desses factos. Sobre o que mais mentiu?

»Não sabemos. E isso é uma dúvida razoável. Quando não sabemos alguma coisa, forçosamente há uma dúvida razoável.

»Não sabemos se o Peter foi à casa com a intenção de matar. Não sabemos se sentiu medo quando estava ali. Não sabemos se foi ele que disparou o tiro que matou o Vincent Calfo. Não sabemos se foi ele que disparou os tiros que acabaram com a vida de Celia Moretti. E, se foi ele, não sabemos porquê.

»Não sabemos, não sabemos, não sabemos, não sabemos, não sabemos. Dúvida razoável, dúvida razoável, dúvida razoável, dúvida razoável, dúvida razoável.

»Mais duas questões e paro.

»Aqui não está a julgar-se a máfia. Está a julgar-se o Peter Moretti filho. A doutora Bouchard tentou torná-lo responsável por toda uma história do crime organizado, o que é ridículo, é claro. Só tem de responder às acusações concretas que lhe são imputadas. A doutora Bouchard indicou-vos que, ao condená-lo, estarão a pôr fim ao crime organizado. O Peter, independentemente da família da qual provém, não é responsável por nada disso. Nunca foi membro do crime organizado. Não tem antecedentes penais. De facto, é um *marine* condecorado, um veterano de guerra.

»O juiz avisar-vos-á nas vossas instruções de que não devem extrair

conclusões negativas do facto de o Peter não ter deposto em defesa própria. Dir-vos-á que está no seu direito conforme a Constituição e que não devem tê-lo em conta ao tomar uma decisão.

»Conheço o júri, tenho experiência nestas lides. Sei o que estão a pensar, sei que se questionam porque não depôs, que sentem que, se estivessem no lugar dele, teriam querido subir ao estrado, prestar juramento e proclamar a vossa inocência aos quatro ventos. Eu sei e entendo.

»Mas o Peter Moretti não é capaz de fazer isso. É a minha opinião, não a dele. Fui eu que o decidi. O Peter sofre de transtorno de *stress* pós-traumático e tem antecedentes de dependência de drogas, ao que teremos de somar a carga psíquica que representa o facto de a sua irmã se ter suicidado e de terem matado o seu pai. Simplesmente, não é capaz de suportar um desses interrogatórios desumanos que vocês viram a doutora Bouchard a perpetrar no decurso deste julgamento.

»Devem fazer caso à advertência do juiz. É a lei, é o vosso dever.

»Quando considerarem todas estas questões, quando ponderarem as provas e os testemunhos, sei que cumprirão o vosso dever e declararão o meu cliente não culpado.

»Obrigado.

Bruce senta-se.

Esteve bem, pensa Marie.

Arrasou.

Bruce deu-lhe vários golpes.

Mas ela ainda pode conquistar o júri na sua refutação.

— Com todo o respeito — diz —, o senhor Bascombe é um mestre na arte da distração. «Olhem para isto! Olhem para aquilo!» Olhem para tudo menos para o que têm à frente dos vossos olhos, o que todos conseguem ver.

»Portanto, quanto às suas manobras de distração...

»Fizemos um acordo com o Timothy Shea em troca de que testemunhasse? É claro que sim. O Shea foi sempre sincero? Aparentemente, não, mas sabem que mais, senhoras e senhores? Neste tipo de casos raramente chamamos um santo a depor.

»O senhor Bascombe deu a entender que poderia ter sido o Shea a cometer os assassinatos. Não há nenhuma prova disso. Absolutamente nenhuma. E eu pergunto-vos, que motivos podia ter? Nem sequer conhecia o Peter Moretti pai. Nem a Cassandra Murphy. Nunca os tinha visto. A defesa, no entanto, quer que corram atrás desse chamariz.

»Legítima defesa? Por favor...

»O Vincent Calfo foi baleado pelas costas. Enquanto fugia.

»E a Celia Moretti? Tentava agarrar uma arma? Talvez. Mas eis o que destrói o argumento de que foi em legítima defesa: o acusado não disparou apenas uma vez, disparou duas vezes.

»BUM! O primeiro disparo da espingarda acerta no abdómen, à queima-roupa, e estripa-a. Já viram as fotografias. Ela apoia-se na

cômoda e desliza para o chão, viram as manchas de sangue. Senta-se com os intestinos de fora e então...

Faz uma pausa para conseguir o máximo efeito dramático, deixando que o júri intua o que vem a seguir.

— BUM! Dispara de novo. Lamento muito, senhoras e senhores, mas o acusado deu um tiro na cara da sua mãe. Isso não foi em legítima defesa, foi pura raiva.

Há raivas estrondosas: descargas vociferantes, gritos salpicados de saliva. Há raivas sossegadas: sussurros ameaçadores, invetivas murmuradas. E há raivas silenciosas: sem som algum, uma fúria que se engole e se afunda nas entranhas.

Essa é a raiva assassina.

Não há nada a dizer, só há uma coisa a fazer e é matar.

Essa é a raiva que Danny sente agora.

Vai matar Allie Licata. Não vai mandar ninguém, não vai deixar que os outros o façam por ele. Quer fazê-lo ele mesmo, precisa disso.

Uma fúria silenciosa e assassina.

Jimmy tenta dissuadi-lo.

— Nem sequer sabemos onde está o Licata. Certamente, já terá voltado para Detroit.

— Não — responde. — Está aqui.

Tem um assunto pendente.

Matar-me.

— Então, está aqui com duas equipas — diz Jimmy. — E nós somos tu, eu e o Ned.

— Não preciso de uma equipa.

— Danny...

— Mataram esse rapaz — diz. — Não tinham de o fazer. Prometi

que cuidaria dele. E não o fiz.

— E fazer com que te matem vai compensá-lo?

Talvez, pensa Danny.

Em todo o caso, Jimmy tem razão numa coisa: não sabemos onde está Licata. E não podemos matar quem não encontramos.

Allie Licata tem o mesmo problema.

Não consegue encontrar Danny Ryan.

Sabe que estive em Reno para o enterro do neto de Stern, mas depois desapareceu.

Sabe, de qualquer forma, quem consegue encontrar.

— Vem esta noite — diz Jake ao seu pai.

— O Giglione? — pergunta Chris. — A casa?

— Sim.

Tem tomates, pensa Chris. Não só vai foder a minha mulher como, além do mais, tem de ser na minha casa.

Mas está bem, está bem.

— A que horas? — pergunta.

— Às dez e meia.

— É uma visita sexual — diz Chris.

— Estamos a falar da minha mãe — responde Jake.

— Desculpa. Muito bem, quero que faças o seguinte.

Explica-o ao rapaz. Bom, explica-lhe tudo o que precisa de saber.

E depois confia em que o faça.

A espera foi a pior parte.

Esperar que o júri voltasse.

Para Bruce Bascombe não foi para tanto. Como diz o velho ditado, para fazer uma omeleta de presunto e queijo, a galinha envolve-se e o porco compromete-se. Bruce é a galinha neste caso: não quer perder, preocupa-se com o seu cliente, mas, seja qual for o veredicto, sairá do tribunal e continuará com a sua vida.

Para Marie Bouchard devia ter sido igual. De qualquer forma, ela também se vai embora, mas não sabe se consegue seguir em frente com a sua vida como se nada fosse se Peter Júnior levar a sua avante.

Investiu demasiado neste assunto: demasiado tempo, demasiado esforço, demasiadas energias. Demasiada fé na justiça. Acredita seriamente que ela é a voz de Celia Moretti neste mundo, a sua última oportunidade de ser ouvida. Ou seja, para ela, a espera foi terrível.

Para Peter Júnior, foi insuportável.

Ele é o presunto da omeleta. Se o declararem culpado, não sairá a andar livremente do tribunal. Algemá-lo-ão numa sala nas traseiras e depois pô-lo-ão num furgão e levá-lo-ão para a prisão, talvez para toda a vida.

Durante várias décadas, pelo menos.

Portanto, a espera foi horrível.

Passou um dia e depois outro.

Bruce disse-lhe que era um bom sinal, porque quando o júri decide rapidamente, o veredicto costuma ser de culpa.

Marie preocupava-se com o mesmo.

Na maioria dos seus julgamentos, o veredicto foi rápido. Basicamente, os membros do júri esperam para almoçar de graça e depois voltam com a condenação.

Desta vez, não.

Três dias, quatro.

Peter Júnior sentia que ia perder as forças.

Quebrar-se.

E agora, cinco dias depois, o oficial de justiça avisa-os de que o júri chegou a um veredicto.

Sentam-se na sala e veem o júri a entrar em fila.

Marie olha para o presidente, tentando deduzir alguma coisa, mas ele, com um ar neutro, não lhe retribui o olhar.

Marie quase não consegue respirar.

Entra o juiz Faella e põem-se de pé.

Bruce apoia a mão no ombro de Peter Júnior.

O rapaz parece prestes a chorar.

O oficial de justiça lê o formulário do veredicto.

— O júri chegou a um veredicto a respeito da acusação de assassinato em primeiro grau de Vincent Calfo?

— Sim — responde o presidente.

— Como declaram o acusado?

Marie engole saliva.

Peter Júnior agarra-se à beira da mesa da defesa.

O presidente diz:

— Declaramos o acusado não culpado.

Marie sente um aperto no coração.

Ouve a lista de acusações: homicídio em segundo grau, homicídio voluntário, homicídio involuntário... Não culpado, não culpado, não culpado. De modo que, ou engoliram o argumento de que foi em legítima defesa ou pensaram que Peter tinha motivos justificados para

matar Calfo, e que se lixassem as instruções do juiz.

Peter Júnior desata a chorar.

Tremem-lhe os ombros, chora de alívio.

Sim, bom, espera rapaz, pensa Marie. Talvez o júri não tenha achado bem que matasses a tua mãe.

— O júri chegou a um veredicto a respeito da acusação de assassinato em primeiro grau de Celia Moretti?

Vamos lá, pensa Marie.

O presidente diz:

— Não.

O quê?

— Meritíssimo — diz o presidente —, não conseguimos chegar a um veredicto.

Marie está estupefacta.

E mais ainda quando Peter Júnior perde a cabeça e se vai abaixo.

Começa a soluçar, levanta a cabeça e olha para o júri.

— Eu fi-lo — diz. — Matei-a.

Bruce agarra-o.

— Peter, tu não...

Ele escapa com um puxão.

— Fui eu! Eu matei-a! Queria matá-la! Lamento muito! Lamento muitíssimo!

A sala abarrotada enlouquece.

Os jornalistas saem, abrindo caminho aos empurrões, para ligar aos seus editores.

Faella bate com o martelo, pedindo ordem.

Bruce olha para Marie e encolhe os ombros.

E agora?

Marie faz o mesmo. Sim, e agora?

Faella tira a toga, pendura-a nas costas da sua cadeira e senta-se.

— Por amor de Deus, Bruce, não podias controlar um pouco o teu cliente?

— Lamento muito, meritíssimo.

— Isto é território desconhecido — acrescenta Faella. — É a primeira vez que me encontro nesta situação.

— Nós também — diz Bruce.

Que rica confusão, pensa Marie. O veredicto sobre o assassinato de Calfo é o caso mais evidente que viu de desobediência às instruções do juiz, e assim o diz.

— Proferiu-se o veredicto — diz Faella. — Acabou.

— Mas é evidente que ignoraram as suas instruções, meritíssimo.

— E eu vou deixá-lo passar — responde Faella. — O problema que nos ocupa é o veredicto do caso de Celia Moretti. Temos um júri em desacordo.

— O acusado confessou em audiência pública — diz Marie.

— Mas não tinha prestado juramento — alega Bruce. — Tecnicamente, é «ouvir dizer». Certamente, não é um testemunho. Eu pediria a nulidade, mas de facto não há nada para anular.

— Ele tem razão, Marie — diz Faella.

Ela sabe. Mas também sabe que Faella está numa posição difícil. Nessa mesma noite, à hora do telejornal, e sem dúvida amanhã quando saírem os jornais, todos em Rhode Island saberão que Peter Moretti Júnior confessou que matou a sua mãe. Assim, o que é que o juiz tem de fazer? Deixar o rapaz livre? Mas, se mandar o júri

deliberar outra vez, voltará ao fim de dez minutos com um veredicto de culpa baseado numa «prova» que os seus membros não deviam ter ouvido.

Como de costume, Bruce antecipa-se.

— Não podes pedir ao júri para deliberar outra vez. Ouviram o que ouviram, esse sino já tocou e não pode evitar-se.

— Esse «sino» foi uma confissão completa — argumenta Marie, embora saiba que não tem razão. — Não foi resultado da coação nem da manipulação, foi uma confissão voluntária.

— Feita por um acusado que evidentemente não estava em pleno uso das suas faculdades — responde Bruce. — Mais cinco minutos e esse louco até teria confessado o assassinato do Lincoln. A única opção aqui é anular o julgamento.

— Solicitas a nulidade? — pergunta Faella.

— Solicito a nulidade do julgamento, meritíssimo.

— Pelo amor de Deus — diz Marie.

— Marie...

— Mas, vamos mesmo repetir tudo isto?

— Isso depende de ti, Marie — responde Bruce. — Podes optar por não voltar a processá-lo.

— O quê? E temos de fingir que não faz mal que tenha estripado e decapitado a sua própria mãe só porque nos parece muito incómodo repetir o julgamento? É o que vamos fazer?

— Volto a dizer-te o mesmo — responde Bruce, olhando para ela.

— Muito bem, proponho-te uma coisa — diz ela. — O Peter repete a sua confissão por escrito e eu ofereço-lhe um acordo de conformidade por um homicídio em segundo grau. Parece-te bem, Bruce?

— Não permitirei que volte a dar esse espetáculo.

— Ah, ena, de maneira que agora controlas o teu cliente — diz Marie.

— É uma solução razoável, Bruce — intervém Faella.

— A não ser que sejamos o Peter Moretti — responde Bruce. — Dá-nos muito jeito, claro, resolve este problema. Mas não posso, conscientemente, recomendá-lo ao meu cliente porque é melhor para ele que se repita o julgamento.

— Vá lá, Bruce... — Marie está enojada porque sabe qual será a sua jogada seguinte. — Então argumentarás que não pode ter um julgamento justo porque todos os possíveis jurados terão ouvido a sua confissão inadmissível.

Bruce encolhe os ombros: pois sim.

— Meritíssimo — diz Marie —, se aceitarmos essa premissa, qualquer acusado poderia aparecer no tribunal, dizer que sim, que é culpado, e depois argumentar que não pode ter um julgamento justo baseado na sua própria confissão! E isto seria o paraíso!

Faella suspira.

— Não tenho outra opção senão declarar o julgamento nulo. Marie, se quiseses voltar a iniciar o processo, é coisa tua. Suspeito que um novo julgamento seguiria em frente porque, certamente, conseguirás encontrar doze pessoas que não vejam televisão nem leiam os jornais. Boa sorte com eles, de qualquer forma. Mas será com outro juiz, porque eu estarei em Delray Beach a tentar esquecer este caso e que vos conheço aos dois.

— Quero que se sonde o júri, meritíssimo — diz Marie. Seria bom saber até que ponto estiveram perto de chegar a um veredicto, assim, teria mais fundamentos para decidir se se volta a iniciar o processo.

— És um aborrecimento, Marie — diz Faella.

— Não é que o júri esteja em desacordo, é um julgamento nulo — diz Bruce. — Não há obrigação de sondar o júri.

— Obrigado por me esclareceres a lei — responde Faella. — Não haverá sondagem. Agora, vamos dizer ao simpático júri que já pode ir para casa.

Levanta-se.

Bruce sorri para Marie.

— A bola está no teu campo.

Ela entende imediatamente o que quer dizer.

Joga sozinha.

— O John Giglione vem cá — diz Cathy.

— Quando? — pergunta Jake.

— Dentro de uns minutos. E não me olhes assim.

— Como? Não estou a olhar.

— Com essa cara de nojo, como se estivesses a pensar que a tua mãe é uma puta — responde Cathy. — O que queres que faça, Jake? Que passe a vida à espera do teu pai?

Os segredos interpõem-se entre eles como um muro. Não lhe diz que o seu pai voltou, nem ela lhe diz que já sabe.

— Esperaste este tempo todo — diz Jake.

— E foi mais do que suficiente.

Jake está muito perto, pertíssimo de lho dizer. Cathy conhece o seu filho, sente como lhe custa conter-se.

— Portanto, queres que me vá embora — diz Jake.

— O que se passa? Queres estar cá para o cumprimentar?

— Foda-se, não.

— Então, mais vale ires.

— Saio pelas traseiras — diz Jake, levantando-se. — Não quero encontrar-me com ele.

Atravessa a cozinha e sai pela porta traseira.

Deixa-a aberta.

Danny toca à campainha de Eden.

Ninguém vai abrir a porta.

Volta a tocar, espera e finalmente abre com a sua chave.

— Eden?!

Nada. Não há resposta.

Então, vê o bilhete na mesa.

QUERE-LA? NÓS TEMO-LA.

Há uma morada.

John Giglione já tem uma ereção em que poderia pendurar um casaco.

Qual é a palavra?, pensa.

Expectativa.

Há anos — anos! — que tem vontade de foder esta gaja e esta noite ela vai finalmente ceder. A putinha deve pensar que tem uma vagina de ouro, de platina ou seja o que for. É como se fosse a chave do reino.

Há anos que não está com um tipo? Deve estar encharcada.

Expectativa.

Para à frente da casa de Cathy Palumbo.

Morisi já estava estacionado na rua, ali perto. Abre a janela do carro.

— O rapaz acabou de se ir embora. Há uns minutos. Está sozinha.

— De certeza?

— Não entrou nem saiu mais ninguém.

— Continua a vigiar — diz Giglione.

Aproxima-se e toca à campainha.

Cathy subiu para mudar de roupa, «para vestir algo mais confortável», como dizem nos filmes, não uma camisa de noite nem nada muito provocador, mas um roupão de seda verde que destaca a cor dos seus olhos. Pôs um pouco de perfume no pescoço e na barriga, para que John não tenha nenhuma dúvida do que vai acontecer.

— Estás muito bonita — diz-lhe ele, quando abre a porta.

— Estou, não estou? — responde ela. — Entra. — Aproxima-se do pequeno bar da sala. — Queres beber alguma coisa? Um vinho?

— O que vais beber?

— Um copo de vinho.

— Então, serve outro para mim.

— Tinto ou branco?

— Tinto.

— Está bem, tinto. — Serve um copo para ela e outro para ele, e dá-lho ao sentar-se ao seu lado no sofá. — Isto devia ter acontecido há muito tempo.

— E porque demorou tanto?

— Porque estava à espera — responde Cathy. — Queria ver...

— O quê?

— Qual de vocês tomava as rédeas. E parece que vais ser tu.

— Portanto, trata-se disso? — pergunta John. — Vais para a cama comigo porque vou ser o chefe?

— Diz-me que mulher não se sente atraída pelo poder. É um afrodisíaco.

Imagina que essa é uma das poucas palavras polissilábicas que

Giglione conhece.

E é verdade que a conhece.

— Como a mosca espanhola.

— Exato.

— Ou como as ostras.

— Melhor ainda — diz Cathy. — Portanto, vamos acabar o vinho e subir para o quarto.

Vamos acabar com isto de uma vez.

Então, Chris entra.

É um armazém na parte este da cidade.

Danny para o carro e sai. Sabe que não vão dar-lhe um tiro imediatamente: Licata quererá mais alguma coisa. Não vão matá-lo ali mesmo; vão levá-lo a Licata, a algum lugar onde o mafioso possa despachá-lo à sua vontade. Depois, desaparecerá. *Danny Ryan desaparece de novo.*

Está bem assim.

Não importa. A única coisa que importa é Eden.

Um tipo sai de uma carrinha.

Cumprimenta-o com a cabeça e depois ergue o queixo assinalando a carrinha.

Como se dissesse: «Está ali dentro».

— Se lhe fizeram algum mal — diz Danny —, mato-vos a todos.

O tipo sorri.

— Nem pensar, vais estar morto.

— Os meus homens irão atrás de vocês. Nunca pararão.

— Relaxa, chefe — diz o tipo. — Ela está bem, só um pouco assustada.

— Solta-a.

— É muito simples. Entras e ela sai. Vou revistar-te. Já sabes que não estou sozinho. Se tentares alguma coisa, primeiro rebentam-lhe a cara e depois a ti. Entendido?

Danny levanta os braços.

O tipo aproxima-se, revista-o e agarra na sua Heckler & Koch P30.

— Bonita peça.

Escolta-o até à carrinha e abre a porta de correr.

Danny entra.

Eden tem as mãos atadas atrás das costas, os olhos vendados e uma mordação na boca.

Há um tipo sentado ao seu lado e outro à frente, atrás do volante.

— Vai correr tudo bem — diz-lhe Danny. — Não vai acontecer-te nada.

Esteve a chorar, o rímel escorreu-lhe pelas faces, mas não parece ferida, não parece que lhe tenham batido.

— Tira-lhe a mordação — diz Danny.

— Desatará a gritar.

— Não, não desatará a gritar.

O tipo aproxima-se e tira-lhe a mordação.

Danny diz:

— Vão soltar-te. Depois, eu vou com eles. Preciso que esqueças que isto aconteceu. Não vás à polícia, não tentes fazer nada, segue em frente com a tua vida. Entendes?

Eden assente. Está aterrorizada.

— Amo-te — diz Danny. Agarra-a pelo cotovelo, ajuda-a a sair da carrinha e desata-lhe as mãos.

— Vais contar até cem — diz o tipo —, como quando jogas às escondidas. Depois, podes tirar a venda. Se a tirares antes, a última coisa que ouvirás será um *bang*. De acordo?

Eden assente.

O tipo fecha a porta, dá a volta e senta-se no banco do copiloto.

A carrinha arranca.

Danny olha para Eden, ali de pé.

O tipo aponta-lhe para a cabeça.

— Deita-te no chão.

Ele obedece.

O tipo pergunta:

— Vais tornar isto fácil, não vais?

Sim, pensa Danny.

Chris entrou pela cozinha, pela porta por fechar.

Aponta para a cabeça de Giglione com a 38 silenciada e diz:

— Pousa o copo, John. Põe as mãos onde possa vê-las.

— Estás a cometer um erro — responde Giglione. — Tenho um homem lá fora.

— Tens um homem morto lá fora. Dei dois tiros na cabeça desse tolo. Cathy, tens de ir.

— Estou de roupão.

— Vai-te embora. Sai pelas traseiras. Vai para algum lugar e fica no carro.

Ela levanta-se e sai.

Chris ouve a porta da cozinha a fechar-se.

— Destróis-me os negócios e ainda por cima ias foder a minha mulher? — pergunta.

— Chris...

— Chris, nada.

— Não o faças — diz Giglione. — Os outros irão atrás de ti.

— Quem, o Vacca? Está morto. E o La Favre? Morto também. O Iofrate, morto. O Marraganza, morto. E o Jacky Marco estará morto de manhã.

— Então, o Pasco...

— Foi o Pasco que deu a ordem — responde Chris. — Achavas que as grandes famílias e ele iam deixar que continuassem a montar este circo? Pensavas mesmo que iam permitir que um cretino pouco importante como tu fosse o chefe?

As grandes famílias mandaram várias equipas.

Assassinos a sério.

Já está tudo acabado.

Mas Chris queria fazer aquilo pessoalmente.

Danny jaz no chão das traseiras da carrinha, com uma pistola a apontar-lhe para a cabeça. Não se incomodaram em vender-lhe os olhos, portanto, sabe que não vai voltar. Não têm medo de que testemunhe.

— Seja como for, vou matar o teu chefe — diz.

— Sim, e como vais fazê-lo? — pergunta o tipo. — Da campá?

— Se for necessário, sim.

O tipo ri-se.

— Eh, assim serias promovido — diz-lhe Danny.

— Não, o próximo na fila é o Chucky.

— Ele também vai morrer.

Chris aponta a arma.

— Para cima — diz. — Era para lá que ias, não era? Com a minha mulher. Vá, traz o vinho.

Olha para Giglione enquanto sobem para o quarto e depois entram na casa de banho.

— Entra no duche.

— O quê?

— Entra no duche. Achas que vou destruir a carpete tão bonita da Cathy, quando está tão bem limpa? É uma maníaca da limpeza, homem.

Gig entra no duche.

— Chris, por favor. Tenho dinheiro, dou-to todo, todo, mas, por favor...

— Bebe um gole, John. Assim, acalmar-te-ás.

— Suplico-te...

— Bebe um gole.

John levanta o copo. Precisa das duas mãos para o aproximar da boca e mesmo assim verte o vinho. Consegue beber um gole antes de Chris lhe dar um tiro na garganta.

A carrinha para.

Danny ouve o barulho de um portão a abrir-se, a carrinha avança e volta a parar.

— Já chegámos — diz o tipo.

Danny endireita-se um pouco e olha para fora.

É um ferro-velho em Rulon Earl.

Um terreno de cimento e gravilha rodeado por uma cerca rematada com arame farpado. Uma dúzia de carros velhos à frente de um edifício de chapa, que é onde — imagina Danny — Licata espera para o torturar.

Certamente, estará a olhar pela janela partida, atrás da grade.

Tiram-no da carrinha e levam-no de rastos para a porta, abrem-na e empurram-no para dentro.

Parece uma oficina mecânica.

Alguns carros em cima de elevadores hidráulicos, outro apoiado num macaco, maçaricos de acetileno, serras e lixadeiras para metal.

Ferramentas de sobra para Licata, pensa Danny.

— Danny Ryan — diz Licata. — Eu faria isto depressa, mas os nossos amigos de Providence querem que sofras. O John Giglione manda-te lembranças. Pediu-me para te magoar muito.

Chucky deixa escapar um risinho. Não uma gargalhada; uma merda de um risinho como o de uma menina pequena. Um som estranho vindo de um homem tão grande.

Licata observa a reação de Danny.

Mas Danny não se altera.

Chris vai ao barracão e pega numa esfregona, num balde, numas luvas de borracha e numa serra.

Volta para cima e esquarteja Giglione. Põe os pedaços em vários sacos do lixo de plástico preto, lava o duche e esfrega-o com Lysol. Depois, vai-se embora no carro e atira Giglione por toda a baía de Narragansett.

Liga a Jake para que se encontre com ele em casa.

Quando chega, o rapaz parece alterado.

— O Giglione está...?

— Nunca esteve aqui.

Jake fica branco.

— Eu...?

— Tu não fizeste nada de mal — responde Chris. — Fizeste-o muito bem. És um bom filho, Jake. És melhor filho do que eu sou pai.

— E agora...?

— Agora, sou o chefe. Algum dia, serás tu, se quiseres. Embora espere que não. Porque tem o seu preço.

— Entendo.

— Acho que sim, que entendes — diz Chris.

Licata assinala um poste de aço com o queixo.

— Acorrentem-no. Vamos começar.

Os dois tipos que trouxeram Danny vão a correr para a porta.

Licata abre muito os olhos.

— Mas o que...?

Danny pega na pistola e aponta para a sua cabeça.

— Sabes o que alguém me disse uma vez sobre ti? Que até os psicopatas te consideram um tarado. Os teus próprios homens querem ver-te morto.

Licata não pestaneja.

— Achas que sou tolo? Que não tomo precauções? Copiei-te a jogada, Danny Ryan. Tenho pessoas junto da tua casa. Se não sair daqui, se não fizer uma chamada, o teu filho... Ian, não é?... acabará como o Bryce Winegard.

Danny baixa a arma.

Os Sox estão à frente no marcador, para variar.

Ganham aos Angels por dois pontos.

No fim da sétima entrada.

Mas não vai durar, pensa Ian, porque vão sair os substitutos com as pilhas completamente carregadas. E não têm assim tanta vantagem.

— Queres mais pipocas? — pergunta Ned. — Outro refrigerante?

— Apetece-me uma Coca-Cola — diz Ian. — Tu queres uma cerveja?

— Quando disse que não a uma cerveja?

Ian levanta-se e vai ao frigorífico. Agarra numa Coca-Cola para ele e numa Sammy para o tio Ned. A sua avó matá-lo-ia se soubesse o que jantou: hambúrgueres com *bacon*, batatas fritas e gelado. E agora pipocas, *pretzels* e várias Coca-Colas.

Mas Madeleine está a viajar, voltará tarde e olhos que não veem...

Passa a cerveja ao tio Ned.

— Dois pontos serão suficientes?

— Com seis *outs* e a esta altura do jogo? — diz Ned. — Nem vinte seriam suficientes.

Efetivamente, dois lançamentos depois uma bola curva desvia-se e passa por cima do Monstro Verde[2].

— Merda — diz Ian.

— Essa língua — repreende-o Ned.

— Desculpa.

— Não posso ver isto outra vez — diz Ned. — Vou sair para fumar um cigarro.

— Podes fumar aqui.

— Prometi à tua avó.

Ned levanta-se e sai.

[2] É assim que se conhece popularmente o muro esquerdo de Fenway Park, o estádio dos Red Sox de Boston. (*N. da T.*)

Licata levanta a arma.

Danny é mais jovem e rápido. É um ato reflexo; levanta a mão e aperta o gatilho.

Chucky salta para a frente do seu pai. O tiro acerta-lhe no peito e fá-lo cair.

Licata atira-se para o chão e dispara enquanto recua de rastos.

Danny vira-se e esconde-se atrás do poste. As balas ricocheteiam dentro do edifício metálico.

Chucky ofega, tentando respirar.

— Chucky! Chucky! — grita Licata.

Danny espreita e olha para o lugar de onde vem a sua voz.

Licata dispara de novo. As balas passam a assobiar junto do nariz de Danny, que se baixa atrás do poste.

Silêncio agora, à exceção da respiração áspera de Chucky.

Danny vira-se para o outro lado do poste e volta a olhar.

Licata está atrás de um carro apoiado num macaco.

Danny dispara.

Licata baixa-se.

Chucky arrasta-se para o carro, deixando um rasto de sangue.

— Papá... papá... papá, por favor. Ajuda-me.

Licata não sai de trás do carro. Põe-se por baixo e estica a mão ao seu filho.

— Chucky...

Danny sai a correr do seu esconderijo.

Licata dispara outra vez, mas não tem um bom ângulo.

Danny aproxima-se de um lado do carro e...

...solta o macaco.

O carro cai sobre as pernas de Licata.

Grita, luta, retorce-se.

Mas está preso.

Da boca de Chucky saem bolhas de sangue.

Morreu.

Licata vê-o.

Aproxima a arma da sua cabeça.

Danny tira-lha da mão com um pontapé.

Licata levanta o olhar para ele.

— O teu filho está morto.

O atirador de Licata, um sicário de Detroit chamado Dave Meegan, olha para o seu relógio.

Dez em ponto.

As ordens de Licata eram claras; se não tivesse ligado às dez, Meegan tinha de entrar. Mas, por amor de Deus, matar uma criança? Esse nunca foi o seu estilo.

Não se toca nas famílias.

Meegan não gosta nada. Mas gosta de respirar e se não fizer o que Licata diz...

Licata grita.

— Ahhh, meu Deus, como dói! Dói-me! Tira-me isto de cima! Tira-o! Dói-me!!!

Danny baixa-se ao seu lado.

— Por favor... por favor... meu Deus! Mamã!

Licata uiva e depois geme e resmunga.

A bexiga esvazia-se e depois os intestinos.

Suspira.

A sua boca abre-se.

Danny procura um pano e põe-no no depósito de gasolina.

Pega-lhe fogo e vai-se embora.

Tem de voltar para Ian.

Só então é que sente que lhe corre sangue pela perna e percebe que está ferido.

Tanto faz.

Tem de salvar o seu filho.

Meu Deus, por favor, pensa, que esteja vivo.

O braço aperta o pescoço de Meegan como um torno.

Meegan tenta virar a cabeça para aliviar a pressão, mas não consegue. Depois, tenta alcançar a arma que tem na anca, mas também não consegue.

Ned limita-se a aguentar: tem os antebraços fortes, muito mais fortes do que o tipo que se retorce a tentar escapar e que depois esperneia espasmodicamente.

Então, Ned sente o cheiro a merda.

Aguenta mais um segundo, solta-o e o suposto sicário desliza até ao chão. Ned agarra-o pelos pés e arrasta-o até às traseiras da casa, para junto dos caixotes do lixo.

É muito esforço.

Custa-lhe a respirar quando volta a entrar na casa.

— Como está o marcador?

— Perdemos por um ponto — responde Ian.

— Era o que imaginava. Tenho de fazer uma chamada.

Entra no quarto e liga a Jimmy Mac.

— Viste o Danny?

— Não. Foi ver essa mulher. Porquê?

— Vem para cá. Preciso que me leves o lixo.

Desliga.

E depois desaba.

Ian ouve o golpe.

Entra a correr no quarto e vê o tio Ned no chão.

— Tio Ned! Tio Ned!

Embora esteja assustado, agarra no telefone e marca o número das emergências.

Depois, ajoelha-se junto do tio Ned e tenta recordar o que aprendeu sobre como medir o pulso.

Estão de pé no quarto.

— Este quarto, agora que o vejo... — diz Chris. — Estou a pensar que a cama devia estar na outra parede, para que o sol te bata na cara quando acordares.

— Ah, é o que pensas? — pergunta Cathy.

— Foi por isso que o disse, sim.

— O que aconteceu ao Giglione? — pergunta Cathy.

— Ao John? Nada, mas não voltará a incomodar-te.

— Há outros.

Olha fixamente para ela.

— Não, não há.

Ela entende.

— Então, o que achas da cama? — pergunta Chris.

— Achas que vai ser assim tão fácil? — replica Cathy. — Apareces de repente, comportas-te praticamente como se fosses o meu gigolô e agora tenho de me meter na cama contigo?

— Sim, mais ou menos.

— Perdemos anos, Chris — diz ela.

— Eu sei. E lamento.

— Alguns dos nossos melhores anos.

— Não devíamos perder mais. Vamos, ajuda-me com a cama.

Mexem a cama.

Depois, usam-na.

Uma e outra vez.

Quando o sol nasce à frente dos olhos de Chris, aquece-lhe a cara.

Danny abraça Ian.

Com força.

— Graças a Deus, graças a Deus.

— Estás ferido — diz o seu filho.

— Estou bem.

Mas custou-lhe muitíssimo entrar na carrinha e conduzir até casa. E cagou-se de medo ao ver as sirenes e depois a ambulância.

O coração parou.

Mas então viu Ian lá fora, com Madeleine. Saiu com um salto da carrinha e agarrou o seu filho.

— Graças a Deus, graças a Deus.

— É o Ned — diz Madeleine. — Um ataque de coração.

— Eu estava com ele — acrescenta Ian. — Não sabia o que fazer. Liguei para as emergências.

— Fizeste muito bem.

— Estás a sangrar — diz Madeleine. — Temos de tratar disso.

— O que te aconteceu? — pergunta Ian.

— Fiz uma tolice — diz Danny, enquanto o ajudam a entrar na casa. — Adormeci ao volante e saí da estrada.

— De quem é essa carrinha?

— De uns amigos. Colega, faz-me um favor. Podes fazer café? Sabes como se faz?

— Claro.

— Ótimo.

Madeleine leva-o para uma casa de banho do andar de baixo. Baixa-lhe as calças e olha para a sua perna.

— Deram-te um tiro — diz.

— Acho que a bala me atravessou a perna. Tens um Tampax?

— Esses tempos já passaram.

— Ligaduras, então.

A sua mãe abre o armário dos medicamentos e tira duas ligaduras de compressão grandes.

— Mas tens de ir ao hospital.

— Não — diz Danny. — Depois, pedirei a um dos nossos médicos para me examinar, mas agora tenho de ir ver o Winegard.

— Danny, porquê?

— Para resolver as coisas. — Levanta-se com dificuldade e puxa as calças. — E o Ned?

— Morreu. Os paramédicos disseram-me.

— Contas ao Ian?

— Claro, embora ache que já sabe. O que vais fazer com o Winegard?

— Não sei.

Jimmy está à espera na sala.

— Estás bem?

— Sim.

— E Detroit?

— Isso acabou.

Jimmy assente.

— O Ned deixou uma encomenda atrás da sua casa. Já me livrei dela.

Meu Deus, pensa Danny. Era verdade que Licata tinha um assassino ali. Para matar Ian. Ned salvou a vida do meu filho.

Protegeu três gerações da família Ryan.

Deus o abençoe.

— Vou ver o Winegard — diz.

— Levo-te.

— Não. O que vais fazer é voltar para San Diego, tratar do teu negócio e estar com a tua família. Adeus, Jimmy.

— Adeus, Danny.

Abraçam-se rapidamente.

Danny afasta-se quando Ian entra com uma chávena de café.

— Obrigado, homem — diz Danny. — Precisava disto.

— Papá, o Ned está...?

— Sim, Ian. Lamento muito.

Ian tenta conter as lágrimas, mas aparecem e caem-lhe pela cara.

— Era um bom tipo — diz Danny.

Ian assente.

Danny põe-lhe as mãos nos ombros.

— Ian, tenho de ir fazer uma coisa...

— Mas estás ferido!

— Estou bem. Voltarei dentro de um instante. Vamos começar a planear outra viagem de bicicleta, está bem?

— Está bem.

— Amo-te, filho — diz Danny. — Sabes, não sabes?

— Sei, sim — responde Ian. — Eu também te amo.

— Que sorte que tenho. Agora, vai para a cama, dormir. Quando acordares, estarei em casa.

Encontram-se no deserto.

Longe de olhares e ouvidos, num caminho de terra a este da cidade, junto de uma ravina íngreme. Sentaram-se na terra, à beira da ravina, e olham para a lua cheia sobre o deserto.

— Meu Deus, Vern — diz Danny —, como deixámos que isto acontecesse?

— Não sei. O Licata...

— Está morto.

Vern mal reage. Depois diz:

— Ainda bem. Isso é bom.

— Mandaste-o matar-me, Vern?

— Pensava que os teus homens vinham atrás de mim.

— Ambos lixámos tudo. Se tivéssemos falado...

— Nessa manhã... O Bryce...

— Eu sei. — Danny observa o deserto; uma lâmina de prata por baixo da lua cheia. — Quero que saibas que o Stern vai destruir-te.

— Não me importa — diz Vern. — Quando se perde um filho, o resto...

— Eu também estou acabado, para o caso de te servir de alguma coisa — diz Danny.

— Tu ainda tens o teu filho.

Vern tira lentamente uma pistola da cintura.

Aponta para Danny.

— Vern...

— Anda — diz. — Levanta-te e anda.

— Não queres...

— Levanta-te e anda, Ryan, ou juro-te por Deus que te dou um tiro na merda da cara.

Danny levanta-se com esforço. Dói-lhe a perna, sente-a fraca, mas consegue andar.

Vern diz:

— Tu tens o teu filho.

Danny ouve o estalo do percussor.

— Agarra-te a isso — diz Vern.

O tiro ecoa no canhão.

Eden abre a porta.

Vê Danny.

Está pálido.

Branco.

Agarra-o pelo braço.

— Entra.

— Não — diz Danny —, só venho para te dizer que lamento. Para me despedir. Sei que não podes estar comigo.

— Não posso, Danny. Amo-te, mas não posso.

— Não deves.

— Essa gente...

— Não tens de te preocupar mais com eles. Não voltarão a incomodar-te. Ninguém voltará a incomodar-te.

— O que fizeste? — pergunta. — Não, não importa, não quero saber. — Eden baixa o olhar, vê a sua perna. — Estás a sangrar. Mais vale entrares e sentares-te.

— Não quero sujar-te os móveis de sangue.

— O que importa isso? — Fá-lo entrar, leva-o para o sofá e senta-se.
— Dan, vou chamar...

Ele está inconsciente.

Repetir ou não repetir o julgamento, pensa Marie.

Essa é a questão.

Naturalmente, Bruce não permitiu que Peter Júnior repetisse a sua confissão, e muito menos por escrito, e Peter seguiu o conselho do seu advogado. A consciência do jovem flutua entre a culpa, a responsabilidade e o desejo natural de não passar o resto da sua vida na prisão. Marie entende isso.

Peter é um caso perdido. Segundo as informações que chegam da prisão, oscila entre um mutismo quase catatônico e arrebatamentos de demência, entre os ataques de choro e os solilóquios sem sentido, e tão depressa proclama a sua culpa como a sua inocência, e amaldiçoa o mundo, a si mesmo e a Deus.

Marie examinou todas as questões técnicas: o custo para o Estado, a possibilidade de encontrar jurados imparciais, a disponibilidade das testemunhas, as probabilidades de obter um veredicto de culpa.

Tudo isso a impulsiona a repetir o julgamento: simplesmente, não pode permitir que um homem que assassinou a sua mãe saia impune.

Mas uma coisa são as questões práticas e outra as morais.

E agora está presa numa dúvida elementar, ainda mais difícil pela sua simplicidade.

O que é o correto?

Por um lado, o correto é fazer tudo o que estiver ao seu alcance para que se faça justiça por Celia Moretti. É o meu dever, o que jurei, diz-se, além da minha inclinação natural.

Celia Moretti merece justiça.

Mas em que consiste essa justiça?, pergunta-se.

Em mandar o seu filho para a prisão toda a vida?

Celia teria querido isso?

Tanto faz o que queria, diz-se.

É a lei.

Mas, a lei pode ser misericordiosa?

(Peter foi misericordioso com a sua mãe?, pergunta-se Marie).

Lembra-se da sua formação anterior, da sua educação bíblica. Ou seja, Tiago 2:13: *Porque o juízo é sem misericórdia para com aquele que não usou de misericórdia. A misericórdia triunfa sobre o juízo.*

Agarra no telefone.

Marca o número de Bruce.

— Marie — responde ele —, ligas-me para me dizer que vamos enfrentar-nos de novo? Estou cheio de vontade.

— Vou aceitar a inimizabilidade por transtorno mental — diz Marie.

Um silêncio longo.

Depois Bruce diz:

— Posso perguntar-te porque mudaste de parecer?

— Porque é o correto — responde Marie. — Não tenho a certeza de que o teu cliente seja mentalmente capaz de entender as acusações que pesam sobre ele, nem de que tenha a capacidade de participar de maneira significativa na sua própria defesa.

— Estou de acordo.

— E talvez assim possa conseguir a ajuda de que precisa.

— Marie, mas tens coração... Que surpresa agradável.

— Mas tem de ser num centro fechado — acrescenta ela. — E devemos combinar em privado que estará dez anos lá, no mínimo.

— E se deixarmos que os psiquiatras o decidam?

— Não, nada disso. Essa é a minha oferta, Bruce. Tu sabes que é boa. Aceita-a ou iremos a julgamento e talvez o Peter acabe

condenado a prisão perpétua. Fala com o teu cliente.

— Falarei com a Heather, é melhor.

— Com a Heather? Porquê?

— Porque consegui que um tribunal a nomeasse tutora do seu irmão. Como sabes, o Peter não tem mais família.

— A Heather aceitará o acordo?

— Encarregar-me-ei de que o aceite — responde Bruce. — Porque é verdade que é o correto. Obrigado, Marie.

Marie desliga.

«A misericórdia triunfa sobre o juízo», pensa.

A misericórdia acima do juízo.

Danny Ryan observa como o edifício se desmorona.

Parece estremecer como um animal atingido por um tiro, depois fica perfeitamente imóvel por um instante, como se fosse incapaz de reconhecer a sua morte, e então desaba sobre si mesmo. Onde antes se erguia o velho casino resta apenas uma coluna de pó que se eleva no ar como o truque barato de um ilusionista de salão, a uma escala gigantesca.

«Implosão», chamam-lhe, pensa Danny.

Desmoronamento desde dentro.

E não são todos?

Ou pelo menos a maioria.

O cancro que matou a sua mulher, a depressão que aniquilou o seu amor, a podridão moral que se apropriou da sua alma.

Implosões, todas elas; todas desde dentro.

Apoia-se na bengala porque continua a ter a perna fraca, ainda rígida, ainda dorida como um eco do...

Do desmoronamento.

Observa como se levanta o pó: uma nuvem em forma de cogumelo, de um castanho-acinzentado sujo que contrasta com o azul limpo do céu do deserto.

Dissipa-se a pouco e pouco e desaparece.

Até que já não resta nada.

Como lutei, pensa, o que dei por este...

Por este nada.

Por este pó.

Vira-se e avança a coxear pela sua cidade.

A sua cidade em ruínas.

Epílogo: Lar

EPÍLOGO

Lar

Rhode Island,
2023

O que resta no fim?

Virgílio,
Eneida, Canto VII

Ian anda pela praia.

Está deserta nesta manhã de novembro, à exceção da sua presença e da da pequena equipa de rodagem. O vento sopra do nordeste, o oceano é da cor verde-garrafa do fim do outono.

— Foi aqui que tudo começou — diz o entrevistador, Jeff Gold.

Está a fazer uma reportagem para a CBS sobre Ian Ryan, o novo magnata do jogo, que criou um império, e este lugar é um cenário importante do documentário.

— Foi o que me contaram — responde Ian. — Eu ainda não tinha nascido, mas, sim, sei que a guerra entre os irlandeses e os italianos começou exatamente aqui, depois de um churrasco na praia.

Jeff assinala uma casa situada alguns metros acima da linha da maré. O operador aponta a câmara para onde indica.

— Aquela era a casa do Pasco Ferri.

— Sim — diz Ian.

— E agora compraste-a.

A câmara vira de novo para gravar um primeiro plano da cara de Ian.

— Sim. — Assinala as duas casas situadas mais a este. — E também aquela e aquela.

Custou-lhe oito milhões e pouco comprar as três modestas casinhas da praia, mas valia a pena.

A sua mulher, Amy, gosta mais disto do que da propriedade de Las Vegas, mais do que do chalé de esqui em Park City, até mais do que a casa de campo de Aix-en-Provence. Gosta da sua simplicidade, da sua

tranquilidade, que as crianças possam passar o verão na praia a brincar com a prancha nas ondas, a nadar, a fazer castelos ou a escavar na areia.

Ian tem três filhos: Theresa, de dez anos, e os gêmeos James e Ned, de sete. Olha para eles agora, totalmente absortos na construção de um grande castelo de areia, uma autêntica cidadela com torreões, muralhas e até pontes feitas com pedacinhos de madeira trazidos pelo mar. Está demasiado perto da linha da maré, mas Ian não diz nada. É uma lição que terão de aprender: os castelos de areia não duram.

Comprou as casas por eles, mas também pela família de Amy: os seus pais, os seus irmãos e primos. Imagina um recinto para a família inteira, onde possam ir passar o verão, ou uma semana, ou alguns dias para fugir do calor brutal de Las Vegas.

E estar juntos.

Isso é importante para Ian. O núcleo da sua família era pequeno: o seu pai, a sua avó e ele, basicamente, e agora adora ter muitíssimos parentes à sua volta. Sabe que está a adiantar-se muito aos acontecimentos ao fantasiar que os seus filhos trarão os seus filhos para aqui para estar com os avós.

Os da agência imobiliária tentaram convencê-lo a comprar alguma coisa nas zonas mais elegantes de Narragansett e Watch Hill, com as suas mansões costeiras, mas ele preferia isto. Este era o lar do seu velho, o lugar de que mais gostava no mundo, uma terra de que estava exilado.

E agora eu trago-o para casa, pensa Ian.

Sente-se um pouco culpado por misturar a sua última obrigação filial com uma reportagem publicitária, mas o seu pai entenderia. O novo grande hotel da empresa, o Neptuno, inaugurar-se-á na véspera de Ano Novo e o aparecimento da entrevista no popular programa de televisão dos domingos de manhã dar-lhe-á um grande impulso.

— Porquê? — pergunta Jeff. — Porque compraste três casas e porquê aqui?

Sabe a resposta, só quer dar-lhe forma de falar. Atirar-lhe suavemente a bola.

— O meu pai adorava isto — responde Ian. — Para ele, significava muito. Quero que os meus filhos passem tempo num lugar com tanto significado.

— Há uma história que conta que o teu pai... Bom, que fugiu daqui contigo quando eras um bebé, levando-te no banco de trás de um carro.

— É verdade.

— Portanto, para ti, também é como voltar às tuas origens.

— Sim, é verdade.

— Talvez até uma pequena vingança? — pergunta Jeff. — Digo-o porque compraste um lugar de onde, em suma, te expulsaram.

Ian sente que a câmara o foca e tenta olhar para Jeff nos olhos.

— Eu diria que, mais do que uma vingança, é uma espécie de redenção.

— Isto teria feito o teu pai feliz.

— Eu gosto de pensar que sim — responde. — Era um bom tipo, o meu pai. Tinha um passado de que não estava orgulhoso, mas fez o possível para viver decentemente num mundo indecente. Era um pai ótimo.

— E agora tu és o menino prodígio da indústria do jogo.

Ian ri-se.

— É o que sou?

— Bom — diz Jeff —, fundiste o Grupo Tara e a Companhia Stern e criaste um império, o maior conglomerado do mundo dentro do setor do jogo. Casinos e hotéis nos cinco continentes. E tens trinta e seis anos. O que chamarias a isso?

— Sortudo — diz Ian.

— Vá lá, não é apenas isso.

— É, sim. O meu pai ensinou-me a tratar bem os outros, com justiça e honra. É nisso que consiste, em grande parte, o nosso sucesso.

— Deve ser muito gratificante para ti que o teu pai tenha vivido para o ver — diz Jeff.

— Claro.

O seu pai deixou o negócio de repente, depois dos seus problemas com Winegard. Ian não entendeu então e agora também não entende por completo. Naquela época, teve a sensação de que o seu pai se viu obrigado a retirar-se, talvez não completamente contra a sua vontade. Depois, passou muito mais tempo em casa, com ele, a andar de bicicleta, a ir a jogos de futebol, a jogar ténis, a ver filmes...

Ian lembra-se de o ver um pouco triste e um pouco sozinho, mas não deprimido, nem nada parecido. Era relativamente jovem, ainda tinha muita energia, e dedicava-a principalmente ao seu filho.

Ian lembra-se de uma conversa sobre a sua riqueza.

Ele tinha dezasseis anos, era o típico adolescente, e o seu pai fê-lo sentar-se junto da piscina e perguntou:

— Tens alguma ideia do que queres fazer com a tua vida?

— Não sei — respondeu. — Mas, bom, somos ricos.

— Eu sou rico — disse o seu pai. — Tu és pobre.

Ian lembra-se de que ficou pasmado.

— Vou dar-te dinheiro suficiente para que faças alguma coisa — acrescentou o seu pai —, mas não o suficiente para que não faças nada. Portanto, o que te apetece fazer?

— Quero dedicar-me ao negócio familiar.

— Não tens de o fazer — disse Danny. — Podes fazer o que quiseses, ser o que quiseses.

— É o que quero.

— Está bem. Sempre podes mudar de opinião, mas isso significa que terás de ir para a universidade, para a escola de comércio... Enquanto isso, vais começar a lavar louça num dos nossos restaurantes.

Ian foi contar à sua avó o que o seu pai lhe dissera.

— Muito bem — disse Madeleine. — No mundo, já há demasiados cretinos que se acham com direito a tudo.

Ian continua a sentir a falta da sua avó.

Para todos os efeitos, era a sua mãe. Cuidava dele quando o seu pai estava por aí a fazer... o que fazia. Ian fica muito feliz por Madeleine ter chegado a conhecer Amy, por gostar dela e ter estado no seu casamento. Quando a sua avó faleceu, chorou como uma criança.

E reprovou o seu pai por não verter nem uma lágrima no enterro.

— A tua avó e eu tínhamos uma relação complicada — disse-lhe Danny.

— Amava-la? — perguntou ele.

— Com o tempo, sim. Sim, amava-a.

A questão é que foi Madeleine que o aconselhou a fazer o que o seu pai lhe dizia, a aprender o negócio de baixo.

Assim o fez.

Trabalhou como um desgraçado a lavar pratos.

Odiava-o e adorava-o. Adorava a camaradagem, a sensação de estar a cumprir, a satisfação de trabalhar bem. À base de trabalhar, chegou a ajudante de empregado de mesa e, ao fim de algum tempo, a empregado de mesa.

Estudou na cidade e trabalhou como camareiro, porteiro e a estacionar carros a tempo parcial e no verão. Tinha aulas de psicologia com uma professora que olhava para ele com alguma intensidade e mais tarde descobriu que fora namorada do seu pai.

Um dia em que iam a pé pela Strip encontraram a doutora Landau e teve uma surpresa ao ver que cumprimentava o seu pai primeiro.

— Dan — disse —, é tão bom ver-te.

Ian surpreendeu-se ainda mais quando lhe deu um beijo na face.

— Eden. — Danny agarrou-a pelas mãos, pelas duas. Entreolharam-se alguns segundos, longamente, e ele sentiu que estava a interferir em

algo muito íntimo.

Danny sorriu.

— Estás bem?

Ela assentiu com a cabeça.

— Sim. E tu?

— Este é o meu filho, o Ian.

— Conheço o Ian — disse Eden. — Está numa das minhas aulas.

— Ah.

— Bom...

— Sim, está... calor aqui fora.

Então, Ian viu que o seu pai levava as suas mãos aos lábios e as beijava suavemente. Depois, soltou-a.

— Gostei muito de te ver.

— Foi fantástico ter-te visto.

E foi só isso. Foram-se embora, cada um pelo seu lado. Ian queria perguntar-lhe por ela, mas a tristeza que viu nos olhos do seu pai impediu-o.

Quando chegou o momento de fazer a pós-graduação, conhecia o negócio hoteleiro de cima a baixo, desde a cozinha até à receção, passando pela sala das caldeiras, e chegou a Wharton com um conhecimento prático de que careciam a maioria dos seus colegas de turma. Entre semestre e semestre, voltava para casa e trabalhava como *barman* e mais tarde como *croupier* de *blackjack* e depois em segurança e na sala de contagem.

Fez o seu mestrado em Administração de Empresas e estava há três anos a trabalhar na sede da empresa quando o seu pai voltou a pedir-lhe que se sentassem para falar.

— Continuas a querer dedicar-te a este negócio?

— Muitíssimo.

— Muito bem — disse Danny. — Nestes últimos anos tenho-te

transferido ações do Tara, para um fideicomisso administrado pelo Stern. Dentro de dois anos, o fideicomisso passará para ti.

Ian ficou pasmado outra vez.

— Quantas ações?

— Dentro dois anos, serás o dono de cinquenta e um por cento do Tara. Faz alguma coisa com isso.

Ian obedeceu.

Controlar a Strip era bom, mas tanto ele como a geração mais jovem da família Stern — os primos de Joshua — concordaram que havia mais mundo do que Las Vegas, e que para continuar a crescer tinham de internacionalizar o negócio. Durante os anos seguintes compraram ou construíram hotéis no Rio, Dubai, Macau e Cidade do México.

E foi Ian que chegou a um acordo de fusão com Barry Levine, criando assim o maior conglomerado da indústria do jogo alguma vez visto.

Mas sempre, sempre, continuou a dar prioridade ao serviço ao cliente, a gerar e a manter a lealdade da sua clientela.

Ian sabia que o seu pai estava orgulhoso.

Tal como estava orgulhoso e feliz por se ter casado com Amy. Quando Theresa nasceu e chegou ao hospital, ao descobrir como iam chamar-lhe, foi primeira e a única vez que Ian o viu à beira das lágrimas.

— A tua mãe estaria...

— Eu sei.

Quando nasceram os gémeos, Danny ficou louco de alegria e transformou-se no avô por antonomásia. Jogava às escondidas e bebia chá com Theresa. Um ano, na Páscoa, pendurou fios de chupa-chupas nas árvores, escondeu ovos e liderou uma busca só para crianças.

Adorava estar com os seus netos.

Mas não dispôs de muito tempo com eles.

Começou de forma aparentemente inócua, num churrasco familiar

no Dia dos Caídos. Nesse dia, a língua de Danny começou a travar-se. Ian atribuiu-o a ter bebido uma cerveja a mais, mas uns dias depois começou a esquecer-se por completo de algumas palavras. Depois, enjoou e caiu. O exame cerebral que Ian o obrigou a fazer revelou que tinha um tumor.

Maligno, hostil, agressivo.

Inoperável.

Os médicos — os melhores que podiam pagar-se com bilhões de dólares — queriam que se submetesse a rádio e quimioterapia, e a terapia laser para ganhar algum tempo. Danny cooperou algumas semanas e depois, resumidamente, mandou-os à merda.

— Agiste como o Marty com eles — disse-lhe Ian, referindo-se ao seu avô.

— O Marty não era mau de todo — disse Danny. — Só quase de todo.

A sua morte não foi fácil, rápida ou nobre. Estava quase sempre perdido na morfina.

Não teve umas últimas palavras coerentes.

Ian esteve com ele no fim, em setembro do ano seguinte. Tinha a sua mão agarrada quando parou de respirar.

Quando acabou, acabou sem mais nem menos.

Agora, Jeff olha para ele com curiosidade.

— Em que pensavas?

— No passado, suponho — responde Ian.

— No teu pai.

Ian assente.

— Este lugar é evocador.

— É, sim — diz Ian.

Vê Amy a vir da casa.

Observa-a; nunca se cansa de a observar. Esse rosto forte e belo, o

cabelo comprido e loiro despendido pelo vento a ondear sobre a sua camisola preta de malha de oitos. Por baixo do braço esquerdo tem uma urna metálica.

Aproxima-se e beija-o na face.

— Queres fazê-lo já?

— Sim.

Amy entrega-lhe a urna.

O seu pai deixou os seus desejos muito claros: nem funeral nem enterro, nem cerimónia de homenagem nem «celebração da vida». A única coisa que queria, a única coisa, era que atirassem as suas cinzas para o oceano, aqui.

Amy agarra-o pelo cotovelo e aproximam-se juntos da margem, onde as crianças continuam a brincar.

A espuma do mar dança sobre a crista das ondas.

Ian sente-se consciente de que há câmaras atrás dele, mas esquece-as ao perceber que tem as faces molhadas pelas lágrimas.

Amy aperta-lhe o braço.

— Era um bom tipo.

— É curioso — diz Ian. — Às vezes, pode ser difícil de explicar, até a mim próprio, tendo em conta a sua história, as histórias que ouvi contar sobre ele, que não sei até que ponto são verdadeiras. Mas cuidava dos seus amigos, cuidava da sua família e acho que sim, que isso o tornava um bom tipo.

Abre a urna.

Vira-a e atira as cinzas para o mar.

Uma onda forte aproxima-se e quebra em água branca, precipita-se para a praia e alcança o castelo de areia, arrasando-o.

As crianças queixam-se e depois desatam a rir-se.

Construirão outro amanhã.

Ou depois de amanhã.

A onda afasta-se, levando as cinzas consigo.

Danny Ryan está em casa.

Agradecimentos

Enfim, como?

Como, depois de uma carreira longa e venturosa posso *começar* sequer a agradecer a todas as pessoas que contribuíram para essa vida de escritor e sem as quais, de facto, essa vida não teria sido possível?

É impossível e mesmo assim tenho de tentar.

Comecemos pelo meus pais, Don e Ottis Winslow, ambos bibliófilos, que sempre se certificaram de que houvesse livros em casa e nos permitiam, a mim e à minha irmã — Kristine Rolofson, também romancista com uma brilhante carreira própria — ler tudo o que quiséssemos a qualquer idade.

Depois, há os professores e os bibliotecários, esses heróis e heroínas esquecidos, mal pagos e com frequência maltratados, que me ensinaram a ler e a escrever, e que deram um mundo cheio de maravilhas e imaginação a uma criança de uma cidade pequena. Agradeço a todos eles, mas em especial aos falecidos Winthrop Richardson e Josephine Gernsheimer e ao meu querido amigo Bill McEneaney, que me ensinou, entre muitas outras coisas, a amar e a apreciar o *jazz*.

Depois, há os professores da Universidade do Nebraska. De novo, obrigado a todos eles, mas em especial a James Neal, que na sua aula de «fundamentos da redação» me ensinou a escrever uma oração enunciativa elementar; Leslie C. Duly, que me aproximou da história de África; Martin Q. Peterson, por acreditar em mim; Roberto Esquenazi-Mayo, por todo o seu apoio; e, especialmente, o grande historiador militar Peter Maslowski, que me ensinou a trabalhar, a ensinar, a investigar e muitas coisas mais, e que é há mais de quarenta anos um amigo íntimo.

Mais tarde, surgiria o professor James G. Basker, que me introduziu na literatura picaresca (antecessora do meu amado romance *noir*) e me levou a Oxford para realizar durante vários anos essas produções de Shakespeare que tanto influenciaram a minha carreira. Continua a ser, também ele, um amigo muito querido.

Depois, há o meu grande mentor, o lendário Sonny Mehta, já falecido. Um dos momentos culminantes da minha vida foi sentar-me com ele à mesa da sua cozinha para ler as suas cuidadosas notas na margem, escritas à mão, no manuscrito de *The Power of the Dog*. Era com coisas assim que eu sonhava quando aspirava a ser escritor, e vivi muitos momentos parecidos com Sonny. Sinto a falta dele e ainda choro a sua morte.

Tive, além disso, a sorte de contar com editores magníficos, desde Reagan Arthur (o meu primeiro livro também foi dele) até à minha maravilhosa editora atual, Jennifer Brehl, cujo trabalho cuidadoso e atento fez com que esta trilogia fosse muito melhor do que teria sido sem ela.

E aos meu pobres e sofredores revisores, quero tanto pedir-vos desculpas por todos os meus erros como agradecer-vos por os terem emendado.

Também tive muita sorte com os editores e quero expressar a minha profunda gratidão a Liate Stehlik, da William Morrow, pela sua confiança e entusiasmo, e a Brian Murray por todo o seu apoio.

Há muita gente na William Morrow a quem devo agradecer: Andy LeCount, Julianna Wojcik, Kaitlin Harri, Danielle Bartlett, Jennifer Hart, Christine Edwards, Andrea Molitor, Ben Steinberg, Chantal Restivo-Alessi, Frank Albanese, Nate Lanman e Juliette Shapland. Obrigado por todo o esforço que fizeram por mim.

A todo o pessoal do *marketing* e publicidade da HarperCollins/William Morrow, sei que têm um trabalho árduo e exigente, e agradeço-vos muito por o fazerem tão bem.

E muitíssimo obrigado ao meu advogado, Richard Heller.

Aos meus seguidores nas redes sociais, @donwinslow no Twitter, #DonWinslowBookClub e as tropas do WinslowDigitalArmy, não posso expressar quanto agradeço o vosso apoio. A luta continua. Obrigado por continuarem ao meu lado.

Como agradecer a The Story Factory (de que falarei mais adiante)? A Deb Randall e Ryan Coleman, muitíssimo obrigado por tudo o que fazem por mim e por muitos outros autores. Sou muito sortudo por contar com vocês.

Tive, além disso, a enorme sorte de contar com o apoio e a amizade de numerosos autores ao longo dos anos, companheiros e heróis pessoais meus que foram extremamente generosos comigo: Michael Connelly, Robert Parker, Elmore Leonard, Lawrence Sanders, James Ellroy, T. Jefferson Parker, Adrian McKinty, Steve Hamilton, Lee Child, Lou Berney, Anthony Bourdain, Ian Rankin, John Katzenbach, John Sandford, Joseph Wambaugh, Gregg Hurwitz, David Corbett, TJ Newman, Mark Rubenstein, Jon Land, Richard Ford, Pico Iyer, Meg Gardiner, Dervla McTiernan, Reed Farrel Coleman, Ken Bruen, Jake Tapper, John Grisham, David Baldacci e tantos outros. A comunidade do romance policial é uma verdadeira família, e para mim foi uma grande honra fazer parte dela.

Obrigado em especial, é claro, ao grande Stephen King. Foste tão amável, gentil e generoso comigo.

Aos jornalistas, críticos e apresentadores de rádio, televisão e *podcast* que fizeram tanto para dar a conhecer a minha obra, agradeço-vos realmente por todo o vosso esforço e apoio.

E aos livreiros de todo o mundo: sem vocês não teria tido esta carreira. Apoiaram-me muitíssimo, foram muito amáveis e hospitaleiros e acompanharam-me em momentos bons e não tão bons. Devo-vos muito a todos, mas quero agradecer em especial a Barbara Peters, da emblemática livraria Poisoned Pen, onde na minha primeira assinatura de livros vendi exatamente um exemplar, e porque Barbara o comprou.

Aos meus leitores — de novo, de todo o mundo —, como posso começar a agradecer-vos? Como posso expressar o que significam para mim? Devo-vos todas as coisas materiais que tenho na vida, mas, acima de tudo, quero agradecer-vos pelo apoio, pelo apreço e pelo carinho que me demonstraram em leituras públicas e noutros eventos. Foi uma maravilha. Tentei fazê-lo o melhor possível por vocês e espero de todo coração não vos ter defraudado.

Com frequência, disse que conhecerás os teus verdadeiros amigos em duas ocasiões, quando tiveres um grande sucesso e um grande fracasso, porque serão os mesmos. Tenho uma sorte imensa por contar com tantos amigos: David Nedwidek e Katy Allen, Pete e Linda Maslowski, Jim Basker e Angela Vallot, Teressa Palozzi, Drew Goodwin, Tony e Kathy Sousa, John e Theresa Culver, Scott e Jan Svoboda, Jim e Melinda Fuller, Ted Tarbet, Thom Walla, Mark Clodfelter, Roger Barbee, Donna Sutton, Virginia e Bob Hilton, Bill e Ruth McEneaney, Andrew Walsh, Nehru King, Wayne Worcester, Jeff e Rita Parker, Bruce Riordan, Jeff e Michelle Weber, Don Young, Mark Rubinsky, Cameron Pierce Hughes, Rob Jones, David e Tammy Tanner, Ty e Dani Jones, Deron e Becky Bisset, a «prima» Pam Matteson, David Schniepp... e muitos mais. São um tesouro para mim.

E como agradecer a Shane Salerno, o meu agente e queridíssimo amigo. Encarregaste-te da minha carreira quando estava na sarjeta, deste-lhe a volta e levaste-a para o topo, onde nunca teria chegado sem ti. Foste incansável, valente, criativo e feroz na minha defesa. Não sei realmente como te agradecer a não ser tentando dar-te o melhor trabalho que podia fazer. Obrigado, irmão.

Ao meu filho, Thomas, e à sua namorada, Brenna: quanta alegria e quantos motivos de orgulho me deram ao longo destes anos. Sei, Thomas, que ser o teu pai foi o meu melhor trabalho e o mais feliz.

À minha mulher, Jean. O que posso dizer? Como posso agradecer-te? Deste literalmente sangue, suor e lágrimas, acompanhaste-me sem perder a alegria durante anos muito complicados, sempre paciente, carinhosa, compreensiva, entusiasta e enérgica. Foste uma mãe e uma

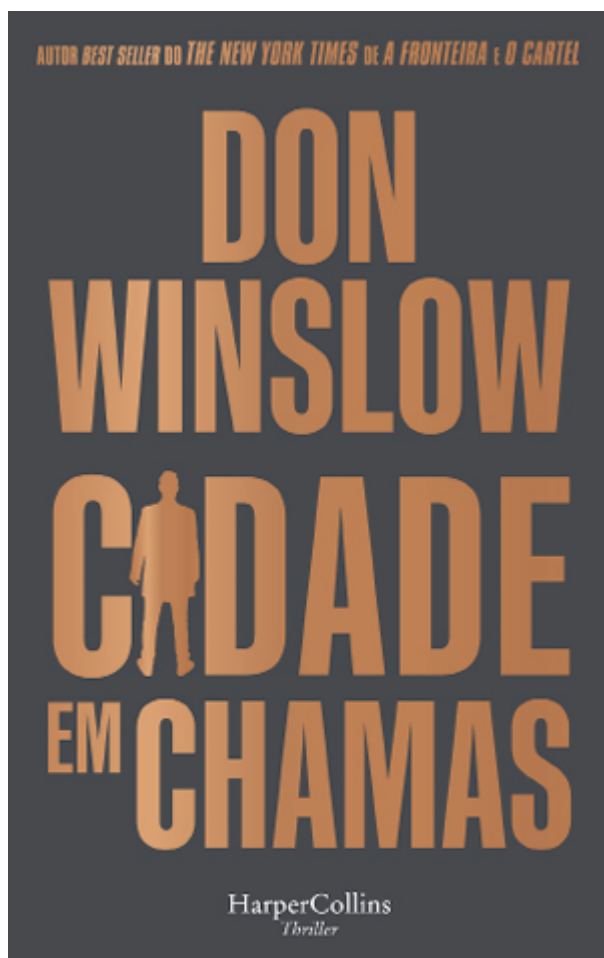
companheira maravilhosa enquanto lutávamos para construir uma vida. Desfrutei de cada momento porque foi contigo. Amo-te com loucura.

As despedidas são difíceis.

Depois de uma carreira longa e maravilhosa — muito mais longa e maravilhosa do que alguma vez sonhei —, só posso dizer-vos a todos um simples e sincero «obrigado».

Muito, muitíssimo obrigado.

Se gostou deste livro, também gostará desta apaixonante história que cativa desde a primeira até à última página.



www.harpercollinsportugal.com

Cinco ginastas de elite. Um segredo.

ILARIA BERNARDINI

AS RAPARIGAS ESTÃO BEM

«Absorvente, dilacerante e extremamente duro;
decididamente, inesquecível.»

ALEX MICHAELIDES, autor de *A paciente silenciosa*

HarperCollins
Thriller

As raparigas estão bem

Bernardini, Ilaria

9788410640221

224 páginas

Compre agora e leia (Publicidade)

Martina quer ser a melhor ginasta do mundo. No entanto, todas as raparigas ao seu redor desejam o mesmo. Durante uma semana de competição intensa, Martina e as suas colegas de equipa chegam ao limite das suas forças. Qualquer sintoma de fraqueza pode significar o fim. E, em apenas sete dias, uma obsessão doentia acabará em assassinato. Todas estão dispostas a fazer tudo para ganhar... mas a que preço? «Absorvente, dilacerante e extremamente duro; decididamente, inesquecível.» ALEX MICHAELIDES, autor de *A*

paciente silenciosa «Brutal e brilhante; li-o de uma assentada.»

HARRIET TYCE, autora de *Laranja de sangue* «Cativante... uma riqueza de detalhes psicológicos e sensoriais que a não-ficção jamais conseguiria igualar.» *The Sunday Times* «Entra-se num mundo perturbador e maravilhosamente perigoso. Não conseguia parar de ler.»

CESCA MAJOR, autora de *The Other Girl* «Um retrato brilhante, tão surpreendente como fascinante.» *Stylist* «Direto e claustrofóbico... [uma] sensação de inquietação e tragédia iminente.» *Shotsmag* «Para os fãs do documentário apaixonante da Netflix *Athlete A*... chega o relato de Ilaria Bernardini sobre o que sucede quando a competição chega demasiado longe.» *Harper's Bazaar* «Durante um campeonato internacional, somos testemunhas da dor física, do peso emocional, dos abusos e da cumplicidade que pode alimentar a competição. Uma mistura entre *Cisne Negro* e *Heathers*.»

Grazia «Uma história perturbadora e sólida de amizade, rivalidade e obsessão.»

Abigail Dean, autora best seller do *Sunday Times* «Que livro incrível! Uma imagem surpreendente e reveladora do mundo da ginástica de elite. Uma estreia inesquecível.»

Jo Jakeman, autora de *Sticks and Stones* «Que romance tão inquietante. Cruel, doloroso, angustiante e comovente. Abriu-me os olhos com grande destreza para uma indústria e para a intensidade de um grupo de jovens.»

Liv Matthews, autora de *The Prank* «Adorei este livro. É uma leitura tão original e inquietante que me acompanhou muito depois de a ter lido.»

Amanda Reynolds, autora de *Close to Me*

Compre agora e leia (Publicidade)

AUTOR BEST-SELLER DO THE NEW YORK TIMES DE CIDADE EM CHAMAS e A FRONTEIRA

DON WINSLOW CIDADE DE SONHOS

HarperCollins
Thriller

Cidade de sonhos

Winslow, Don

9788491398097

384 páginas

Compre agora e leia (Publicidade)

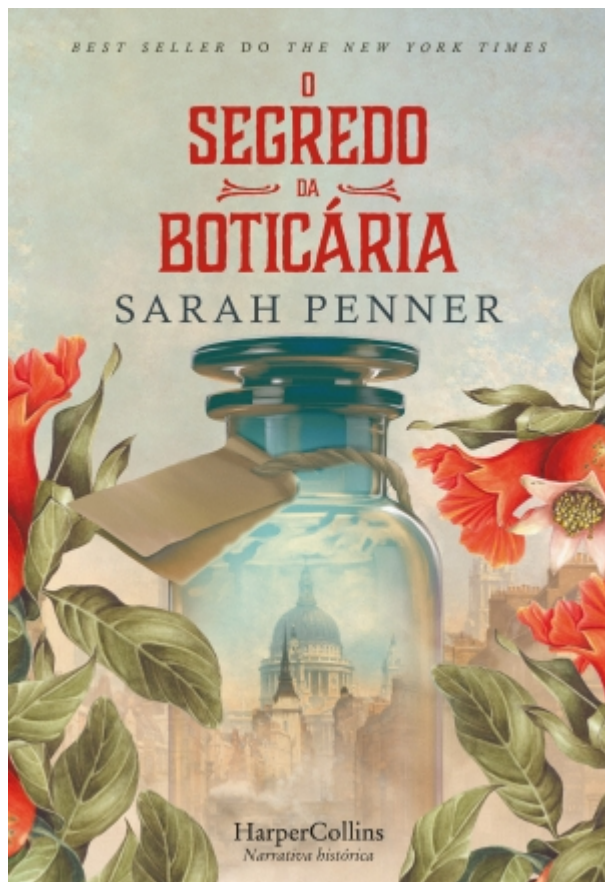
«Épico, ambicioso, majestoso, Cidade em chamas é O Padrinho da nossa geração.» ADRIAN MCKINTY, AUTOR DE A CORRENTE

«Nesta história de máfias irlandesas e italianas rivais que lutam tendo como pano de fundo a cidade natal de Winslow, a Providence dos anos 80, o leitor prevenido descobrirá imensos paralelismos entre o livro de Winslow e os antigos relatos da guerra de Troia.» ESQUIRE

«Cidade em chamas é um livro com todos os ingredientes de um romance clássico da máfia.» LIBRÚJA «Protagonizado por Danny

Ryan, Winslow ancora na sua terra, Providence, para explorar temas como a lealdade, a traição, a honra e a corrupção.» EFE «Uma maravilha de romance do último vencedor do prémio Pepe Carvalho de BCNegra.» JUAN CARLOS GALINDO, EL PAÍS «Um estivador, o sindicato do crime irlandês e uma mulher fatal. São os ingredientes básicos desta versão da guerra de Troia em forma de romance negro a cargo de uma das vozes mais pessoais do género.» EL MUNDO «O autor de A lei do cão, prémio Carvalho 2022, começa uma nova série com este romance ágil que deixa uma marca no leitor.» EL PERIÓDICO Depois do sucesso de Cidade em chamas (um romance descrito como «soberbo» por STEPHEN KING), chega a segunda e explosiva entrega da trilogia épica de Don Winslow, um dos autores de romance negro mais lidos em todo o mundo. Danny Ryan, um chefe jovem da máfia irlandesa, abandonou a Costa Leste depois da morte da sua esposa e instalou-se na Califórnia com o seu filho pequeno. Mudar de ares fez-lhe bem; na sua nova base de operações, o seu poder, a sua influência e a sua riqueza não pararam de crescer. Agora, Danny dirige-se para Hollywood para pôr ordem nos membros do seu gangue que tencionam conseguir lucros ilícitos da rotação de um filme sobre o seu envolvimento na guerra dos gangues mafiosos de Nova Inglaterra. No set, Danny descobre uma réplica do seu antigo bairro e encontra-se frente a frente com o ator que interpreta o seu papel e Diane Carson, a atriz que interpreta a sua cunhada, Pam Murphy. Sente-se imediatamente atraído por Diane, mas depressa descobre um crime do seu passado que ela tenta esconder a todo o custo. Enquanto tenta ajudá-la, Danny entra em guerra com novos inimigos que não desejam que a sua influência se espalhe pela Costa Oeste, e os seus respetivos mundos levarão Danny e Diane em direções opostas, pondo-os em perigo.

Compre agora e leia (Publicidade)



O segredo da boticária

Penner, Sarah

9788491396741

352 páginas

Compre agora e leia (Publicidade)

O segredo da boticária é uma estreia viciante cheia de suspense, com personagens inesquecíveis e uma grande profundidade. Segredos sem fim, vinganças e curiosas formas como duas mulheres podem salvar-se uma à outra apesar da barreira do tempo. Escondida nas entranhas de Londres do século XVIII, uma botica secreta serve uma clientela muito inusual. Entre as mulheres londrinas, rumoreja-se sobre uma mulher misteriosa chamada Nella, que vende venenos disfarçados de remédios àquelas que precisem deles para os usar

contra os homens que as maltratam. Contudo, o destino desta boticária fica comprometido quando a sua nova protegida, uma menina precoce de doze anos, comete um erro fatal que terá consequências cujo eco se manterá durante séculos. Na atualidade, uma aspirante a historiadora chamada Caroline Parcewell passa o seu décimo aniversário de casamento sozinha, enfrentando os seus próprios demónios. Então, encontrará uma pista para resolver os assassinatos misteriosos que fizeram Londres tremer há mais de duzentos anos. A sua vida misturar-se-á com a daquela boticária numa reviravolta surpreendente do destino. «Um romance surpreendentemente original, elaborado com muita elegância e muito entretido. Desde a primeira à última página, O segredo da boticária, de Sarah Penner, joga com um suspense convincente, apresenta-nos personagens realmente memoráveis e tem uma série de reviravoltas na trama que se transformam em cliffhangers perfeitos.» Midwest Book Review «Enfeitiçante... Como uma poção bem elaborada, deu-se a cada um dos ingredientes a quantidade exata de tempo e cuidado e o resultado é um romance que simplesmente assombra com a sua magia delicada.» Bookpage «Cativante... Prosa musical... Uma história absolutamente absorvente sobre o poder dos segredos e o de encontrar o seu próprio caminho.» Historical Novels Review, melhor livro do mês «Com O segredo da boticária, Sarah Penner tece de forma convincente três heroínas com duas linhas temporais diferentes para criar uma fábula de venenos, vingança e sororidade silenciosa num mundo que está contra elas... Inteligente e atrevida... Uma estreia de sucesso.» Kate Quinn, autora de A rede de Alice

Compre agora e leia (Publicidade)

Nº1 BEST SELLER DO THE NEW YORK TIMES

DANIEL
SILVA

UM THRILLER DE TRAIÇÃO, ENGANO E VINGANÇA

A RAPARIGA
NOVA

NO MUNDO DA ESPIONAGEM
AS VINGANÇAS TAMBÉM
PODEM SER PESSOAIS

HarperCollins
Thriller

A rapariga nova

Silva, Daniel

9788491394587

448 páginas

Compre agora e leia (Publicidade)

A RAPARIGA NOVA: ORA SE VÊ ORA NÃO SE VÊ. Num elitista colégio particular suíço, o mistério rodeia a identidade de uma rapariga de cabelo preto que chega todas as manhãs acompanhada por uma escolta digna de um chefe de Estado. Na verdade, o seu pai é Khalid bin Mohammed, o difamado príncipe herdeiro da Arábia Saudita. E, quando a sua única filha é sequestrada, recorre ao único homem capaz de a encontrar antes que seja tarde demais. O que está feito, não pode ser desfeito... Gabriel Allon, o lendário chefe dos

serviços secretos israelitas considera Khalid um colaborador valioso, mas do qual não se fia, na guerra contra o terror. O príncipe comprometeu-se a quebrar o vínculo estreito que une a Arábia Saudita com o Islamismo radical. Juntos vão arquitetar uma aliança precária numa guerra secreta pelo controlo do Médio Oriente. Ambos os homens têm numerosos inimigos. E ambos têm tudo a perder. Do autor mais vendido do The New York Times, chega-nos um magnífico thriller novo de engano, traição e vingança. "Um mestre da ficção de espionagem." Booklist "Daniel Silva tem poucos rivais no âmbito das histórias de espões de sucesso garantido." The Age "Literatura de ação de primeiro nível." Kirkus Reviews "Outra joia para a deslumbrante coroa do mestre da literatura de espionagem..." Booklist "Excelente... sentir-se-ão cativados tanto pela história como pelas intrigas assaz atuais com que Silva joga com delicadeza." Publishers Weekly "A outra mulher é desde já um clássico que consagra Daniel Silva como um dos melhores romancistas de espionagem que o género alguma vez conheceu." CrimeReads "São perfeitas as descrições do califado do ISIS, da ameaça do terrorismo e de Marrocos como exportador de haxixe e jihadistas." La Razón sobre Casa de espões "De todos os escritores de intriga internacional e suspense da atualidade, Daniel Silva é simplesmente o melhor." Kansas City Star

Compre agora e leia (Publicidade)



Retrato de uma desconhecida

Silva, Daniel

9788491398080

432 páginas

Compre agora e leia (Publicidade)

«UMA VOZ INCONTORNÁVEL A NÍVEL MUNDIAL DO ROMANCE DE ESPIONAGEM.» THE WASHINGTON POST «Ler o último livro de Gabriel Allon é como visitar um velho amigo. Mais uma proeza do grande mestre.» Bob Woodward «Silva é um escritor exímio.» James Patterson «Uma evasão estival cheia de inteligência.» Kirkus «O argumento é prodigioso, mas o verdadeiro chamariz do livro é o seu olhar meticulosamente minucioso sobre a arte da falsificação.» Booklist «Poucas experiências de leitura me emocionam mais do que

abrir o novo romance de Gabriel Allon a cada verão.» CrimeReads
«Silva obsequia-nos sempre com uma obra-prima.» Oklahoma City
Friday Na nova e deslumbrante obra-prima de Daniel Silva, autor
número um do top de vendas do The New York Times, Gabriel Allon
embrenha-se numa aventura trepidante para descobrir o maior
falsificador de arte de todos os tempos. Após o seu afastamento dos
serviços secretos israelitas, o lendário espião e restaurador de arte
Gabriel Allon instala-se discretamente em Veneza, o único lugar onde
conseguiu ter paz. A sua bela esposa, Chiara, dirige a Restauo
Tiepolo e os seus dois filhos de tenra idade frequentam uma scuola
elementare do bairro. Enquanto isso, Gabriel dedica os dias a
deambular pela ruas e pelos canais da cidade aquática, libertando-se
dos demónios do seu passado trágico e violento. Mas quando Julian
Isherwood, o extravagante marchand de arte londrino, lhe pede para
investigar as circunstâncias que rodeiam a redescoberta e lucrativa
venda de um quadro centenário, Gabriel não demora a descobrir que
a obra em questão, o retrato de uma mulher anónima atribuído a
Anton van Dyck, é quase com toda a certeza uma falsificação feita
com uma mestria diabólica. Para encontrar a misteriosa personagem
que pintou o quadro — e desvendar uma fraude multimilionária na
cúspide do mundo da arte —, Gabriel arquiteta um dos planos mais
complexos da sua carreira. E para ser bem-sucedido, vai ter de se
converter na imagem especular do homem que persegue: o maior
falsificador de quadros da história. Elegante, sofisticado e dotado de
um argumento brilhante, o novo romance de Daniel Silva é uma
viagem fascinante ao lado escuro do mundo da arte. Desde o elegante
começo até às avassaladoras reviravoltas do seu clímax, Retrato de
uma desconhecida é uma das melhores histórias de roubos jamais
escritas. E mais uma prova de que, dentro do género da intriga e do
suspense internacionais, Daniel Silva é inigualável.

Compre agora e leia (Publicidade)